



A SEREIA DE BRIGHTON

Dorothy
KOOMSON

A morte dela foi apenas o começo...



Traduzida em 30 línguas e com mais de 2 milhões de livros vendidos em todo o mundo, Dorothy Koomson é hoje uma das maiores referências do romance feminino.

Ao livro mais emblemático – *A filha da minha melhor amiga* – seguiram-se outros sucessos que a tornaram uma das autoras preferidas dos leitores portugueses.

Descubra mais sobre a autora em:

www.dorothykoomson.co.uk

www.facebook.com/dorothykoomsonportugal

A Sereia de Brighton

Dorothy Koomson

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

The Brighton Mermaid

© Dorothy Koomson, 2018

Tradução: Leonor Bizarro Marques

Imagem da capa: Silas Manhood

1.^a edição em papel: setembro de 2018



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67694-8

Aos desaparecidos e àqueles que os amam.

Agradecimentos

**Boa! Vou poder agradecer a todas estas
pessoas maravilhosas...**

Aos que ajudaram a tornar este livro uma realidade: Ant e James; Susan, Cass, Hattie, Charlotte, Rebecca, Emily Aslan, Jason Emma, Becky e ao resto do *staff* da minha editora; e ainda a Emma D.

Aos que me encorajam a prosseguir: a minha adorável família e amigos, G, E & M.

Aos que compram o livro: vocês.

E um agradecimento especial a ti, Graham, pela orientação policial.

Prólogo

Sábado, 2 de junho

O solo é acidentado e está coberto de gravilha. Cambaleio ao bater com os pés no chão, mas demoro apenas um microssegundo a recuperar o equilíbrio, faço um esforço para me endireitar e começo a correr.

Fujo do acesso de gravilha, através de uma abertura na sebe, e saio para os campos que rodeiam a quinta. Nesta noite escura como breu, apenas consigo distinguir formas à distância – arbustos, sebes e uma linha de árvores muito ao longe, para lá dos campos. Tenho de alcançar aquelas árvores. Se conseguir lá chegar, vou conseguir esconder-me.

Ouçó o ruído surdo de passos. Ecoam por toda a parte, movendo-se pela terra, perseguindo-me pelos campos.

As minhas pernas estão rígidas, por ter estado tanto tempo deitada na mesma posição, e sinto-as a protestar quando tento apertar o passo, para correr mais depressa no solo acidentado e lamacento.

Ouçó o ruído surdo de passos. O eco... as vibrações... Parecem assustadoramente próximos neste momento.

Ouçó o ruído surdo de passos. O peito arde-me no sítio onde deveria ter os pulmões e os meus olhos debatem-se na escuridão que parece modificar constantemente os contornos do horizonte. Mas não posso parar, nem sequer posso abrandar. Tenho de continuar a correr.

Ouçó o ruído surdo de passos. Estão cada vez mais próximos.

Ouçó o ruído surdo de passos. Preciso que as minhas pernas se movam mais rapidamente. Preciso que invoquem a memória muscular do tempo em que costumava fazer isto, quando tinha literalmente de correr para me salvar. Eu consigo fazer isto, *tenho* de conseguir. Tenho de alcançar as árvores. Lá estarei a salvo, lá poderei esconder-me.

O ruído surdo de passos preenche-me os ouvidos. Sinto-os mesmo atrás de mim. Abafam o som da minha respiração ofegante, o assobio do vento, os estalidos dos meus ossos. Ouçó o ruído surdo de passos.

Tenho de correr mais depressa. Tenho de...

1993

Nell

Sábado, 26 de junho

– Talvez esteja a dormir – comentei com a Jude, a minha melhor amiga.

Estávamos ambas a fitá-la fixamente. Tinha um ar tão delicado, ali deitada sobre os seixos, com uma expressão serena, de corpo meio dentro, meio fora de água. Mesmo com a espuma das ondas a movê-la constantemente, como se a tentasse acordar, continuava imóvel, tranquila, sem vida.

– Ela não está a dormir – disse a Jude. O tom de voz era severo, quase zangado, como se não acreditasse em como eu estava a ser estúpida.

– Eu sei que ela não está dormir – respondi –, mas se fizer de conta que ela está a dormir, é como se não estivesse... a outra coisa. – Não suportava a ideia de que ela estivesse a outra coisa, e muito menos a evidência de estar diante dela, estando ela, outra coisa.

– Ela não está a dormir – repetiu a Jude, desta vez num tom mais brando. – Ela... Ela não está a dormir.

Levantámo-nos e ficámos a olhar para ela.

Tinha-a visto na praia, a partir do calçadão, banhada pela luz da lua quase cheia, e disse à Jude que devíamos verificar se ela estava bem. A Jude queria que seguissemos caminho e regressássemos a casa dela. Voltar a entrar em casa depois de termos saído às escondidas já seria suficientemente complicado, mesmo que não chegássemos depois das 3h00. Mas eu insisti para que fôssemos ver. *E se ela torceu um tornozelo e não se consegue levantar? Como nos sentiríamos, sabendo que tínhamos abandonado uma pessoa ferida? E se ela estiver bêbada e tiver adormecido na praia durante a maré baixa e agora estiver demasiado ébria para acordar e sair da água? Como conseguiremos viver em paz com a nossa consciência, se amanhã de manhã lermos no jornal que ela foi arrastada pelo mar e se afogou?*

A Jude revirou-me os olhos e recordou-me, num sussurro indignado, que apesar de as nossas mães estarem a trabalhar (eram ambas enfermeiras no turno da noite), o pai dela estava em casa a dormir e podia acordar a qualquer momento, descobrir que não estávamos lá e telefonar ao *meu* pai, e então estaríamos metidas num enorme sarilho. Mas, à medida que resmungava, caminhava em direção aos degraus de pedra que conduziam à praia. A Jude era mesmo assim – só conversa. Ela nunca abandonaria uma pessoa ferida. Iria querer ajudá-la tanto quanto eu. Só quando nos aproximámos, no momento em que estávamos suficientemente perto para percebermos que ela não respirava, é que ficámos cientes da realidade. E foi então que eu disse aquela coisa de ela estar a dormir.

– Eu vou lá cima à... Eu vou chamar a polícia – disse a Jude. E nem sequer me deu a oportunidade de me oferecer para ir, caminhado ruidosamente sobre os sexos, tal era a pressa de se afastar dali.

Assim que fiquei sozinha, senti-me simultaneamente tola e assustada. Não era assim que a noite devia acabar. A ideia era ajudarmos uma senhora embriagada e voltarmos a entrar às escondidas em casa da Jude. Não era suposto estar junto de alguém que parecia estar a dormir, mas não estava.

Ela deve ter frio, pensei subitamente. O *top* estava ensopado e colado ao corpo como uma segunda pele, e a saia de ganga, que mal chegava aos joelhos, também estava completamente encharcada.

Quem me dera ter um cobertor para te cobrir, disse-lhe em silêncio. *Se tivesse um cobertor, faria o possível para te manter quente*.

Era verão, mas não estava calor. Não percebi bem por que razão ela estava descalça, apenas com um *top* e uma saia. *Talvez os sapatos e a camisola já tenham sido arrastados pelo mar*, pensei.

Inclinei-me para a frente, de forma a olhar mais uma vez para ela. Queria colocá-la numa posição mais confortável, levantar-lhe a cabeça pousada sobre o braço esquerdo, num ângulo estranho, para que o rosto não ficasse marcado nas dezenas e dezenas de pulseiras que usava. Umas eram metálicas e finas, outras de plástico colorido, outras ainda de madeira ou de borracha preta. Tinha pulseiras do pulso até ao cotovelo, algumas encobertas pela cabeça. Queria mover-lhe delicadamente a cabeça de cima do braço e pousá-la sobre o meu casaco enrolado. Porém, não me atrevi a tocar-lhe. Não me atrevi sequer a aproximar-me, quanto mais tocar-lhe.

O outro braço estava estendido para fora, como se tivesse caído para essa posição quando finalmente adormeceu. Esse braço tinha apenas uma pulseira fina de amuletos, com inúmeras figurinhas de prata penduradas. Contudo, o verdadeiro ornamento desse braço era uma elegante e intrincada tatuagem de uma sereia. A tatuagem distinguia-se de forma nítida à luz do luar e eu não conseguia tirar os olhos dela. As tatuagens que costumava ver eram azuis esverdeadas e pareciam desbotadas sobre a pele cor de pêssego ou ainda mais clara, mas aquela estava tatuada numa rapariga com a pele tão escura como eu. Uma boa parte do interior do antebraço estava artisticamente tatuada e adornada com tinta preta. Inclinei-me ligeiramente para a frente, sem querer aproximar-me demasiado, mas suficientemente fascinada para a querer observar mais atentamente. Era belíssima e tão incrivelmente detalhada que mais parecia ter sido cuidadosamente desenhada em papel e não sobre a pele.

Conseguia vislumbrar todos os pequenos caracóis do cabelo curto e encarapinhado da sereia, os minúsculos quadradinhos de luz nas pupilas. Conseguia contar todas as escamas da cauda, tatuadas individualmente. Pequenas gotas cintilantes de água salpicavam o corpete de algas verdes que cobria o tronco. A sereia estava sentada num rochedo escarpado cinzento, com as mãos recatadamente pousadas sobre o colo, sorrindo a quem quer que se dispusesse a olhar para ela.

Eu não conseguia parar de olhar. Seria uma figura mítica, uma imagem, mas era também uma ninfa de quem eu não conseguia desviar os olhos. Na água, sob o rochedo onde a sereia se sentava, estavam três palavras escritas em letra fluida e rodopiante: *Eu sou Brighton*.

Atualmente

Nell

Sexta-feira, 23 de março

– Estou certo de que todos me acompanham no desejo de felicidades à Nell no seu próximo projeto – diz o Sr. Whitby, gerente da sucursal da cadeia de supermercados *The Super*, em London Road.

Trabalhei com ele durante quase oito anos, mais recentemente como subgerente. Oito anos. Não tinha a intenção de ficar tanto tempo, mas, na verdade, até este momento também nunca pensei em sair. Consegui finalmente poupar dinheiro suficiente para tirar 12 meses de licença sem vencimento e, no final deste período, espero conseguir resolver o mistério que me persegue há quase 25 anos. Depois, quando tudo acabar, desejo poder afastar-me de tudo com a minha família ainda intacta.

Estamos no *Read My Lips*, um daqueles bares novos da moda que parecem surgir em Brighton a cada meia dúzia de meses. Fica a uma curta distância a pé do Cais. Estamos no andar de baixo, na nossa própria área VIP reservada, com assentos fofos em cores garridas e mesas espelhadas. A iluminação é ténue, a puxar para o escuro, e a música pretensiosa, a puxar para o *pop*. O bar está cheio. Normalmente, seria impossível entrarmos, mas o Sr. W, que sugeriu que a minha festa de despedida fosse aqui, disse que tinha uns “contactos” que nos deixavam entrar e o grupo de 20 que saiu esta noite parece, até ao momento, bem impressionado. E mais impressionados ficámos quando ele insistiu em pagar as bebidas, algo completamente atípico num homem que habitualmente incumbe a subgerente de lidar com clientes e com o pessoal. (Parece que tem receio de revelar a sua falta de empatia.)

No recanto ligeiramente mais claro que nos foi reservado, o Sr. W olha para mim, por cima dos seus óculos de aros metálicos.

– Creio que será justo dizer que temos educado e cuidado da Nell desde que a acolhemos na família *Super*, há muitos, muitos anos. Orientámo-la e, atrevo-me a dizer, contribuímos em muito para que amadurecesse e se transformasse na jovem vibrante que é hoje. É óbvio que estamos todos um pouco tristes e desiludidos por a Nell ter decidido deixar-nos tão perto da Páscoa, uma das épocas mais movimentadas do ano, mas saberemos perdoar-lhe. É essa a natureza da família que criámos aqui no *The Super*. Também faz parte dessa natureza transmitirmos à Nell que haverá sempre espaço para ela no relógio de ponto, quando cair em si e perceber onde realmente está o seu futuro.

Eu e todos os outros que vieram celebrar comigo olhamos para ele, estarecidos. Não só proferiu muitas, muitas palavras sem nunca desviar o olhar nem deixar transparecer no tom de voz a habitual fraca apetência para comunicar, como fez um discurso que era um brilhante exemplo de agressividade passiva. Estou muito surpreendida por ele ter esta faceta.

A música do bar podia ter sido concebida para acompanhar aquele discurso. No intervalo que se seguiu às suas palavras, a música em crescendo pareceu sublinhar de forma teatral o que ele acabara

de dizer, voltando a baixar de intensidade no instante em que o Sr. Whitby ergueu o copo.

– À Nell – diz ele alegremente.

Parte da minha função como subgerente no *The Super* era transmitir às pessoas que era perfeitamente normal sentirem-se inquietas e ligeiramente ansiosas quando lidavam com o Sr. W, por isso esboço um sorriso, transmitindo a todos que, apesar do que ele disse, também podiam erguer os copos.

– À Nell – repetem em coro os meus antigos colegas, dando um gole nas bebidas. Adoro aquela gente. Fazem-me sorrir. Somos todos um pouco excêntricos no *The Super* de London Road, não há como o negar, mas eu adoro-os e fiquei sensibilizada por, esta noite, tanta gente ter decidido vir festejar, sobretudo por saber que muitos deles têm de se levantar cedo para fazerem um turno completo no dia seguinte. Vou sentir falta deles.

– *Este* foi o melhor discurso de despedida que ouvi ao longo destes anos todos – sussurra-me a Janice, quando toda a gente se dispersa em grupos mais pequenos. A Janice trabalha no *The Super* há mais tempo do que quase toda a gente, exceto o Sr. W. – Quer dizer, aquilo foi praticamente o mesmo que atirar-se aos teus pés para te impedir de ires embora – comenta ela, com um sorriso afetado. – Ele vai sentir a tua falta.

– Queres tu dizer que ele vai sentir falta da pessoa incumbida de dizer aquilo de que ele não é capaz?

A Janice volta a dirigir-me um sorriso afetado. Até eu sei que falo de mais.

– Quando me demiti, ele não disse uma palavra. Nem uma palavra. Tive de repetir tudo, porque fiquei com a impressão de que não me tinha ouvido e pensava que aquele seria o momento em que ele iria quebrar o seu silêncio habitual. Mas não. Guardou tudo para esta noite. Para me dizer que vos deixei a todos a braços com a Páscoa e sublinhar que um dia irei voltar. – Abano a cabeça. – Adiante, estou a precisar de algo que me corte este travo a agressividade passiva. Queres tomar alguma coisa?

A Janice ergue um cálice praticamente cheio de *Prosecco*. Eu viro-me para os outros.

– Alguém quer uma bebida? – grito, para me fazer ouvir sobre a música. Eles olham simultaneamente para mim, como se eu fosse doida, pois ninguém vai levar a mão ao bolso enquanto o Sr. W estiver a pagar as bebidas. – Muito bem – reajo. – Quando falarem sobre esta noite, nas próximas semanas, lembrem-se apenas de que eu me ofereci para pagar, OK? A Nell ofereceu-se para pagar bebidas, embora não vá ter nenhum emprego remunerado.

O balcão mais parece um farol colorido num espaço escuro, mas não há muita gente à espera de bebidas. Pouso a minha mala em cima de um banco almofadado e procuro a minha bolsa.

Esta noite, quando saí do edifício do *The Super* pela última vez, era novamente a Nell. Assim que piquei o ponto, depois do meu derradeiro turno, despi-me do personagem de subgerente, vesti a *t-shirt* e as calças vermelhas do costume, voltei a colocar os vários brincos que uso e enfiei as

pulseiras, que me chegam a meio do antebraço direito e quase até ao cotovelo do braço esquerdo. Assim que tirei o telemóvel do estojo preso à cintura e meti-o no bolso do casaco, voltei a ser eu própria.

E é óbvio que quando volto a ser eu própria, recomeça também o corrupio das mensagens.

Apesar da música e do burburinho das conversas em meu redor, consigo ouvir o som de mensagem recebida no meu telemóvel.

É o som *dele*.

O telemóvel toca no meu bolso, mas ecoa no meu peito.

Não a leias, digo a mim própria, ao mesmo tempo que levo a mão ao bolso. *Pode esperar até amanhã de manhã*, recordo-me, enquanto tiro o telemóvel do bolso. *Vai estragar-te a noite*, penso, ao abrir a mensagem.

Mesmo antes de olhar, já sei o que diz. Ainda assim, respiro fundo antes de a ler. Diz sempre a mesma coisa – ele usa as mesmas cinco palavras para me controlar. Às vezes, acho que olho para a mensagem na esperança de que seja diferente, de que irei ler outra coisa no ecrã depois de ouvir aquele som. Mas não, é o mesmo de sempre:

Ele precisa de te ver.

As cinco palavras habituais com o ponto final, sem saudação ou assinatura. *Ele precisa de te ver. Ele precisa de te ver. Ele precisa de te ver.* A frase ressalta nas arestas da música e abafa as batidas do meu coração. *Ele precisa de te ver. Ele precisa de te ver. Ele precisa de te ver.*

Quero escrever: *Eu não o quero ver. Deixa-me em paz. Vai-te embora...* Qualquer coisa... *algo* que ponha fim àquilo. Mas é evidente que não posso. Estou onde estou e sou quem sou. Dizer-lhe que não está fora de questão. O tempo está a passar e não posso fugir a isso.

Tento abstrair-me das emoções, guardando-as bem fundo dentro de mim. Volto a guardar o telemóvel no bolso e continuo à procura da bolsa na mala. Viro-me para o bar, na direção das inúmeras filas de garrafas alinhadas por trás do balcão, como vistosas cápsulas de evasão rumo ao esquecimento que, de repente, sinto uma necessidade desesperada de visitar.

Passo os olhos pelos nomes e pelos rótulos, observando a forma das garrafas e a cor das bebidas, mas nada me parece apelativo. Nada me chama a atenção nem me promete levar para onde preciso de estar neste momento... Longe da realidade da minha vida.

Viro-me para a pessoa que está à minha direita, à procura de inspiração. O tipo está com uma garrafa de cerveja elegante e dispendiosa na mão, mostrando uma expressão vagamente desdenhosa que parece querer dizer que se acha melhor do que toda a gente em seu redor ou talvez até do que o resto do planeta. *Nã, não é ele que me vai inspirar.*

Viro-me para a esquerda. O homem que vejo encostado ao balcão observa-me, com a cabeça

ligeiramente inclinada para um lado. Quando estabeleço contacto visual, ele sorri. Eu retribuo-lhe o sorriso.

– O que está a beber? – pergunto-lhe, sem olhar para o copo que tem à frente, pousado em cima do balcão.

– Tequila da terra de Deus.

– É mexicano? – pergunto.

– Não. Apenas gosto de o dizer.

– Venha de lá essa tequila, então – digo-lhe. – Bebe uma comigo?

O sorriso dele abre-se um pouco mais.

– Seria indelicado não beber.

1993

Nell

Sábado, 26 de junho

A Jude parecia assustada quando regressou, depois de ter chamado a polícia.

Falou em voz alta para se fazer ouvir sobre o ruído das ondas e dos passos sobre os seixos, explicando que tinha ligado três vezes para o 112, até que alguém acreditasse nela. Da terceira vez até lhe disseram que iria arranjar problemas se voltasse a ligar.

“Muito bem, então. Continuarei a ligar até me virem buscar”, foi a resposta que a Jude lhes deu.

Foi então que finalmente acreditaram. Disseram-lhe para esperar junto à cabina telefónica, mas ela disse que não esperaria e que ia voltar para junto do cadáver que estava na praia.

– Disseste mesmo isso? Foram essas as tuas palavras?

– Claro que disse – respondeu ela. – Porquê?

Não respondi porque não me imaginava a dizer algo do género a ninguém, muito menos à polícia.

– Aquilo ali em cima está assustador – confessou ela, estremecendo. – Estava lá um grupo de homens com ar perigoso. Tive medo do que pudessem fazer.

Olhei para a Jude e pensei: *Claro que andam por aí homens com um ar perigoso. É sexta-feira à noite e estamos em Brighton. O que é verdadeiramente estranho é não haver mais gente aqui em baixo, na praia. Que tivéssemos sido nós a encontrá-la.*

Desviei subitamente os olhos da Jude para a mulher e senti que não suportava olhar mais para ela. Mas agora que a Jude voltara, já não tinha de continuar a olhar.

Virei-me na direção oposta. Girei sobre mim própria, até ficar de costas para o mar, e enchi os olhos com o paredão, os seixos que se estendiam em montículos irregulares até à marginal e as sombras que a balaustrada ornamentada projetava na escuridão. Não sabia se a Jude se virara, como eu, ou se achara que era a sua vez de vigiar a mulher que percebi ser, na verdade, pouco mais velha do que nós.

Pouco depois, vimos dois polícias – um homem e uma mulher – a caminharem ruidosamente pelos seixos, mostrando uma expressão mal-humorada. Foi então que a realidade se abateu. Foi então que percebi que alguém morrera. Alguém morrera e ia acontecer o mesmo que via na televisão. Íamos descobrir que ela fora assassinada, que os últimos minutos de vida tinham sido horríveis – repletos de pavor e sofrimento. Olhei para o rosto dos agentes, percebi que estavam furiosos por estarem a perder tempo connosco e senti que as nossas vidas nunca mais voltariam a ser as mesmas.

Atualmente

Macy

Sábado, 24 de março

5h13

Estou com o telemóvel na mão, de olho no relógio do fogão, à espera que este chegue à hora certa. Assim que surgirem os dígitos que pretendo, vou poder telefonar. Ela vai atender e tudo voltará a entrar nos eixos. O sábado vai começar, passaremos um dia perfeito e o resto da semana será maravilhosa: nenhum de nós vai acordar tarde; não teremos de andar a correr durante a manhã; não vai ser necessário gritar; as crianças serão premiadas com estrelas douradas e certificados; vou conseguir acalmar até os clientes mais difíceis que me são constantemente encaminhados; e o Shane poderá mesmo ter notícias sobre a tal promoção há muito prometida.

5h14

O Shane e os miúdos estão aninhados no sofá, a rirem-se de mim por trás dos ícones do meu ecrã bloqueado, e eu estou de olhos fixos no telemóvel. Tudo o que faço é por eles. Sempre que ligo, é a pensar neles.

O telefonema de hoje, à semelhança dos anteriores, já não está imbuído do mesmo espírito da primeira chamada que fiz. *Nessa altura*, estava desesperada.

Passara a noite inteira de pé – a noite *inteira*. O Shane tentara, de diversas formas, convencer-me a ir para a cama. Viera cá baixo mais do que uma vez. Via-me a andar de um lado para o outro na cozinha – a única coisa que me impedia de pensar demasiado – e pedia-me novamente que subisse com ele para o quarto. *Tenta descansar, tenta dormir*, implorava. Mas eu ignorei-o e continuei a ignorá-lo até ele desistir e me dizer, irritado, que ia para cama, para que um de nós estivesse em condições de tratar das crianças de manhã. Conseguia sentir a sua frustração, percebi que estava a tentar conter-se para não me gritar que aquele tipo de coisas estava a cavar um fosso entre nós, mas eu não o podia impedir de sentir raiva nem parar de andar, pelo que continuei a mover-me de um lado para o outro, mesmo quando o ouvi a sair da cozinha.

Percorrer as linhas que ladeavam os ladrilhos pretos e brancos do nosso chão da cozinha era a única forma de impedir a minha mente de andar a saltar para trás e para frente no tempo. Mover-me ao longo de cada uma das linhas – perfeitamente retas – era a minha forma de exteriorizar o que sentia, pois mantinha-me presa ao momento. Mas, naquela noite, nem aquelas linhas me ajudavam a aplacar o pavor silencioso que sentia. Tudo continuava a borbulhar no meu interior, a agitar-se, a debater-se, a lutar para sair cá para fora. Eu estava constantemente a regressar àquela noite, ao momento em que a minha vida mudara, e depois era novamente projetada para o presente, para o inferno que teria pela frente, se contasse a alguém.

A noite inteira. *A noite inteira* aos tropeções pelo tempo, a tentar, por todos os meios, lidar com

o que acontecera e com as possíveis consequências.

Tenho de confessar, decidi, finalmente, quando a luz começou a surgir no horizonte. *Tenho de contar à Nell*. Guardara aquele segredo durante 25 anos, mas não aguentava mais. Sim, ela ficaria devastada. Sim, a nossa família seria destruída. Sim, voltaria a gerar-se o inferno ao qual mal conseguíamos sobreviver da última vez. Mas não conseguia guardá-lo mais dentro de mim. Ficar em silêncio estava literalmente a dar comigo em doida. Tinha de lhe contar.

Olhei para o relógio do fogão. Eram 5h14. Era demasiado cedo para lhe ligar e demasiado tarde para me confessar. Encontrei o meu telemóvel, que escorregara para baixo da almofada lateral do sofá da cozinha, como habitualmente, e comecei a marcar o número. Depois parei. A seguir, voltei a tentar, mas parei novamente. Quando liguei o número dela, já eram 5h17.

5h15

A Nell atendeu ao terceiro toque.

– Estás bem? – perguntou-me ela. Percebi pela voz que ainda não se deitara. Era óbvio que estaria de folga nesse sábado, pelo que ficara acordada a noite inteira, agarrada ao computador, nas pesquisas habituais. Era por isso mesmo que tinha de lhe contar, pois faria com que ela parasse com aquilo. Iria entender por que razão o que andava a fazer era perigoso para todos nós.

– Sim, estou bem – respondi. E, ao dizê-lo, percebi que estava, *de facto*, bem. O pavor que me atormentara durante a noite inteira, e me levara a pegar no telefone para revelar tudo, desaparecera. A voz dela, a naturalidade da Nell, aplacara qualquer receio. Depois de tantos anos em que fomos tudo menos normais, ouvir a naturalidade vulgar do seu tom de voz, mesmo àquela hora da manhã, era suficiente para me acalmar.

Senti que as minhas preocupações – esse pequeno fardo compacto, ao centro do peito, que me pesava horivelmente sobre o coração – descomplicavam-se, tornavam-se transparentes e mais fáceis de resolver.

– O que estás a fazer acordada a esta hora? – perguntou a Nell. Ouvira-a conter um bocejo. – Algum dos miúdos está doente ou algo do género?

– Não, não. – Nesse momento, senti-me ridícula. Passara horas acordada, a percorrer as linhas do chão da cozinha, a tentar abstrair-me do que vira há um quarto de século, e naquela altura todas as minhas preocupações pareciam-me insignificantes e até possíveis de ignorar durante algum tempo.

– Tens de cá vir – disse-lhe. – A Clara tem um jogo de futebol e a Willow um torneio de ginástica. Tens de escolher a qual queres assistir. – Soava ligeiramente autoritária, como se estivesse a mandar na minha irmã mais velha. O facto é que estava um pouco menos angustiada e também me lembrava de tudo o que *realmente* me irritava na Nell. Eu adorava a minha irmã, mas não gostava que ela ficasse até altas horas da noite à procura de pessoas no computador. Ou melhor, *computadores*, porque ela precisava de mais do que um para o fazer. A Nell não era casada nem

tinha filhos porque passava a vida à procura de gente nos computadores. Tudo na Nell e na forma como conduzia a vida estava relacionado com a necessidade de procurar pessoas nos computadores. Seria certamente alguém diferente, com uma vida e uma família a sério, se simplesmente parasse de procurar pessoas. Pois é. Sempre que me lembrava que a Nell dera cabo da sua vida para fazer algo que seria, quando muito, um passatempo, sentia-me zangada e tornava-me autoritária. Pensava muitas vezes que conseguiria despertá-la para a vida real se a forçasse a participar na vida familiar.

A Nell respirou fundo do outro lado da linha, ficou momentaneamente em silêncio e finalmente, disse:

– Claro que sim. A que horas tenho de estar aí?

A Nell chegou a horas e levou a Clara ao jogo de futebol, no qual marcou o golo da vitória. Depois, fez uma enorme festa quando soube que a Willow ganhara a primeira medalha nas competições de ginástica, e acabou por ficar a ajudar o Aubry a montar a maquete, cada vez mais completa, do Cais de Brighton.

Foi um dia maravilhoso, ao qual se sucedeu uma semana incrível. Não houve atrasos; o Shane foi promovido e autorizado a candidatar-se a outra promoção importante; eu criei um conceito que um dos meus novos clientes mais difíceis adorou; e as crianças chegaram a casa com cinco estrelas douradas e foram premiadas com vários certificados.

5h16

Abri o número de Nell, preparada para carregar na tecla de chamada quando o momento chegasse.

No final dessa primeira semana, decidi revisité-la, em retrospectiva, para tentar perceber o que acontecera de diferente, algo que pudesse estar na origem da nossa sorte, e concluí que fora o meu telefonema com a Nell. Era a única coisa diferente e fora do comum.

No sábado seguinte, voltei a fazê-lo. Telefonei-lhe exatamente às 5h17. Falei com ela e pedi-lhe que viesse participar na nossa vida familiar, depois do trabalho. E a semana voltou a correr lindamente. Até melhor do que a anterior. Quando voltou a acontecer na terceira semana, percebi que eram *mesmo* os telefonemas. Algo no facto de comunicar com a minha irmã àquela hora da manhã, ao sábado, e convidá-la para vir a nossa casa, fazia toda a diferença.

Há quase nove meses que lhe telefono todos os sábados, às 5h17, e aqueles nove meses têm sido praticamente perfeitos. Durante todo esse tempo, ela atendeu todas as chamadas. Sentia-se culpada, claro. Sempre que a Nell atende o telemóvel a essa hora da manhã, fã-lo para se redimir da culpa que deve legitimamente sentir.

5h17

Carrego na tecla de chamada e dou início ao meu fim de semana.

Nell

Sábado, 24 de março

Trim, trim, trim.

São 5h17. Sei isso porque o meu telemóvel está a tocar.

Trim, trim, trim.

São 5h17 de um sábado de manhã e o meu telemóvel não vai parar de tocar até que eu o atenda.

Tenho mais alguns segundos antes de ter mesmo de o fazer, por isso não abro os olhos nem tento alcançar o objeto invasivo, deixo apenas que o som me percorra e me irrite ao extremo.

Nunca me apetece atender o telemóvel quando toca àquela hora da manhã, todos os sábados, mas faço-o sempre. É uma compulsão, uma força que não controlo e que me leva a erguer a mão, pegar no telemóvel e render-me às palavras, pensamentos e necessidades da pessoa que está do outro lado da linha.

– Não vais atender isso? – pergunta uma voz ao meu lado.

Apesar de a voz me ter provocado um sobressalto, mantenho-me perfeitamente imóvel e de olhos fechados. Normalmente, quando o telefone toca aos sábados, a esta hora da manhã, estou sozinha. Estou em casa e estou sozinha. O facto de não estar sozinha significa também que não estou em casa, e que terei de fingir que estou a dormir até conseguir lembrar-me, tanto quanto possível, da noite anterior.

– Eh, Nell! – chama o homem deitado a meu lado, num tom alto. Ele sabe o meu nome, o que é bom sinal. Um *ótimo* sinal. Significa que em algum momento conversámos, antes de irmos parar a casa dele.

– Não vais atender o telemóvel?

– Não – respondo-lhe num tom de voz rouco. – Não vou atender aquilo. – Dei cabo da voz e sinto a garganta seca, sulcada de picos. Ou estive a fumar, ou a falar alto e a cantar mais ainda alto. Solto um gemido só de pensar, esperando que fosse dos cigarros e não da cantoria.

– OK, *importas-te* de atender isso, por favor? – insiste o homem. – É demasiado cedo e demasiado sábado para aguentar esse barulho. – Apesar da irritação na voz, parece simpático. Um tipo simpático com quem tive uma agradável conversa antes de irmos para casa dele.

Abro os olhos e viro-me na direção do som do telemóvel. Ao lado do meu ruidoso aparelho está um pequeno copo de água, um telefone de hotel, um bloco de notas e uma caneta. OK, estamos num hotel, não em casa dele.

Ao alcançar o telemóvel, as fiadas de pulseiras que tenho no braço escorregam ruidosamente para o pulso. *Vocês são demasiado barulhentas para esta fase da ressaca*, digo-lhes eu em silêncio. *Muito, muito barulhentas.*

Espeto um dedo na tecla “cancelar”, para acabar com aquele barulho, e depois pressiono

continuamente o botão para desligar o telemóvel, pois sei que *vai* voltar a tocar, já que a pessoa que está a fazer a chamada tenta desesperadamente estabelecer ligação nos 60 segundos das 5h17.

Volto a atirar o telemóvel para a mesa de cabeceira. Devia desligá-lo mais vezes, mas não o faço. Não posso, pois receio o que poderá acontecer caso o faça.

– Pronto. Melhor assim? – pergunto ao homem que está do outro lado da cama, sem olhar para ele.

– Sim, muito melhor. Obrigado – diz ele, como se estivesse a falar de dentes cerrados.

OK, afinal, talvez não seja assim tão simpático.

Macy

Sábado, 24 de março

Ela não atendeu.

Recusou a chamada e não atendeu. E agora desligou o telefone.

Já telefonei três vezes, para tentar falar com ela antes que o relógio do fogão passe para as 5h18, mas a ligação vai sempre parar ao correio de voz. Não posso acreditar que tenha desligado o telemóvel. *Como se atreve?*

COMO SE ATREVE?

Ela *sabe* porque tem de atender. É um acordo tácito entre nós – eu telefono, ela atende. Nem sequer tem de falar durante muito tempo. Se atender e ouvir o que eu preciso que ela faça, tudo irá correr bem. Como se atreve ela a fazer isto?

Atiro com telemóvel pela cozinha e ele aterra, por mero acaso, no sofá creme de cabedal junto à porta, saltando sem cerimónias sobre as almofadas até parar.

No passado, se ela não respondia à primeira, atendia sempre da segunda vez que eu telefonava. Quando preciso de ligar uma segunda vez, consigo fazê-lo ainda às 5h17. Ela *nunca* desliga o telefone. *Nunca*.

Vejo o relógio do fogão passar para as 5h18. E pronto, lá se foi a minha oportunidade. Se não o tivesse já feito, voltaria a atirar o telemóvel pelo ar, na esperança de ouvir um som gratificante no momento em que atingisse qualquer coisa maciça. *O que nos fizeste, Nell?*, pergunto a mim mesma, mordendo o nó do polegar. *Que tragédias nos trarás?*

Nell

Sábado, 24 de março

Tapo os olhos com um braço e volto a deitar-me lentamente na cama. Tento alcançar os fiapos da noite anterior, etéreos e vagos, que pairam pelo meu cérebro como nuvens num dia tranquilo. Preciso de reunir esses fiapos e estabelecer uma cronologia coerente, porque, neste momento, há certas coisas que não fazem sentido. Por exemplo, o facto de estar completamente vestida. Estou na cama com um homem, completamente vestida. Com meias, pulseiras e tudo.

Ontem à noite... Ontem à noite foi a minha festa de despedida.

Ontem à noite... fomos ao *Read My Lips*, o bar mais recente e glamoroso de Brighton.

Ontem à noite... o Sr. W fez um discurso passivo-agressivo. Depois, fui ao balcão e recebi aquela mensagem: *Ele precisa de te ver.*

Ontem à noite... conversei com um homem e paguei-lhe tequilas.

Ontem à noite... *acho* que fui para casa com o homem com quem bebi as tequilas.

Esta manhã... acordei ao lado do homem com quem acho que bebi as tequilas, completamente vestida.

– Aquilo era o teu marido, namorado ou namorada a telefonar para saber porque não foste para casa? – pergunta o homem, cujo nome estou a tentar desesperadamente recordar-me, agora que o quarto está silencioso.

– Nenhuma das opções é válida – respondo-lhe.

– Pois, certo.

– Era a minha irmã – esclareço. – Telefona-me todos os sábados, às 5h17, para uma conversa matinal.

Como se chama ele? A voz é vagamente familiar, portanto, acho é o homem que conheci no bar, mas esqueci-me completamente do nome.

– Porquê? – interroga ele, visivelmente incrédulo.

– Todas as irmãs telefonam ao sábado, a essa hora – replico.

– A minha, não.

– Bom, és um sortudo.

– E tu és linda como um raio de sol – diz ele.

– Ninguém é um raio de sol com uma dor de cabeça destas.

– Pobrezinha – consola ele, num tom brando. – Imagina como te vais sentir quando o álcool do serviço de quartos começar a fazer efeito.

Oh, meu Deus. Ontem à noite... *atirei-me para cima desta cama, peguei no telefone e num tom de voz chiquérrimo encomendei uma garrafa de tequila e o melhor champanhe da casa.*

– Eu pago – digo com um gemido.

– Hum-hum.

Embora não me lembre do seu nome, vejo-me obrigada, nesta altura, a encará-lo e a olhá-lo nos olhos, para enfatizar as minhas palavras, e fico momentaneamente muda, porque ele é lindo de morrer. Está recostado em duas almofadas brancas, virado para mim, e é absolutamente divino. A estrutura facial, o recorte dos molares, a inclinação suave da testa, a curva do queixo, o arco dos lábios. A superfície macia da cabeça sem cabelo, a franqueza de um rosto sem sobrancelhas, a intensidade dos olhos desprovidos de pestanas – tudo isso torna-o simplesmente deslumbrante.

Zachariah. *Zach*.

O nome dele é Zach e eu beijei-o ontem à noite, no bar. Depois de o Sr. Whitby sair, depois de todos os outros se terem ido embora, bebemos mais três *shots* seguidos, eu inclinei-me para ele e beijei-o. Ele retribuiu o beijo e os nossos lábios dormentes da lima e do sal, temperados pelo travo intenso da tequila, uniram-se. Beijar o Zach potenciou o efeito da tequila que me circulava na corrente sanguínea e rodopiava pelo meu cérebro. A cada *shot* rematado por um longo beijo, as coisas pareciam melhorar um pouco. Esqueci-me do pavor que sentia pelo compromisso que decidi assumir durante o próximo ano, a preocupação de como isso iria refletir-se na minha família e consegui até ignorar aquela mensagem escrita recorrente: *Ele precisa de te ver*.

O Zach disse-me que se tinha mudado para Brighton *nesse dia* – para trabalhar – e que ainda não escolhera um sítio viver, por isso estava hospedado num hotel. Perguntei-lhe se o quarto era bonito e ele disse-me que me mostrava, se eu quisesse. Eu aceitei e, claro, usei e abusei do cardápio do serviço de quartos.

– Eu *pago* – repito, referindo-me à tequila e ao champanhe.

– OK – responde ele, mantendo um ar desconfiado. – Está bem. Como queiras.

Olhamos cautelosamente um para o outro durante alguns segundos. O rosto sem barba dá-lhe uma aparência totalmente franca, pois não permite que se esconda atrás das expressões acentuadas ou suavizadas pelas sobrancelhas e pelas pestanas. Não conheci muitos homens sem um único pelo no corpo, mas, para ser franca, também não conheci muitos homens tão atraentes como ele.

– Nós... nós chegámos a *fazê-lo*? – pergunto, pois continuo intrigada por estar toda vestida.

– Não – diz o Zach.

Fico surpreendida, porque nos beijámos no bar, onde nenhum de nós se importava que nos vissem; no elevador, onde falhámos o andar dele mais do que uma vez; e até naquela cama... E os beijos pareciam prenunciar que iríamos... *fazê-lo intensamente*.

– Por algum motivo em especial? – questiono.

– Tu estavas muito bêbeda. Não faço sexo com mulheres embriagadas.

– OK. É uma boa política. Mas devo realçar que não costumo embebedar-me tanto.

– Fico feliz por saber que não costumavas embebedar-te tanto – replica o Zach, num tom petulante.

– Não pareces muito satisfeito – reajo.

Subitamente, sinto uma tontura. *Vou desmaiar ou vomitar*, penso. *Talvez ambas*. Tenho de assentar as mãos abertas em cima da cama, para me equilibrar. Ao fazê-lo, as minhas pulseiras batem umas nas outras e o ruído que produzem volta a assemelhar-se mais a pratos de bateria do que ao tinido de metal contra plástico.

– Essas pulseiras fazem muito barulho – comenta o Zach.

– Pois. Suponho que fazem.

– Se estivesses numa situação de vida ou de morte e precisasses de te esconder, não creio que tivesses grandes hipóteses.

– Bom, felizmente, nunca estive numa situação dessas, e espero nunca vir a estar.

– Pois. Felizmente.

Rodo a cabeça para trás e olho-o de soslaio.

– A sério? *A sério?* Estávamos *tão* bêbedos que chegámos ao ponto de achar que irmos para cama juntos era boa ideia?

– Talvez eu estivesse mais bêbedo do que pensava – retorque ele, com um ligeiro encolher de ombros.

– O que queres dizer com *isso*?

– Que concordo contigo: nós os dois juntos, enquanto estamos sóbrios, não me parece uma boa ideia.

– Pois, bom, é que parecia que estavas a dizer que nem sequer repararias em mim, se não estivesses bêbedo.

– Nunca me *passaria pela cabeça* dizer algo desse género.

– Tem cuidado, senão... volto a pedir o serviço de quartos... Só que, desta vez, *não serei eu a pagar*.

Um sorriso quase impercetível estremece-lhe nos lábios, mas ele vira o rosto antes que se converta num sorriso aberto.

– Está bem, está bem. Tréguas? – diz ele.

– Tréguas – respondo-lhe, mal-humorada.

– Agora que já esclarecemos isso, queres dar uma queca?

– Nem pensar! – Estremeço só de pensar nisso. Estou com mau hálito e o cabelo desganhado da ressaca. Além disso, nenhum de nós se comportou de forma propriamente elogiosa nos últimos minutos.

– Está certo – diz ele, encolhendo os ombros.

Bolas. *Agora que recusei dar uma queca com ele, tenho de ir embora? Não sei se terei força nas pernas, se as tentar usar. Na verdade, creio que não conseguirei ir longe sem vomitar.*

Clareio a garganta.

– Como não vamos dar a tal queca... – começo.

– Sim?

– Estava aqui a pensar... Na verdade, tinha uma certa esperança de poder dormir aqui mais um pouco. Eu sei que é um pouco descarado da minha parte, bastante descarado, aliás, e sei que os últimos minutos não foram propriamente os mais divertidos da tua vida, mas estou tão cansada que me vejo obrigada a engolir o orgulho e pedir-te, ou implorar-te, se necessário, que me deixes dormir algumas horas. Prometo que não te incomodo. Vou apenas fechar os olhos e dormir. Até tiro as pulseiras para não te incomodar.

Ele fica em silêncio durante uns instantes. Os olhos vagueiam pelo meu rosto como dedos curiosos a aprender a reconhecer as feições.

– Está bem, aceito. Dorme. Mas só se não estiveres a planear ficar cá o dia inteiro, depois de acordares.

Que agradável.

– Assim que acordar, vou-me embora. Já estou vestida, por isso nem sequer preciso de tomar banho. Posso sair diretamente por aquela porta para fora da tua vida.

– *Que nojo.* Tens de tomar banho. Mas que imundície é essa?

– Estava apenas a tentar assegurar-te de que tornaríamos isto tão breve quanto possível.

– Pois, bom, uma coisa é ser breve, outra muito diferente é ser imundo. Tens de tomar um duche antes de saíres. Na verdade, faço questão que o faças. Não cometas um crime contra os outros utentes dos transportes públicos.

– Não vou de transportes para lado nenhum. Vivo em Brighton, lembras-te?

– Está certo. Mas precisas de tomar um duche.

– Está bem. Tomo um banho, visto-me outra vez e saio porta fora.

– Parece-me bem.

Aventuro-me a olhar na direção dele e vejo que me observa com um ligeiro sorriso. O mesmo que mostrou no bar, mesmo antes de eu meter conversa com ele.

Retribuo-lhe com um sorriso luminoso. Vêm-me à memória cada vez mais detalhes das horas que passámos juntos na noite anterior – o corpo firme do Zach colado ao meu, a forma como colocou a mão no fundo das minhas costas, o momento em que suspirei, desejando mais e mais os seus beijos.

– Até logo – despeço-me.

– Até logo, Nell.

1993

Nell

Sábado, 26 de junho

– Expliquem lá outra vez o que estavam as duas a fazer na rua tão tarde – perguntou-nos o polícia.

Eu e a Jude estávamos sentadas numa pequena sala, com três cadeiras junto de uma mesa: uma de um lado e duas do outro. Estávamos de mãos dadas, tentando reconfortar-nos mutuamente, mas, na verdade, parecia que estremecíamos violentamente à vez, levando a outra a estremececer também.

Eu tinha frio, muito frio. Eram os lábios que estavam mais gelados, ou talvez fossem as pontas dos dedos, ou talvez o centro do peito, onde tinha o coração. Estava gelada e trémula.

Sempre que piscava os olhos, voltava a vê-la: o rosto imperturbável, o corpo imóvel e o detalhe da tatuagem. Sempre que respirava, lembrava-me de que a mulher com a tatuagem da sereia de Brighton não voltaria a respirar. Sempre que olhava para as minhas mãos, via os restos de tinta preta que os agentes tinham usado para nos tirarem as impressões digitais, o que me fazia recordar que éramos suspeitas do crime. A polícia acreditava que tínhamos sido as responsáveis pelo que acontecera à mulher que encontráramos na praia.

O comportamento deles desde o momento em que nos tinham levado da praia – a expressão fechada da mulher-polícia que ia sentada entre nós, no banco traseiro do carro-patrolha – demonstrava a sua crença de que éramos culpadas de um crime. Disseram-nos que estavam a tirar as impressões digitais para nos excluirmos da investigação, mas dava ideia de que queriam mesmo verificar se já tínhamos estado metidas em sarilhos. Disseram-nos que iriam telefonar aos nossos pais, mas parecia que estávamos ali há horas e eles ainda não tinham aparecido. Disseram-nos que queriam saber o que tinha acontecido, mas sempre que lhes explicávamos, não pareciam acreditar em nós.

E aquele polícia estava sempre a entrar na sala. Foi ele quem nos fez mais perguntas. Os restantes entravam e saíam. Uns estavam à porta, de braços cruzados, a vigiar-nos, outros entravam, sentavam-se à nossa frente e começavam a bombardear-nos com as mesmas perguntas: *“Quem é ela? Têm a certeza de que não a conhecem? O que estavam ali a fazer àquela hora da noite? Estiveram a beber? Consumiram drogas? Envolveram-se em atividades de natureza sexual?”* Questões repetidas vezes sem conta, ao longo de várias horas. Percebi que eles esperavam que nos descaíssemos. De entre todos os agentes, porém, aquele aparentava ser o mais determinado em provar que tínhamos feito alguma coisa.

– Eu tenho um filho da vossa idade – disse ele, quando nenhuma de nós respondeu à pergunta. – E se ele estivesse na rua àquela hora da noite a comportar-se como vocês, ouviria o que o diabo não quer, a menos que tivesse um motivo muito forte para o fazer. – Naquele momento, havia uma certa dureza na sua voz. – Então, digam-me lá o que estavam a fazer na rua àquela hora da noite. – Cruzou os braços sobre o peito. – Tinham algum motivo forte para estarem na rua àquela hora da noite?

O polícia agia como se fosse mais alto, mais entroncado e imponente do que realmente era. Tinha cabelo louro escuro cortado à escovinha dos lados. Os ombros ligeiramente descaídos faziam-no parecer mais magro do que na verdade era e tinha uma cicatriz na face. Sempre que falava, semicerrava os olhos e retorcia desdenhosamente os lábios. Era ele – eu tinha a certeza – que nos mantinha ali e impedia-nos de falar com os nossos pais. Eu nem sequer queria saber do enorme sarilho que arranjava com os meus pais. Só queria que aquilo acabasse.

– Vocês vão dizer-me – asseverou ele. – Queiram ou não, vão dizer-me o que estavam a fazer naquela praia, com aquela rapariga. Vão dizer-me qual das duas lhe fez mal, quem a *matou*.

A Jude foi-se abaixo. Não aguentava mais. Agarrou-se à minha mão, curvou a cabeça para a frente e começou a chorar. Sacudia os ombros e soluçava de uma forma que eu já ouvira antes, mas não era habitual nela. A Jude era a mais forte das duas. Era ela quem corria riscos. Convencera-me a mentir aos meus pais e a dizer que ia ficar em casa dela, para celebrar o seu aniversário. Logo que a mãe dela saiu para o trabalho, o pai pediu-nos que não ficássemos acordadas até muito tarde, porque ia para um clube de Brighton ter com os amigos, como normalmente fazia à sexta-feira à noite. Nós contámos isto à polícia. Dissemos que quando o pai dela saiu, arranjámo-nos e fomos a uma festa que um colega da escola do 10.º ano estava a dar.

Tínhamos sido convidadas à última hora. A Jude gostava do rapaz, embora eu o achasse demasiado convencido. Punha gel a mais no cabelo, usava demasiado *aftershave* e passava a vida a tecer comentários sobre os “traseiros apetitosos” das raparigas. Mas quando descobriu que a Jude fazia anos no mesmo dia que ele, foi ter com ela a meio do refeitório e disse-lhe: “Já que também fazes anos hoje, vem à minha festa. Traz a tua amiga do traseiro apetitoso.” Depois, piscou-nos o olho e afastou-se. Toda a gente à nossa volta estava a assistir e a Jude disse-me que tínhamos mesmo de ir à festa.

Eu não queria ir, mas ela convenceu-me, dizendo-me que conseguiríamos, finalmente, tornar-nos duas das raparigas populares. *Não, Jude*, devia ter-lhe dito na altura. *O que conseguimos foi estar sentadas numa esquadra a levar um raspanete de um agente da polícia.*

Apetecia-me chorar, mas, mesmo que não soubesse mais nada, tinha a certeza de que aquele homem ficaria feliz se começássemos ambas a chorar. Não nos tinha feito confessar, por isso, naquele momento, queria fazer-nos chorar. E alcançara o objetivo com a Jude. Normalmente, ela era a mais forte, mas a mais teimosa era sempre eu.

Olhei para a cicatriz do homem, uma curva arroxeada que conferia uma forma oval ao seu malar. Ele fulminou-me com o olhar, por eu estar a observar a cicatriz, e quase parecia que o via a decidir que era a minha vez de chorar. Talvez a Jude estivesse a ser sensata, dando-lhe o que ele queria para acabar com aquilo, mas eu não iria permitir que ele me fizesse o mesmo. Não tinha feito nada de especial – muitas miúdas saíam de casa para se meterem efetivamente em grandes aventuras. Não iam a festas para ficarem pelos cantos nem se sentiam deslocadas no meio de todas as outras pessoas

que bebiam, conversavam e pareciam adaptar-se tão bem umas às outras. Todos na festa pareciam saber socializar, menos nós. O rapaz do 10.º ano que nos convidara mostrou-se extremamente simpático. Ofereceu-nos bebidas, sugeriu-nos que comêssemos uns *snacks* e disse-nos que podíamos jogar à garrafa, no andar de cima, se quiséssemos. Mas eu e a Jude não éramos como eles. Éramos diferentes, mais jovens, e não encaixávamos ali.

Ficámos durante mais algum tempo, desafiando-nos mutuamente a provarmos o ponche, uma cerveja ou uma bebida azul-clara que as pessoas bebiam de um trago, em copos pequenos, mas nenhuma de nós foi suficientemente corajosa para isso. Sentámo-nos no sofá e ficámos a ver os outros miúdos a embebedarem-se, e acabámos por decidir, sem dizer nada uma à outra, que era altura de ir para casa. A Jude não sabia a que horas o pai voltaria do clube, por isso concluímos que teríamos de entrar às escondidas e rezar para que ele ainda não tivesse chegado ou já estivesse a dormir. E quando íamos para casa, demos com ela... A rapariga caída na praia.

E, naquele momento, ali estávamos nós, com o polícia a tentar vergar-nos.

Não vou chorar, pensei. *NÃO. VOU. CHORAR!*

Ele percebeu que eu não iria ceder.

– Vocês são dessas miúdas reles que andam por aí, não são? – disse ele, num tom de voz baixo. – Armam-se em boazinhas e pudicas diante dos pais, mas, na verdade, passam a vida na rua, ao engate. Mal conseguem fechar as pernas. Miúdas reles, galderiazinhas.

As palavras dele eram cruéis e maldosas como sucessivas flechas disparadas de um arco, e a Jude começou a chorar descontroladamente. Mas aquelas palavras, por mais repugnantes que fossem, aumentaram a minha determinação. Larguei delicadamente a mão da minha melhor amiga, então lavada em lágrimas, recostei-me na cadeira, cruzei os braços sobre o peito e olhei-o de frente. Bem de frente.

Os seus olhos brilharam de indignação e ele revirou o lábio, aceitando o desafio, a provocação que lhe acabara de fazer – eu, uma adolescente franzina já metida num grande sarilho com os pais.

Não vou chorar, dizia-lhe a minha expressão.

Achas que consegues levar a melhor?, respondeu-me o sorriso repugnante que cresceu lentamente no rosto do polícia. *Achas mesmo que consegues vencer-me, miúda?*

Aproximou-se da mesa e bateu com as mãos, inclinando-se para a frente, na direção do meu rosto. Naquele momento, era como se estivéssemos só eu e ele ali. Apenas os dois prestes a ter um confronto. Ele acabaria por ganhar, mas a batalha seria longa. Eu não ia facilitar-lhe a vida. Não choraria assim que ele largasse a primeira gota daquele discurso tóxico. Seria necessário muito mais do que aquilo que ele pensava. O agente arreganhou os dentes, preparando-se para disparar mais palavras venenosas. Olhei-o nos olhos. Não ia desviar o olhar. Ele deixara a Jude em lágrimas e isso não estava certo. Eu podia ser jovem e inexperiente, mas sabia que ele não estava a agir de forma correta. Nós éramos, quando muito, testemunhas. Ele não tinha qualquer razão para nos encarar como

suspeitas e tratar-nos como criminosas condenadas.

O polícia rosnou:

– Quantas...

A porta abriu-se rapidamente e, de repente, vejo o meu pai, um homem alto, espadaúdo e musculoso. Parecia preencher toda a entrada. Desviei os olhos do polícia e baixei-os para a mesa. *Agora*, sim, ia chorar. Agora que o meu pai aparecera, sentia-me por um fio, prestes a rebentar em lágrimas. Acho que nunca me sentira tão feliz por ver o meu pai. Agora que ele ali estava, o polícia teria de se conter.

O agente levantou-se imediatamente e recuou da mesa.

– Não me diga que estava a interrogar a minha filha sem um adulto presente – disse o meu pai. O tom de voz indignado, mas autoritário, soava de forma maravilhosa aos meus ouvidos.

O polícia olhou para o meu pai, com uma expressão carregada de ódio e raiva. Provavelmente não gostava de ser interrompido a meio do seu discurso de ódio e que lhe falassem com tamanha autoridade.

– Ela... *Nenhuma delas* precisava de um adulto porque eu não estava a interrogá-las – respondeu o polícia.

– Não sou estúpido – reagiu o meu pai. – A Judana está a chorar e a minha filha está a tremer. O que lhes estava a fazer?

– Isto é uma esquadra da polícia – replicou o agente, subitamente irritado pelo facto de o meu pai ter assumido o controlo da situação. – Quem faz as perguntas aqui sou eu.

– Não faz mais perguntas a menos que me explique o que estava a fazer à minha filha e à amiga dela – insistiu o meu pai.

O agente dirigiu-lhe um sorriso afetado e maldoso.

– Não me diga que vai arranjar problemas – disse ele. – Talvez precise de ir para uma cela arrefecer e perceber que está a falar com um agente da polícia... numa esquadra da polícia.

– Falarei consigo como achar necessário – respondeu o meu pai.

– Acho que é melhor acalmarmo-nos todos – observou o Sr. Dalton, o padraço da Jude. O homem a quem ela chamava “pai” estava atrás do meu pai, mas eu ainda não dera pela sua presença. Era um homem grande. Não tão alto como o meu pai, mas, ainda assim, maior do que o polícia odioso da cicatriz. Com ele estava a mulher-polícia que abandonara a sala mesmo antes de o horrível agente começar a chamar-nos galdérias.

A Jude, que parara de chorar assim que o meu pai entrara e tinha voltado, entretanto, a conseguir falar, começou a soluçar ao ouvir a voz do pai. Porém, naquele momento, o motivo do choro era o facto de estar metida num sarilho e ter saído às escondidas de casa para ir a uma festa. *Esse* era o motivo por que deveríamos estar a chorar e a tremer. Era por isso que devíamos estar assustadas. Nunca pelo facto de aquele homem horrível estar a insultar-nos e a humilhar-nos.

– Creio que será justo dizer que esta noite esteve longe de ser a ideal – comentou o Sr. Dalton – e que o melhor seria irmos todos para casa, dormir sobre o assunto. – O Sr. Dalton era advogado, por isso eu sabia que ele falava frequentemente com a polícia. Era provável que já tivesse falado com aquele polícia antes. O tom de voz era calmo e educado, como se soubesse que tudo se esclareceria rapidamente, se todos fossem razoáveis.

– Elas não vão sair daqui – garantiu o polícia, mas o tom agressivo desaparecera-lhe da voz, pois naquele momento lidava com o Sr. Dalton, um homem branco que, além disso, era advogado. – Teremos ainda de recolher os depoimentos como testemunhas.

– Vamos embora, Enelle – disse o meu pai. Não precisei de olhar para ele para perceber que, embora estivesse a falar comigo, estava a intimidar o agente. Apesar da forma como o Sr. Dalton tentava lidar com o assunto, o asco que o meu pai sentia pelo modo como estávamos a ser tratadas não passaria e ele não iria recuar.

Não me mexi. Vi o rosto do polícia ficar vermelho, tipo borrão de Rorschach, num padrão que gritava “ódio” a que quer que olhasse para ele. Nunca tinha visto uma expressão daquelas no rosto de alguém. Era evidente que queria atingir o meu pai, pelo facto de ele estar a resistir, tal como eu fizera antes. Da mesma forma que eu me recusara a chorar, o meu pai não permitia que ele o intimidasse.

– Levanta-te, Enelle. Nós. Vamos. Embora.

Desta vez, o polícia manteve-se em silêncio e eu senti um sobressalto, lembrando-me, subitamente, do sarilho em que estava metida com o meu pai.

– Judana – chamou o meu pai, num tom ligeiramente mais brando, talvez pelo facto de ela estar a chorar e não ser a filha que iria ficar de castigo para sempre. – Vamos embora. Anda, nós levamos-te a casa.

– Nós precisamos, de facto, de falar com as raparigas – interveio a mulher-polícia, que estava ao lado do Sr. Dalton. – Elas são testemunhas de um crime muito grave.

– Bom, se são testemunhas, poderão interrogá-las nas nossas casas, com um adulto presente, quando já tiverem tido tempo de dormir e começar a lidar com aquilo por que passaram esta noite. – O meu pai não desviou os olhos do agente enquanto falava.

Pairava uma atmosfera elétrica e apavorante no interior da sala. O pai da Jude parecia preocupado. Olhava sucessivamente para o meu pai e para o polícia, mostrando-se claramente apreensivo com o que pudesse acontecer a seguir.

A Jude arrastou a cadeira ao levantar-se e o ruído estridente quebrou a atmosfera pesada, permitindo que o agente olhasse para a mesa e o meu pai desviasse a sua atenção para mim. Depois, colocou um braço à volta dos meus ombros, como quem diz: “Eu estou aqui. Estás em segurança”. Mas o olhar que me dirigiu parecia acrescentar que eu estava metida num sarilho tão grande que não voltaria a sair de casa, a não ser ir para as aulas, durante os próximos 50 dias.

Eu e a Jude saímos do edifício com o braço protetor dos nossos pais sobre os ombros, mas eu

sabia que a história com o polícia não terminara. Estava muito de longe de estar terminada.

Atualmente

Nell

Sábado, 24 de março

– Vais telefonar-me? – pergunta o Zach. Está sentado na cama, a observar-me, enquanto acabo de me vestir, depois de um longo e gratificante banho. No ângulo em que está sentado, consigo ver-lhe o tronco, que não tem um único pelo, tal como o resto do corpo. A pele é lisa e macia e eu deliciei-me na exploração do seu corpo sem tropeçar nas habituais barreiras de pelos e barba.

Um par de horas de sono foram suficientes para alterar a forma como estávamos juntos: os beijos converteram-se em carícias e estas deram lugar ao tipo de sexo que se pratica com aqueles ex-namorados que queremos que passem anos a lamentar o facto de nos terem abandonado.

– Eu dei-te o meu número de telefone, ao início da noite – lembra ele, ao ver que eu não respondia à pergunta. – Vais usá-lo?

Os homens com quem dormi, sobretudo aqueles que conheci em bares, não costumavam ser assim tão diretos depois do ato. Ambos conseguíamos o que queríamos – sexo – e o caso costumava ficava por ali. Afinal de contas, do ponto de vista deles, uma mulher que fosse para casa com eles não servia propriamente para casar. Quando queriam repetir a dose, davam-no a entender de forma indireta, sugerindo que ligariam um dia, ao mesmo tempo que olhavam para o telemóvel ou ligavam a televisão. De todos os homens que conheci em bares, apenas um me perguntou se eu iria telefonar-lhe: o homem que está à minha frente.

Ele continua a observar-me, enquanto enfio o resto das pulseiras pela mão, até ao pulso.

O Zach tem uma tatuagem. Lembro-me da primeira tatuagem que vi em pele negra: a *Sereia de Brighton*. É óbvio que a tatuagem do Zack é muito diferente. A dele não é uma tatuagem única, mas uma série de pequenos símbolos, curvas e linhas que se estendem do centro do peito, ao longo do peitoral esquerdo, até ao ombro e ao bicípite esquerdo. Deve ter passado horas imóvel, para lhe injetarem toda aquela tinta com as agulhas. Percorri cada milímetro dela com o dedo, e esta fascinou-me tanto como a *Sereia de Brighton*.

– Este silêncio está a tornar-se constrangedor – insiste o Zach. – Vais ligar-me ou não?

Encolho os ombros, já com o casaco vestido.

– Não quero impor a minha presença a ninguém – respondo.

– Bom, ainda bem que não sou como tu – reage ele.

Ele é lindo de morrer, isso é incontornável. É perspicaz e divertido. Foi suficientemente decente para evitar o sexo quando eu estava embriagada e não tinha dado consentimento de forma explícita. E quando chegámos à parte do sexo, foi uma coisa do outro mundo.

Contorno lentamente a cama, para o lado dele, e sento-me na beira.

– Escuta...

– Que tipo de projeto é esse que vais fazer? – questiona ele, interrompendo-me.

– Desculpa?

– Ontem à noite, disseste que há anos que andas a poupar dinheiro e que estás finalmente em condições de abandonar o teu trabalho de subgerente num supermercado para te concentrares num outro projeto que andas a fazer paralelamente há anos.

– contei-te tudo isso, ontem à noite?

– Sim.

– Ah, bom. – Não é habitual ser tão expansiva com alguém, muito menos com um estranho.

– Então, o que é?

– Eu encontro pessoas.

Eu sei como soa quando o digo em voz alta. Quão ridículo e fantasioso parece, mas é o que eu faço.

– Encontras pessoas?

– Sim, encontro pessoas.

– O quê, és uma espécie de detetive privada?

– Não propriamente. Uso métodos genealógicos para ajudar as pessoas a descobrirem se têm família por aí. Faço-o através da criação de uma árvore genealógica, consultando registos antigos e bases de dados *online*. – E ADN. Também utilizo o ADN para ajudar a criar um quadro mais completo da história e da composição de uma família, mas isso, por vezes, assusta as pessoas. (Aprendi *isso* da forma mais dura: um tipo com quem saí algumas semanas convenceu-se que eu tinha ido para a cama com ele apenas para recolher o ADN do seu sémen. Mesmo depois de lhe ter explicado que era mais fácil obtê-lo num esfregaço de pele ou arrancando alguns cabelos, do que guardando um preservativo, insistiu em revistar-me a mala, para se certificar de que eu não tinha escondido o preservativo – que ele deitara para a sanita – com o seu precioso sémen lá dentro. Como seria de esperar, não o voltei a ver, ainda que ele me telefone inúmeras vezes.)

O Zach acenou com a cabeça.

– Parece-me interessante. Porque o fazes?

– Porque gosto de o fazer – respondo, com um encolher de ombros.

– Quantas pessoas encontraste?

– Ao longo dos anos? Bastantes. Mas *ajudei* a encontrar mais ainda. O que faço, geralmente, é ajudar as pessoas a ligarem as coisas, para que consigam preencher as lacunas e descobrir a sua linhagem. Normalmente, não procuro ninguém em particular, como um detetive faria. Limito-me a procurar os membros desconhecidos dos diferentes ramos da árvore genealógica, se é que entendes onde quero chegar.

– Entendo, sim.

Estou tão perto dele que não resisto a olhar novamente para a tatuagem. As espirais e as ondulações, moldadas e expandidas através do corpo firme, são espetaculares e quero voltar a sentir-

me ligada a elas. Estico a mão para tocar numa linha negra grossa que pousa sobre a clavícula, mas ele agarra-me no pulso para impedir o contacto.

– Não respondeste à minha pergunta – recorda-me ele. – Vais telefonar-me? – Os seus olhos sem pestanas são de um tom intenso de castanho. Está a deixar claro que não lhe poderei tocar, se não quiser mais nada com ele.

Baixo a mão.

– Talvez – respondo.

– Não dizes que sim nem recusas abertamente, mas estás claramente a dizer “não” sem, na verdade, dizeres a palavra. Está certo. – Dito isto, ergue as mãos e entrelaça-as atrás da cabeça, parecendo claramente à espera que eu saia.

Oh.

Isto não deveria afetar-me tanto, não é? Não tentou convencer-me a ligar-lhe nem pareceu muito melindrado por perceber que eu não lhe ia ligar; aceitou de bom grado o que lhe disse. Devia sentir-me bem por não ter de lhe dizer não. Não houve complicações, nem angústia, nem atitudes passivo-agressivas da parte dele. Então, porque não me sinto feliz ou aliviada? Porque é que, em vez disso, me sinto tremendamente estúpida?

– Até breve, então – despede-se o Zach, com um sorriso quase impercetível, ao ver que eu não me mexo.

– Sim, até breve – respondo. Porque não aceitei? Há algum motivo para não gostar dele? Tanto quanto me lembro, rimo-nos bastante ontem à noite; demos beijos maravilhosos e o sexo foi fenomenal. Não me pediu em casamento nem me tratou como lixo por irmos para cama sem termos uma relação. O que me impede de lhe ligar? Por que carga de água lhe respondi “talvez”, em vez de dizer sim de forma enfática?

Pego na mala e calço os sapatos. Sinto-me mais estúpida a cada segundo que passa.

Arrasto os pés para fora do quarto e percorro o curto corredor de acesso à porta, entre a casa de banho e o roupeiro.

– Vou pagar o serviço de quartos lá em baixo – digo-lhe em voz alta, ao chegar junto à porta.

– Fixe – responde ele.

Tiro a corrente e levo a mão ao puxador. *Última hipótese, Nell*, digo para mim mesma. *Última hipótese de lhe dizeres que telefonas.*

– É uma pena que não queiras telefonar – lamenta ele em voz alta. – Acho que nos podíamos divertir bastante juntos.

Obrigada, Zach!, penso, sorrindo para mim própria. Ele está a dar-me uma deixa para que eu diga que lhe telefono.

– Eu disse que talvez telefonasse – replico.

– Está bem. Vou esperar pela tua chamada provável, minha Sereia – reage ele.

Sinto o sangue a engrossar nas minhas veias e o meu coração vacila momentaneamente. Minha Sereia? *Minha Sereia?*

Faço por me abstrair do travo amargo que sinto no fundo da garganta, viro-me rigidamente e volto para o interior do quarto. Ele continua sentado na mesma posição, com o mesmo sorriso estampado no rosto. Olho em redor, na tentativa de descobrir algo que me dê uma pista sobre quem é este homem. Não sei nada acerca dele, mas ele parece saber algo importante a meu respeito.

Não há nada à mostra no quarto, pois ele guardou as roupas no roupeiro. Vejo apenas o casaco de um fato, pendurado nas costas da cadeira, junto à secretária. As cortinas estão parcialmente corridas, mas, mesmo que estivessem completamente abertas, não haveria mais nada para ver. Está tudo guardado. Ou é uma pessoa extremamente arrumada, ou tem algo a esconder.

– Diz lá outra vez o que fazes? – pergunto-lhe.

– Eu disse-te ontem à noite.

– Não me lembro de muita coisa da noite de ontem. O que disseste que fazias?

Ele franze o sobrolho.

– Sou professor. Vou começar a dar aulas na Secundária de Surry Hills, aquela escola particular, à saída de Brighton, perto da Marina.

– Sim, eu conheço – digo. Todos nós conhecíamos os miúdos da Secundária de Surry Hill. Eram extremamente emproados, mais ainda do que os outros miúdos que frequentavam escolas particulares. – É uma altura um pouco estranha para começares a dar aulas, não é? Estamos em março e a Páscoa é praticamente daqui a uma semana.

– Um dos professores foi embora de repente, sem avisar previamente a direção. Chamaram-me porque eu já me tinha candidatado antes... Mas porquê tudo isto agora, Nell? – interroga ele. – Porquê essas perguntas?

– Porque é que me chamaste Sereia? – questiono, olhando-o nos olhos, à espera que ele me responda.

Há quase 25 anos que eu e a Jude a encontrámos na praia. Na altura, foi um grande acontecimento e depois do que aconteceu à Jude, ganhou ainda mais importância. Durante mais dois anos, continuou a falar-se no assunto, pois surgiram rumores de que um assassino em série andava a assombrar toda a costa sul.

O tema acabou por morrer, abafado pela constante torrente de notícias do quotidiano, mas sinto que está a querer voltar novamente à superfície. O 25.º aniversário está a despertar o interesse das pessoas. O tema foi abordado numa série de artigos *online*, há algumas semanas, e surgiu também uma referência ao assunto num jornal da semana passada. Falava-se de uma possível reconstrução, para ver se alguém se recordava de algo que permitisse descobrir quem ela era ou quem a matou, mesmo após todos estes anos. Se isso não revelasse nada de novo, poderia haver fundamentos para uma exumação e reavaliação das provas forenses. Todos os artigos falavam de mim e do que

acontecera à Jude, remexendo em questões relacionadas com a detenção do meu pai... Eu vi todos esses artigos e senti-me tonta, quase a ponto de vomitar, porque tudo parecia estar a voltar para me assombrar novamente.

Sim, abandonei o meu emprego para me concentrar no mistério da *Sereia de Brighton*, mas não quero participar na investigação liderada por outras pessoas. Não quero voltar a ser carne de canhão para os jornais, muito menos descobrir que dormi com um jornalista que está a escrever uma história sobre a *Sereia de Brighton* ou com um monstro qualquer que poderá saber quem eu sou e está a tentar vender uma história sobre o assunto.

O Zach já me observava quando eu falei com ele ao balcão – já lá estava lá sozinho –, e agora estamos num quarto de hotel, e não em casa dele. Poderia ser qualquer pessoa. Neste momento, estou a observá-lo cautelosamente, a avaliar todas as reações, atenta ao mais pequeno indício de mentiras ou subterfúgios.

– Chamei-te Sereia porque ontem à noite foi, basicamente, o teu principal tema de conversa – esclareceu ele. – Mesmo enquanto dormias, murmuravas coisas sobre sereias. – Franze mais o sobrolho. – Não deveria chamar-te Sereia?

Eu devia rir-me daquilo, desvalorizar a coisa, dizer-lhe que me pode chamar o que quiser, que eu não me importo, mas não posso. Porque me *importo*.

– Não. Não deves chamar-me isso nunca. *Nunca*.

Ele tira as mãos de trás da cabeça e ergue-as em frente ao rosto, num gesto de rendição.

– Nunca mais voltarei a chamar-te isso, prometo.

Sinto-me trémula. Deve ser do álcool. Os efeitos residuais da monstruosa bebedeira da noite passada. Não tem nada que ver com a dor visceral – a terrível agonia que sinto quando tenho de falar sobre este assunto. Pensar nele ou vê-lo nos ecrãs do computador, não faz mal, mas quando o assunto começa atravessar as fronteiras da vida real, torna-se doloroso. Simplesmente doloroso.

– Escuta, é melhor eu ir andando e deixar-te em paz – digo ao Zach. – Vou ponderar seriamente na possibilidade de te telefonar. Esta manhã foi fantástica. Foi boa, divertida. – Todas estas palavras agradáveis servem para aligeirar as coisas. Ele não sabe de nada. Estou apenas a ser paranoica. Esta história do aniversário está a mexer comigo. Não devia descarregar nele.

Ele acena com a cabeça. É evidente que não se vai atrever a falar.

– Vou *mesmo* pensar em telefonar-te – repito.

Novo aceno de cabeça, embora agora ele esteja com ar de quem prefere que eu não o faça.

– Vemo-nos por aí – despeço-me.

Terceiro aceno de cabeça.

Neste momento, sinto-me completamente ridícula.

– OK, vou-me embora. – Olha para mim a sair.

Ele acena-me com a mão e eu praticamente corro para porta, abro-a e saio. Quantas mais vezes

esta ligação à *Sereia de Brighton* vai ter este efeito na minha vida?

Macy

Sábado, 24 de março

– Vamos fazer qualquer coisa – sugere o Shane, ao entrar na cozinha.

Levanto os olhos do telemóvel, para onde estou há horas sentada a olhar. É óbvio já que fiz outras coisas, entretanto. As crianças tomaram o pequeno-almoço e já estão vestidas e entretidas com livros, jogos e televisão, mas durante todo esse tempo estive a olhar para o telefone, a desejar que tocasse. Na verdade, desejei voltar atrás no tempo, que fossem novamente 5h17, para poder ligar-lhe e para que ela atendesse a porcaria do telefone.

– Fazer o quê? – pergunto.

– Qualquer coisa. O que quiseses. Metemo-nos na carrinha e vamos fazer qualquer coisa. Parece que vai estar um dia lindo. Vamos sair por aí.

Volto a olhar fixamente para o telefone. É quando ela faz estas coisas que me apetece contar-lhe o que sei, para que ela carregue esse fardo por uma vez na vida. Para que ela guarde este segredo e sinta toda a preocupação e receio que o acompanham, o terrível pavor que inspira. É quando ela me enfurece desta maneira que me apetece ver como lidaria com o que eu vi, há 25 anos. Não, não vi um cadáver como a Nell viu, mas o que vi foi horrível. Como lidaria a Nell com esse tipo de trauma? Como enfrentaria um pesadelo tão perto de casa?

– Está bem, vamos fazer qualquer coisa – assinto.

– Vá lá! Podias, pelo menos, mostrar-te um pouco mais entusiasmada. Vamos passar tempo juntos, como uma família. É para isso que servem os fins de semana, não é?

Por vezes, o Shane comporta-se como um verdadeiro embaixador da diversão num campo de férias – parece ter uma energia inesgotável para nos incutir ânimo quando mais precisamos.

– Está bem, está bem, vamos lá fazer qualquer coisa – digo, levantando-me e guardando o telemóvel no bolso. Tudo é preferível a ficar ali sentada a pensar em formas de entender a minha irmã.

Nell

Sábado, 24 de março

Ele precisa de te ver.

Quando volto a ligar o telefone, vejo cinco mensagens dessas.

Mas nada da Macy.

Leio cada uma delas, mesmo sabendo que todas dizem o mesmo, mesmo sabendo que não servem apenas para me chamar – como se eu pudesse largar tudo para o ir ver, como se não vivesse para mais nada. Estas mensagens servem também para me recordar que o relógio está a contar, que não tenho todo o tempo do mundo e que se não o entender, se não resolver a questão no tempo que me foi dado, a minha vida vai voltar a descambar – ou melhor – a vida de *todos nós* voltará a descambar.

Estou em frente ao hotel – um dos hotéis à beira-mar. O quarto do Zach não tinha vista para o mar, mas assim que saio do hotel dou comigo na rua principal, com mar e céu a perder de vista. O hotel fica um pouco mais dentro de Brighton do que o local onde *a* encontrámos. Talvez por isso eu tenha falado de sereias ao Zach. Quando o álcool me solta a língua, tudo o que me faça lembrar dela, faz-me falar dela.

Então, e agora, o que faço? Com quem vou passar a tarde?

Com a Macy ou com ele?

Com ele ou com a Macy?

Olho para a esquerda, na direção do Cais. Adorava ir imediatamente para lá e misturar-me com a multidão que já enche o espaço. Muitos apanharam o primeiro comboio, de forma a aproveitarem ao máximo o dia à beira-mar. No Cais, tornar-me-ia anónima. Passaria até por turista – mais uma turista de visita a um dos pontos de referência mundialmente famosos de Brighton.

Para lá do Cais e do Colégio de Surry Hills, para lá dos campos verdejantes, está *ele*, sentado na cadeira de rodas, à espera. O tempo não o embotou, não o domesticou, nem o amansou.

Olho para a direita, na direção de King's Lawns, com as barracas de praia multicoloridas e o bloco de apartamentos dos anos 30 do século XX que assinalam o início de uma imensa extensão de edifícios virados para o mar, até Hove. Para lá desses edifícios *art déco* está a Macy que, a estas horas, deve estar quase histérica por eu não ter atendido o telefone. Não só não o atendi, como o desliguei. Se tentou telefonar de novo e não conseguiu falar comigo, já deve estar a pensar que me aconteceu algo de terrível. É assim que funciona a cabeça da Macy.

Normalmente, não me insurjo contra a sua ansiedade. Normalmente, quando ela telefona, atendo a chamada, falo com ela e tento chegar a casa dela tão cedo quanto possível, para ocupar o meu lugar na sua vida familiar. Mas como a ignorei esta manhã, agora vou visitá-la. Ela vai suspirar de alívio,

depois vai refilar, indignada, e a seguir vai afastar-se de mim. Manterá um comportamento quase normal, falando comigo apenas quando eu lhe dirigir palavra e quando precisar de alguma coisa. De resto, vai limitar-se a olhar para mim, ressentida. E eu não suporto os ressentimentos da Macy.

A Macy ou ele?

Ele ou a Macy?

Terá de ser um deles.

Porque se optar pela “Nell” – a minha terceira opção, que significa não escolher nenhum deles –, pagarei a dobrar da próxima vez.

A Macy ou ele?

Ele ou a Macy?

Acabei de pagar 140 libras pelo álcool que encomendei no serviço de quartos, ontem à noite. CENTO E QUARENTA LIBRAS. Organizei cuidadosamente o orçamento para poder passar um ano sem trabalhar, para agora, numa só noite, derreter quase o equivalente a duas semanas de compras de comida. Às vezes, sou um desastre, um verdadeiro desastre. Não admira que a Macy me olhe tantas vezes de lado. Ela nunca faria uma coisa destas, embora seja quatro anos mais nova do que eu.

A Macy ou ele?

Ele ou a Macy?

A Macy, claro. Jamais faria outra escolha.

Macy

Sábado, 24 de março

Do cimo da colina de Tilgate Park, vejo a Willow, o Aubrey e a Clara a descerem a encosta mais íngreme, correndo em direção ao sopé, de braços no ar e a roupa a esvoaçar atrás deles. Tilgate é um parque enorme, com colinas, vegetação, lagos e lagoas, e está classificado como centro de aventuras, ginásio ao ar livre e reserva natural.

Acabámos de chegar e embora esteja um sol maravilhoso, paira uma aragem fresca no ar. A primavera está à porta, mas o inverno parece ferrado e provoca-nos arrepios, assegurando-se de que não nos esquecemos precocemente dele. Os relógios serão adiantados esta madrugada, e as noites já mais claras serão oficialmente reconhecidas. Avizinha-se uma mudança, e não são apenas indícios de mudança. Uma linha bem definida parece estar a demarcar o passado recente, do presente e do futuro.

Não faço ideia do que o futuro nos reserva. Às vezes, fico agoniada só de pensar nisso, pois sinto a mudança no ambiente e estou consciente de que a minha vida está num ponto de viragem.

Observo as crianças a correr e sinto que é isso que a minha vida vai ser a partir de hoje. Agora que a Nell poderá ter quebrado o ciclo de sorte que estávamos a desfrutar, ao desligar o telefone, as coisas vão descontrolar-se. E isso poderá significar aventura, diversão e descontração, mas poderá também confrontar-nos com situações imprevisíveis e assustadoras.

Apareceu recentemente uma série de artigos *online*. Pela quantidade de trocadilhos e descrições rebuscadas que o autor usou, fiquei com a nítida sensação de que a intenção era escrever uma novela. O certo é que estes artigos tiveram consequências práticas, como: começar a ser olhada de forma estranha no emprego – Okorie não é propriamente um apelido vulgar; ser “amigada” por inúmeras pessoas que perceberam como contornar os diferentes métodos utilizados para bloquear as minhas contas nas redes sociais (nunca aceito pedidos de amizade de pessoas com quem não me tenha encontrado mais do que uma vez pessoalmente); e estar constantemente com esta sensação nauseante de que tenho de contar à Nell o que vi há 25 anos.

Ao fundo da colina, há um passeio largo e depois o lago. Vejo as crianças a descerem a colina a correr, em acesa e despreocupada competição umas com as outras, e não tenho de morder a língua. Quero gritar-lhes que tenham cuidado com as outras pessoas, que abrandem para não serem catapultadas para dentro de água, que prestem atenção aos dejetos de cão, que sejam tão cautelosas quanto possível para que nada de mal lhes aconteça. Morder a língua e cerrar os punhos, até cravar as unhas na palma das mãos, e provocar dor física a mim mesma é a única forma de me conter, para não projetar os meus medos nelas.

O Shane não entende. Irrita-se comigo e diz-me para parar de impor limites de adultos à natureza das crianças. Eu diria que se trata, não de impor limites, mas sim de lhes dar dar uma perspetiva adulta da sua tendência natural para se meterem em sarilhos.

– Não estás contente por não termos ficado em casa, à espera que a Nell nos conceda a honra da sua presença? – pergunta o Shane. Fora buscar um café ao quiosque mais próximo e estivera, de certeza, a verificar os resultados dos jogos no telemóvel. Se eu não soubesse que ele adora desporto, e que em casa, no escritório, não faz mais nada, ficaria desconfiada por ele passar a vida agarrado ao telemóvel.

– Nós não esperamos que a Nell nos conceda a honra da sua presença – respondo-lhe. Não permitirei que ele pinte as coisas à sua maneira. Eu tenho o direito de me aborrecer com ela. Já ele, por variadíssimas razões que sabe quais são, não.

– Tu sabes o que quero dizer – reage ele.

– Se achas que sei, diz-me.

O Shane contém-se, suspira e põe um braço à volta dos meus ombros. Depois, enterra o rosto no meu pescoço e dá-me um beijo repenicado na face ligeiramente fria.

– Amo-te – diz ele. – Amo-te muito. E adoro ter a família aqui, ao ar livre, a fazer algo de diferente, a aproveitar as horas de sábado noutra coisa que não apenas nos jogos e brincadeiras que a tua irmã faz com os miúdos. – Afasta um pouco a cabeça e os olhos azuis brilhantes fixam-se nos meus olhos castanhos. – Era isso que eu queria dizer. Desculpa. Agora que me expliquei convenientemente, percebo o que parecia estar a dizer antes. – Beija-me a face e eu sinto o calor amargo do café expresso no seu hálito. – Não era minha intenção desrespeitar a tua irmã. Tu sabes o que sinto em relação a ela.

Eu recuo e liberto-me dele, arqueando as sobrancelhas com um ar pouco impressionado.

Desta vez, ele geme e fecha os olhos.

– Tu sabes o que quero dizer – diz.

– Meninos! – grito, e começo a descer a colina ao encontro dos meus filhos, que estão a aproximar-se demasiado da água. Conseguiram parar antes de se precipitarem para dentro do lago, mas isso não me garante que se mantenham secos. É bom termos saído, mas o Shane convenceu-me de que eu não precisaria de levar uma muda de roupa para cada um deles, por já estarem mais crescidos. Se algum deles se molhasse, ficaria ensopado até voltarmos para casa e eu não suportaria passar o dia inteiro a ver os miúdos com a roupa encharcada, à espera que se constipassem, o que, provavelmente, iria acontecer assim que chegássemos a casa e comesçassem a enxugar-se. – Willow! Aubrey! Clara! Afastem-se da beira da água.

– Não o disse nesse sentido – insiste o Shane, em voz alta, sem querer saber se as pessoas à sua volta ouvem. Ele só quer que eu perceba.

– Eu percebi o que querias dizer – respondo-lhe por cima do ombro. E é verdade. Eu sei *perfeitamente* o que ele quis dizer.

1993

Nell

Quinta-feira, 1 de julho

Para além de ir às aulas, a Jude estava autorizada a vir a minha casa, mas nada mais. Eu estava proibida de sair, a não ser para ir às aulas. Os meus pais nem sequer se deram ao trabalho de me dizer. Eu já sabia.

Passado o choque inicial e depois de a polícia recolher os nossos depoimentos como testemunhas, a vida dos meus pais regressou ao ritmo normal, e esse ritmo parecia estar a castigar-me por ter saído de casa da Jude às escondidas, mas, no meu íntimo, estava satisfeita. Eu não era como a Jude. Não me importava de ficar em casa. Não precisava de estar constantemente a sair. Porém, naquele momento, o mundo parecia-me muito diferente. Eu tinha estado perto de um cadáver. Ficara junto dele, à espera. Toda a gente na cidade sabia que eu vira um cadáver. Os miúdos na escola segredavam sobre nós e mantinham-se à distância, e a situação parecia incomodar-me muito mais do que à Jude.

Contudo, hoje a Jude esteve lá em casa durante algum tempo e eu notei algo de estranho nela.

Andava para trás e para diante no meu quarto, com um punho cerrado. Depois, suspirava e sentava-se. A seguir, levantava-se, como se fosse fazer algo importante, e voltava a deambular pelo quarto.

Começara também a vestir-se como a mulher a quem a polícia, e todos os outros, chamavam *Sereia de Brighton*. Disseram que a jovem tinha cerca de 19 anos e fora estrangulada antes de ser abandonada na praia. Desde que a encontrámos, a Jude parecia querer assumir a sua personalidade. Deixou de se maquilhar, começou a usar coletes e camisas de ganga e andava descalça sempre que podia. Deixou de prender o cabelo em duas bonitas tranças, como eu, e agora usava-o ao estilo afro, com uma fita. Também usava as pulseiras. Enquanto estive de castigo, conseguiu arranjar um monte de pulseiras que lhe chegavam até ao cotovelo. Por isso, agora, quando andava... tilintava.

O rosto, o corpo e a tatuagem da *Sereia de Brighton* estavam gravados na minha memória, e eram como filtros para os meus olhos. Por vezes, quando me virava de repente ou via a Jude pelo canto do olho, sentia o coração a parar e chegava a pensar, por um breve instante, que a *Sereia de Brighton* voltara para me vir buscar. Arrepiava-me ver a Jude vestida como uma mulher morta. A única coisa que não copiara era a tatuagem no braço direito e a pulseira de amuletos – a única peça de bijutaria que ela usava nesse braço.

– O que fizeste, Jude? – perguntei-lhe.

Era evidente que fizera algo e eu estava cansada de a ver tão inquieta, a andar de um lado para o outro, de punho cerrado, cansada de me assustar sempre que a via pelo canto do olho.

– Eu tinha de fazer alguma coisa – retorquiu ela. – Eu tinha de descobrir uma forma de a manter comigo.

– O que fizeste, Jude? – repeti, mas num tom de voz um pouco mais baixo, pois estava a ficar assustada. Ela ia meter-nos em sarilhos. Grandes sarilhos. Eu sabia que os pais dela eram porreiros e descontraídos, mas os meus não eram. Continuavam dececionados e irritados comigo, por eu ter saído naquela noite. Estavam também com receio. Além de se sentirem desapontados e aborrecidos, toda aquela história deixara-os apavorados. Não só porque poderia ter sido eu a aparecer na praia, em vez da rapariga sem nome, mas também porque ficaram horrorizados e abalados por eu ter sido capaz de mentir e recorrer a subterfúgios. Julgavam-me diferente, mas eu era como muitas outras adolescentes que, de vez em quando, faziam coisas nas costas dos pais.

O facto de a Jude estar autorizada a sair significava que os pais dela continuavam a não verificar se as janelas do quarto dela estavam fechadas à noite, e a mãe ainda não tinha ponderado a ideia de abandonar o trabalho de enfermeira no turno noturno para poder estar em casa todas as noites. O meu pai tinha minimercados ao longo da costa, e quando tinha de ir abrir um deles, costumava lá ficar nessa noite, para poder começar a trabalhar cedo. Na última semana, ele tinha de sair assim que a minha mãe chegava a casa do trabalho. Ontem, um dos empregados da loja de Eastbourne faltou por estar doente e ele teve de ir fechar a loja. Agora passavam a vida em casa, para se certificarem de que eu não voltaria a tentar repetir a proeza.

Aquela história virou-nos a vida de pantanas, mas isso não parecia ser suficiente para a Jude. Ela queria que as coisas se tornassem ainda piores para nós, por ter feito o que fez. Subitamente, percebi o que ela fizera e foi horrível.

– Por favor, diz-me que não o fizeste – disse-lhe. – Por favor.

Lentamente, os dedos da Jude abriram-se e ali estava ela, pousada sobre a teia de linhas escuras que lhe cobriam a palma da mão, como os ramos de uma árvore: a pulseira de amuletos, adornada com várias figurinhas intrincadas de sereias, todas diferentes. Algumas das argolas estavam vazias, como se tivessem perdido as suas sereias, mas esperassem pacientemente que elas voltassem a nadar.

Primeiro, levei as mãos ao rosto, depois, cobri a boca com elas. Apetecia-me gritar-lhe que a deitasse fora, que levasse aquela coisa para fora do meu quarto – para fora da minha casa –, pois o mais provável era estar amaldiçoada.

– Porque fizeste isso? – perguntei, com as mãos ainda na boca. – Porquê?

Sentia-me quente. O mesmo tipo de calor febril que sentira quando tivera varicela. Não conseguia manter-me direita durante muito tempo. Sentia-me nauseada, aquele tipo de náusea intermitente que me atacava constantemente da última vez que sofri uma intoxicação alimentar.

– Eu tinha de ficar com alguma coisa dela. *Nós* tínhamos de ficar com alguma coisa dela – corrigiu ela imediatamente. Precisava de me envolver no crime dela, para que não lhe parecesse tão mau. – *Nós* precisávamos de algo para nos lembrarmos sempre dela, para não desistirmos de tentar descobrir quem era.

– É bem possível que nos prendam, quando descobrirem o que fizeste – disse-lhe. Ela tinha-o

feito, mas eu também podia ter problemas. – Como o fizeste?

Nessa altura, pareceu ficar insegura. Olhou de relance para a porta que fechara depois de entrar e fez uma pausa, como se alguém pudesse estar de ouvido colado à porta, a ouvir a conversa. Para ser sincera, a Macy *era* bem capaz de estar a fazer isso mesmo.

A Jude aproximou-se e sentou-se na beira da cama, pertinho de mim. Eu estava de joelhos encolhidos contra o peito, a tentar reconfortar-me.

– Quando voltei, depois de fazer o telefonema, tu viraste-te de costas e, nesse momento, eu tirei-lha.

– Oh, meu Deus, Jude! – gritei-lhe.

– Chiiiiu – sussurrou ela, desesperada. – Chiiiiu.

– Tu tocaste num cadáver para o roubares! – Eu estava a tremer. Tremia descontroladamente e comecei a morder o nó do polegar. A dor que sentia ao cravar os dentes na carne, quase a ponto de a fazer sangrar, era perversamente reconfortante, pois forçava-me a pensar mais na dor do que na insanidade da minha melhor amiga.

Às vezes, odiava-a. A Jude era a minha melhor amiga e eu adorava-a, mas ela estava constantemente a fazer coisas daquelas. Era sempre ela quem tomava a iniciativa e, mais tarde, eu acabava por pagar por isso. Como eu a odiava tanto nessas alturas.

– Roubaste uma pessoa morta, Jude – disse-lhe. – Não se pode descer mais baixo do que isso.

– Pode, sim – replicou ela bruscamente. – O mais baixo é quando já ninguém quer saber.

– Quem é que não quer saber?

– Essa gente toda – respondeu a Jude, fazendo um gesto abrangente para as janelas. – Já nem sequer aparece nas notícias. As pessoas deixaram de se importar que ela não tenha nome, que ninguém saiba quem ela é, nem se alguém que a estimava andou à procura dela. Ela é parecida connosco Nell. Se uma de nós aparecesse estrangulada, e talvez violada, na praia, algumas semanas depois já ninguém iria querer saber disso. Não está certo.

– Mas não podes alterar isso com um roubo.

– Eu não a roubei, é emprestada. Assim que descobrirmos quem ela é e de onde veio, eu devolvo a pulseira. Mas, até lá, teremos de a conservar, para nos lembrarmos de que não a podemos esquecer.

Eu não conseguia esquecer, por muito que tentasse. E tentei realmente esquecer. Mas sempre que fechava os olhos, era o rosto dela que via; sempre que punha loção na pele, depois do banho, era aquela tatuagem que via. O meu cabelo seria certamente igual ao dela, se eu não o entrançasse todas as semanas. Não a conseguia esquecer, e mesmo que viéssemos a descobrir quem ela era, como se chamava e de onde era, eu sabia que isso não iria mudar. Eu sabia que continuaria a ver a *Sereia de Brighton* para o resto da minha vida.

– Prometo que a devolvo assim que descobrirmos quem ela é.

Atualmente

Nell

Sábado, 24 de março

Eles tinham saído.

Depois de me preparar para o amuo da Macy, cheguei ao seu pequeno recanto em Hove e vi que o carro do Shane não estava lá. E ninguém me abriu a porta. Afinal, tinham conseguido planejar um sábado perfeitamente razoável sem a minha presença. Senti-me ligeiramente irritada, mas atribuí-o simplesmente aos efeitos residuais da ressaca e ao facto de ter passado em frente ao meu apartamento no caminho para casa deles. De resto, até fiquei satisfeita por não ter de passar a tarde a pedir desculpa à Macy e a evitar o Shane.

Fechei a minha porta de entrada azul atrás de mim e encostei-me a ela durante alguns segundos, a contemplar o meu espaço, o único local inteiramente meu em todo o planeta.

Esse é, em parte, o motivo pelo qual habitualmente vou para casa cerca de uma hora depois de estar com alguém. Adoro entrar pela minha porta e pensar que quem fui *lá fora* – empregada, amiga ou amante – não é quem tenho de ser ali. Qualquer que seja a máscara que estiver a usar na altura, assim que entro por aquela porta deixo-a cair e sei que posso despir-me do personagem que assumo para o mundo exterior e ser simplesmente eu própria.

Apetece-me um duche. Já tinha tomado um longo duche no quarto de hotel do Zach, mas apetece-me tomar outro em minha casa, com o meu gel de banho e a minha loção. Depois, quero vestir o meu pijama mais fofo, cobrir-me com o meu roupão mais felpudo e atacar os restos de comida que tenho no frigorífico. Eu sei que devia deitar mãos à obra, ir diretamente para a secretária e recomeçar a minha busca, mas não consigo encarar já a ideia. Sim, tenho pensado na *Sereia de Brighton* e na Jude, mas estou sem vontade de trabalhar no caso.

Tiro o casaco e os sapatos, e este gesto simples provoca-me uma onda de exaustão. Não é apenas por ter ficado acordada até tarde ou ter bebido muito, nem mesmo pela interação física com o Zach, algumas horas antes. É outra coisa. Algo *omnipresente* que não consigo esquecer.

1993

Nell

Quinta-feira, 15 de julho

– Acorda, Enelle – disse a voz do meu pai.

Pela forma como o disse, percebi que estava a chamar-me há muito tempo. Eu mal conseguira pregar olho nas semanas depois de *a* encontrarmos. Sempre que fechava os olhos, via o rosto dela. Às vezes, era bom, porque ela estava de olhos abertos, a rir, com uma expressão calorosa, um sorriso rasgado e a felicidade a saltar-lhe nos olhos castanhos. Mas, outras vezes – a maior parte das vezes –, estava fria e imóvel; não tinha qualquer sorriso no rosto e os olhos castanhos estavam fixos e gelados. Eu não suportava esses sonhos. Quando me tentava arrancar à força deles e me obrigava a acordar, ficava imóvel e ofegante na escuridão, até que o medo passasse. Depois, enterrava a cabeça na almofada e chorava. Não contei a ninguém que resistia ao sono para evitar aqueles sonhos; que me desfazia em lágrimas na almofada, de forma a não correr para a escuridão e tentar descobrir quem era ela e de onde viera, pois sabia que esta seria a única forma de impedir que ela me assombrasse.

Não podia contar a ninguém o que se passava porque a Jude parecia estar a lidar bem com tudo. Não parecia abalada nem incomodada. Cheguei a interrogar-me, por mais do que uma vez, se seria por ter a pulseira de amuletos da Sereia. Se ela afastaria os pesadelos.

Nas duas ou três últimas noites, porém, eu tinha conseguido dormir. Deitei-me à hora habitual e acordei quando já havia claridade no exterior. Quase me sentia envergonhada por isso. Foi justamente esse o motivo da fúria da Jude, umas semanas antes: uma jovem tinha sido assassinada e eu começava a esquecer o assunto.

– Enelle – repetiu o meu pai. – Estás acordada?

– Sim, papá – respondi, sentando-me a custo na cama.

Ele levou um dedo aos lábios, para que eu não fizesse barulho e não acordasse a Macy, pois o quarto dela ficava ao lado do meu.

– Veste o roupão e vem cá abaixo – pediu ele, num sussurro.

– Que horas são? – perguntei.

– Não faças perguntas – retorquiu ele. – Vai buscar o teu roupão e vem cá abaixo.

Embora falasse num tom baixo, parecia estar muito sério, e eu senti o estômago às voltas. Não me sentia tão agoniada de preocupação desde que soubera que a Jude roubara a pulseira de amuletos da sereia. Talvez fosse isso. Talvez a polícia tivesse descoberto e viesse perguntar-me onde estava. Eu *sabia* que aquilo nos iria dar problemas. A Jude começou a usá-la escondida entre as dezenas de pulseiras que agora tinha em ambos os braços. Eu disse-lhe que os tipos da polícia não eram estúpidos, que iriam bater-nos à porta, porque acabariam por descobrir, de uma maneira ou de outra, e que ela provavelmente seria presa se a apanhassem com a pulseira. *Isso* já parecia fazer-lhe sentido, e ela passou a guardá-la no bolso.

Vesti o meu robe azul-escuro por cima da camisa de dormir cor-de-rosa e segui o meu pai até ao piso inferior, tentando evitar os rangidos constantes dos degraus da velha escada de madeira. O que é que eu faria se eles me perguntassem onde estava a pulseira? Devia mentir e dizer que não sabia onde estava? A verdade é que não sabia. Quer dizer, sabia que a Jude a tinha, mas não sabia onde estava naquele momento. Talvez pudesse dizer-lhes isso: que não sabia exatamente onde a pulseira estava, e rezar para que não me perguntassem se eu sabia *quem* a tinha.

Na sala de estar, a minha mãe, vestida de castanho-escuro, sentava-se ao lado da Sra. Dalton – a mãe da Jude –, que também estava vestida de castanho-escuro. A minha mãe cobria as mãos da Sra. Dalton, e estavam ambas tão próximas que era quase impossível perceber onde terminava uma e começava a outra.

A mãe da Jude soluçava. Não muito alto, mas estava, sem dúvida, a soluçar. Os ombros estavam descaídos e estremeciam. De vez em quando, o corpo parava de estremecer durante alguns segundos e ela agarrava-se com força às mãos da minha mãe, como se ela fosse uma tábua de salvação.

O Sr. Dalton estava em frente à lareira, com uma tez macilenta. Os olhos azuis pareciam tão baços como a pele. Eu ainda estava a entrar na sala, quando a Sra. Dalton se precipitou literalmente do sítio onde estava sentada e atirou-se a mim.

– Onde está a Judana? – questionou ela, agarrando-me nos braços. Apesar de ter o robe, conseguia sentir os seus dedos cravados na minha carne tenra. A Sra. Dalton encarou-me com o rosto colado ao meu. Estava com um olhar tresloucado e disperso, os olhos inchados de tanto chorar. O cabelo encaracolado, normalmente muito bem arranjado, tinha pontas espetadas em todas as direções, conjugando-se em pleno com a sua expressão feroz. Aquilo nem parecia dela. As nossas mãos estavam sempre impecáveis, sempre bem produzidas e arranjadas.

– Lilani, Lilani – chamou o Sr. Dalton, aproximando-se de nós. – Larga-a.

– Diz-me onde está a minha filha – gritou a Sra. Dalton. – Diz-me onde ela está!

O pai da Jude conseguiu arrancar-lhe os dedos de cima de mim. Eu sentia a parte superior dos braços a latejar com as marcas das suas mãos e esfreguei-os inconscientemente. Mas o pavor que sentia pelo que ela estava a dizer e pela forma como agia era muito mais intenso do que a dor nos braços.

O Sr. Dalton voltou a entregar a mulher aos cuidados da minha mãe, no sofá, e o meu pai veio até junto de mim.

– Peço desculpa por isto – disse, de forma sensata, o Sr. Dalton. Nunca tinha conhecido um homem tão calmo como ele. A Jude certamente safava-se com imensas coisas que a Sra. Dalton jamais toleraria, por ele ser tão descontraído.

– Agora, vou fazer-te uma pergunta, Enelle – continuou ele. – Uma pergunta crucial. A Judana não voltou a casa depois das aulas, hoje, e nós queremos saber onde ela está. Por favor, dizes-me onde ela está?

O meu pai pousou a mão sobre o meu ombro. Levantei os olhos para ele e vi que me observava.

– Conta-nos o que sabes, Enelle – aconselhou ele.

Tenho a certeza de que arregalei os olhos e comecei a morder o lábio inferior.

– Não sei, papá – acabei por responder.

– Sabes, sim! – gritou subitamente a mãe de Jude.

Aproximei-me mais do meu pai. Se a Sra. Dalton voltasse a gritar, esconder-me-ia atrás dele.

– *Para*, Lilani, já chega – ordenou o Sr. Dalton. Era a primeira vez que o via tão irritado. *Nunca*

o ouvira levantar a voz, nem mesmo quando parecia aborrecido. Lembrava-me de a Jude ter dito, certa vez, que o pai nunca gritava. Nem mesmo nos momentos em que ela estava aos gritos com a mãe (algo muito frequente). Normalmente, intervinha para acalmar os ânimos, sem levantar a voz. Nem quando fizemos algo tão mau como escaparmos juntas de casa e encontrarmos um cadáver ele foi capaz de gritar.

– Lamento, Nell, ou melhor *nós* lamentamos. Mas precisamos de encontrar a Judana. Pensávamos que ela hoje tinha ido às aulas, mas, ao vermos que ela não regressava a casa, telefonámos para a escola. Temos estado à espera que ela apareça, mas não aguentámos mais. Tu sabes onde ela está?

Sacudi a cabeça. Não sabia mesmo onde ela estava. Quando não apareceu para irmos às aulas, pensei que talvez estivesse doente. Ia ligar-lhe ao final da tarde, mas tinha os trabalhos de casa para fazer e depois tive de ir jantar e cumprir as minhas tarefas. Quando dei por mim, já passava das 21h00 e eu sabia que os meus pais não me deixariam telefonar à Jude ou a quem quer que fosse. *Vejo-a amanhã*, pensei, quando me fui deitar. Éramos filhas de enfermeiras, por isso era raríssimo ficarmos mais do que um dia sem irmos às aulas quando estávamos doentes. *Vejo-a amanhã e pergunto-lhe como conseguiu faltar às aulas um dia*.

– Ela foi às aulas? – perguntou o Sr. Dalton.

Voltei a sacudir a cabeça.

– Ela... – comecei por dizer, mas estava com a voz rouca e empastelada, como se tivesse sido mergulhada em alcatrão. Clareei a garganta. – Ela não estava ao fundo da rua onde nos costumamos encontrar para apanharmos o autocarro, e também não estava na paragem. Pensei que estivesse doente, por isso apanhei o autocarro sozinha.

O Sr. Dalton olhou para a Sra. Dalton e foi como se tivessem sido atingidos pelo mesmo pensamento.

– Eu pensei que ela se tinha levantado mais cedo e tinha saído para a escola – disse o Sr. Dalton. Deduzi que a Sra. Dalton estivesse, na altura, a trabalhar.

A mãe da Jude voltou a franzir o rosto e começou a baloiçar-se para trás e para a frente.

– Ela já não estava em casa na noite anterior, pois não? – concluiu a Sra. Dalton. – Ela já não estava em casa na noite anterior e nenhum de nós deu por isso.

A minha mãe encarou o meu pai e ambos trocaram um olhar, antes de se virarem para mim. *É isto*

que vais fazer a seguir, Enelle?, pareciam estar a perguntar-me em silêncio. *Estás a pensar fugir de casa, agora que já aprendeste a escapar às escondidas?*

A resposta era não, claro. Jamais fugiria de casa. E também não fazia ideia de que a Jude planeava fazê-lo.

– Acho que seria melhor chamarmos a polícia – disse o meu pai, mantendo a calma.

A sugestão apavorou-me, porque ele já tinha sido obrigado a ir esquadra e eu já prestara um depoimento em casa.

“Espero que seja a última vez que nos envolvemos com a polícia” disse ele na altura, dirigindo-se a mim e à Macy. Mas era sobretudo para mim que falava, claro, porque eu é que era a culpada de eles terem ido lá. Se o meu pai sugeria envolvê-los de novo, é porque estava assustado. Na verdade, ao olhar para aqueles rostos envelhecidos concluí que estavam os quatro apavorados.

Voltei a encarar cada um dos rostos em meu redor. Não estavam apenas com medo de que a Jude tivesse fugido: o maior receio era que ela acabasse como a *Sereia de Brighton*. Não tinha a certeza se eles sabiam que a Jude assumira uma aparência muito semelhante a ela antes de desaparecer. Será que também iria acabar como ela?

– Sim, é melhor – concordou o Sr. Dalton, nervoso, e o vi-o a cambalear momentaneamente. Depois, encaminhou-se cautelosamente para o sofá, como se estivesse embriagado e tentasse escondê-lo, sentando-se ao lado da mulher. Entrelaçou as mãos pálidas nas dela e, de seguida, dirigiu-se ao meu pai.

– Faz-me esse favor? Faz-me o favor de os chamar? – Falou muito cautelosamente, num tom extremamente baixo, tentando esconder os tremores na voz. – Importa-se de chamar a polícia e dizer-lhes que a minha filha está desaparecida?

Quinta-feira, 15 de julho

O polícia odioso com a horrenda cicatriz na face apareceu com uma mulher-polícia para me fazerem perguntas sobre a Jude, mas ele não disse uma palavra. Ficou junto à lareira, a observar-me intensamente, enquanto eu contava à mulher-polícia tudo o que eu e a Jude fizéramos e disséramos uma à outra dois dias antes.

– Não, ela não estava perturbada com nada.

– Não, ela não tinha namorado.

– Ninguém a andava a importunar na escola. Pelo menos, não mais do que o habitual, desde que... desde que a encontrámos na praia. Mas também nunca ninguém nos dizia nada. Em geral, limitavam-se a olhar para nós e a segredar.

– Não, isso não nos incomodou. De certa forma, habituámo-nos a isso.

– Não, a Jude nunca me falou em fugir. Nunca. Não falávamos sobre esse tipo de coisas.

– Não, eu nunca fugiria de casa.

- Não, não estou a dizer isto só porque o meu pai está ali. Nunca quis fugir de casa. Porque haveria de fugir?
- OK, talvez muitas adolescentes queiram fugir, mas eu não.
- Não, não sei para onde ela foi.
- O único sítio onde fomos foi a Londres, algumas vezes, de comboio. São os nossos pais que habitualmente nos levam de carro aos diferentes sítios.
- Sim, eu sei que o Sr. Dalton é padrasto da Jude, embora ela o trate por “pai”.
- Tenho quase 15 anos, por isso, é óbvio que sei que isso significa que o Sr. Dalton não é o pai biológico dela. Sim, ela é negra e ele é branco.

Apesar de o polícia odioso não ter dito nada, eu sabia que ele me estava a observar e a distorcer mentalmente todas as minhas palavras, para provar a si mesmo que eu era uma miúda reles, uma galderiazinha, como nos chamara antes. Embora ele estivesse a observar-me, eu sabia que o meu pai o observava, fazendo com que ele se sentisse tal como me estava a fazer sentir.

Apesar de tudo, tentei concentrar-me, pois aquele assunto era mesmo importante. Eu sabia que tudo o que dissesse podia ser uma pista – *a* pista – que os ajudaria a encontrar a Jude. A ausência dela não me agradava, porque sabia que caso ela tivesse realmente fugido, era bem mais provável que encontrasse alguém que lhe fizesse o mesmo que tinham feito à *Sereia de Brighton*. Porque precisava que ela voltasse.

Era como se eu e a Jude já nos conhecêssemos antes de nascermos. As nossas mães conheceram-se no hospital, em Hayward’s Health, onde ambas trabalhavam, e ficaram imediatamente amigas, mas eram muito diferentes uma da outra. A minha mãe era uma pessoa muito circunspecta e ponderada em tudo o que fazia. (O meu pai costumava ter como sua missão de vida tentar embebedá-la com *sherry* diluído em água.) A mãe da Jude, pelo contrário, gostava de se divertir e, aparentemente, divertira-se bastante antes de o pai dela morrer num acidente, com um automóvel de trabalho, dois meses antes de a Jude nascer.

Embora a Sra. Dalton acabasse por ser generosamente indemnizada pela morte do marido em serviço, a minha mãe referia frequentemente ao meu pai que ela costumava dizer que o devolveria todo o dinheiro na hora, se pudesse ter o Raymond de volta. A mãe da Jude conheceu o Sr. Dalton no decurso da ação judicial pela morte em serviço. Três anos mais tarde, encontraram-se acidentalmente na rua e simpatizaram um com o outro.

Eu e a Jude éramos amigas chegadas desde sempre. Não me lembrava de uma altura em que não estivéssemos juntas. Não éramos parecidas, mas gostávamos quando as pessoas pensavam que éramos irmãs. Mesmo quando discutíamos – o que raramente acontecia –, fazíamos rapidamente as pazes, pois nunca fez grande sentido estar zangada com a Jude. Cada uma tinha a sua forma de ser. Mesmo nas alturas em que a odiava, por ela me meter em sarilhos com as coisas que fazia, só alimentava esse sentimento porque sabia que ela estaria sempre do meu lado, para eu a poder

também amar. Não a odiaria de vez em quando se não a amasse duas vezes mais todos os dias.

A polícia tinha de a encontrar. Ela não estaria a salvo em qualquer outro sítio. Eu estava consciente disso. Eles tinham de a encontrar.

– Há mais alguma coisa que nos queiras contar sobre o assunto, Enelle? – perguntou a mulher-polícia.

– Por exemplo? – repliquei.

Ela tirou um saco plástico transparente do bolso, mostrando uma pulseira de amuletos de prata mergulhada no fundo.

Eu queria falar-lhes disso. Queria contar-lhes que ela tinha a pulseira e que este adorno estava amaldiçoado. Explicar-lhes que não contara porque não queria metê-la em sarilhos, mas o polícia odioso estava connosco na sala e eu lembrava-me constantemente da forma como ele nos tratara, apesar de não termos feito nada de mal. O mero pensamento no que ele faria e diria, se soubesse que tínhamos *realmente* prevaricado, foi suficiente para ficar de bico calado.

– Por exemplo, isto – disse ela.

A minha boca estava seca e voltei a sentir-me nauseada, exatamente como fiquei na altura em que Jude me mostrou a pulseira. Mantive-me em silêncio.

– Os pais dela não a reconheceram. Nós achamos que é uma grande coincidência que estivesse escondida num livro onde a Judana guardava artigos sobre a *Sereia de Brighton*. Isto pertencia à Judana ou à *Sereia de Brighton*?

Eu não consegui dizer nada. Queria falar, mas não conseguia.

– Esta pulseira pertencia à Judana? – insistiu a agente. Aquela mulher-polícia não me deixara muito preocupada aquando do interrogatório anterior, mas agora apercebia-me até que ponto ela era perspicaz. Só me mostrara a pulseira depois de obter de mim toda a informação possível.

Assenti com a cabeça.

– Ela tirou-a do cadáver que ambas encontraram?

Acenei hesitantemente com a cabeça. Estava apavorada.

– Foi por isso que a Judana fugiu? Ela roubou a pulseira e tu disseste-lhe que ias denunciá-la?

Sacudi vigorosamente a cabeça.

– Eu nunca a denunciaria. Nunca.

– Compreendo – disse a mulher-polícia, olhando-me fixamente. – Sabes onde está a Judana, mas não queres dizer porque ela te pediu para mentires, é isso?

– Não, não – respondi. – Eu realmente não sei onde ela está. Quem me dera saber. Se soubesse, dizia-vos. Se tivesse notícias dela, dizia-vos, garanto. Eu só quero que ela volte. Ninguém o deseja mais do que eu.

A mulher-polícia acenou com a cabeça. Não sabia se tinha acreditado em mim ou não, mas pediu-me que a contactasse assim que soubesse de alguma coisa. Depois, recostou-se na cadeira e

consultou as suas notas.

Assim que parei de falar com a mulher-polícia, virei a cabeça na direção daquele polícia horrível, que se mantinha parado junto à lareira, como uma estátua maligna. Foi mais forte do que eu. Ele estava de lábios revirados, mostrando uma expressão vitoriosa, com olhos semicerrados, como quem diz: *Eu tinha razão acerca das duas. Não passas de uma miúda reles, uma galderiazinha.*

De repente, o meu pai interveio e colocou-se entre mim e o agente, impedindo o polícia de fazer o que estava a fazer. Eu só conseguia ver as costas robustas do pai, mas calculei que estivesse de braços cruzados sobre o peito, a olhar intensamente para o polícia, de forma a que ele soubesse que iria proteger-me de tudo o que tentasse fazer.

Não tem importância, queria dizer ao meu pai. Pouco me importa o que o polícia pensa de mim, como olha para mim ou o que tenciona dizer-me. Desde que ajude a encontrar a Jude, não é alguém a quem eu dê grande importância.

Atualmente

Nell

Sábado, 24 de março

Os estores do meu escritório estão corridos, pelo que a sala está parcialmente mergulhada na penumbra. A luz no exterior está demasiado fraca para impor a sua presença no interior da sala. É, de certa forma, reconfortante contemplar à média luz as formas que habitam o nosso mundo.

Tenho três computadores que utilizo para encontrar pessoas. Um deles nunca está ligado à Internet, por isso é lá que guardo os meus ficheiros, isolados de tudo o que serve para nos “rotular” e revelar informação vital a outras pessoas. Outro serve unicamente para navegar na Internet, funcionando com um *software* e um sistema de proteção de dados bastante sofisticado. O terceiro serve de apoio aos outros dois. O computador de apoio está em cima da cómoda, que também é utilizada para guardar pastas, e os outros dois, lado a lado, em cima da minha secretária. À volta dos ecrãs há *post-its* e notas coladas em vários pontos. Tenho placares de informação enormes espalhados pela sala e um quadro branco com árvores genealógicas, impressões de sequências de ADN, informação sobre as pessoas que estou a auxiliar em pesquisas, artigos de jornais e outros documentos impressos. Há também desenhos que os filhos da Macy me foram fazendo ao longo dos anos.

Neste momento, estou a olhar para uma fotografia da Jude que coloquei no placar, por trás da minha secretária.

Não tenho muitas fotografias dela. Fomos amigas e adolescentes muito antes das *selfies* e das redes sociais, quando ainda não se armazenavam fotografias nos telemóveis. A nossa amizade remonta ao tempo em que tínhamos de levar a máquina fotográfica à loja, se quiséssemos ter a fotografia. A que tenho no placar é uma fotografia das duas, no nosso primeiro dia no secundário, mas cortei a parte onde estou, por isso vê-se apenas a Jude, no nosso jardim. Está com o cabelo preso em duas bonitas tranças, usa pequenas argolas de ouro e sorri para a máquina.

Eu e a Jude éramos extremamente parecidas e chegadas, mas simultaneamente muito diferentes. Ela fazia-me rir, irritava-me, assustava-me e fazia-me inveja quando conseguia algo que eu não tinha. E depois, desapareceu.

1993

Nell

Quinta-feira, 26 de agosto

– Temos de ir a Blechington Road buscar a tua farda completa...

Alguém bateu violentamente à porta de entrada, interrompendo subitamente a minha mãe. Todos demos um salto à mesa de jantar e ficámos paralisados com a intensidade do som.

Nunca ninguém batera à nossa porta com tanta força, muito menos à hora do jantar. O meu pai foi o primeiro a recompor-se e a mover-se, levantando-se do lugar e preparando-se para ir abrir a porta.

Mas, de repente, ouviu-se novo estrondo. Aparentemente, alguém tinha arrombado a porta ao pontapé e ela acabou por ceder, batendo violentamente contra a parede.

Depois ouviram-se passos vindos do corredor – ruidosos, determinados, retumbantes, ameaçadores. Soavam como um exército a vir na nossa direção, avançando tumultuosamente para nós, sem dar sinais visíveis de que iria parar.

O meu pai estava junto à porta quando eles chegaram – seis homens de uniforme, todos enormes, com expressões assustadoramente fechadas. Nenhum deles parou, nem mesmo por instantes, continuando a correr na direção do meu pai.

A Macy começou a gritar, a minha mãe encolheu-se na cadeira e eu levantei-me. Vários pares de mãos agarraram no meu pai e empurraram-no, forçando-o a deitar-se na carpete castanha estampada com tanta violência que seu corpo produziu um ruído surdo ao embater no chão.

A Macy entrou em histeria e gritava de forma ensurdecadora. A minha mãe estava absolutamente imóvel, petrificada.

Eu decidi agir. Corri para diante, agarrei-me aos homens que estavam a prender o meu pai e comecei a puxá-los para trás, mas os dedos escorregavam-me naqueles uniformes ásperos. Eu jamais poderia competir com a força deles, mas não desisti e continuei a tentar ajudar o meu pai... Só que, claro, não estava a ajudar nada. A Macy gritava, a minha mãe estava inerte na cadeira e eu fiquei pregada ao chão, demasiado abalada para fazer o que quer que fosse.

Seis homens imobilizavam o meu pai. Um dos polícias estava com o joelho assente ao fundo das suas costas; outro tinha as mãos no seu pescoço e no rosto; e um terceiro parecia assentar todo peso do corpo sobre ele, tentando causar-lhe o máximo de dor possível.

Eu não me conseguia mover nem pôr fim àquilo.

Nunca tinha presenciado tamanho ato de violência. Era diferente do que se via na televisão. Aquilo não era distante nem encenado. Era real e estava a acontecer ao vivo. Era bárbaro. Tudo o que eu podia fazer era observar. Vi os músculos faciais do meu pai estirados pela tortura, o corpo retorcido e preso de forma pouco natural, o sangue a escorrer da boca. Era brutal, terrível, absolutamente cruel e desumano. Já nos tinha constado que eles podiam ser assim, que as pessoas que juraram proteger-nos podiam ser terrivelmente violentas, mas achávamos que isso só acontecia

aos outros – aos criminosos, aos culpados, e não a pessoas que viviam nos bairros mais decentes de Brighton, que tinham empregos, frequentavam escolas e pagavam as contas a tempo, como nós. Aquele tipo de coisas só acontecia a gente pouco respeitável

– *Sr. Okorie* – disse o polícia com a cicatriz na face, o ódio estampado nos olhos, ao chegar à entrada da sala. Parecia satisfeito com ele próprio, ao ver o meu pai imobilizado no chão, como se um dos seus sonhos estivesse, finalmente, a ser concretizado.

Olhei para ele e percebi imediatamente o que era aquilo. O meu pai fizera-o sentir-se pequeno, fraco e estúpido. Ele sabia que jamais o poderia enfrentar fisicamente e sair em vantagem, por isso optou pela segunda melhor solução: arranjar quem o enfrentasse por ele.

– *Sr. Okorie* – repetiu o polícia. – Voltamos a encontrar-nos, e, de alguma forma, eu até *sabia* que seria nestas circunstâncias. – Continuou parado à entrada, enquanto falava. – Lembra-se de quando foi apanhado a conduzir em excesso de velocidade, naquele Natal, há 11 anos? Ah, sim, o seu advogado alegou que o senhor estava com uma taxa de álcool no sangue de 0,08 e que, portanto, estava simplesmente *no* limite, mas todos sabemos que a lei é para ser respeitada. Não é possível torná-la mais elástica para beneficiar alguém. Porque estou a abordar este assunto? Porque graças a esse “incidente”, eu e os meus colegas conseguimos as suas impressões digitais. Depois de analisarmos todas as impressões digitais encontradas no quarto de Judana Dalton, surgiram provas de que o senhor esteve no quarto dela. Na verdade, as suas impressões digitais estavam por toda a parte. Um homem adulto jamais deveria tocar em certos pontos do quarto de uma jovem. O que nos levou a pensar que o senhor está envolvido no desaparecimento da menina Dalton e, provavelmente, também no homicídio da jovem que a sua filha, por estranha coincidência, encontrou à beira-mar.

Não! Isto não está certo! Isto não é verdade!, gritei em silêncio. *O meu pai é o homem mais gentil do mundo! Ele jamais faria o que está a dizer!*

A minha mãe, já de olhos bem abertos por estar surpreendida com os acontecimentos, abriu-os ainda mais. A Macy parara de gritar, a dada altura, e eu olhei para ela, para ver se ela entendia o que se passava. Estava com as mãos no rosto e tinha os ombros a tremer.

– É uma pena que a sua família tenha de assistir a isto – continuou o polícia. – Mas nós tínhamos a certeza de que um... *negro* corpulento como o senhor iria resistir à detenção, por isso não podíamos correr riscos.

Abanei a cabeça. *Não, não. Isto não pode estar a acontecer.*

– Levem-no e informem-no dos seus direitos.

Os seis homens de uniforme ergueram o meu pai e levaram-no como se fosse um pedaço de carne, e não um ser humano. O meu pai não resistiu, não disse uma palavra. Mal se conseguia mexer. Não precisavam de lhe fazer aquilo. Não precisavam de o tratar daquela maneira.

O polícia da cicatriz olhava-me fixamente, tentando manter uma expressão composta, para esconder a satisfação que a situação lhe estava a dar.

– Voltaremos a ver-nos em breve, menina Okorie – despediu-se ele, com um sorriso quase impercetível. – Muito em breve.

Há dois meses não me fizera chorar, como pretendia, mas finalmente apanhou-me. E, mais importante do que isso, apanhou o meu pai.

Atualmente

Macy

Sábado, 24 de março

As crianças estão a comer gelado em taças pequenas, com minúsculas colheres de madeira. Escolheram os sabores que queriam, abusaram no granulado e agora estão sentadas do mesmo lado do banco de piquenique de madeira, a implicarem umas com as outras, por entre colheradas de gelado. Ainda não está suficientemente quente para gelados, mas quando o Shane sugeriu – em voz baixa, para que elas não o ouvissem –, eu assenti. Sobretudo, porque queria compensá-las pela porcaria de semana que tinham pela frente, embora ainda não o soubessem.

Observo-as e recordo a época em que a Nell, a Jude e eu podíamos fazer o mesmo. O meu pai levava-nos a um sítio qualquer e nós sentávamo-nos as três juntas. A Nell e a Jude usavam frequentemente o seu código secreto para falarem, mas, de vez em quando, deixavam que me juntasse a elas. Por vezes, o meu pai comprava-nos gelados, mas nós não podíamos contar à mãe, porque ela iria perder a cabeça por comermos gelados na rua *e* comprarmos comida em carrinhas que, segundo ela, eram palácios de germes.

Ao longo dos anos, tenho tentado perceber em que altura as nossas vidas mudaram. Em que momento deixáramos de poder fazer coisas como ir ao parque, passar tempo num dos minimercados do meu pai ou simplesmente vivermos como uma família normal.

Eu costumava pensar que tudo tinha mudado a partir do momento em que a Nell e a Jude encontraram aquele cadáver na praia. Eu sei que devia tratá-la pelo tal nome, mas, se o fizer, a coisa ganha contornos vagamente românticos e de mistério – um mistério que resistiu à passagem do tempo. Aliás, estou convencida de que é exatamente dessa forma que todos o veem. Mas para quem vive na realidade, para quem está do outro lado do mistério, não parece assim tão romântico, encantador ou intrigante.

A Nell e a minha mãe devem achar que as nossas vidas mudaram quando o meu pai foi preso pela primeira vez, e eu não as posso censurar por isso. Presenciar a barbaridade da detenção, ouvir a voz daquele polícia, sentir o terror da Nell e da minha mãe, e não poder fazer nada, foi uma das piores experiências da minha vida. Mas não foi nessa altura que a nossa vida mudou.

– *Mamã...* – diz o Aubrey, num tom bajulador muito bem ensaiado. É o mais novo, aquele que me deixa mais tentada a encarar como um bebé, portanto, o que mais hipóteses tem de conseguir tudo o que quer, e a quem os outros dois habitualmente recorrem, quando querem pedir alguma coisa.

– Sim, querido? – respondo-lhe, no mesmo tom.

– Podemos comer mais um bocadinho de gelado? – pergunta ele.

Olho sucessivamente para os três. Todos estão com um ar suplicante: *Deixa, raramente comemos gelados. Por favor, mãe. Podemos? Vais deixar-nos comer mais gelado? Vais?*

– Claro que sim. Porque não? – replico.

De qualquer forma, a semana vai ser absolutamente infernal. Porque não permitir que a enfrentem de dentes podres, com altos níveis de açúcar no sangue?

O papá tinha vários minimercados ao longo da costa, chamados *Da Nossa Terra*, mas o de Hove foi o primeiro a abrir e era o maior. Quando as pessoas começaram a ir à loja, ficaram curiosas com a fruta e as verduras provenientes de todas as partes do mundo que vendia. Ele costumava contar a mim e à Nell que os clientes passavam horas a escolher coisas e teciam comentários do gênero: “Como é que eu vou cozinhar isto? Como se come isto? A que sabe isto?”

Ele organizava sessões de prova, lições de culinária e distribuía folhetos com receitas. Demorou algum tempo, mas, a dada altura, as pessoas começaram a visitar regularmente a loja. Manteve-se no ramo durante quase 10 anos, e depois comprou a loja ao lado e expandiu o negócio, abrindo vários minimercados ao longo da costa. O de Hove ocupava uma parte substancial da área de lojas cujas traseiras davam para a beira-mar, e estava tão integrada na comunidade como a loja de peixe e batatas fritas, cinco portas mais abaixo.

Uma semana depois de o meu pai ter sido preso, a loja de Hove foi vandalizada. Alguém escreveu “ASSASSINO” na montra. Na noite seguinte, alguém partiu a montra da frente. Mas não foi bem nessa altura que as nossas vidas mudaram.

Tudo mudou de forma irremediável na altura em que a Jude desapareceu.

Não na noite em que todos pensaram que ela tinha fugido, mas na noite em que *realmente* desapareceu. Foi *nessa* noite que tudo descambou e que eu testemunhei o que iria lentamente enlouquecer-me durante mais de metade da minha vida. Foi nessa noite que percebi que nunca mais poderia confiar no meu pai.

Nell

Sábado, 24 de março

Ele precisa de te ver.

Esta noite, recebi mais cinco mensagens daquelas. Mais cinco. Leio a última na cama, às 23h30. O que pensa ele que vai acontecer? Que vou meter-me no carro e conduzir até lá neste preciso instante? *Como se isso fosse possível.*

Apago a mensagem.

Olho para o telemóvel enquanto o tenho na mão. Passei o dia inteiro a pensar no Zach. Encontrei o número dele, guardei-o no bolso transversal de fecho éclair do meu casaco e acrescentei-o à lista de contactos do meu telemóvel, porque não o queria perder antes de decidir se lhe ia ligar ou não. Havia algo nele que me agradava... Era extremamente autoconfiante e controlado, mas não era minimamente arrogante. Queria vê-lo novamente.

Contudo, sei que o tempo está a passar e estou consciente de que não tenho um ano. Tenho até ao aniversário do homicídio, por isso, são três meses, na melhor das hipóteses. Mas *ele* concordou em dar-me um ano. Consegui regatear depois de ele me dar seis meses. Tenho de encontrar uma ligação genética consistente e tangível que me permita acalmá-lo e conseguir o ano completo.

Portanto, devia mandar uma mensagem ao Zach. Provavelmente, não me devia ocupar com algo não estivesse totalmente orientado para a pesquisa sobre a identidade da *Sereia de Brighton* e sobre o que acontecera à Jude.

Mas os beijos do Zach... Eu pensava que era a tequila que me estava a deixar estonteada, mas era ele. Foi sempre ele. Não conheci muitos homens que me fizessem isso e parecessem, simultaneamente, tipos decentes. Não conheci muitos homens com quem desejasse passar um dia inteiro a trocar carícias e a conversar. Deveria ignorar isso por receio de represálias do homem que me controla? Antes que possa mudar de ideias, escrevo:

Não é bem um telefonema, mas serve, não? N x

E carrego na tecla de enviar.

O meu telemóvel responde quase de imediato.

Sem dúvida que serve. Agora já posso telefonar. J x

Provavelmente, não devia ter feito aquilo, mas nada tem forçosamente de mudar. Terei apenas de

trabalhar duas vezes mais, para me certificar de que cumpro o meu prazo de três meses.

Atualmente

Nell

Domingo, 25 de março

Trim, trim, trim.

Nem preciso de olhar para o relógio para saber que horas são. Ontem estive de folga, por isso hoje ela está a tentar ligar novamente. À mesma hora, mas num dia diferente. Esta é a minha realidade desde que encontrei a *Sereia de Brighton*, desde que a Jude desapareceu. A isto, não posso fugir.

Trim, trim, trim.

Esta é a minha segunda oportunidade. Uma hipótese de me redimir do que fiz ontem ou no último ano.

Trim, trim, trim.

Não me apetece atender o telefone. Não sei porquê, mas simplesmente não me apetece. Não consigo enfrentar. Hoje, quero esconder-me e não ter de lidar com nada.

Depois da euforia de ontem, a realidade abateu-se sobre mim esta manhã e não me parece que o consiga fazer. Não consigo lidar com as preocupações da Macy e com tudo o resto ao mesmo tempo.

Trim, trim, trim.

Não vou atender. Não o vou fazer.

Trim, trim, trim.

1993

Nell

Terça-feira, 12 de setembro

– Tu sabes que ele andava a comer a tua amiga, não sabes?

O polícia odioso da cicatriz na face e olhar carregado de ódio chamava-se John Pope e estava à minha espera na paragem de autocarro. Só o vi quando saí do 1A com os outros miúdos.

Mas quando todos dispersaram e seguiram os respetivos caminhos em diferentes direções, dei de caras com ele, de braços cruzados, encostado ao abrigo da paragem. A Jude desaparecera há dois meses. Sem ela, o mundo parecia enviesado, estranho na forma, despojado de cor. O meu pai fora preso há pouco mais de duas semanas. Entretanto, tinha sido libertado sem acusações, porque se veio a concluir que a “prova” de que ele estivera no quarto da Jude eram as impressões digitais em livros que tinham vindo de minha casa. Era habitual o meu pai ajudar-nos com os trabalhos de casa. Por vezes, eu deixava os meus livros em casa da Jude e ele ajudava-nos com os livros dela. Tudo o que tinha impressões digitais do meu pai tinha também as minhas. Não havia impressões digitais dele em qualquer outra parte do quarto da Jude, apesar do que o John Pope dissera da primeira vez.

O meu pai voltou a ser detido há uma semana. Desta vez, porque uma testemunha telefonou a dizer que vira um homem que correspondia à descrição do meu pai com uma rapariga que correspondia à descrição da Jude na noite em que ela desapareceu, e que ele tinha sido visto à beira-mar na noite em que a *Sereia de Brighton* foi encontrada. Da segunda vez que o prenderam, conseguiram obter a autorização necessária para o manter sob custódia durante quatro dias, enquanto seguiam diferentes linhas de investigação, até que tiveram de o libertar, pois já não podiam mantê-lo preso por mais tempo.

Depois dessa segunda detenção, era frequente ver o John Pope por perto, a observar-me, a vigiar-me – basicamente, a perseguir a minha família –, embora ele nunca viesse falar comigo. Mas naquele momento decidiu abordar-me, e eu não conseguia arredar pé, tal como da primeira vez que tinham prendido o meu pai. Queria mexer-me, mas as pernas não obedeciam.

– Tu sabes que é verdade, não sabes? O teu pai andava a comer a tua amiga e livrou-se dela, para ter a certeza de que ninguém descobriria. Talvez ela estivesse grávida. Talvez ela fosse contar alguma coisa, mas tu sabes que foi ele que o fez. E sabes, bem lá no fundo, que é provável que também andasse a comer a pobre rapariga que encontraste.

Era impossível. O meu pai não fez tal coisa – nunca o faria – e a Jude também não. Queria dizer-lhe isso, mas sabia que se falasse com ele, o tipo arranjaría algo mais para me dizer, contaminando os meus ouvidos com afirmações horríveis e corroendo-me por dentro com imagens hediondas. Se lhe respondesse uma vez que fosse, ele jamais me largaria.

É um doente, pensei. Doente e nojento.

– Como é que isso te faz sentir? – perguntou ele. – Saberes que o teu pai é um pervertido? Ou

será que já sabias que ele é um depravado?

Tudo isto era por minha causa. Não devia ter alinhado com a Jude naquela noite, não devia ter permitido que ela me convencesse a acompanhá-la até à festa. Devia ter-lhe dito que não e nada daquilo estaria a acontecer.

– Pensa nisso – disse o John Pope, ao afastar-se. – Pensa nisso.

Sábado, 16 de outubro

“A polícia de Eastbourne diz que o corpo da jovem que foi descoberto na praia, às primeiras horas da manhã de hoje, *não* pertence a Judana Dalton, a adolescente de Hove que está desaparecida. A menina Dalton desapareceu de casa a 15 de julho. A polícia considera a morte desta jovem suspeita e está a ligar o incidente à morte da jovem a quem foi dado o nome de *Sereia de Brighton*, descoberta pela menina Dalton e pela sua amiga, Enelle Okorie, na praia de Brighton, em junho deste ano. Daremos mais detalhes à medida que os formos obtendo.”

O silêncio explodiu na nossa sala de estar. Não estávamos a conversar quando começaram a transmitir as notícias, mas naquele momento um silêncio diferente parecia ter-se abatido sobre nós. A mãe parou de fazer croché; a Macy, que estava estendida no chão, em frente ao sofá, levou imediatamente um dedo à boca e começou a roer a unha; o pai, que fazia as palavras-cruzadas, parou e olhou para a televisão; e eu apertei mais os joelhos contra o peito, tentando encolher-me tanto quanto possível.

Quarta-feira, 20 de outubro

– Ele esteve aqui connosco durante toda a noite – disse a minha mãe aos agentes da polícia. – Ele estava aqui.

Não estavam de uniforme e tinham acabado de bater à porta. Foram educados – quase atenciosos – quando pediram ao meu pai que os acompanhasse à esquadra, para responder a algumas perguntas sobre a jovem a quem fora dado o nome de *Sereia de Eastbourne*.

Mais uma sereia. Mais uma jovem por identificar, estrangulada e abandonada sem sapatos, com sinais de atividade sexual – possivelmente estupro (os jornais davam a entender que ela fora repetidamente violada.) A jovem fora encontrada muito perto de uma das lojas do meu pai (“muito perto” significava uns bons 15 minutos a pé.)

Os agentes dirigiram um sorriso astuto à minha mãe. Era evidente que já tinham ouvido aquele tipo de conversa da boca de familiares de um suspeito, e voltaram a pedir ao meu pai que os acompanhasse à esquadra para uma conversa.

Ele foi buscar o casaco e assim que fechou a porta percebemos que tudo iria recomeçar e que seria bem pior do que anteriormente.

Segunda-feira, 25 de outubro

– Tu és a Nell Okorie?

Era um grupo de miúdos – aí uns 10 –, quase todos rapazes, mas havia também algumas raparigas. Os rostos eram vagamente familiares. Creio que eram quase todos do 10.º ano, portanto, ligeiramente mais velhos do que eu. Sob a luz ténue do crepúsculo, a pele clara daquelas faces parecia acinzentada, e todos eles estavam com a mesma expressão: de boca cerrada numa linha muito fina e um olhar duro e malicioso.

Eu tinha cortado caminho pelos campos, nas traseiras da escola, para apanhar um pequeno atalho que me conduziria a uma paragem de autocarro mais próxima de casa. Evitava a habitual paragem de autocarro, na rua principal, porque tinha a sensação de que todos olhavam para mim. Outra sereia, duas detenções, uma “conversa sob custódia”, a palavra “ASSASSINO” maldosamente escrevinhada na montra da loja de Hove, mais do que uma vez e incontáveis rugas domiciliárias. É claro que todos sabiam quem eu era. A Macy não passava, aparentemente, por tantas dificuldades – continuava a ter o seu grupo de amigos e os olhares, os comentários e os sussurros não pareciam incomodá-la. Talvez fosse diferente comigo, por ter sido eu a encontrar a primeira mulher e por ser amiga da Jude, mas eu não suportava aquilo, por isso comecei a seguir por aquele caminho, depois das aulas. Quando chegava à paragem, alguns autocarros já tinham saído, transportando grande parte dos miúdos, e eu conseguia chegar a casa sem dar muito nas vistas.

Não sabia há quanto tempo aquele grupo me seguia, e naquele momento estava cercada por eles. Não respondi ao rapaz que me fizera a pergunta, pois achei que ele não a faria se não soubesse a resposta.

– És a Nell Okorie? – perguntou outro rapaz, ainda mais alto do que o primeiro, que estava ao seu lado.

Mantive-me em silêncio e olhei para o espaço entre ambos. Se me movesse rapidamente, conseguiria meter-me pelo espaço vazio entre os dois e fugir. Consequiria chegar ao atalho, que era uma ladeira sempre a descer, passar pela linha de árvores, pela vedação e sair para a rua principal. Não me fariam nada na rua principal, pois haveria muita gente por lá. Se eu conseguisse lá chegar, estaria a...

O primeiro empurrão veio de trás, tal como o segundo, e nem sequer tive tempo para me endireitar, porque fui projetada para a frente e aterrei de gatas, arranhando a pele na terra fria e dura.

Depois, quando ia a levantar-me...

– Assassina! – disse desdenhosamente um deles, instantes antes de sentir uma explosão de dor de lado. Alguém me tinha dado um pontapé.

– Assassina! – disse outra voz, seguida de outro pontapé.

– Assassina! Assassina! Assassina! – De repente, a palavra ecoava por toda a parte. Levei as mãos aos ouvidos e curvei-me para a frente, encolhendo-me o máximo possível, enquanto eles me pontapeavam e cantarolavam. – Assassina! Assassina! Assassina!

– Não podes contar ao teu pai – disse-me a minha mãe, enrolando-me uma ligadura à volta do torso. Não tinha nada partido e não precisava de ser vista por um médico nem de ir ao hospital, explicara-me ela, mas como eu quase chorava sempre que dava um passo e me retraía quando respirava, ela decidiu enfaixar-me.

Ao fim de algum tempo, o grupo já se tinha fartado da brincadeira e acabou por fugir. Eu deixei-me ficar enroscada, em sofrimento e cheia de frio, durante longos minutos, pois queria ter a certeza de que eles não estavam à espera que eu me endireitasse para me continuarem a bater.

– Ele já tem tanto com que se preocupar. Não lhe fales disto.

Eu sabia que não podia contar ao meu pai, tal como não lhe podia contar que aquele polícia horrível continuava por perto.

Quando a minha mãe terminou, abotoei cuidadosamente a camisa, tentando não arquejar sempre que me mexia. Ela envolveu-me gentilmente nos seus braços, mas não me puxou contra ela para me abraçar.

– Lamento o que te fizeram. É uma injustiça – prosseguiu ela –, mas, por favor, Enelle, por favor, não contes ao teu pai, porque ele vai ficar destroçado e isso causará problemas a toda a gente.

– Eu sei, mamã – respondi, com um aceno de cabeça.

Como eu não desci para jantar e fiquei no meu quarto a pôr gelo nos hematomas, a minha mãe explicou ao meu pai que eu tinha apanhado uma constipação e precisava de me deitar cedo.

Terça-feira, 16 de novembro

– Tu és a Nell...

Desta vez, o rapaz era um estranho, mas eu nem sequer lhe dei tempo para terminar a frase e comecei a correr. Ainda estava com o corpo dorido da última carga de pontapés que levava, mas corri tão depressa quanto pude, deixando que as pernas me levassem para longe daquele perigo potencial.

Fazia isso sempre que alguém se aproximava e me perguntava se eu era a Nell. Por vezes, nem sequer lhes dava uma hipótese de falarem comigo.

1994

Nell

Sábado, 12 de março

A forma como bateram à porta soava familiar. Espreitei para fora da sala de estar e olhei para as duas silhuetas obscurecidas pelo vidro fosco da porta da entrada.

A polícia.

Eu sabia que era a polícia porque tinham aparecido mais três. Ao todo, já tinham encontrado quatro “sereias” ao longo da costa. Sempre que uma jovem era encontrada, a unidade especial de polícia destacada para lidar com aquela série de crimes hediondos vinha falar com o meu pai. Depois, levavam-no, mantinham-no sob custódia uma noite – por vezes duas – e faziam tudo o que era possível para o excluir da investigação.

O meu pai estava ligado aos crimes por mais do que uma razão: as pobres raparigas tinham sido encontradas em Brighton, Eastbourne, New Haven e Seaford – locais onde ele tinha lojas; a sua filha encontrara a primeira vítima; a amiga da filha desaparecera; e havia um polícia convencido de que ele era culpado e que provavelmente estaria a envenenar-lhes os ouvidos de todas as formas possíveis.

Eu costumava cuidar da minha mãe de cada vez que o meu pai saía acompanhado por dois agentes da polícia. Ela parecia perder vida, apagar-se um pouco mais, repetindo vezes sem conta que ele podia ter morrido da primeira vez que tinha sido preso. Era quase como se estivesse a preparar mentalmente para algo, embora eu não soubesse ao certo o quê. Seria para o dia em que ele não voltasse? Para o momento em que se viesse a concluir que ele era culpado? Eu e a Macy encarregávamo-nos das tarefas do meu pai sempre que o levavam: ela regava o jardim; eu cozinhava e mantinha a casa tão imaculada quanto possível. A minha mãe ficava sentada, a olhar para o ar. Tomava as bebidas quentes que lhe fazíamos, comia a comida que lhe levávamos em tabuleiros ao quarto, mas mal comunicava.

A minha mãe metia-se na cama sempre que lhe tiravam o meu pai e às vezes também quando ele lá estava. Era uma pessoa delicada. Todos os que olhavam para ela assumiam que era resiliente, forte e invencível, devido à sua profissão, à sordidez e aos horrores com que se confrontava diariamente – o paradigma da “Negra Forte”. Mas, na verdade, ela era frágil. A sua força advinha da certeza de ter o marido por perto – de dar por garantida a sua presença a seu lado, como um porto de abrigo. Tudo aquilo desgastava-a. Como o esmalte de um dente que se vai erodindo até restar apenas polpa mole, e tudo passa a causar dor, também ela se fora consumindo até tudo ser doloroso. A única coisa que podia fazer era retirar-se do mundo e esperar que este melhorasse.

OuvIU-se bater à porta outra vez.

A minha mãe estava na cama e o meu pai na estufa do jardim, a plantar e a podar plantas. A Macy estava no quarto, provavelmente sentada na cama, com um livro aberto sobre o colo, de dedo na

boca, a roer as unhas, já bastante mordidas, e a mastigar pedacinhos de pele seca dos lábios.

Eu estava na sala de estar, a olhar para a televisão, fazendo de conta que tudo estava normal, dentro e fora de casa.

Ninguém mencionara o letreiro a dizer “Vende-se” que, meses antes, aparecera no exterior da casa da Sra. Breers. Todos fingimos que não tínhamos visto uma carrinha levar a Sra. Breers e os seus pertences – dois dias depois das notícias sobre o aparecimento de outra “sereia” –, embora ela ainda não tivesse vendido a casa. E, certamente, não iríamos admitir que sentíamos o peso da curiosidade dos nossos vizinhos sobre o tipo de depravações e perversidades que se escondiam no interior do nosso lar “normal”.

Bateram à porta pela terceira vez. Nessa altura, tive de me mexer. Aproximei-me lentamente da porta da frente e abri-a. Talvez estivesse enganada. Talvez fosse outra pessoa.

– Bom dia, Enelle. Posso falar com o teu pai?

Sexta-feira, 27 de maio

Já eram cinco, ao todo. A última aparecera em Peacehaven e era um pouco mais velha do que eu. Mais uma rapariga tratada da mesma forma e deixada ao abandono, sem nome, sem identidade, sem que fosse possível provar que, um dia, existira neste mundo – tal como as outras – e que fora, em tempos, muito mais do que o cadáver que a polícia teria agora de investigar.

A Jude. Sempre que acontecia, eu pensava na Jude. Seria ela uma sereia algures? Passara praticamente um ano e continuávamos sem ter notícias dela. Teria aparecido em algum sítio sem que lhe pudessem dar um nome, para sempre perdida das suas origens, como estas jovens? Continuava a sentir a falta dela todos os dias. Essa sensação de perda parecia fluir em tudo, como a torrente imparável de um rio que deixa para atrás o eco do medo do que lhe poderia ter acontecido.

Quem me dera saber o que lhe aconteceu e para onde foi, mesmo que nunca viesse a descobrir porquê. Quem me dera saber que ela estava sã e salva.

Seria ela uma sereia algures? Seria por isso que não tinha notícias dela?

Quarta-feira, 1 de junho

“A unidade especial de polícia destacada para investigar os chamados *Homicídios das Sereias* fez hoje grandes progressos, com a detenção e acusação de um homem de 35 anos, de Shoreham.”

Todas olhámos imediatamente para o meu pai.

Mesmo a minha mãe, que, nos últimos tempos, passava cada vez menos tempo cá em baixo connosco, fez o mesmo que eu: certificar-se de que o marido estava sentado ao nosso lado, quando ouviu a notícia, e que não falavam dele. O homem que fora preso era bastante mais novo do que o meu pai e vivia a muitos quilómetros de distância de nós. Ainda assim, depois de todas as detenções e conversas formais, depois de todas as noites que passámos sem ele, precisávamos de ter a certeza,

ver com os nossos próprios olhos, que não era ele que estava a ser acusado. Ele estava sentado no sofá, com as palavras-cruzadas no colo e caneta na mão. Ele estava ali e outra pessoa era acusada dos crimes.

Isso significava que tudo iria passar. Os nossos vizinhos voltariam a falar connosco, a polícia deixar-nos-ia em paz e o *John Pope desapareceria das nossas vidas*. Podíamos voltar a ser uma família. Conversaríamos juntos na sala de estar, a nossa mãe passaria mais tempo connosco e a Macy deixaria de roer as unhas, mastigar a pele dos lábios e torcer as mãos uma na outra – a última mania. Se aquele fosse o homem que eles procuravam, tudo acabaria bem. Muito bem, mesmo.

Eu fiquei tão eufórica e aliviada que só mais tarde, muito mais tarde, é que me apercebi da reação da Macy. Em vez de sorrir ou de se mostrar aliviada, levantou-se, saiu da sala e só a voltámos a ver na manhã seguinte.

Atualmente

Macy

Domingo, 25 de março

– Viva, mana, bom domingo – diz-me a minha irmã.

Estou a ligar-lhe para ver se recupero, no mínimo, uma parte da semana e consigo passar alguns dias decentes, mas também para lhe transmitir, sem ter de o dizer por palavras, que continuo furiosa por ela não ter atendido a chamada no dia anterior *e* ter desligado o telemóvel. Mas lá está ela novamente a agir como se nada fosse. É evidente que estava a dormir, mas parece tranquila e feliz por ter notícias minhas, não se mostrando nem um pouco irritada por eu lhe estar a telefonar àquela hora.

– Olá. – O meu tom de voz é gelado. Não pretendia ser tão glacial, mas fui. A palavra tem pingentes de gelo.

– O que estás a pensar fazer hoje? Queres que apareça? – Irrita-me o facto de ela agir como se nada se passasse.

– Não – respondo, juntando mais alguns pingentes de gelo, pelo sim, pelo não.

– OK. Tudo bem.

– Estava planeado irmos a casa da mãe e do pai almoçar. Parece que ele colheu umas couves e uns alhos-franceses gigantes.

– Ah, que bom. Manda-me uma fotografia do Aubrey junto de um, por favor – pede a Nell.

Ui! Que rapariga exasperante!

– Sim, está bem. Que tal foi a tua festa de despedida?

– Oh, foi boa. Tirando o facto de o Sr. Witby dizer, no seu discurso, que eu iria regressar ao trabalho num ápice.

Rio-me porque era exactamente isso que eu andava a dizer ao Shane – aquele disparate de “procurar pessoas” não ia dar em nada e ela iria regressar ao trabalho num instante. É bom saber que não sou a única a pensar isso. Tenho a certeza de que ela percebeu o motivo do meu riso, pois não faço propriamente segredo do que penso relativamente ao que ela faz.

– Olha, desculpa por ontem não ter atendido o telemóvel – diz ela, de forma espontânea. – Mas estava ocupada com outra coisa.

– Como assim? – pergunto.

– Eu estava... Eu estava acompanhada.

– O que queres dizer com “estava acompanhada”?

– Como achas que se está “acompanhada”? Estava na cama *com uma pessoa*.

– Ahhhh, *acompanhada*, agora entendo.

– Sim. Não seria correto começar a falar ao telemóvel naquele momento.

– Passaste a noite com ele e ficaste lá dormir e tudo?

- Sim.
- A sério?
- A sério.

Não posso deixar de sorrir. Certa vez, a Nell disse-me que não via motivo para ficar a dormir na casa de um homem, depois de fazerem sexo. Ao perceber como eu ficara chocada ao ouvir aquilo, explicou-me que gosta de sair antes de se confrontar com a habitual conversa da manhã seguinte – o constrangedor “vemo-nos outra vez?” –, o que achei igualmente chocante, para ser sincera. Mas é óbvio que aquele tipo é diferente.

- Vais vê-lo outra vez?
- Macy...

– *O que é?* É uma pergunta perfeitamente simples. – Com um pouco de sorte, ela acabará por dizer que sim. Depois, começará a namorar com ele e talvez casem e façam meninos, o que a levará, finalmente, a PARAR COM AQUELE DISPARATE DE PROCURAR PESSOAS NOS COMPUTADORES.

- Uma pergunta à qual não vou responder. Então, que outras coisas vão fazer hoje?
- O habitual: trabalhos de casa, passar a ferro e prepararmo-nos para a semana que vai começar.
- Tens a certeza de que não queres que eu passe por aí? Tu sabes como sou ótima a passar a ferro.

Eu estava aborrecida com ela, certo? Pois, mas agora já não estou. A minha irmã tem um jeitinho especial para isso.

- Não, fica para o próximo sábado. Estava a pens...
- Se decidires telefonar-me no sábado de manhã, avisa-me antes, não vá eu esquecer-me, percebes?

Sorrio. Ela tem, de facto, jeito para aplacar as minhas fúrias.

- OK, mas tens a certeza de que não estarás novamente ocupada com outra coisa?
- Ah, como se eu fosse cair nessa! Não vou responder a essa pergunta, Mace. Falo contigo durante a semana, OK? Adeus.

– OK. Adeus. – *Adoro-te*, acrescento para mim mesma, assim que ela desliga. Não o chego a dizer. Isso seria uma estupidez.

– Era a Nell? – pergunta o Shane, ao entrar na cozinha. Está com o equipamento preto de corrida – calções de licra até aos joelhos, camisola de alças preta, bem justa, meias pretas, ténis de corrida verdes fluorescentes e auriculares brancos, ligados ao leitor de música. Todos os domingos de manhã, o Shane sai para uma corrida de 20 quilómetros, para treinar para a maratona em que nunca se inscreve. Diz que o desanuviava. Correr uma meia-maratona todos os domingos prepara-o para esse momento futuro em que irá, de facto, percorrer os 40 quilómetros diante de milhares de pessoas, incluindo as crianças e eu.

– Sim.

– Como estás a sorrir, presumo que o telefonema tenha sido positivo.

– Sim, foi.

– Ela disse-te por que razão ontem não atendeu o telemóvel nem cá veio?

Lanço um olhar furioso para o homem que quer ser meu marido. Pediu-me em casamento quatro vezes e, aparentemente, até tem um lindíssimo anel de noivado para me oferecer, mas eu não vou aceitar. Nem agora nem nunca, muito menos se continuar a fazer perguntas sobre a Nell que já devia saber que não pode fazer.

– Sim, disse-me. Estava a fazer sexo – respondo.

Ao ouvir aquilo, o Shane começa imediatamente a corar e vê-se obrigado a desviar os olhos. Depois, coloca os auriculares e vira-se na direção da porta.

– Vemo-nos daqui a umas horas – murmura.

– Sim, até logo – despeço-me, e fico a vê-lo a afastar-se.

Às vezes, sou mesmo uma cabra.

Nell

Terça-feira, 27 de março

Chego ao *The Cricketers* às 19h00. É um bar perto da marginal, na Black Lion Street, e fica apenas a alguns passos do hotel do Zach.

No domingo à noite, o Zach mandou-me uma mensagem escrita a perguntar se eu conhecia algum sítio onde nos pudéssemos encontrar para tomar uma bebida rápida, na terça-feira à noite, e eu escolhi este sítio. O local agrada-me por ser invulgar. É um edifício branco, que parece ter sido encaixado à força num beco e que, aparentemente, terá uns 500 anos. O interior é acolhedor, a pender para o acanhado, quase completamente forrado a veludo vermelho, e o teto está coberto de fotografias emolduradas. É também o tipo de sítio onde se vai com alguém cujas intenções nos levantam dúvidas. Fiquei confusa quando o Zach me convidou para tomar uma bebida, e continuo sem qualquer ideia quando chego junto ao balcão para o procurar.

Passei o dia do outro lado da cidade, a examinar registos, à procura de informação sobre a Janice, um dos membros da minha família alargada no trabalho. Ela quer conhecer a sua árvore genealógica, mas não tem qualquer interesse em fazer a pesquisa, por isso, quando me pediu indicações (o que era, na verdade, uma forma de me pedir que o fizesse), fiz-lhe a vontade. Há uma semana, enviei o meu ADN aos diferentes organismos e hoje recebi uma certidão de nascimento do lado da mãe e uma certidão de casamento do lado do pai, para ir analisando enquanto espero os resultados. As suas ligações familiares parecem incontestáveis, mas tenho esperança de que toda a informação que for obtendo me ajude a descobrir algo mais sobre a Jude, a *Sereia de Brighton* ou ambas.

Nunca tinha sentido este tipo de pressão. Sempre fiz as minhas pesquisas ao meu próprio ritmo, mas agora estou entre a espada e a parede, por isso, tudo o que analiso é vital, importante e *necessário*.

O Zach levanta-se quando eu me aproximo da mesa dele, parte de um compartimento junto à lareira, ao fundo do bar. Diante dele está um copo baixo com um líquido âmbar, que parece uísque ou *brandy*.

– Olá – cumprimenta ele, com um sorriso que se abre e acentua quando chego junto à mesa. Parece não saber se deve inclinar-se e beijar-me na face ou estender-me a mão. Eu também estou na defensiva. Geralmente, quando volto a ver um homem depois de ir para cama com ele, é em casa dele, e normalmente dispensámos as formalidades e partimos imediatamente para o que nos levou lá. Raramente marco encontros formais, portanto, não tenho de saber como cumprimentar um homem em público.

Respiro fundo, sacudo (mentalmente) a cabeça e decido lidar com a situação como se tivesse ido tomar uma bebida com um amigo.

– Olá – retribuo, como diria a um amigo, inclinando-me para o beijar na face direita e depois a esquerda, tal como faria com um amigo.

Ele parece ficar simultaneamente aliviado e agradecido quando o beijo, mantendo as mãos nos meus braços até eu recuar.

– O que queres beber? – pergunta ele.

– O que estás a beber?

Ele sorri ao recordar-se da noite em que nos conhecemos.

– Não é tequila. – Pega no copo e gira o líquido no interior. – *Bourbon* é o veneno escolhido para esta noite. Escorrega bem na garganta e costuma dar-me coragem.

– Precisas de coragem para quê?

– Primeiro encontro decente com uma mulher linda. Achas que não preciso de coragem? – responde ele, olhando-me diretamente nos olhos

Na primeira manhã, estava sempre a chamar-me linda, mas não me pareceu nada forçado ou hipócrita; dizia-o num sussurro, de olhos postos nos meus, como se quisesse que eu o sentisse em todas as partes do meu corpo. Momentos houve em que me senti prisioneira daquela intensidade, sem saber o que pensar dele. Era raro um homem dizer-me aquele tipo de coisas daquela forma. Desvio o olhar, tal como fiz no sábado de manhã.

– Eu... Eu tomo um copo de vinho branco. Aliás, prefiro um rosé, para me fazer lembrar o verão que está a chegar.

– Como pode uma coisa fazer-te lembrar outra que ainda não aconteceu? – interroga ele, aproveitando suavemente o facto de eu ter mudado de assunto.

– Ah, é muito fácil. Basta imaginares o que sentirás ao bebê-lo nos dias em que o sol demora a pôr-se e as noites são tão quentes que cada sopro da brisa se assemelha a uma carícia.

– Isso é muito poético – comenta ele. – Depois de ouvir isso, sou bem capaz de beber um. Saem dois copos de rosé.

Observo-o enquanto se dirige ao balcão, vestido naquele fato elegante, e tento conter a explosão de excitação que sinto no peito e no estômago. Sim, ele é atraente, *sexy* e tudo o mais, mas também me trouxe aqui por um motivo, e nem por um instante me passou pela cabeça que isto fosse um encontro. Pergunto-me se terá mudado de ideias sobre nós e fez questão em dizer-me pessoalmente, por não ser o tipo de homem que desaparece sem dizer nada. Ou, pior do que isso, talvez lhe apeteça ver o horror e a humilhação estampados no meu rosto, quando me disser que me acha indecente por ter feito o que fiz com ele no sábado de manhã.

Miúda reles, galderiazinha. As palavras ecoam-me na mente e sinto imediatamente o estômago às voltas. Não suportaria que o Zach me tratasse dessa forma. Não permitiria que ele se apercebesse da minha dor, mas ficaria extremamente magoada.

Não, o Zach não é pessoa para isso, digo firmemente para mim mesma. *Só os psicopatas fazem*

coisas dessas. E que tal pensares o melhor dele, até teres provas em contrário? Que tal não permitires que o John Pope envenene todos os momentos da tua vida?

– Portanto, deves querer saber porque te convidei para sair esta noite, não é? – começa por dizer o Zach, depois de ambos bebermos um gole de rosé. É ligeiramente azedo e tem um travo a frutos silvestres. O suficiente para me transportar para o verão.

Assinto com a cabeça.

– Bom, queria passar algum tempo contigo. – Baixa o tom de voz e acrescenta. – Fora do quarto.

Volto a assentir com a cabeça, mas continuo em silêncio.

– Quer dizer, não é que não tivesse sido agradável e tudo isso.

Arqueio uma sobrancelha ao ouvir a palavra *agradável*. Ele achou o sexo *agradável*? *Quelle horreur!* Dormimos juntos uma noite e ele descreve-a como agradável?

– Não queria dizer *agradável* nesse sentido – emenda ele rapidamente, apercebendo-se claramente do meu desapontamento com a descrição. – Queria dizer que foi... especial, diferente do que estou habituado. Gostei muito. Tanto que quis ter a certeza de que não estás arrependida ou algo do género.

– Porque haveria de estar?

Ele olha para mim como se eu estivesse a ser deliberadamente obtusa; como se eu estivesse a fazer o possível para evitar algo.

– Não sei. É que...

– *Estás* arrependido? – pergunto-lhe, quando ele para a meio da frase. – Quer dizer, vieste porque achas que se olhares para mim vestida poderás sentir que, afinal, sempre me queres ver nua outra vez?

– Mmm... Não. Por acaso, é precisamente o contrário.

Fico com um ar desconcertado

– Desculpa – digo. – Eu até sou inteligente. Tenho uma licenciatura e uma pós-graduação, mas neste momento estou completamente baralhada. Vais ter de me explicar isso muito bem.

Ele dá um gole no vinho. Depois, emborca o copo de uísque quase todo e olha diretamente para mim.

– Tu estiveste muito bêbeda durante quase toda a noite, naquele dia em que nos conhecemos. No momento em que saíste, no sábado de manhã, já estavas sóbria, mas desde então que me interrogo se a tua relutância inicial em me ligares significava que não estavas tão interessada em mim como eu estou em ti. E se te sentiste na obrigação de me contactares por estares com a consciência pesada.

Ah, *compreendo*.

– Então, quis que nos encontrássemos para tirar as dúvidas. Para perceber se estavas realmente interessada ou se voltavas a não revelar grande interesse em mim. Quis saber se estavas interessada em mim para lá do sexo. E enquanto me ouço a falar, parece que estou também a ouvir as gargalhadas

dos meus amigos, por estar a ser tão frontal e sincero.

– Ah, quem é que quer saber aquilo que os teus amigos imaginários pensam? – digo, a rir. Pouso o copo que estava a bebericar desde que ele iniciara a sua confissão, estico o braço sobre a mesa e toco-lhe na ponta dos dedos com os meus.

– Eu estava a armar-me em... *esquisita* naquela manhã. Faço isso porque é uma forma bastante eficaz de manter as pessoas à distância. É um hábito meu. Mas eu gosto de ti, gosto bastante de ti.

– Apesar da minha aparência? – questiona ele.

O Zach eleva os olhos até eles se encontrarem com os meus, do outro lado da mesa, e eu retribuo-lhe o olhar. Agora percebo *tudo*. A preocupação dele, o motivo por que quis que eu o visse num contexto não sexual – queria saber se eu o aceitava como era, sem cabelo nem sobrancelhas, antes que aquilo fosse mais longe. Receia que isso me incomode, por isso está a dar-me uma escapatória.

– Qual é a tua aparência? – replico. – Para além de seres atraente em todos os sentidos, claro.

Ele sorri, aliviado e ligeiramente eufórico, creio. A excitação que sentira antes volta a invadir-me. Quero estar sozinha com ele. Não apenas pela parte física, mas para que possamos conversar, rir e trocar carícias.

– Só estás a dizer isso para me lebares para a cama – graceja ele.

– Não, não estou – respondo-lhe.

– Ah, não. Porquê?

Sorrio-lhe.

– Em minha casa ou na tua? – pergunta o Zach.

– A tua é mais perto.

– Gosto da tua forma de pensar, Nell, gosto mesmo.

O meu telemóvel emite som no interior do bolso.

É a sétima mensagem “Ele precisa de te ver” que recebo hoje.

Em breve, terei de falar com ele, mas não agora. Por enquanto, não. Abstraio-me daquelas cinco palavras e decido concentrar-me na pessoa com quem estou.

2007

Nell

Sábado, 2 de junho

Vi-o a uma grande distância, recostado num banco, à beira-mar, como se estivesse à espera de alguém. Estava à minha espera, claro. Nunca percebi muito bem como ele sabia onde eu ia estar – para poder esperar por mim –, mas fazia-o constantemente.

O John Pope.

Em seis meses, o caso contra Ralph Knowles, o homem que fora preso pelos chamados *Homicídios das Sereias*, acabou por cair por terra. Os jornais falavam em falta de provas, mas eu sempre desconfiei que algo mais acontecera. Alguma coisa tão grave que não podiam divulgar sem que a polícia ficasse com a imagem seriamente afetada. Tive de ir à esquadra ver se o reconhecia, se o tinha visto à beira-mar na noite em que descobri a *Sereia de Brighton*, e todos suspiraram dramaticamente, mostrando um ar dececionado, quando eu não o consegui identificar.

Quando soubemos que o caso fora arquivado, fiquei apavorada, pois pensei que iam voltar a concentrar as atenções no meu pai e o inferno ia recomeçar. Mas não voltaram nem continuaram a acompanhar rigorosamente nada. Deixaram-nos simplesmente entregues à nossa sorte.

Exceto o John Pope. Esse não se afastou.

Recomeçou a perseguir-nos, seguindo-nos ou aparecendo para uma “conversinha”, recordando-me que achava que o meu pai era um perverso e um assassino. Por mais queixas que apresentássemos, por mais providências cautelares que o advogado do meu pai tentasse interpor contra o Pope, enquanto cidadão, ele não parou. Não descansou enquanto não envenenou Brighton e Hove contra os meus pais. Quando fui para a faculdade, eles venderam a casa e mudaram-se para Herstmonceux (local também conhecido como “o fim do mundo”). O meu pai fechou todas as lojas, três delas definitivamente, incluindo a de Hove, a sua favorita (a primeira), mas também a que fora mais vandalizada. Manteve as restantes três lojas fechadas durante seis meses, reabrindo-as com outros nomes e pessoal novo, pagando a alguém para as gerir de forma a não ser associado a elas.

Quando se mudaram para Herstmonceux, a minha mãe começou a trabalhar numa casa de repouso. A Macy, que sempre fora mais popular do que eu, não pareceu especialmente incomodada por abandonar os amigos. Continuava a roer as unhas, a mastigar a pele dos lábios e a torcer as mãos, mas fez novos amigos na zona e parecia ter uma agenda completa de atividades para ocupar o tempo. Todos nós seguimos em frente, cada um à sua maneira, adaptando-nos a uma nova vida e tentando ultrapassar tudo aquilo.

Só que eu não conseguia, porque o John Pope continuava por perto.

A única altura em que me vi realmente livre dele foi quando estava na universidade e vinha a casa passar algum tempo com os meus pais. De resto, esteve sempre presente, para me assombrar, para *me dar caça*, como, por vezes, me parecia.

Estava vestido com roupa escura e cabelo louro era agora grisalho. Parecia mais magro, o que lhe dava um ar ainda mais perverso, se é que isso era possível.

– Olá, Nell.

Estaquei, sentindo-me ligeiramente surpreendida, pois ele nunca me tratava por Nell. Normalmente, tratava-me por “tu” ou “menina Okorie”. Mas nunca por Nell.

– O que quer? – perguntei, sem olhar para ele, ao ver que não dizia nada.

– Gostava de falar contigo – replicou, como quem se dirige a um ser humano e não à criatura inferior que, conforme sempre deixou claro, achava que eu era. – Gostaria que conversássemos sem animosidade.

O tipo era esperto e manipulador – acabava de reescrever de forma muito hábil a nossa história, para que parecesse que eu fora tão horrível para ele como ele tinha sido para mim.

– Conversar sobre quê? – interroguei.

Ele ficou com uma expressão impassível, quase amigável.

– Por favor, quero apenas conversar. – Apontou para banco com a mão, continuando a falar num tom mais brando. – Por favor, senta-te aqui um pouco comigo. Por favor.

Sentei-me na ponta direita do banco, de frente para o mar.

Em vez de se sentar no extremo oposto banco, sentou-se a meio, demasiado perto de mim para que eu me pudesse abstrair da sua figura, da evidência da sua presença.

– O que quer? – perguntei, ao ver que ele continuava em silêncio.

– Eu... Eu... Eu preciso de te pedir desculpa.

Fiquei paralisada.

– Eu estava enganado – admitiu ele – e portei-me de uma forma execrável, mas estava tão cego, tão desesperado para conseguir resultados que me esqueci de que havia pessoas envolvidas. Pessoas que sofreram durante anos... por minha causa.

Fiquei a ouvi-lo falar, a pedir desculpa, a humanizar a minha família como nunca antes fizera. A proferir as palavras que nenhum de nós jamais esperaria ouvir daquela boca.

Vai-te lixar, disse para mim, pois sabia que tudo o que ele dizia era falso; os ecos da sua desonestidade pareciam chegar ao oceano longínquo.

– Foi finalmente despedido, não foi? – disse eu em voz alta. Era o único motivo pelo qual fazia aquilo. Jamais estaria ali sentado comigo, a tratar-me por Nell e a pedir-me desculpa, se ainda tivesse autoridade policial. – Acabou por atormentar a pessoa errada, alguém que a polícia não poderia ignorar, e eles livraram-se de si.

– Sim – admitiu finalmente o Pope. – Perdi o meu emprego, mas não é por isso que estou aqui.

– Pois não – retorquii, num tom sarcástico. – Claro que não.

– Como foste capaz de a esquecer, Nell? – interrogou ele.

– Esquecer quem?

– A tua amiga Judana. Como foste capaz de esquecer, a ela e à outra rapariga, a *Sereia de Brighton*? Como foste capaz de seguir em frente, como se elas nunca tivessem existido?

– Nunca fiz isso – reagi, horrorizada pelo facto de ele poder pensar tal coisa. – Nunca as esqueci. Penso nas duas todos os dias. Elas são a primeira coisa em que penso de manhã e a última coisa que recordo à noite. Nunca me esqueci delas.

– Mas não fizeste nada para as encontrar.

– O que podia eu fazer? O senhor teve acesso aos computadores, bases de dados e contactos da polícia durante anos e não descobriu nada. Como podia *eu* descobrir?

– Tentaste?

Se tentei? Costumava ir à biblioteca fotocopiar cartazes da Jude, nos quais se lia que estava desaparecida e que se oferecia uma recompensa por qualquer informação que ajudasse a descobrir o seu paradeiro. Foram exatamente essas as palavras que utilizei. Tornavam os cartazes mais sérios, como se tivessem sido feitos por um adulto.

Comprava jornais e verificava os pequenos anúncios, para ver se a Jude me deixara alguma mensagem, pois ambas adorávamos o filme *Desesperadamente à Procura de Susana*, e cheguei a pensar que ela poderia tentar contactar-me dessa forma.

A primeira vez que tive acesso à Internet – e ouvia as pessoas a dizer que se podia encontrar quem quer ou o que quer que fosse através da Internet – pesquisei-a: introduzi o nome e a descrição geral. Na altura, havia muitos motores de busca, mas eu introduzi o nome e a descrição em todos. Depois, introduzia também informação sobre a *Sereia de Brighton*, sobre raparigas negras desaparecidas e sobre raparigas desaparecidas em geral. Mas nada disso produziu resultados.

Eu tentei, mas não cheguei a lado nenhum.

– Sim, tentei,

– Até que ponto tentaste?

– O que quer, afinal?

– Vou ser franco contigo, Nell. Houve uma série de coisas sobre a *Sereia de Brighton* que nunca vieram a público.

– Como?

– Como o facto de o Ralph Knowles, o homem que tivemos sob custódia, ter um álibi inabalável para a noite em que a *Sereia de Brighton* foi morta.

– O quê?

– Embora não de uma forma oficial, tivemos de desligar o primeiro homicídio dos restantes, por haver inúmeros detalhes que não se conjugavam. Na altura, pensámos que os homicídios subsequentes eram uma imitação do primeiro. Que o assassino se inspirara no crime da *Sereia de Brighton*, mas não sabia o suficiente sobre ele para o copiar integralmente, e que o primeiro assassino se afastou por estes homicídios se terem tornado tão famosos.

– Não acredito em si – disse-lhe.

Ele inspirou profundamente pelo nariz. Uma centelha de raiva perpassou-lhe momentaneamente pelo rosto, mas ele camuflou-a rapidamente.

– Eu não te devia contar isto, mas provavelmente a *Sereia de Brighton* foi estrangulada com luvas, pois não foram encontradas impressões digitais. Nas outras foi usado um pedaço de tecido. As restantes vítimas eram ligeiramente mais jovens e todas tinham marcas de cordas nos pulsos e tornozelos, o que significa que estiveram amarradas bastante tempo antes de morrerem. Além disso, o Knowles estava numa cela da polícia de York, por ter andado à pancada num bar, na noite em que a *Sereia de Brighton* foi morta.

Franzi o sobrolho.

– Então, o senhor acredita que ele as matou todas, exceto a mulher que eu encontrei?

– Correto. À exceção da *Sereia de Brighton*, ele estava na zona onde essas mulheres foram mortas, mais ou menos à hora do crime.

– E porque não foi condenado por esses crimes? Os jornais apenas referiam que o caso caíra por terra por falta de provas.

O John Pope parecia desconfortável. Estaria ele envolvido nisso? Teria sido o culpado?

– Na altura, houve algumas deficiências no tratamento das provas forenses, e o advogado dele extrapolou o álibi apresentado para a noite do homicídio da *Sereia de Brighton*. Era evidente que ele era culpado. Assim que o libertaram, ele abandonou a região e as mortes de raparigas... *negras* cessaram. Não podíamos fazer nada para o deter, mas, ao abandonar a região, ele sabia que a polícia continuaria de olho nele para onde quer que fosse. Continuamos a querer apanhá-lo, mas teremos de esperar até que surjam mais provas.

Eu estava abalada, mas não deixei transparecer. Afinal, os crimes não estavam ligados. As outras sereias não eram, de facto, sereias como a primeira – a quem fora atribuído esse nome só por causa da tatuagem –, e o assassino da pobre mulher que eu encontrara, e que escapara impune ao crime que cometera, continuava por aí à solta, servindo de inspiração a outro assassino. A mera possibilidade deixara-me nauseada, assustada. Quantos monstros desses andariam por aí?

– Ainda não me disse o que quer – insisti. – O que tem isso que ver comigo, depois de todo este tempo?

– Nós sabemos que o Ralph Knowles matou as outras raparigas, mas o caso da *Sereia de Brighton* e o da sua amiga... continuam por resolver e estão ligados. Eu sei que estão.

– Mais ninguém acha que os casos estão ligados, não é? – retorqui. – Só o senhor é que continua agarrado a isso.

– Achei que também estavas, Nell. Afinal, ela era tua amiga e foram vocês que encontraram a outra rapariga.

Ele sabia onde me atingir.

– Porque se importa tanto com isso? Não é que tenha grande apreço ou respeito por mulheres ou raparigas negras.

– Isso não é verdade – reagiu ele num tom muito pouco convincente. – Todos são iguais aos olhos da lei e todos merecem justiça. A *Sereia de Brighton* e a tua amiga merecem justiça. Mesmo que tivesses razão e eu não me importasse, não deverias *tu*, pelo menos, importar-te com o que lhes aconteceu?

– O que quer, afinal?

– Quero que colabores comigo. Ainda tenho alguns amigos na polícia e tenho a certeza de que alguns deles me vão ajudar na pesquisa de informação. Mas preciso... Tu nem sequer terias de fazer muita coisa, Nell.

– E o que significa “não ter de fazer muita coisa”?

– Confesso que sempre acreditei que o teu pai estava implicado, aliás, mais do que implicado, pois acreditava que ele era o culpado. Achava que ele tinha levado a tua amiga e que poderia ter atacado as outras mulheres. Mas só foi assim porque não consegui provar de forma conclusiva que ele não estava envolvido.

Não se pode provar uma negativa. O meu pai ensinara-nos isso a mim e à Jude ao ajudar-nos com os trabalhos de casa de Ciências. Não se pode provar a inexistência de nada.

– Tu podes ajudar-me a provar que ele não estava envolvido, Nell.

– Como?

– Procura pistas em casa dos teus pais. Nunca tivemos acesso à casa nova deles, portanto, estarias a fazer essa busca pela primeira vez. Procura algo fora do vulgar, algo que não se encaixe. Talvez encontres alguma coisa que nos ajude a eliminar o teu pai da investigação. Assim que tivermos provas conclusivas de que ele não teve nada que ver com o desaparecimento da tua amiga, poderemos seguir em frente e descobrir quem mais anda por aí que o possa ter feito.

Deixei-o falar: estava quase tonto de entusiasmo com a ideia de que aquilo que dizia podia fazer sentido para mim. Que eu era tão estúpida que não percebia que nunca encontraria a tal pista crucial que demonstraria que o meu pai era inocente e que qualquer “pista” que eu encontrasse iria apenas provar o contrário.

O John Pope não fazia ideia do que a sua vingança fizera à nossa família. Perdemos a capacidade de estar uns com os outros. Limitávamo-nos a viver no mesmo espaço, fazendo o possível por não pensarmos em nada. Os atos do Pope arrancaram pedaços da alma ao meu pai, deixando-o humilhado. Continuava a ser ele próprio – a mesma estatura, a mesma voz profunda e imponente –, mas em momentos de silêncio tornava-se rabugento e distante, em vez de interagir como antes.

Os atos do Pope tinham destruído a minha mãe. Como adulta, entendo o que lhe aconteceu na altura. Quando tinha 15 anos, atribuí-o ao choque de ver o meu pai ser preso repetidamente, mas não era só isso. Já percebia porque é que a minha mãe sempre fora “boazinha” e educada, evitando

meter-se em problemas durante toda vida. Suportara o racismo e o preconceito, mas, tal como todas as outras pessoas de cor, tinha sido enganada com a promessa de que se fosse bem-comportada e obediente, se evitasse meter-se em problemas e lutar demasiado pelos seus direitos, estaria a salvo, estaria protegida. Essa promessa fora quebrada da forma mais violenta, agressiva e cruel possível, e a mãe nunca recuperou completamente desse trauma.

Graças ao John Pope, eu perdi o meu pai e a minha mãe. E agora ele achava que eu iria colaborar com ele para que tudo recomeçasse? Que trairia a confiança da minha família, revistando-lhes a casa e, desta forma, basicamente a admitir que considerava o meu pai culpado?

Olhei-o de cima a baixo. Alguma vez teria sido boa pessoa? Eu sabia que toda a gente tinha algo de bom – é isso que faz de nós humanos e, às vezes, nos permite falar de um assassino e dizer: “ele até era bom para os animais.” Mas teria o Pope algo de bom dentro dele? Alguma vez teria sido boa pessoa? Poderíamos sequer chamar-lhe pessoa? Fisicamente, biologicamente, sim. Mas o resto das qualidades inerentes à condição de qualquer ser humano – decência, compaixão, empatia, força – pareciam ausentes. Será que alguma vez as tivera?

– Não o posso ajudar – respondi. – O meu pai não teve nada que ver com o desaparecimento da Jude nem com a morte da *Sereia de Brighton*. Não vou revistar-lhes a casa. Não posso nem *quero* fazê-lo.

Ele suspirou ruidosamente, exasperado.

– *Muito bem*. Faz como entenderes – retorquiu ele, num tom desagradável.

O polícia odioso da cicatriz estava de volta. Aquele tom de voz fez-me recuar no tempo e voltar à sala onde ele nos interrogara. *Miúdas reles, galderiazinhas*. Odiava o facto de ele ainda conseguir fazer-me aquilo, que ainda conseguisse fazer-me sentir daquela forma. Bem sei que a maioria das pessoas esperariam que eu já tivesse ultrapassado tudo e achariam que eu estava a armar-me em vítima, por não me abstrair simplesmente disso, mas esse episódio parecia estar preso dentro de mim, como que embutido nas profundezas da minha mente, e eu nunca consegui esquecê-lo por completo.

– Terei de ver se a tua querida irmã mais nova me quer ajudar. Ela *sempre* foi bastante mais cooperante.

Por instantes, foi como se o meu coração parasse. O sangue parecia não circular no interior do meu peito. Se ele se aproximasse da Macy, eu iria perdê-la, tal como perdera os meus pais. A Macy era corajosa e forte em muitos sentidos, mas também parecia estar sempre na iminência de se automutilar. Eu já tinha reparado nas linhas indistintas que lhe cobriam a parte de cima dos braços, o esforço que fazia para não estar constantemente a lavar as mãos. A Macy não dera conta de que eu sabia que ela recorria a inúmeros pequenos rituais e hábitos que a ajudavam a acreditar que controlava o seu mundo. E o Pope era o culpado. Ele provocara repetidamente todo esse caos e todos esses traumas, e agora estava ameaçar fazê-lo de novo, porque não conseguia o que queria de mim.

– Força – disse-lhe. – Fale com a Macy e vai ver o que acontece a seguir. É que, ao contrário de mim, a Macy contará imediatamente ao meu pai e ele *vai* recorrer a um advogado para o travar. Como já não trabalha para a polícia, não se pode esconder atrás deles... Bom, creio que cá estaremos todos para ver como isso vai acabar. Desejo-lhe boa sorte.

Senti-o afundar-se um pouco no banco – jogou a carta que tinha na manga, mas fracassou redondamente. Eu, por outro lado, fiz *bluff* e ganhei. Provavelmente, não iria resultar uma segunda vez, mas desta vez funcionou. Uma pequena vitória digna de ser celebrada, quando estivesse muito, muito longe dele.

Levantei-me, disposta a seguir caminho até Brighton. Sentia a cabeça a zunir. Era uma mulher adulta e tinha aprendido a fazer pesquisa na universidade. Podia comprar um computador e aprender a encontrar pessoas. Podia encontrar a Jude, descobrir o nome da *Sereia de Brighton*. Agora, podia fazer tudo isso.

Sim, pensei, vou conseguir. Não importa o tempo que demore, mas vou conseguir.

– Tu vais ajudar-me, Nell – rematou o John Pope, quando comecei a afastar-me. – *Vou* descobrir uma forma de te obrigar a ajudar-me, garanto-te.

Atualmente

Nell

Sábado, 31 de março

O Shane abre a porta da entrada e ficamos os dois hesitantes, a olhar um para o outro, constrangidos, e acabamos por desviar o olhar. E depois...

– Olá – murmuramos. A seguir, clareamos a garganta e voltamos a cumprimentar-nos num tom de voz mais normal.

– Olá.

Fazemos sempre isto. Sempre.

A Macy vive com ele há cinco anos, estão juntos há sete, e nós continuamos os dois nisto.

– Quem é? – pergunta a Macy, saindo da cozinha para o corredor. Consigo ouvir as crianças dentro de casa. A televisão está ligada na sala e ouve-se o ruído de uma consola de jogos no primeiro andar.

– Ah, olá – cumprimenta a Macy, como se estivesse surpreendida por eu aparecer. Telefonou-me esta manhã, às 5h17, como habitualmente, e disse-me o que eu tinha de fazer hoje: ajudar a Willow nos trabalhos de Matemática; lavar o cabelo à Clara; e vencer o Aubrey num jogo de xadrez.

Estás a brincar, não estás?, estive quase para lhe dizer. Quase, mas depois lembrei-me de que não atendera o telemóvel no fim de semana anterior e, portanto, esta semana ela ia castigar-me. Passar tempo com as crianças não era propriamente um castigo, mas a sua forma de me fazer pagar por tê-la ignorado no sábado anterior era afogar-me nas realidades da vida familiar. Por isso, concordei com tudo, garantindo que não me esquecia de parar no caminho para comprar Ovos da Páscoa para todos. Até para o Shane.

– Então, sempre vens cá? – interroga a Macy.

Felizmente, não viu a maneira como eu e o Shane nos cumprimentámos. O facto de o fazermos é ainda mais constrangedor.

O Shane continua a evitar olhar para mim e desvia-se para me deixar passar. Eu tento, em vão, sorrir-lhe quando entro.

– Por amor de Deus – diz a Macy, num tom brusco. – Vocês continuam os dois nisso? Fizeram sexo, esqueçam lá isso – continua ela, revirando os olhos. Depois, dá meia-volta e regressa à cozinha, atirando com o pano da loiça para cima do ombro.

Mal posso acreditar que ela tenha dito aquilo tão alto com as crianças por perto. Mesmo que o Aubrey não faça ideia do que é sexo (o que duvido), a Willow e a Clara sabem. Há coisas que as crianças não precisam de saber. Entre elas, que o Shane foi o meu primeiro homem. O primeiro namorado, o primeiro beijo, a primeira experiência sexual...

1994

Nell

Quarta-feira, 15 de junho

– Anima-te, querida, pode nunca vir a acontecer – disse-me o velho, ao aproximar-me do balcão dos correios. Ele segurava a caderneta de pensões na mão e provavelmente não conseguia entender como é que alguém poderia estar triste com o sol a brilhar lá fora e dinheiro nos bolsos.

Estampeei um sorriso no rosto e mantive-o até ele passar por mim.

– Detesto quando as pessoas dizem aquilo – comentou o homem atrás de mim.

Gemi para dentro. Era claramente um daqueles dias em que todos metiam conversa comigo, o que significava que iria passar o dia com os nervos em franja, a pensar se deveria fugir ou não.

O dia já não estava a ser grande coisa. Só à terceira vez é que consegui tirar fotos decentes para o passaporte. A máquina comeu-me duas libras de cada vez e apenas um dos três conjuntos de fotos resultou bem. Tive de esperar uma eternidade até que a diretora da escola as assinasse por trás. Ela era a única pessoa que o podia fazer, pois não podia pedir aos vizinhos e os Dalton tinham-se afastado desde que o meu pai fora preso pela primeira vez.

A nossa casa já tinha alvo de diversas buscas policiais e sempre que o faziam, para além de deixarem tudo numa desordem – que nós tínhamos de arrumar –, era frequente, semanas depois, darmos pela falta de coisas. Todos os nossos passaportes desapareceram, muito provavelmente numa dessas buscas. (Nunca nos revelaram o que procuravam, mas a avaliar pela quantidade de vezes que lá voltaram, é evidente que nunca encontraram o que procuravam.) Eu não tencionava viajar, mas queria ter um passaporte porque me dava a sensação de que *poderia* ir para o estrangeiro, se quisesse; e que eu era uma rapariga normal, com as mesmas opções que qualquer outra.

Alguém se despachou no balcão de dois guichês da pequena e movimentada estação de correios de Blatchington Road e toda a gente avançou um pouco. Nessa altura, o homem que estava atrás de mim na fila disse:

– Desculpe, não devia ter falado consigo.

Suspirei baixinho e baixei o olhar até aos ténis brancos que trazia calçados. Neste dia, decididamente, teria de correr.

– Estou a piorar as coisas – continuou o homem. – Tenho mesmo de me calar. Desculpe, desculpe, vou parar imediatamente de falar consigo. Isto é, já.

Quando saí da estação de correios, aventurei-me a olhar para homem que estava atrás de mim – precisava de saber como ele era, para o caso de me abordar novamente. Fiquei surpreendida ao ver que era bastante jovem. Devia ter, no máximo, uns 25 anos, talvez até menos. Tinha cabelo castanho desgrenhado e uma barba muito bem aparada que lhe destacava a boca enquanto sorria para mim. Não pude deixar de retribuir o sorriso, pois pareceu-me um tipo simpático e, nos tempos mais recentes, era raro conhecer alguém simpático.

Quarta-feira, 15 de junho

Fiquei sentada no meu lugar, com um balde de pipocas vazio, até o último nome da ficha técnica desaparecer ao cimo do ecrã e as luzes se acenderem, atingindo-me em cheio no rosto, tipo clarão. Estavam mais cinco pessoas na sala. Três delas tinham saído assim que a ficha técnica surgiu no ecrã. As duas que ficaram piscaram os olhos e retraíram-se, como eu, assim que as luzes inundaram a sala, e uma delas acabou por sair. O homem que estava sentado na terceira fila a contar da frente, levantou-se, esticou os braços e espreguiçou-se, virando-se depois ligeiramente para ver quem ainda lá estava. Ficou paralisado quando me viu, tal como eu, assim que o vi. Era o tipo da estação de correios. Tinha-o visto um pouco mais tarde, em George Street, sentado na esplanada de um dos cafés onde eu planeava ir, e depois no autocarro que eu apanhara para ir ao cinema. Acabei por sair do autocarro por ter receio que ele quisesse falar comigo. E agora, ali estava ele. O John Pope continuava a seguir-me. Estaria aquele homem a fazer o mesmo?

Era raro encontrar-me com alguém durante o dia, pois tinha terminado os exames e estava à espera dos resultados. Frequentaria o 10.º ano na mesma escola, para fazer os exames de equivalência, mas teria de esperar mais algumas semanas para saber as notas. Outros colegas da minha turma tinham arranjado empregos e eu costumava passar o verão a trabalhar nas lojas do meu pai, mas depois de o jornalista aparecer e começar a fazer-me perguntas, não consegui continuar a fazer o mesmo.

– Andas a seguir-me? – perguntei-lhe. Estava cansada disso. Cansada de ser seguida, de não me sentir segura... de ver as nossas vidas continuamente devastadas. Tudo devia ter acabado há duas semanas, quando aquele homem foi preso. A minha mãe devia ter começado a passar menos tempo na cama e mais tempo connosco; o meu pai devia ter recomeçado a sorrir, a rir e a brincar; a Macy devia ter parado de torcer as mãos; e eu devia ter voltado a sentir-me normal, em segurança, e não com aquele constante sentimento de culpa. Mas nada disso aconteceu. A vida da nossa família não se tinha transformado magicamente pelo facto de o meu pai ter sido ilibado, e eu estava farta de tudo, especialmente se mais alguém tentasse intrometer-se nas nossas vidas.

– Pois eu estava a pensar se *tu* andarias a *seguir-me* – respondeu ele, olhando para mim. – Andas?

Sacudi a cabeça e toda a indignação desapareceu. De repente, senti-me acanhada. Uma adolescente antipática a falar com um estranho extremamente atraente.

– O meu nome é Shane – apresentou-se ele –, e não ando a seguir-te. Longe de mim. Mas, estando no cinema a meio do dia, como eu, suponho que também estás à procura de emprego? Uma vez que parecemos destinados a ir parar aos mesmos sítios, estava aqui a pensar se te podia convidar para tomares uma bebida *comigo*, em vez de a tomares apenas no mesmo sítio que eu.

– Tenho 15 anos – disse eu, de forma precipitada.

– Ah, bom. É que não pareces nada. Então, estás à espera dos resultados dos teus exames?

Assenti com a cabeça.

– E que tal um café? Presumo que não és demasiado jovem para beber café.

Abanei a cabeça.

– Isso significa que não és demasiado jovem para beber café ou que não queres vir tomar café?

– Não, não sou demasiado jovem para tomar café – esclareci.

Ele dirigiu-me um sorriso e eu senti o estômago esquisito, como se estivesse a derreter. Toda eu fiquei derretida.

– Tens um sorriso fantástico – elogiou ele.

Baixei os olhos para os meus ténis e percebi que não iríamos ser apenas amigos.

Sexta-feira, 21 de outubro

– És mesmo virgem, não és? – disse o Shane. Instantes antes, tinha-me pedido que lhe pusesse o preservativo, e eu não sabia o que fazer. Olhei para o quadrado colorido que tinha nas mãos e fiquei confusa. O que aprendera na escola sobre a mecânica e a biologia do sexo fora-me ensinado com elevadas doses de alarmismo, como que a dizer “ai de ti que fiques grávida”, mas nunca me tinham ensinado a pôr um preservativo num pénis ereto.

Ele tinha 23 anos, portanto, não era muito mais velho do que eu, e já saíamos juntos há quatro meses. Quando voltei para o 10.º ano, costumava ir ao apartamento do Shane, em London Road, nas horas livres, e este era o primeiro dia em que eu decidira faltar a tarde inteira, porque ele me pedira para o fazer.

No quarto dele, havia um pequeno sofá de dois lugares, junto à janela panorâmica. Os estofos eram de um cabedal muito macio, castanho-claro, e era lá que nos costumávamos beijar e acariciar. Por vezes, passávamos para a cama, mas geralmente ficávamos lá aninhados a conversar, por entre beijos. Neste dia, passámos do sofá para a cama e ficámos completamente despidos, em vez de tirarmos apenas alguma roupa.

Era a primeira vez que eu ia ter relações sexuais e já estava a demonstrar a minha inaptidão, por não saber colocar-lhe o preservativo. A primeira vez que me beijou, teve de interromper o beijo várias vezes para me pedir que descontraísse; quando colocou as minhas mãos na sua ereção pela primeira vez, para me mostrar como eu o excitava, puxei a mão bruscamente para trás, porque aquilo não me parecia rijo e estava até meio flácido. E agora pedia-me para lhe colocar o preservativo e eu não sabia o que fazer.

Apesar do que o John Pope dizia, eu era totalmente inexperiente e continuava surpreendida pelo facto de o Shane não me ter deixado por causa disso.

– Sim, sou mesmo virgem – assenti.

– Desculpa. Não era minha intenção deixar-te atrapalhada – disse ele rapidamente. – Isso agrada-me. Fico feliz por ser o teu primeiro.

Eu também estava feliz por ele ser o meu primeiro, pois descomplicaria um pouco a questão do sexo. Eu ouvia as outras raparigas dizer que a primeira vez doía bastante, que podíamos sangrar um pouco e tínhamos de gemer bastante alto e dizer-lhe que tínhamos adorado, mesmo que nos doesse e não tivéssemos gostado nada da experiência.

– Eh – sussurrou ele, ao tirar o preservativo da embalagem. – Descontraí-te.

Fechei os olhos, deitei-me na cama e tentei descontraí-me, enquanto esperava pelo momento de dor, quando ele o metesse dentro de mim, mas, em vez disso, o Shane depositou um beijo mesmo a meio do meu peito, entre os seios. Arquejei, pois não estava à espera disso. Beijou-me um pouco mais abaixo e foi descendo lentamente até alcançar a selva negra e crespa dos meus pelos púbicos. Esperava que ele ficasse por aí e voltasse a subir até ao meu rosto, para me beijar a boca.

– Eu sei como te descontraír – disse ele, beijando-me entre as pernas. Voltei arquejar, desta vez, mais alto, ao sentir uma explosão de sensações desconhecidas por todo o corpo. Ele levou as mãos às minhas ancas, para que eu não me contorcesse, ao tentar, involuntariamente, escapar à vaga de sensações que me invadiam o corpo.

Arqueei as costas ao senti-lo a enterrar mais o rosto entre as minhas pernas. Rilhei os dentes, mas não estava a conseguir controlar-me e quase chorei alto, ao sentir a língua do Shane a estimular-me. Balbuciei algo, mas não era intencional, nem eram sequer palavras inteligíveis, apenas interjeições efusivas decorrentes da avalanche de prazer que sentia. Arrepanhei o lençol branco da cama, percorrida por convulsões, em sucessivas vagas de êxtase, até que me imobilizei, abandonando-me, enfim, ao prazer e à sensação de puro júbilo decorrente do que o Shane me fazia. Quando tudo terminou, deixei-me cair na cama. Toda eu tremia, o que, deduzi, seria o fulgor residual de um orgasmo. Já tinha ouvido conversas sobre isso, mas em nenhuma delas se falava do primeiro orgasmo.

De repente, o Shane estava novamente em cima de mim, a sorrir perante o meu crescente embaraço. As raparigas não deviam ter reações daquelas. Não deviam ser tão barulhentas nem descontrolar-se tanto. Não deveriam sentir tanto prazer. Na verdade, ninguém me descrevera nada do género, ao falar-me da sua primeira vez. Nunca me falaram em prazer nem em orgasmos.

Creio que era por isso que o sexo sempre me inspirara alguma desconfiança – desconfiança e receio, confesso. Ninguém me falava de sexo como algo em que a rapariga iria ter prazer. O importante era fazê-lo para que o tipo ficasse connosco, gostasse de nós e sentisse algo especial. *Eu também sou importante*, pensei. *Eu também sou importante no sexo*. O Shane continuava a sorrir-me.

– Sabes o que me agrada ainda mais do que ver-te a ter prazer? – questionou.

Sacudi a cabeça, num estado de absoluta felicidade e já um pouco sonolenta.

– Tu – disse ele, entrando dentro de mim. – Amo-te.

Não voltou a falar. Cobriu-me por completo com o seu corpo, mergulhou os dedos no meu cabelo

e começou-a penetrar-me. Decidi não pensar no que ele acabara de dizer e entreguei-me ao momento, ao prazer que ele estava novamente a gerar.

– Amo-te mesmo, sabes? – reforçou o Shane, deixando-se cair sobre a cama, depois de fazermos amor. Estava de novo tão ofegante como eu. Senti-me um pouco mal, pois tive dois orgasmos e ele apenas um.

– Também gosto de te ver a ter prazer – disse-lhe. Sentia-me a flutuar, leve como uma pena, como se a mais pequena aragem me pudesse arrastar para longe.

– Não, o que quero dizer é que te amo realmente.

– Ah, bom – repliquei.

O Shane sorriu e rebolou na minha direção.

– Olha que bem. Eu digo algo de importante e ela responde-me “ah, bom” – troçou ele, roçando-me os dedos pelo rosto.

– Não sei o que dizer – respondi, com toda a sinceridade.

– Diz apenas o que sentes, Nell. Não é assim tão difícil.

Eu não sabia o que sentia. O Shane era incrível, mudara a minha vida, tornara tudo mais do que suportável e eu adorava vê-lo sorrir. Adorava sentir aquela impressão no estômago quando pensava nele. *Acabámos de ter relações sexuais*. Seria isso amor? Seria o amor fazer sexo, sentir emoções estranhas, esse particular apreço pela forma como o nosso amante sorria? Mas não deveria o amor ser mais do que isso? Ou faria tudo isso parte desse sentimento maior a que chamavam amor?

Eu via a forma como os meus pais olhavam um para o outro e parecia identificar naquela troca de olhares aquilo a que as pessoas se referiam quando falavam de amor.

Esse tipo de amor não era apenas sexo, orgasmos, sorrisos e impressões no estômago. Ou talvez fosse, na minha idade, com o meu primeiro namorado e os meus primeiros orgasmos. Eu ainda não chegara a esse nível. Vistas bem as coisas, não sabia o que era o amor. Para mim, quanto mais simples, melhor. Outros fatores teriam de se conjugar para que se tornasse difícil, complicado e doloroso. Talvez o amor, despojado das suas complexidades, fosse mesmo assim.

Ergui a mão e passei os dedos pela franja dele.

– O que eu sinto é que te amo – confessei.

Ele franziu o rosto no mais belo dos sorrisos que eu lhe vira até então. Eu acabava de dizer e fazer o que devia. Agora, teria apenas de continuar a dizê-lo, para sentir que estava realmente a ser sincera.

Atualmente

Nell

Sábado, 31 de março

A capacidade da Macy para superar o facto de eu ter tido relações sexuais com a sua cara-metade sempre me deixou tão intrigada como impressionada. Ela não vacila nem pensa demasiado nisso. A coisa não parece, de facto, incomodá-la. Eu, pelo contrário, sempre me interroguei se ele faria comparações entre as duas e se realmente desejaria a minha irmã.

– Vocês deviam comportar-se como adultos. São ambos mais velhos do que eu, mas continuam a agir como dois adolescentes que olharam para as partes íntimas um do outro pela primeira vez.

O Shane lança-me um olhar breve, tentando agir de forma adulta, como a Macy sugerira, mas não consegue, acabando por me virar as costas e atravessar a cozinha para ir encher a chaleira.

As três crianças da minha irmã – a Willow, de 12 anos, a Clara, de 11, e o Aubrey, de 10 – eram todos filhos de um homem chamado Clyde Higgon, alguém com quem ela vivera durante quase oito anos. Ele abandonou-a quando o Aubrey tinha 1 ano e nunca mais a procurou desde então. Localizei-o imediatamente, mas a Macy não quis saber.

A minha irmã ficou devastada depois de o Clyde os abandonar, de tal forma destroçada que eu mudei-me para a casa dela, de forma a ajudá-la. Foi então que me apercebi realmente aquilo que a Macy enfrentava – a sua ansiedade e luta diária para se manter no limiar da sanidade.

Lavava as mãos repetidas vezes. Compunha e voltava a compor qualquer coisa que estivesse um milímetro sequer fora do sítio. Fazia certas coisas todas as semanas, sempre à mesma hora, para se assegurar de que os sete dias seguintes correriam de acordo com o planeado. Aceito que a Macy seja, por vezes, terrivelmente acutilante, desdenhosa e autoritária porque sei que ela luta todos os dias para controlar tudo e garantir o bem-estar e a segurança das crianças. A Macy esforça-se bastante para criar um ambiente estável, mantendo-se nos limites da normalidade e fingindo que sabe lidar com a vida.

O Shane entrou na vida da Macy há sete anos. Conheceram-se num curso de formação, simpatizaram um com o outro e tornaram-se um casal. Quando ela, finalmente, o deixou ir a sua casa, o Shane viu uma fotografia minha com as crianças e teve de lhe dizer que me conhecia e de que forma me conhecia.

– Vocês vão andar nisso o resto da vida? – interroga a Macy, agora que estamos todos na cozinha, erguendo o rolo da massa. – Eu e o Shane estamos juntos há sete anos. Sete anos. Vocês separaram-se há quê, 22 *anos*? Porque não se comportam como pessoas normais? – Aponta o rolo da massa para mim. – OK, está bem, foi com ele que perdeste a virgindade, mas a coisa morreu mesmo antes de ires para a universidade, não foi?

Olho para a minha irmã, surpreendida por ela estar com aquela conversa ali, perguntando a mim mesma o que a teria levado a abordar aquele assunto.

Depois, aponta o rolo da massa ao Shane.

– Tu estiveste com imensas mulheres. Porque não fazes de conta que a Nell é uma delas?

O Shane era bem capaz de ter desvalorizado – *e muito* – a nossa relação quando contou à Macy que me conhecia. Se eu lhe tivesse contado toda a verdade, na altura em que ela me questionara sobre isso, relação com ele ficaria irremediavelmente destruída algo que eu jamais faria, estando ela tão feliz. Mesmo antes de ela me informar oficialmente que tinha um namorado, eu percebi que ela conhecera alguém, pois andava muito mais descontraída.

– Não é justo para nenhum de nós que vocês continuem com essa atitude – continua a Macy, abandonando o papel de durona. – Nell, sinto que não te posso convidar para vires cá a casa quando me apetece porque não quero que o Shane se sinta desconfortável. E tu, Shane, a avaliar pela forma como te comportas, dir-se-ia que ainda sentes alguma coisa pela minha irmã. É por isso que continuo tão intrigada.

Vira-se novamente para mim.

– Há alguma coisa que eu precise de saber? – Olha para mim de sobrancelhas arqueadas e lábios cerrados, com um sorriso que parece querer dizer “conta-me tudo”. Quero deitar tudo cá para fora, pôr tudo em cima da mesa, mas perdi essa oportunidade há sete anos. É demasiado tarde para desenterrar tudo e avaliar a sua reação ao saber até que ponto a nossa relação foi apaixonada.

– Não – replico. – Não há.

– Nada de nada – assente o Shane, num tom bem menos convincente.

– Certo – reage a Macy. – Vou sair da cozinha e vocês vão ter uma conversa normal, sem evitarem o olhar um do outro e disparates do género, está bem? E quando eu voltar, vão comportar-se como se não se conhecessem, está bem?

– Sim – confirmo.

– Tens razão – responde o Shane.

A Macy fecha a porta atrás de si e assim que ela sai, o Shane decide finalmente virar-se para me encarar.

Olha-me de forma cautelosa, porque estou com um olhar furioso. Continuo bastante ressentida com ele, por me ter colocado naquela situação.

– Devias ter-lhe contado a verdade logo de início – digo, irritada.

– Eu sei, eu sei – admite ele. – É que... entrei em pânico. Eu sei, eu sei que lhe devia ter contado tudo.

2000

Nell

Sexta-feira, 18 de agosto

– Obrigado por teres vindo ter comigo – disse o Shane.

– Não precisas de ser tão formal – graciei. – Não somos propriamente parceiros de negócios. – Dei-lhe uma cotovelada amigável e ele riu-se.

Não mudara muito desde a última vez que o tinha visto, há mais de quatro anos. Ainda senti um ligeiro estremecimento no estômago assim que o vi, depois de entrar no pequeno restaurante mexicano na zona dos Lanes. Estava sentado num compartimento com um *cocktail* ridiculamente extravagante diante dele. Lembrava-me do que a adolescente de 16 anos sentia por ele, a forma como estremecia sempre que o via. A falta que sentira no primeiro semestre da universidade. Embora saísse e tentasse divertir-se, era sempre com o Shane que lhe apetecia estar. À noite, chorava por ele e acariciava o ursinho que ele lhe dera. Só pensava nele. Finalmente, consegui esquecê-lo. *Eu* consegui esquecê-lo, mas o Shane era o Shane e uma parte de mim continuava a sentir uma certa excitação quando o via. Tínhamos tropeçado um no outro na rua, e ele perguntou-me se nos podíamos encontrar para tomarmos uma bebida.

O Shane esfregou brevemente a mão na minha coxa e inclinou-se para mim.

– É incrível que estejas aqui – começou ele. – Nunca pensei que voltasses a quer estar comigo... depois da forma como me comportei.

O Shane passou meses a tentar convencer-me a não ir para a universidade. Queria que eu ficasse com ele. Queria que eu saísse de casa e fosse viver com ele, para termos filhos. Quando viu que não conseguia convencer-me a desistir da universidade, fez uma fita desgraçada, chorando, soluçando e dizendo-me que eu estava a partir-lhe o coração. Quando viu que isso também não resultava, tornou-se desagradável. Dizia-me as piores coisas. Perdeu por completo a noção dos limites. Pedia desculpa, mas depois tudo se repetia. Passava o mês inteiro a telefonar-me para a residência estudantil e se não conseguia convencer-me a voltar para casa, para junto dele, voltava a insultar-me e a dizer-me coisas ainda piores. Por fim, tive de deixar de atender as chamadas dele e devolvi-lhe toda a correspondência por abrir.

– Tive de pensar duas vezes – confessei.

– Lamento. Desde então que me sinto mal com isso. Fui terrivelmente egoísta. Na verdade, estava apenas morto de ciúmes. Não conseguia suportar a tua ausência. Estava a enlouquecer só de pensar que mais alguém te poderia tocar. Terrível, não é? Ainda me custa acreditar, mas, na altura, achava que mais ninguém tinha sequer o direito de olhar para ti, muito menos tocar-te. Felizmente, amadureci bastante. – Deu um gole na bebida, tentando não parecer tão embaraçado como realmente estava.

– Acho que, desde então, ambos amadurecemos bastante – respondi.

O Shane voltou a levar a mão à minha coxa, desta vez, um pouco mais acima.

– Não te importas? – perguntou ele, baixando a voz. – Não te importas que te toque aqui?

– Não, não me importo – retorqui. Gostava de me lembrar como era estar com ele antes de tudo descambar. Sentia-me um pouco perdida, de regresso a Brighton depois de passar mais de quatro anos na universidade, e ainda não me habituara à ideia de lá estar. Apesar de ter alugado um quarto numa casa, já tinha aceiteado a ideia de que provavelmente teria de me mudar para casa dos meus pais, no fim do mundo, enquanto procurava emprego, para poder começar a poupar dinheiro para ter uma casa. O Shane representava uma parte de Brighton – a Brighton e Hove que eu realmente conhecia –, pelo que gostava de estar perto dele. Por isso, não me importava que ele me tocasse na coxa. Não me importava mesmo nada.

– Posso ir para casa contigo? – perguntou-me o Shane, em frente ao restaurante. Os donos tentaram por diversas vezes convencer-nos a sair, mas depois desistiram, porque nós continuávamos a pedir tapas para podermos ficar juntos no pequeno compartimento. O restaurante estava já fechado e Brighton ganhava vida. Era sexta-feira à noite e as pessoas andavam na rua. A alegria do verão pairava no ar, e grupos de pessoas deslocavam-se em direção às diferentes zonas da cidade que tinham bares e discotecas abertos até tarde. A intensidade das conversas animadas parecia crescer ao cruzarem-se connosco. Pessoas ébrias ou simplesmente bem-dispostas saíam aos magotes dos bares e *pubs* que fechavam a horas normais, reunindo-se ao rumor constante de vozes que faziam de Brighton um local tão vibrante.

Apetecia-me ir para o meio da estrada, abrir os braços, inclinar a cabeça para trás e rodopiar, rodopiar, até levantar voo.

O Shane envolveu-me nos braços dele.

– Posso ir para casa contigo? – repetiu ele a pergunta, roçando-me o nariz pelo pescoço. Depois, percorreu-me as ancas com as mãos, pousando-as ao de leve sobre as minhas coxas. – Por favor. – As mãos deslizaram por baixo da bainha da minha saia de seda azul e verde. – Por favor.

Por muito que eu estivesse a gostar daquela noite, sabia que não seria uma boa ideia fazer aquilo com o Shane. Não queria um relacionamento. Raramente sabia o que queria, mas tinha a certeza de que não queria um namorado, e também não seria bom voltar atrás. Olhar para trás, ver onde tínhamos chegado, perceber que só estávamos ali *porque* tínhamos chegado onde chegámos. Mas tentar revisitar tudo isso, não era boa ideia.

O Shane roçou os lábios pelo meu pescoço, acariciou-me a parte interior das coxas com os dedos e o cheiro dele começou a inundar-me os sentidos. Olhei por cima do seu ombro e arquejei: um homem de mãos nos bolsos e ombros descaídos estava parado à entrada de uma loja de roupa de bebé. Tinha uma cicatriz na face que não era visível do sítio onde estávamos. Era o John Pope.

Eu tinha feito o possível e o impossível para o esquecer durante o período em que estive fora, e não o via nem ouvia falar dele há quase cinco anos, mas sempre, *sempre* que beijava um homem, ia para a cama com ele ou pensava sequer em sexo lembrava-me das suas palavras: *Miúdas reles*,

galderiazinhas. Tinha de conseguir abstrair-me disso. Tinha de parar de tentar provar-lhe que estava enganado, que era boa rapariga, uma pessoa impoluta que não precisava de ser humilhada. Alguém que não se envergonhava de querer sexo e proximidade física. Há anos que me debatia com o fantasma daquelas palavras. E agora, quando pensava que tinha vencido, ali estava ele de novo, em carne e osso, para me recordar que continuava por perto. A detenção do homem que fora acusado dos *Crimes das Sereias* não produziu resultados. A polícia não voltou a prender o meu pai, mas o Pope nunca desistiu e agora seguia-me novamente.

– O que se passa? – perguntou o Shane, afastando-se ligeiramente para olhar para mim.

– Nada – respondi. – Nada.

Fiz um esforço para desviar os olhos do Pope e voltei a olhar para o Shane. *Não sou uma miúda reles*, recordei a mim própria. Meti as mãos nos bolsos de trás, das calças do Shane, puxei-o mais para mim e senti a sua ereção contra a minha coxa. *Independentemente do que faça ou deixe de fazer, não sou uma galderiazinha*.

– Vamos para tua casa – sugeri.

– Eu... Eu agora divido a casa com um amigo – retorquiu ele. – Se lá voltasses, só poderias entrar no meu quarto.

– E se eu precisar de ir à casa de banho?

– Vamos para tua casa.

Olhei para o Pope por cima do ombro do Shane. Ele não pestanejou e nem por um instante baixou os olhos.

– Ou vamos para tua casa, ou nada feito – exigi.

As mãos do Shane deslizaram sobre as minhas coxas.

– OK, então, em minha casa – concordou ele, beijando-me demoradamente.

Quando parámos de nos beijar, o Pope desaparecera.

Sexta-feira, 18 de agosto

– Vejo que aprendeste coisas novas – disse o Shane, mais tarde. Estávamos ambos deitados, com os corpos entrelaçados, esgotados e ofegantes, a flutuar a um outro nível.

– Tu também.

– Eu... Eu nunca deixei de te amar, sabes? Os anos que estivemos separados não têm de significar nada.

Contive um suspiro exasperado. Eu sabia que não devia ter feito aquilo. Eu sabia. Mas entrei em pânico ao ver o John Pope. Precisara de provar a mim própria que não era uma *miúda reles* e, ao mesmo tempo, mostrar-lhe que me era indiferente que ele me achasse uma *galderiazinha*. Que o que quer que ele pensasse não tinha qualquer significado.

– Nós agora somos pessoas diferentes – disse eu ao Shane. – Pessoas diferentes, com vidas

diferentes.

– Essa é a tua forma de me dizeres que não queres continuar onde ficámos? – replicou ele, num tom pesaroso.

– Não. É a minha forma de dizer que somos pessoas diferentes, com vidas diferentes.

– A questão é que eu não posso ser teu amigo, Nell. Contigo, tem de ser tudo ou nada.

Estará o Pope à minha espera à porta do prédio?, interroguei-me, tentando recordar-me onde largara a roupa, quando nos despíramos um ao outro. *Ou será que estará à porta da minha casa, à espera que eu chegue para me fazer sentir porca e reles?*

– Eu compreendo. – E até compreendia, só que não podia voltar ao mesmo com ele.

– Porque não dás uma hipótese à relação, a nós, Nell?

– Porque não é isso que eu quero – respondi. As minha meias estavam amarfanhadas junto à porta. Foram a primeira coisa que o Shane me tirou quando ele me levou apressadamente para o quarto. O meu *top* devia lá estar, juntamente com a saia. Ele tirou-me o sutiã e as cuecas quando ainda estávamos no sofá de cabedal castanho-claro que ele trouxera do outro apartamento. Felizmente, não tinha tirado as pulseiras. Se tivesse de me sentar na cama e enfiá-las uma a uma, aquela agonia prolongar-se-ia a ponto de se tornar cruel.

Eu *realmente* não devia ter feito aquilo. Ele ia ficar novamente muito transtornado e eu não o queria magoar. Amara-o, em tempos, mas já não o amava e era pouco provável que o voltasse a amar.

O Shane começou a beijar-me o ombro nu.

– Talvez pudéssemos ficar apenas pelo sexo durante algum tempo. Ser amigos coloridos, como se costuma dizer. Podíamos ficar pelo sexo e veríamos como te sentias daqui a umas semanas.

Fechei os olhos. Ele nunca se iria contentar com uma relação baseada apenas em sexo. Iria simplesmente alimentar expectativas de que nos voltaríamos a juntar e, quando percebesse que isso não ia acontecer, o mais certo era passar-se outra vez. Não lhe podia fazer isso. Esta noite, teríamos de pôr um ponto final a tudo.

– É melhor ir andando – disse-lhe, em vez de responder à questão dos amigos coloridos.

– Não, não. Fica. Por favor, por favor.

– OK – concordei. – OK.

Sábado, 19 de agosto

Senti-me muito mal por escapar de casa dele às 3h00, numa altura em que ele já dormia profundamente, mas não conseguiria lidar com o drama de uma despedida matinal. Não voltei a ter notícias dele nem saber nada até ao dia em que a Macy me telefonou e disse:

– Lembras-te de eu te falar do meu novo namorado? Chama-se Shane e diz que te conhece... intimamente.

Atualmente

Macy

Sábado, 31 de março

Aqueles dois pensam que sou estúpida.

Estão mesmo convencidos de que eu não sei até que ponto a relação deles foi intensa. A Nell costumava escapar-se da escola para ir ter com ele. Nunca o vi nem descobri quem era, mas lembro-me de como ela mudou. Tornou-se misteriosa, mas parecia feliz. Depois, quando chegou a altura de ir para a universidade, em vez de ficar entusiasmada por sair de Brighton e afastar-se de tudo o que acontecera, chegava muitas vezes a casa com os olhos vermelhos e inchados. Era evidente que tinha estado a chorar por ter de abandonar o namorado, fosse lá ele quem fosse. Lembro-me de a ver desaparecer cada vez mais, à medida que se aproximava o dia de ir para a universidade, e de parecer sempre bastante perturbada.

Dei-lhes tantas oportunidades para me contarem a verdade. Para admitirem que não tiveram apenas um caso passageiro, que dormiam juntos quando ela voltou da universidade e vivia em casa dos nossos pais. Mas eles não o admitem. Não querem, ou não podem, admitir, não sei. O facto é que não o fizeram. Porque acham que sou frágil. A pobre Macy não consegue lidar com a verdade. O problema é estarem com reservas, não o facto de terem andado juntos.

Bom, isso e o facto de eu e o Shane não fazermos amor há quase 18 meses.

Encosto o ouvido à porta da cozinha. Será que vão falar nisso?

Do outro lado da porta, apenas silêncio, um silêncio absoluto. Estarão provavelmente a beijar-se ou a arquitetar uma forma de estarem juntos. Eu sei que não estão, mas poderiam estar. Não é uma hipótese assim tão improv...

– Mamã, o que estás a fazer? – pergunta o Aubrey.

É uma pergunta bastante pertinente. O que *estou* a fazer? Estou a escutar à porta da minha cozinha, para saber se a minha irmã e o meu companheiro estão aos beijos. Será que estou de cabeça perdida ou algo do género? Por vezes, acho que tenho duas pessoas dentro da minha cabeça – a que faz coisas disparatadas e a outra que não a impede de as fazer.

– Nada, querido – respondo, afastando-me da porta. Pouso as mãos sobre os seus ombros franzinos e é o rosto do pai que me devolve o olhar.

Amo o Shane. Amo-o em todos os aspetos, mas amava mais o Clyde, por muito que me custe a admiti-lo. Às vezes, pergunto-me se será isso que se passa entre a Nell e o Shane. Dizem que nunca se esquece o primeiro amor. Parece-me evidente que é isso que aqueles dois foram um para o outro, a avaliar pela forma como continuam a reagir.

Talvez seja por isso que eu e o Shane já não nos entendemos. Costumávamos fazer amor, ter sexo, fornicar a toda a hora, mas, a dada altura, ele rejeitou-me três vezes seguidas. Quatro semanas depois, era ele que queria e eu não, e quando quis aproximar-me de novo, ele já não estava

interessado. Aqueles altos e baixos duram há 18 meses. Se um queria, o outro não estava para aí virado. Os desencontros sucederam-se, sem nunca conseguirmos encontrar um equilíbrio, aproximarmo-nos um do outro para nos encontrarmos a meio do caminho.

Quase que o conseguimos uma vez, há cerca de seis meses. Percorremos todo o caminho até à penetração... e depois, ao mesmo tempo, ambos parecemos perder a vontade e o interesse em prosseguir. Ele saiu de cima de mim, eu puxei o edredão para cima e ficámos aconchegados um ao outro, até adormecermos. Nenhum de nós voltou a falar no assunto.

Estarão o Clyde e a Nell a provocar isto? Olho para o Aubrey e vejo o pai dele – será que, ao olhar para mim, o Shane vê semelhanças com a Nell e já percebeu que eu não correspondo ao que ele quer?

– Alguma coisa estavas a fazer – diz o Aubrey, chocado por eu estar a negar.

– OK, estava a escutar à porta.

– Porquê?

– Porque sim.

– Porque sim, o quê? – replica o meu filho de 10 anos.

– Como assim, porque sim, o quê?

– Mamã! – diz ele, frustrado por se ter deixado arrastar, inadvertidamente, para aquele tipo de conversa redonda de que me valho, pelo menos, umas três vezes por semana para me livrar de perguntas delicadas.

– O que é? – respondo eu.

Ele respira fundo, dá meia-volta e regressa, contrariado, à sala estar, para ver televisão e remoer no facto de eu ser uma pessoa tão difícil.

Não sei o que fazer quanto à minha relação com o Shane. Sei que temos de a endireitar, mas não sei se o conseguiremos com a Nell por perto. E a última coisa que quero é afastá-la de nós.

Nell

Sábado, 31 de março

Eu e o Shane fizemos um esforço hercúleo para nos comportarmos normalmente um com o outro. Para conversarmos, implicarmos um com o outro ou ignorarmo-nos como duas pessoas que nunca fizeram (toneladas) de sexo nem múltiplas declarações de amor. Não foi fácil, mas conseguimos.

A Macy parece satisfeita e aliviada e eu sinto-me culpada por só agora ter percebido que ela andava a sentir-se mal há tanto tempo sem que eu desse por isso.

– Ah, é verdade, Nell – diz o Shane quando estou a sair. Ajudei a pôr as crianças na cama e se ficasse lá mais tempo acabaria por adormecer no sofá. Além disso, o Zach tinha-me pedido para lhe mandar uma mensagem quando estivesse despachada, se quisesse ir à sua casa nova, na cidade.

– Sim, Shane – respondo, e até o olho nos olhos ao fazê-lo, pois agora tem mesmo de ser.

– Eu estava... – Ele olha por cima do ombro, na direção da Macy, que está na sala, e baixa a voz.
– Eu... estava a falar com um tipo no ginásio...

– As pessoas fazem mesmo isso? – interrompo-o.

– Fazem o quê?

– Falar umas com as outras no ginásio? Sempre achei que era um sítio onde se ia para fazer exercício e não para ter conversas informais com outra pessoa qualquer.

O Shane parece melindrado. É evidente que se está a lembrar de como consigo ser irritantemente dissociativa e desconversar num abrir e fechar de olhos.

– Que conversa é essa, Nell?

– Nada, nada. Continua.

– Estava a falar com um tipo no ginásio e ele disse-me que queria fazer uma pesquisa genealógica, mas não sabia por onde começar. Disse que não queria ser ele a fazê-la, mas não sabia a quem podia pagar para o fazer. Eu disse-lhe que conhecia uma pessoa que o fazia e que lhe daria o contacto dele. – O Shane leva a mão ao bolso de trás das calças, tira um pedaço de papel dobrado ao meio e entrega-me. – Quem sabe se não renderá umas boas libras? Ele disse-me que estava relacionado com um testamento qualquer.

– Não cobro dinheiro às pessoas – recordo-o.

– Eu sei, mas *ele* não sabe. Além disso, é estúpido não cobrares nada pelo teu tempo. Imagino que as fotocópias dos registos custem dinheiro.

– Eu desenrasco-me.

– Mas não seria agradável não teres de te “desenrascar” por um tempo?

– Pareces o meu pai. Não, na verdade, pareces a minha irmã.

– O que estão os dois a fazer aí fora? – interrompe a Macy, em voz alta. – Vou começar a ficar paranoica.

– Estou apenas a falar com a Nell acerca do trabalho dela – esclarece o Shane, num invulgar rasgo de honestidade relativamente à minha pessoa.

– Que trabalho? A Nell já não tem emprego – desdenha a Macy, escaqueirando-se a rir.

– *Obrigadinho* e boa noite, Macy. – Agarro no papel que o Shane tem na mão. – Obrigada por fazeres isto – digo-lhe.

– E...

– E, sim, vou pensar em cobrar dinheiro pelo serviço. Boa noite.

O exterior está a escurecer e a atmosfera é maravilhosa. Agrada-me este momento intermédio, as horas em que a noite está a cair, mas ainda não é certo que fique. Quando a noite poderia ser facilmente derrotada na conquista dos céus e a luz do dia poderia reafirmar-se.

Não cobro dinheiro às pessoas para examinar registos, muito menos para mandar analisar o ADN, porque o que faço não é inteiramente legal. Todos têm de assinar uma declaração em que me autorizam a pedir a análise de ADN em seu nome e a recolher os resultados. Depois, interpreto esses resultados e informo as pessoas sobre as minhas conclusões. Mas, a verdade... a verdade é que também cruço esses resultados com a informação disponível em todas as bases de dados, para ver se há alguma correspondência com o ADN da *Sereia de Brighton* ou da Jude, por muito pequena que seja.

Macy

Domingo, 1 de abril

É em dias como o de hoje, quando a Nell lá passa por casa e tudo corre bem, que fico com a certeza absoluta de que as minhas preocupações não têm razão de ser.

Eu sei isto, mas a maior parte das vezes não consigo evitar. É como se eu estivesse presa atrás de um vidro e a minha mente e o meu corpo fizessem coisas contra a minha vontade. Não quero voltar atrás cinco ou seis vezes para verificar se desliguei o fogão. Não quero lavar de novo as mãos se, por acaso, fecho a torneira com os dedos e não com o cotovelo. Não quero voltar a lavar todos os pratos que estão no escorredor, se abro demasiado a torneira e eles ficam salpicados com um pedacinho de gordura de uma frigideira que está no lava-louça. Não quero andar pela casa a endireitar coisas, para que fique tudo alinhado. Não quero percorrer as linhas dos ladrilhos do chão da minha cozinha. Durante grande parte do tempo, estou presa atrás desse vidro, a gritar e a pedir a mim própria para parar, mas sempre consciente de que não posso ou não devo. Porque se parar, tudo vai acabar por se desmoronar.

Quando o Clyde me abandonou, tudo se desmoronou mesmo. Não conseguia fazer nada. Telefonei à Nell, que estava a trabalhar e normalmente não atendia o telemóvel. Não sei porque atendeu nesse dia, mas quando eu lhe disse, com a maior das calmas, que o Clyde se fora embora e que eu estava assustada, pois não sabia o que fazer, ela veio imediatamente. Na altura, pensei que queria dizer que estava assustada, porque não sabia o que fazer, mas, na verdade, o que estava a querer dizer é que estava assustada com o que pudesse fazer para aplacar a dor.

Foi essa segunda versão, a verdadeira versão das minhas palavras, que ela ouviu, aparecendo num abrir e fechar de olhos. E assumiu o comando, impedindo que a minha família se precipitasse no abismo. Enquanto fazia isso, não tinha tempo para nenhuma das outras coisas, nem mesmo para a sua obsessão com a *Sereia de Brighton*, e isso fez-lhe bem. É por isso que quero que ela participe na vida familiar. É bom para ela.

A questão é que a Nell não percebe que está tão perturbada quanto eu, só que esconde melhor. A Nell não percebe que há algo que ainda não sabe que exige que pare de procurar a Jude. Se ela soubesse o que eu sei, o que vi da janela do meu quarto na noite em que a Jude desapareceu – não na noite em que todos descobriram que ela tinha desaparecido, mas na noite em que *realmente* desapareceu –, perceberia que tem de parar.

Quero contar-lhe para que ela pare. Bem sei que tenho estado a pensar em contar-lhe para a magoar, mas a verdade é que não lhe posso contar. Se revelar o que sei, ela não vai guardar segredo, como eu, e confrontará imediatamente o nosso pai. E eu não vou permitir que a nossa família fique mais destroçada do que já está.

Além disso, daria cabo da nossa mãe.

Nell

Domingo, 1 de abril

Vejo o carro dele da esquina, ao fundo da minha rua.

Vivo ao fundo de uma rua sem saída, no meio de um labirinto de ruas. Do lado oposto ao meu prédio, está um carro prateado. É isso que acontece quando não respondo às mensagens “Ele precisa de te ver”. Recebo uma visita.

Eu sabia que não conseguiria safar-me durante muito mais tempo, mas já passa das 3h00 e só agora estou a regressar, depois de passar a noite com o Zach e o dia com a Macy e a família. Há quanto tempo estaria ali à espera? E se eu tivesse decidido dormir fora de casa, como aconteceu na noite da passada sexta-feira? Teria ficado ali até eu voltar? A resposta é demasiado assustadora para eu sequer a considerar.

Paro no caminho. *O que faço?* Se me dirigir para o meu prédio e ele me vir, virá falar comigo. Não irá descansar enquanto não me convencer e eu não quero que isso aconteça. Não quero mesmo. O meu coração, que até então passara despercebido, assume a cadência pesada do pânico, mesmo ao centro do peito. Eu devia ter ido lá, mas não queria. Esse era o cerne da questão. Eu não queria vê-lo.

Tiro o telemóvel do bolso e abro a última mensagem, que chegara algum tempo antes, quando estava com o Zach. Olho para as cinco palavras e penso no que dizer. Raramente respondo àquelas mensagens. Quando recebo uma, vou vê-lo. Então, o que posso dizer para acabar com aquilo?

Não posso.

Acabo por me decidir ficar por ali e carrego em “enviar” no sítio onde estou, ao fundo da rua.

Vejo-o a levantar os olhos dentro do carro e avistar-me, mas, em vez de sair e vir ao meu encontro, como normalmente faz, volta a baixar a cabeça e, segundos, depois, a mensagem “Ele precisa de te ver” volta a aparecer no ecrã do meu telemóvel.

O que quer ele?

Não posso dizer por mensagem, sabes isso.

Não posso.

Ele precisa de te ver.

Por favor.

Nell...

Por favor... por favor.

O meu telefone fica em silêncio durante longos segundos. Ele está a debater-se com ele próprio, com a posição em que se encontra. Com o impacto que a minha resposta poderá ter para ele.

Está bem. Então, quando?

Em breve.

Prometes que será em breve?

Sim, em breve. Boa noite.

Já é de manhã, Nell. Por isso, bom dia.

OK. Bom dia.

O ruído do motor do carro a arrancar parece uma explosão pirotécnica no silêncio da noite. Tenho a certeza de que os meus vizinhos vão ficar incomodados por lhes interrompido o sono àquela hora da madrugada. Ele olha-me apenas por um brevíssimo instante, antes de abandonar a minha rua e regressar à sua zona de Brighton.

2007

Nell

Segunda-feira, 3 de dezembro

Parei diante da entrada e fiz um esforço para bater na porta verde, em vez de fugir, como desejava com todas as fibras do meu ser. Eu tinha de fazer isto. Tinha de falar com os pais da Jude, embora não tivesse nenhum contacto significativo com eles há muitos anos.

Depois da detenção do meu pai, o Sr. Dalton deixou de aparecer para beber cerveja e sentar-se no jardim, e a Sra. Dalton deixou de falar com a minha mãe no emprego. Nenhum deles fez qualquer acusação ao meu pai, pelos menos de forma explícita; nenhum deles deu entrevistas aos jornais a dizer que sempre lhes parecera que havia algo de questionável no homem que consideravam amigo e a quem tinham confiado a filha. Contudo, a ideia de que não há fumo sem fogo pareceu prevalecer na cabeça deles, tal como na de todos os que não eram da nossa família.

Nos anos seguintes, a Sra. Dalton nunca me cumprimentava quando se cruzava comigo na rua. E sempre que isso acontecia, era como levar um murro no estômago, porque sabia que ela me responsabilizava pelo desaparecimento da filha. Mesmo com 15 anos, percebi que ela escrevera mentalmente a história à sua maneira. Reinventara a Jude, para poder pensar que era *eu* quem estava sempre a meter-me em sarilhos, que era eu quem saía de casa às escondidas e arrastava a filha comigo e que algo de desastroso lhe acontecera numa das minhas perigosas aventuras.

Mas eu teria de ultrapassar todas essas deturpações do passado, se quisesse encontrar a Jude. Por isso, ergui a mão e bati à porta.

– Enelle – saudou o Sr. Dalton. – Que surpresa.

– Olá, Sr. Dalton – cumprimentei. – Eu... Eu gostaria de falar consigo e com a Sra. Dalton, se possível. Não vos tomarei muito tempo. Queria apenas perguntar uma coisa aos dois.

– Entra – convidou ele, num tom de voz esgotado. Ele não deixara propriamente de me cumprimentar sempre que me via na rua; dava-me um sorriso triste, com um aceno de cabeça, embora nunca me dirigisse a palavra. Apesar de tudo, já era alguma coisa. Pelo menos, não fazia de conta que não me via. – Ela está na sala de estar.

– Olá, Sra. Dalton.

Ela estava sentada no sofá, a ver televisão. A Sra. Dalton sempre fora mais glamorosa do que a minha mãe. Estavam sempre impecavelmente arranjadas, mas quando não estava a trabalhar, a Sra. Dalton penteava o cabelo de forma pouco convencional, usava pestanas postiças – que lhe realçavam imenso os olhos – e pintava as unhas com cores vivas. Depois do desaparecimento da Jude, passou a usar pouca maquilhagem, prendia sempre o cabelo num carrapito e só se vestia de cores escuras. E o peso que perdera fazia com que toda a roupa parecesse enorme. Dedicara toda a vida à filha e a chama que fazia dela a “Mãe Boémia” (como a Jude costumava chamar-lhe) parecia ter-se definitivamente apagado.

A Sra. Dalton teve de olhar para mim duas vezes, quando me viu em sua casa, agora muito mais crescida, com a mesma idade que a Jude deveria ter. Depois, lançou um olhar furioso ao marido, por cima do meu ombro, como que a prometer-lhe o inferno por me ter deixado entrar, voltando depois a olhar para a televisão, embutida num nicho, junto à lareira.

– Lamento muito – comecei. – Lamento muito que a Jude tenha desaparecido. Quem me dera saber onde está... A minha vida nos últimos anos não foi a mesma sem ela. – A minha voz, subitamente carregada de lágrimas, começou a ceder devido à tensão, fraquejando um pouco mais a cada palavra que proferia.

Nunca chorei pela Jude. Aprisioneí todas essas emoções numa campânula de medo e selei-a com culpa. Nunca chorei o desaparecimento da Jude porque o mais provável era não conseguir parar de chorar. Mas ali, diante da sua mãe, não consegui conter-me mais.

– Penso nela todos os dias, desde a última vez que a vi – soluzei. – Uso todas estas pulseiras, tal como ela começara a usar, porque é outra forma de a recordar. Não as tirarei até que volte. Quase todos os dias olho para os pequenos anúncios nos jornais, para o caso de ela me ter deixado uma mensagem. Quando era mais jovem, fiz estes cartazes para tentar encontrá-la. – Ergui uma folha de papel que ela ignorou. – Tenho andado à procura dela. Há muitos *websites* por aí. Passo horas a fio a percorrê-los, na esperança de...

– Para, Enelle – interrompeu bruscamente a Sra. Dalton, já saturada da minha comoção e da minha culpa. Eu não era a Jude. – O que queres?

Funguei alto e esfreguei os olhos húmidos com as costas da mão. *Ui. Quem se lembraria de chorar diante de uma mãe cuja vida parou no dia em que a filha desapareceu? Quem se lembraria de fazer uma coisa dessas? Eu, claro.*

– Tenho estado a pensar... Tinha esperança de que me pudessem falar da vossa família. Tenho lido acerca de genealogia e em que medida a árvore genealógica nos pode ajudar a encontrar pessoas. Fiz algumas pesquisas, mas achei que se conhecesse um pouco melhor a vossa história familiar, isso poderia ajudar-me a encontrá-la.

O Sr. Dalton entrou na sala de sobrolho franzido.

– Dizes que a genealogia pode ajudar a encontrar pessoas?

– Nem sempre, mas por vezes ajuda. Só quero fazer tudo o que estiver ao meu alcance para a encontrar. Se identificar todos os parentes, poderei obter uma pista sobre o seu paradeiro. Ela poderá conhecer familiares ou amigos da família que não vos ocorreu contactar. É uma hipótese remota, como se costuma dizer, mas quero explorar todas as hipóteses para a encontrar.

– Com certeza – anuiu o Sr. Dalton. – Claro que sim, Enelle. – Virou-se para a mulher. – Pode resultar, Lilani. Quando as pessoas morrem sem deixar testamento, as empresas de genealogia conseguem, por vezes, localizar parentes distantes recorrendo a árvores genealógicas e registos, para que essas pessoas possam reclamar a sua parte da herança. Nunca conheci alguém que o fizesse

dessa forma, mas é possível que resulte.

A Sra. Dalton não desviou os olhos da televisão, mas parecia estar a ouvir. Por fim, perguntou:

– Achas que isso vai ajudar a encontrá-la?

– Pode ajudar ou não – admiti. – Mas quero tentar.

– O que temos de fazer? – perguntou o Sr. Dalton.

– Preciso apenas que me contem tudo sobre os antecedentes da vossa família. Nomes, datas de todas as coisas de que se recordarem, locais onde viviam, etc. Tomarei algumas notas e prosseguirei com a minha pesquisa.

– Faremos tudo o que for preciso, não é Lilani querida? – garantiu o Sr. Dalton. – *Não é?*

– Sim – respondeu a Sra. Dalton, num tom melancólico. – Tudo.

Atualmente

Nell

Quarta-feira, 4 de abril

ADN, ADN, ADN.

Quando se trata de encontrar pessoas, o importante é o ADN. Em todas as séries policiais da televisão, é graças ao ADN que os casos se resolvem, que se identificam pessoas e que se levam os criminosos à barra do tribunal.

Há séculos que pesquiso sobre a *Sereia de Brighton* e também tenho estado a tentar obter informação sobre a família da Jude, procurando, entretanto, aprender tudo o que for possível sobre sequências de ADN. Li toda a informação disponível e aprendi decifrar o código de ADN, as sequências representadas por números e letras. Aprendi sobre ADN autossómico, a herança genética transmitida pelos nossos pais; li sobre ADN mitocondrial, os genes transmitidos pelas nossas mães e por todas as mulheres da linhagem familiar. Aprendi o que é ADN do cromossoma Y, transmitido pelo pai e por todos os homens da linhagem. Li, pesquisei e aprendi tudo o que podia, pois sabia que um dia poderia ter acesso a bases de dados de ADN semelhantes às da polícia e, assim, daria início à minha própria pesquisa.

É óbvio que quando os testes se tornaram acessíveis ao público em geral, eram demasiado caros para mim. Mas eu podia esperar.

O problema é que não tinha amostras do ADN da Jude nem da *Sereia de Brighton*. Este foi sempre o grande obstáculo, mesmo quando o preço dos testes disponíveis para consulta pública baixou.

Calculei que tivessem recolhido ADN da mulher que tínhamos encontrado. Sabia também que tinham amostras do ADN da Jude (possivelmente recolhidas de uma escova, com cabelos ainda com o folículo na ponta), porque, a dada altura, a equipa forense da polícia tentou testar a nossa casa, para ver se encontrava o ADN da Jude. Porém, à semelhança das impressões digitais, o ADN dela apareceu onde se esperava que aparecesse, pois ela praticamente vivia em nossa casa. Procuraram também no carro do meu pai e na loja – nas lojas, aliás. Testaram todas as lojas, mas só encontraram o ADN dela na loja de Hove, onde passava imenso tempo comigo.

Durante muito tempo, o ADN foi como um guia luminoso à distância, algo a que eu não tinha acesso, mas que, estava convencida, me ajudaria a encontrar a Jude e a descobrir quem era a *Sereia de Brighton*.

O meu telemóvel retine com a terceira mensagem “Ele precisa de te ver” do dia. Julgava que tinha conseguido ganhar algum tempo no fim de semana, mas, pelos vistos, não tanto quanto pensava. Vou ter de lá ir. E daí...

– Lamento muito tê-la feito esperar, menina Okorie.

O amigo do Shane do ginásio chama-se Craig Ackerman e mostrou-se interessadíssimo em

conhecer-me assim que eu lhe liguei, no dia anterior. Sugerir-lhe que nos encontrássemos mais tarde nessa semana, mas ele conseguiu uma abertura na sua agenda de hoje (palavras dele, não minhas), por isso vim ao escritório dele, perto do centro da cidade. O edifício é uma coisa muito cintilante, de linhas simples e elegantes, com vidro por toda a parte e revistas igualmente elegantes. Há seguranças de uniforme e um enorme balcão de receção no rés do chão. O gabinete dele fica no quinto andar. No exterior, está uma assistente pessoal incrivelmente elegante, a escrever ao computador e a atender o telefone.

Craig Ackerman é, pelo menos, uns cinco anos mais velho do que eu. Talvez até mais.

– Por favor, sente-se – convida ele, sem apontar para qualquer lugar específico. Tem um gabinete amplo, com um sofá e uma cadeira de apoio, para além da sua própria cadeira, atrás da enorme secretária de vidro, e mais duas de visitante, do lado oposto. É óbvio que há ainda armários baixos e uma mesa de apoio junto à cadeira e à secretária de vidro – todos eles são opções perfeitamente válidas para servir de assento.

Estou nervosa, motivo pelo qual dou comigo a resmungar para dentro. Nunca fiz este tipo de trabalho para um estranho. Quando comecei a interessar-me por genealogia, o objetivo era descobrir se a Jude tinha alguma família, mesmo que muito distante, para junto da qual pudesse ter fugido. Com o tempo, fui conhecendo algumas pessoas *online* e na vida real que andavam à procura da família alargada. Explicavam-me o que andavam a fazer e eu ajudava-as, examinando a informação e oferecendo perspetivas que só um estranho poderia dar.

Por exemplo, uma mulher andava à procura da árvore genealógica do lado do pai já há bastante tempo, mas não conseguia passar de um certo ponto. A família estava toda dispersa por Sussex, a maior parte em East Sussex, alguns por West Sussex, mas apenas há três gerações. Ela dispunha de mais conhecimentos do que eu sobre a família, a sua história e mitos, mas, aparentemente, essa informação era um beco sem saída. Peguei na pesquisa, decompus o apelido de família e procurei a origem de cada um desses ramos da família dentro do país. Alguns eram oriundos da Irlanda e tinham-se radicado ao longo da fronteira com a Escócia e outros na zona central de Inglaterra. Uma vez desmontado o nome de família – coisa que não lhe ocorrera – a pesquisa voltou a produzir resultados.

O Craig Ackerman apercebe-se claramente de que estou sem saber onde me sentar, por isso decide ir para trás da secretária. *Boa escolha, meu, quase lhe digo. Vamos manter isto em termos estritamente profissionais, para que eu possa trabalhar como deve ser.*

– Então, de onde conhece o Shane? – pergunta ele, depois de eu me instalar numa das grandes cadeiras de cabedal, do lado oposto da secretária.

– Ele é mais ou menos meu cunhado. Vive com a minha irmã – respondo-lhe. – E como o conheceu?

– Bom, na verdade, não o conheço bem. Vimo-nos no ginásio. Certa vez, ele estava a ver um jogo

no telemóvel, numa altura em que o meu tinha ficado sem bateria, e acabou por me deixar assistir ao jogo, por cima do ombro dele. Desde então, somos bons amigos de ginásio, embora estivéssemos a torcer por equipas diferentes.

O Craig Ackerman é realmente um homem bastante chique. Está com um fato azul-escuro, claramente dispendioso, mas de corte moderno. Tem cabelo castanho-claro, impecavelmente cortado, olhos azuis água e pele muito clara. Olho-o de cima a baixo, e interrogo-me sobre o seu património genético. Geralmente, as pessoas ficam chocadas por saber que a sua aparência não determina, necessariamente, a sua herança genética. Podem ser brancos, de pele clara e cabelo louro e descobrirem que têm, mesmo assim, 41% de ADN africano subsariano; podem ter pele muito escura e cabelo preto e descobrirem que têm 37% de ascendência escandinava. O ADN infiltra-se por toda parte, e as pessoas, por vezes, ficam aturdidas, porque se viram ao espelho durante toda a vida, viram nele quem julgavam ser e foram bombardeadas com mensagens que dizem que as pessoas X, semelhantes à que aparece no espelho, são oriundas de Y. Depois, surge a conclusão de que aquela pessoa em particular, que parece ser X, tem origens em D, F, G e H, com vestígios quase impercetíveis de Y, Z e A.

– O Shane deu-lhe uma ideia geral do que eu procuro? – interroga o Craig Ackerman.

– Não, por acaso, não. Disse que tinha algo que ver com um testamento.

– Ah. Não sei por que razão ele disse isso. Sou adotado e gostaria de saber mais sobre a minha família biológica.

– Tem os registos de adoção? – pergunto.

O Craig Ackerman sorri.

– Minha querida, se os tivesse, porque precisaria de si? – Dá uma gargalhada. – Sem ofensa.

– Não me ofendeu – respondo, porque ele tem alguma razão. Levo a mão à minha enorme mala e tiro o bloco de desenho A4 que utilizo para tomar notas e começar a traçar o esboço da árvore genealógica, para depois preencher. Tiro também o meu gravador de voz. Preciso de recolher todos os antecedentes de que ele se recorda ou que lhe foram transmitidos – por muito vagos ou infundados que pareçam – em registo de voz, para perceber por onde começar.

O homem que está atrás da secretária olha de forma desconfiada para o gravador.

– Por que carga de água precisa de me gravar? – questiona.

– Não o vou gravar propriamente a si. Gosto de ficar com duas versões da história que me vai transmitir, para o caso de me escapar alguma coisa nas minhas notas.

– Receio bem não ter muito para contar – alega ele.

– Não tem importância. Qualquer detalhe, por mais insignificante que seja, pode, por vezes, abrir mais um campo de pesquisa. Preparado?

Ele pigarreia, pega num copo, bebe alguns goles de água e volta a clarear a garganta.

– Estou pronto.

Carrego no botão de gravar e pego no lápis, preparando-me para ir desenhando enquanto ele fala.

O Craig Ackerman não fala durante muito tempo, pois não tem muito o que contar. Pede desculpa várias vezes e eu digo-lhe várias vezes que não tem importância. Preciso de um desafio e tenho a impressão de que o tenho diante de mim.

– Comeu alguma coisa na última hora, Sr. Ackerman? – pergunto.

– Não. Posso perguntar porquê?

Volto a guardar o meu bloco de notas e o gravador nas bolsas da minha enorme mala de cabedal e tiro o resto do meu material: uma embalagem de recolha de ADN. Dentro de um grande saco transparente de polietileno estão 15 *kits* de esfregaço bucal, luvas de borracha e vários impressos de declarações, redigidas por um advogado. O Craig Ackerman, cujo rosto revela já algumas rugas, franze o sobrolho ao ver tudo aquilo que acabo de pousar cuidadosamente diante de mim, sobre a secretária.

– O que está a fazer? – interroga.

– Esta é outra parte do meu trabalho – esclareço. – Recolho uma amostra de ADN e envio-a para análise a várias empresas que o identificarão com qualquer pessoa que possa ser seu parente biológico. Encarrego-me de tudo isso. Envio-as, recebo os resultados, verifico se há correspondências e explico-lhas. É óbvio que vai receber uma cópia dos resultados, bem como o código de acesso à conta em seu nome, nos diferentes *websites*. Mas vou precisar que assine um documento que me autorize a enviar estas amostras em seu nome e uma declaração a atestar que não tentará processar-me, caso não obtenha os resultados pretendidos... – A minha voz deixa de se ouvir. – Parece estar confuso, Sr. Ackerman.

– Craig, por favor. Trate-me por Craig. – Os vincos na testa acentuam-se ao olhar para as luvas azuis que tenho calçadas. – O Shane não me disse que você recolhia amostras de ADN.

– É provável que não soubesse. Não falo muito com ele sobre o meu trabalho.

Ele franze ainda mais o sobrolho.

– Há algum problema? – pergunto delicadamente. – A questão é que faz toda a diferença fazer a pesquisa com ADN. Posso perfeitamente fazer a pesquisa documental e genealógica tradicional, mas o ADN introduz outra dimensão e abre novos caminhos, caso se encontre uma correspondência, o que nem sempre acontece, tenho de admitir. Também não é possível fazê-lo apenas com ADN, uma vez que a amostra disponível é demasiado pequena. Mas os métodos tradicionais, associados às amostras de ADN, são uma poderosa combinação.

– Compreendo. O que tenho de fazer?

– Beba alguns goles de água para humedecer a boca e depois utilize este cotonete gigante e passe-o pelo interior da bochecha. – Ergo o esfregaço bucal, que parece, de facto, um cotonete gigante, que será guardado posteriormente no interior de algo semelhante a um enorme tubo de ensaio. Assim que recolher os 15 esfregaços, enviá-los-ei em diferentes envelopes às várias empresas de testes de

ADN. – Eu própria vou embalá-los e enviar. – Ele bebe os goles de água, mas quando chega à altura de passar o cotonete por dentro da bochecha, não o tira da minha mão.

– Importa-se... Importa-se de fazer o primeiro, para que eu perceba o que tenho de fazer?

– Abra a boca – peço.

Ele abre a boca e espera pacientemente que eu introduza o esfregaço, observando todos os meus movimentos e olhando-me nos olhos, enquanto eu movo o objeto. A maioria das pessoas que me pede para fazer o esfregaço desvia os olhos, abraçada pelo facto de eu estar a fazer algo bastante íntimo. Mas este homem, não. Transmite aquela extraordinária autoconfiança que se encontra frequentemente em homens de negócios bem-sucedidos. Nada parece intimidá-los.

Assim que recolho a amostra, volto rapidamente para o meu lado da secretária, de forma a guardar o esfregaço em segurança no tubo de vidro. Meto o tubo no saco de plástico e coloco cuidadosamente os restantes no lado oposto da secretária.

– Estou certa de que conseguirá fazer os restantes sozinho – digo-lhe. – Depois, assim que assinar os documentos, estamos despachados.

– É bastante eficiente – observa ele.

Ocupo-me com a documentação e espero que ele termine os esfregaços. Não gosto do Craig Ackerman. Não é por algo que tenha feito, mas faz-me sentir pouco à vontade. Posto isto, tenho de admitir que passo demasiado tempo em estado de alerta máximo, sempre a recear e a desconfiar das pessoas. Mais uma sequela da história da *Sereia de Brighton*, creio.

– Geralmente, envio tudo às sextas-feiras. Depois de enviar pelo correio, os resultados dos testes de ADN demoram entre quatro a seis semanas a chegar. Se, entretanto, descobrir algo de importante, informá-lo-ei.

– Foi um prazer conhecê-la, menina Okorie – despede-se ele.

Não tem sido um grande prazer conhecê-lo, mas sorrio e digo:

– Igualmente. Obrigada. – E saio do gabinete tão depressa quanto possível. Nestas situações, mesmo quando estou a lidar com pessoas que acho odiosas, concentro-me no mais importante: terei acesso a mais uma série de resultados de ADN que, na melhor das hipóteses, me permitirão dar um novo um passo para encontrar a Jude e descobrir a identidade da *Sereia de Brighton*.

Macy

Quarta-feira, 4 de abril

– Para um pouco, Shane, por favor.

– O que... O que se passa? Estou a magoar-te? Sou demasiado pesado?

– Não, não é isso. Só que... Só que é a quinta vez desde sábado.

– Eu sei. É maravilhoso, não é? Recuperámos a nossa magia.

– Mas porquê?

– Como assim, “porquê”?

– É por causa da Nell?

– O quê? Não. O que te leva a dizer isso?

– É que tu... Isto... só está assim desde que resolveste as coisas com a Nell, no sábado. Saltaste-me praticamente para cima, assim que ela foi embora. Estás a fazer isso por causa dela? Por causa da Nell?

– Importas-te de parar de dizer o nome dela? Porque não paras de dizer o nome dela enquanto fazemos amor?

– Porque preciso de saber se é por causa dela.

– Não. Já te disse um milhão de vezes que não.

– Então, porquê?

– Porque te amo. Porque te desejo a toda a hora, mas tu não pareces desejar-me da mesma forma

– Claro que desejo. Tu foste o primeiro a rejeitar-me várias vezes, lembras-te? Foi assim que tudo começou.

– Rejeitei-te porque me chamaste Clyde, está bem? Isso destruiu uma parte de mim e demorei séculos a recuperar a confiança para fazermos amor outra vez. Depois de estarmos juntos tanto tempo, tratas-me pelo nome do teu ex num momento crucial? Foi duro e quando consegui ultrapassar a coisa, tu já não querias saber.

– Oh, desculpa, desculpa. Não fazia ideia de que tinha feito isso. Não fazia mesmo ideia.

– Agora, está tudo bem. Já ultrapassei isso.

– Lamento mesmo muito, mas se te servir de consolo, eu sei o que isso é.

– O que queres dizer com isso?

– Já me chamaste Nell mais do que uma vez. Normalmente, quanto estás quase a ter o orgasmo. Entendo quando dizes que destrói uma parte de ti sempre que acontece.

– Oh, meu Deus. Lamento muito. Lamento mesmo muito. Não fazia ideia. Devias ter dito alguma coisa, eu devia ter dito alguma coisa.

– Achas que nos andamos a enganar mutuamente? Que não fomos realmente feitos um para o outro e devíamos pôr um ponto final nisto?

– O que *eu* acho é que te amo, que nunca amei tanto ninguém em toda a minha vida. O que *eu* acho é que neste momento quero continuar a fazer amor contigo, porque é tão bom fazê-lo contigo. O que *eu* acho é que somos perfeitos um para o outro. O que *eu* acho é que quero casar contigo. É isso que *eu* acho.

– Eu também acho que o amo, Sr. Merrill, e acho que quero que continuemos a fazer a amor. Acho também que vou voltar a pensar na hipótese de casar consigo.

– Amo-a, Sra. Merrill.

– Ei, ainda não disse que sim.

– Eu sei. Estou apenas a pôr-te à prova. A praticar, se quiseses, para quando, finalmente, puder deitar-me com uma mulher casada.

Já estás deitado com uma mulher casada, Shane, penso. Já estás deitado com uma mulher casada.

Nell

Quinta-feira, 5 de abril

A Maura Goodrich está lavada em lágrimas.

Não para de chorar desde que cheguei e lhe tracei a árvore genealógica final, mostrei-lhe onde se insere, expliquei-lhe quem são os seus parentes vivos, quem existiu antes dela e revelei os segredos das pessoas que partilham partes dos seus 23 cromossomas. Estou sentada a seu lado. Não me sinto totalmente desconfortável, porque é frequente as pessoas reagirem daquela forma, por isso espero até que esteja suficientemente calma para conseguir falar. Quando as pessoas se veem a si próprias no mapa familiar, a árvore invertida na qual estão representadas por uma folha ou um ramo, ficam extremamente emocionadas. Nem todas choram, mas quase todas fazem uma pausa, por instantes, para reunir ideias, manter as emoções sob controlo e tentar entender a enormidade daquelas revelações. Depois de tudo mapeado, nós somos como pequenas gotas no vasto oceano do nosso fundo genético, e é justamente isso – a relatividade literal da coisa – que as deixa sem fôlego.

– Eu sabia! – diz a Maura. – Eu sabia que eles estavam a esconder-me qualquer coisa. – Funga e com a manga limpa o nariz a pingar. – Sempre achei que havia algo de grave que ninguém queria falar. – Suspira. – Lembro-me de o meu pai estar fora durante algum tempo, como te disse, mas eles estavam sempre a fazer de conta que eu estava enganada ou que deturpara o passado para poder acreditar que ele partira por causa de viagem de negócios. Mas não foi esse o motivo. Ele foi-se embora para ir viver com outra mulher. E teve um filho dela. – Limpa os olhos com a ponta dos dedos. – Ah, que alívio. Eu não estava a ficar maluquinha. Tenho mesmo uma irmã.

Tecnicamente, era meia-irmã, mas eu sei que, para muita gente, esse detalhe não tem qualquer importância. O que interessa são as ligações que têm por aí. As pessoas que poderiam vir a fazer parte das suas vidas. Nem sempre resulta. Nem sempre encontram gente com quem alargar a família e viverem felizes para sempre. O mais frequente é o parente não querer saber. Se a pessoa não anda efetivamente à procura de familiares – colocando o seu nome em *websites*, mandando analisar amostras de ADN e verificando registos – é porque não quer saber. Quem não anda à procura de parentes, tem, geralmente, uma vida que poderá não ser perfeita, mas satisfatória, e, portanto, não sente necessidade de ter mais alguém no seu universo. Essas são as notícias mais dolorosas. Normalmente apresento presencialmente a árvore genealógica, para poder conversar, segurar na mão, dar um abraço e lembrar que têm mais família ou amigos para os amparar, e que isso não altera em nada quem eram no início da pesquisa nem quem poderão vir a ser. Lembro-lhes também que as pessoas mudam frequentemente de ideias – é raro receberem este tipo de notícias e nunca mais quererem saber do assunto.

Felizmente, esse não é o caso da Maura. A (meia)-irmã ficou estarrecida. Fora criada pela mãe e pelo padrasto, e estes sempre lhe disseram que era filha de pai desconhecido, porque se tratara de

um encontro fortuito de uma noite. Ela terá aceitado bem a ideia, mas colocou a sua sequência de ADN *online*, na esperança de um dia conhecer o pai. Quando soube que tinha uma irmã, ficou radiante. Não sabia ao certo como reagiria ao saber que a mãe e o pai tinham estado juntos ao longo do seu primeiro ano de vida, mas não me competia a mim revelar, por isso, fiquei de bico calado.

– Quero conhecê-la – diz a Maura.

– Ela também quer conhecê-la.

– A sério? Isso é maravilhoso. Estou tão entusiasmada. Mal posso esperar para a conhecer.

– Há, no entanto, algumas coisas que não deve esquecer, antes de conhecer a Laura. É possível que não se tornem imediatamente amigas do peito nem se tratem logo como irmãs. Basicamente, ela é uma estranha e não pode esquecer-se disso. Posso estar presente no primeiro encontro, se quiser, mas talvez seja preferível levar uma amiga ou um namorado. Encontrem-se num local público, tentem levar as coisas com calma e, sobretudo, não invista num relacionamento que não está preparada para perder. Se sentir que poderá sair magoada, se ela não corresponder às suas expectativas, não espere mais do que o essencial dela e desse relacionamento. Faz sentido?

A Maura assente com a cabeça, mas não está realmente a ouvir. Terei de lhe repetir tudo antes de me ir embora, mas é compreensível. Eu ficaria tão aturdida como ela.

Ora bolas! Não fiz a palestra sobre as “expectativas” ao Craig Ackerman. Normalmente, faço-a a todas as pessoas com quem trabalho, pois é sempre preferível prometer pouco do que prometer muito e, depois, ter de reconhecer humildemente o meu erro, caso descubra pouco ou nada.

– Muito bem – digo, mostrando um sorriso. – Eu conto-lhe tudo o que descobri e depois talvez possamos telefonar-lhe.

– Isso seria fantástico!

É por isso que nunca fico muito afetada nem deprimida quando não encontro ligações com a Jude ou com a *Sereia de Brighton*. Eu ajudo pessoas com o meu trabalho, crio elos e revelo ligações com outros seres humanos. É uma atividade gratificante, mesmo quando percebo que não estou mais perto de resolver os meus dois grandes mistérios.

– Eu tenho um amigo – diz a Maura, passando repetidamente os olhos pela árvore genealógica – que também precisa que alguém localize uma parte da família. Eu disse-lhe que era a pessoa indicada. Posso dar-lhe o seu contacto?

– Hum... Se pudesse dar-me o contacto dele, seria ótimo.

– Sim. Espere um pouco. Vou buscá-lo.

Ser recomendada a alguém é toda a gratificação de que preciso, pois é absolutamente vital para mim, neste momento, ter acesso a mais sequências de ADN. Preciso de aumentar tanto quanto possível as probabilidades de encontrar o elo genético, a combinação mágica que provará que estou no caminho certo e que conseguirei resolver os dois mistérios antes que tudo recomece.

Macy

Sexta-feira, 6 de abril

Jude, Jude, Jude.

Estou constantemente a sonhar com a Jude e a lembrar-me dela durante o dia. Sempre que penso em procurar o Clyde, para poder dar início ao processo de divórcio, a minha memória recua acidentalmente até àquela noite, há 25 anos, e eu não consigo deixar de pensar na Jude.

Não me recordo dos sonhos. Quando abro os olhos, sei apenas que ela monopolizou por completo a minha mente, enquanto flutuava pelo mundo dos sonhos. Depois, quando estou de olhos fixos na escuridão, o nome dela ecoa-me repetidamente na cabeça, como uma batida incessante.

Jude, Jude, Jude.

Eu sei que ela não fugiu e sei com quem estava quando desapareceu. A imagem é tão vívida como se tivesse acontecido ontem. Em 25 anos, esqueci muita coisa – pessoas, acontecimentos, lugares, coisas –, mas continuo a lembrar-me claramente daquela noite.

Lembro-me... de estar no meu quarto, descalça sobre a carpete com textura... de sentir a camisa de dormir colada ao corpo naquela noite húmida e quente... de o calor pulsar em meu redor, ao sentar-me na cama, por estar a ouvir vozes... da estranha sensação de estar fora do meu próprio corpo, ao aproximar-me da janela do meu quarto e olhar para o exterior.

Todos dormiam, mas eles não. Eles estavam na rua. Observei-os e, ao fazê-lo, percebi que jamais poderia contar o que tinha visto.

Jude, Jude, Jude.

Eu sentia-me frequentemente posta de parte pela Jude, pois ela e a Nell conheciam-se há muito tempo.

Às vezes, parecia que a irmã da Nell era ela, e não eu. Ainda assim, eu gostava da Jude. Achava-a engraçada e gentil. Tinha sempre uma boa história para contar. Também era problemática, toda a gente sabia. Mesmo a Nell, embora tentasse ignorar, por ela ser sua amiga. Por vezes, eu ficava a escutar à porta e ouvia a Nell a confrontá-la, a dizer-lhe que não devia ter feito isto ou aquilo, pois acabaria por meter ambas em sarilhos. A Nell era leal e ficava sempre do lado da Jude, mesmo que isso também lhe trouxesse problemas. E a Nell arranjava *realmente* problemas, porque os nossos pais não eram como os da Jude.

Os nossos pais gritavam connosco, repreendiam-nos e tiravam-nos coisas, se nos portássemos mal. E de vez em quando, se saíssemos completamente da linha, davam-nos umas bofetadas. Nós sabíamos sempre o que esperar dos nossos pais e – de uma forma geral – portávamo-nos bem. Os pais da Jude eram extraordinariamente descontraídos. Sobretudo, o Sr. Dalton. Ouvi a Jude contar à Nell que ela e mãe tinham acesas discussões e que era sempre o padrasto quem as acalmava. O Sr. Dalton sempre me parecera a pessoa mais serena e imperturbável do mundo. Lembro-me de, certa

vez, ter tropeçado e entornado um copo com água em cima dele. O seu lindo fato cinzento ficou todo manchado. Parecia que tinha urinado nas calças. Fiquei horrorizada e pedi-lhe desculpa vezes sem conta. Se tivesse acontecido ao meu pai, ele teria dito: “Macenna!”, num tom zangado, porque eu passava a vida a entornar, a deixar cair e a derrubar coisas. Agarraria numa toalha, abanaria a cabeça e chamar-me-ia a atenção, dizendo que eu tinha de ter mais cuidado. O Sr. Dalton limitou-se a dizer: “Ups. Já passou.” E depois deu uma gargalhada.

Jude, Jude, Jude.

Agora que sou mãe, sinto que a descontração do Sr. Dalton era prejudicial. Mesmo nessa altura, com 11 anos, já o achava.

Talvez fosse pelo facto de a Nell só se meter em sarilhos com a Jude, mas sentia que os pais dela deviam ser mais rigorosos, não a deixando fazer tudo o que queria, sempre que queria. Quando encontraram aquele cadáver, e o meu pai teve de ir à esquadra buscar a Nell, eu convenci-me de que fora a gota de água, que os meus pais iriam proibir a Jude de ir a nossa casa e não voltariam a deixar a Nell sair. Mas é óbvio que não foi isso que aconteceu. Os pais da Jude só a deixavam sair para vir a nossa casa e ela começou a passar ainda *mais* tempo connosco. Estavam quase sempre fechadas no quarto da Nell, a falarem sobre o cadáver, as pulseiras da Jude e o que podiam fazer para descobrir quem a matara.

Sobretudo a Jude. Era ela que queria saber quem era a mulher e como tinha morrido. A Nell queria, acima de tudo, esquecer. Por vezes, ouvia-a a chorar alto contra a almofada, para afastar o medo. A Nell acha que esconde bem o que sente, mas eu sempre consegui vê-la tal como é.

Jude, Jude, Jude.

De vez em quando penso que devia ter sido a Nell a ver o que eu vi naquela noite. Se ela tivesse presenciado, tenho a certeza de que teria agido de forma diferente. Creio que teria contado o que vira. Teria sido suficientemente corajosa para falar, em vez de carregar este segredo, a ponto de roer as unhas, cortar-se e alimentar centenas de pequenos rituais que a ajudam a esconder a verdade.

De vez em quando penso, em noites como esta, em que não consigo dormir e quando adormeço sonho com a Jude, que a minha vida seria completamente diferente se não tivesse visto o que vi naquela noite.

Jude, Jude, Jude.

De vez em quando penso, em noites como esta, em que não consigo dormir e quando adormeço sonho com a Jude, que devia contar a verdade.

Sei que o fim está próximo. Sinto-o a aproximar-se velozmente, a cada dia que passa. A Nell decidir tirar um ano de licença do trabalho para se concentrar nisto, as notícias nos jornais, a chamada que recebi no outro dia, no trabalho, a perguntarem-me se era parente da Enelle Okorie – tudo sinais, o tiquetaque de uma bomba prestes a explodir. Talvez fosse melhor detoná-la já e contar tudo.

Talvez fosse melhor contar que vi a Jude em nossa casa na noite em que realmente desapareceu.

Nell

Sexta-feira, 6 de abril

– CUIDADO! – grita o homem que avança na minha direção, de indicador no ar.

Viro-me parcialmente, de forma a poder ver para onde está a apontar, e sinto uma mão a empurrar-me violentamente pelo meio das costas. Levanto os braços ao ser projetada para a frente, e torço o corpo quando sinto que me arrancam a mala do ombro. Caio desamparada e sinto uma dor aguda no cotovelo e no joelho direito, pois é em cima deles que caio. Subitamente, oiço os bramidos de uma motocicleta que se afasta velozmente, e fico caída no passeio, inerte.

Foi tudo muito rápido. Tão rápido que demoro alguns segundos até perceber o que aconteceu. Por que razão me dói o cotovelo e o joelho e por que razão estou sem mala.

– Está bem, querida? – pergunta uma mulher, ajudando-me a levantar.

– Aquilo não foi nada bonito – diz o homem que gritara para me advertir, ajudando-me também a levantar. – Está bem?

Acabei de ser assaltada.

Acabei de ser assaltada na sossegada e descontraída vila de Hove.

– Foi tudo tão rápido – refere a mulher. Continua a segurar-me num braço, pois estou vacilante e trémula.

– Mal posso acreditar que aconteceu – acrescenta o homem. – E vi que ele vinha atrás de si e gritei. Ouviu-me gritar? Eu gritei.

Uma pequena multidão começa a reunir-se à nossa volta, com as pessoas a segredarem e a falarem sobre o que viram que, certamente, não foi muito, dada a rapidez com que tudo aconteceu.

– Levaram muita coisa? – pergunta uma terceira pessoa.

– Levaram apenas a minha mala – respondo.

– Isso é horrível – comenta a primeira mulher, ainda a amparar-me. – Mal posso acreditar que isto aconteceu. Está bem?

– Sim – replico, num tom ligeiramente alheado. – Estou bem.

– Quer que chame a polícia? – interroga o homem.

Sacudo a cabeça.

– Não, não. – Não quero que ele chame a polícia. É a última coisa que quero que faça. Não quero nada com a polícia, a menos que seja estritamente necessário. A maioria das pessoas não entenderia porquê. Fui vítima de um crime e essa era a primeira coisa que eu devia fazer. Percebo-o nos rostos da pequena multidão ali reunida. *O que terá ela a esconder para não querer chamar a polícia?* – Eu já os chamo, daqui a pouco – acrescento, para justificar a minha aversão. – Preciso de recuperar o fôlego.

– Não posso censurá-la por isso – concorda a mulher. – Foi horrível. Absolutamente chocante. –

Quem está na periferia da multidão começa a dispersar. O incidente não deve parecer muito interessante, pois não estou histérica nem a sangrar.

– Obrigada – digo à mulher. – Foi muito amável. – Desencosto-me do braço dela e ela parece ficar tão satisfeita como eu ao ver que me aguento de pé.

– Quer sentar-se um pouco em algum sítio? – questiona o homem.

– Não, não. Estou bem, a sério. É melhor ir para casa dar baixa dos cartões.

– Quer que eu vá consigo falar com a polícia? – pergunta a mulher. – Não é que visse grande coisa, pois tudo aconteceu demasiado depressa. Num minuto estava de pé, no momento seguinte estendida no chão, e o tipo de preto a saltar para cima da mota com a sua mala.

Então, a mota sempre estava relacionada com o caso.

– A mota subiu para cima do passeio – recorda o homem. – Foi por isso que eu gritei. Não me ouviu gritar?

Levo os dedos aos olhos e pressiono-os. Sinto-me tonta. Mal posso acreditar que isto me aconteceu. Quer dizer, sempre soube que aquelas coisas aconteciam e já ouvira pessoas a contar que alguém numa mota lhes arrancara o telemóvel das mãos, mas acreditava mesmo que isso só acontecia em Londres, não aqui.

Tinha acabado de ir à estação de correios junto de Floral Clock, em Hove, para enviar todas as amostras de ADN que estavam na minha posse às diferentes empresas, pois é isso que costumo fazer à sexta-feira. Depois, comecei a andar em direção a casa, mas a meio do caminho lembrei-me de que não enviara a autorização nem a declaração, que deveriam ficar à guarda do meu advogado, por isso dei meia-volta e seguia a caminho da estação dos correios, quando me empurraram.

– Está bem? – pergunta-me novamente a mulher.

– Sim, estou bem – respondo-lhe, mostrando um sorriso. Só lá estão ela e o homem que gritou. Todos os outros tinham ido embora. – Estou perfeitamente bem, preciso apenas de uns instantes.

Costumo trazer sempre o telemóvel e as chaves no bolso, por isso eles não ficaram com esses objetos. Mas tinha a carteira na mala. Os meus óculos e o meu diário com uma fotografia minha e da Jude colada à capa interior. Isso era irrecuperável. Tinha pouquíssimas fotografias da Jude, não fazia ideia de onde estava o negativo daquela, e agora tinha ficado sem ela. Essa fora a peça mais valiosa que me tinham roubado. Não conseguiria arranjar outra.

Apesar dos meus esforços, apesar de ter criado uma vasta árvore genealógica e ter contactado quase todas as pessoas que nela figuravam, nos últimos 10 anos não encontrei a Jude nem consegui modificar os sentimentos da mãe dela relativamente a mim. Dificilmente ela me daria uma fotografia da filha para substituir aquela.

Volto a pressionar os olhos com os dedos, para não chorar.

É por isso que era inútil chamar a polícia. Eu posso contar-lhes o que aconteceu, mas o que eles podem fazer relativamente a recordações sem valor? Como podem recuperar a fotografia com a

minha melhor amiga, tirada à beira-mar, no circo junto ao *King Alfred*? A caneta comemorativa do 10.º aniversário do *The Super* que estava no fundo da mala? Os autocolantes que o Aubrey me dera e que eu colara na parte de trás do estojo dos meus óculos? O facto é que não podiam.

Não entendo por que motivo alguém me faria aquilo. Com tanta gente a percorrer a rua àquela hora, porque me teriam escolhido? Eu nem sequer estava demasiado próxima da beira do passeio. Não estava com o telemóvel na mão. A mala não era de marca. Não passava de uma mala grande e disforme que a Macy me oferecera no Natal.

Porquê eu?

Com tanta gente naquela rua, porquê eu?

O meu telemóvel toca dentro do meu bolso. É o toque de mensagem *dele*.

Não, não pode ser por causa disso. Porque é que a *Sereia de Brighton* me levaria a ser assaltada 25 anos depois de a ter encontrado?

Estou a ser ridícula. Eu sei que estou.

Agradeço à mulher e ao homem pela amabilidade, prometo-lhes que vou a um café beber um chá bem forte e doce, para acalmar os nervos, e que depois chamarei a polícia.

Estou a ser ridícula ao pensar que alguém anda a perseguir-me. É óbvio que não acredito nisso. Não fiz nada para que me abordassem daquela forma.

2013

Nell

Segunda-feira, 20 de maio

– Nell Okorie? – perguntou-me o homem com óculos de aros pretos. Já era tarde e eu acabara de fechar a loja do *The Super* quando ele me abordou.

Percorri-o com o olhar, sob a luz alaranjada dos candeeiros de rua. Tinha pele clara, cabelo castanho e aquele rosto não me era estranho.

– Quem quer saber? – perguntei, preparando-me para fugir. A transversal que dava acesso à rua principal era ligeiramente a subir, mas eu conseguiria lá chegar. Assim que chegasse a London Road, haveria bares e restaurantes ainda abertos, onde eu poderia entrar e esconder-me.

– Eu – respondeu o homem.

Dei um passo atrás, sem desviar os olhos dele, atenta a qualquer movimento brusco.

– E quem é você? – voltei a questionar, quando se tornou claro que ele não ia dizer mais nada.

– Aaron Pope. O John Pope é meu pai.

Mandara o filho importunar-me? Aquele homem era inacreditável. Já percebia de onde vinha o ADN responsável por aquelas feições. Consequia ver claramente o pai no rosto dele.

– Certo. Nesse caso, vou-me embora – disse-lhe eu.

Tentei passar por ele, mas o Aaron atravessou-se no meu caminho. Uma onda de medo percorreu o meu estômago e subiu-me até à garganta. Iria atacar-me? O John Pope nunca me levantou uma mão, mas eu não sabia nada sobre aquele homem. Poderia ser pior, muito pior do que o pai. Era mais alto do que ele e, embora fosse magro, parecia musculado. Potencialmente perigoso.

Ele pareceu reconhecer imediatamente que me assustara e voltou a recuar, dando-me algum espaço.

– O meu pai está... – começou por dizer.

Havia agora algum espaço entre nós, e a adrenalina tinha baixado ligeiramente, mas eu continuava preparada para fugir.

Esperei que ele terminasse a frase, mas ele não o fez. Em vez disso, concentrou-se num ponto qualquer, por cima do meu ombro. Eu já vira aquele olhar antes. Sempre que acontecia alguma coisa ao meu pai, eu escapava-me para a casa de banho assim que podia e lavava a cara, para esconder as lágrimas. E era exatamente esse olhar que via no meu rosto, refletido no espelho. Algo acontecera ao John Pope.

– O seu pai está o quê? – perguntei, tão brandamente quanto possível.

– Está no hospital – retorquiu o Aaron Pope. Continuava a olhar por cima do meu ombro.

– Certo. Compreendo.

Era o melhor que podia fazer. Não conseguia fingir que me importava com o que acontecera ao John Pope.

É evidente que não devia pensar dessa forma. Pessoas como eu, perseguidas por gente da laia do John Pope, deviam ser superiores a isso, perdoar, sentir compaixão. Mas isso, para mim, acabara. Quanto mais tempo passava, menos compassiva me sentia. Quanto mais adulta ficava, mais raiva acumulava relativamente aos terríveis incidentes pelos quais aprendera a sentir gratidão. Quando o meu pai voltava dos calabouços da polícia, maltratado e cheio de hematomas, que os agentes diziam ter-lhe infligido em legítima defesa (embora ele nunca tivesse cortes ou contusões nos nós dos dedos), eu sentia-me grata. *Grata*. Por ele estar vivo, por não ser um dos muitos homens negros mortos em circunstâncias suspeitas sob custódia da polícia. O John Pope era o responsável por tudo, e eu não conseguia sentir a mínima compaixão por ele.

– Por respeito a si, espero que recupere depressa – disse ao filho do homem que me perseguiu.

Voltei a tentar afastar-me, e o Aaron disse:

– Alguém o tentou matar.

Ficaria bem mais surpreendida se fosse outra pessoa, mas sabendo aquilo de que o John Pope era capaz, sabendo que a sua persistência ia muito além do “cumprimento do dever”, a única coisa surpreendente era o facto de isso não ter acontecido mais cedo.

– Por causa da *Sereia de Brighton* – acrescentou.

Esfreguei os olhos cansados e inflamados com a ponta dos dedos.

– O seu pai acha que tudo está relacionado com a *Sereia de Brighton*.

O filho do John Pope tirou-me as medidas sob a luz alaranjada dos candeeiros de rua, olhando-me como se eu não fosse o que ele esperava.

– Eu estava ao telefone com ele quando aconteceu – revelou o Aaron, falando num tom brando. – Ele estava a falar dela, sim, mas disse que queria falar consigo porque estava em posse de uma informação que modificaria tudo. Disse que andou enganado durante todos estes anos e que... e que tinha estabelecido uma ligação que ninguém reparara antes. E depois... depois. – A voz embargou-se e ele baixou a cabeça, de rosto franzido.

Eu ia a tocar-lhe para o consolar, mas contive-me. Afinal de contas, era um estranho. Pior do que isso, era filho do John Pope.

– Foi atingido por um carro. O veículo subiu o passeio e foi direito a ele. Foi o que disse alguém que lá estava. O carro acelerou, bateu-lhe e seguiu caminho. – Sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar a memória. – Eu gritei por ele... e não conseguia ouvi-lo... Achei... Achei que o ouvia a morrer. Não parava de gritar por ele. Nem sequer pensei em chamar uma ambulância. Limitei-me a gritar por ele.

– Provavelmente estaria em estado de choque – alvitrei. – Talvez o facto de ouvir a sua voz o ajudasse.

– Talvez, mas ele continua em coma – revelou. – Ainda não acordou depois da cirurgia.

– Deve ser um momento muito difícil para si. Como está a sua mãe a lidar com tudo isso?

O Aaron Pope lançou-me um olhar furioso, como se eu o estivesse a irritar.

– A minha mãe abandonou-o há anos. Não aguentava mais. Estava mais obcecado com o caso da *Sereia de Brighton* do que com qualquer outro. Ela não conseguiu ficar quando ele... – Fiquei meio horrorizada ao ver minúsculas lágrimas brilhantes correrem pelo rosto do Aaron. Ele puxou as mangas para baixo, cobrindo os pulsos e as mãos, como que a tentar esconder-se do que sentia.

Voltei a observá-lo. Parecia perturbado e frágil, como uma peça de porcelana rachada prestes a desfazer-se em pedaços. Não conseguia imaginar o que seria crescer com o John Pope como pai. Uma pessoa tão obsessiva e cheia de ódio dificilmente seria gentil e compreensiva em casa.

– A minha mãe partiu já há algum tempo – confessou ele, encolhendo os ombros, como se não se importasse, mas traiu-se ao entalar as mãos por baixo das axilas, tentando novamente esconder-se e mostrar-se menos vulnerável. – Ele não se importou muito que ela se fosse embora. Costumava dizer que a Nell era a única pessoa que entendia a necessidade que ele tinha de descobrir a verdade.

– Eu? – respondi. – *Eu?* Tem a certeza de que ele disse isso sobre *mim*?

O Aaron assentiu com a cabeça.

– Sim. Foi uma das raparigas que encontraram a *Sereia* e queria saber a verdade tanto quanto ele. Dizia tantas vezes que a Nell era a única pessoa que o entendia que a minha mãe começou a desconfiar que ele e a Nell... *enfim*.

O Aaron Pope tirou os óculos e esfregou os olhos, voltando depois a pô-los.

– Quer que eu a leve ao hospital ou prefere ir sozinha de carro? – interrogou ele. – Isto, partindo de princípio de que tem carro, claro.

Foi a minha vez de olhar para ele como se me estivesse a provocar.

– Porque haveria de ir ao hospital?

– Bem sei que ele continua em coma, mas, ainda assim, poderá vê-lo. A enfermeira disse-me que ele não parava de repetir o seu nome antes de o sedarem.

Franzi-lhe o sobrolho. Ele estava a falar a sério. Ele achava realmente...

– Aaron, desculpe, mas não. O seu pai... As coisas não se passaram como ele contou. Na verdade, foi tudo muito diferente. Não irei vê-lo, esteja ele acordado ou não. Está fora de questão.

– Mas ele está tão doente, tão sozinho. Ele ia gostar de a ver.

Suspirei, tentando encontrar as palavras certas.

– Ouça, quando ele acordar, peça-lhe que lhe conte o que realmente nos fez, a mim e à minha família. Nessa altura, entenderá. Até lá, lamento, mas não o posso ajudar.

O filho do John Pope estava novamente prestes a rebentar em lágrimas. Parecia desesperado, desconcertado. Quase mudei de ideias e decidi ajudá-lo, pois pareceu-me que ele estava realmente apavorado. Mas não podia fazer isso.

– Pela sua felicidade, espero que ele volte a ficar bem – disse-lhe eu e, desta vez, quando tentei afastar-me, ele não fez qualquer esforço para me deter.

2015

Nell

Quarta-feira, 24 de junho

O filho do Pope estava novamente à minha espera à porta do meu local de trabalho.

Tinham passado alguns anos desde que ele aparecera pela primeira vez, e parecia ter amadurecido bastante deste então. Ou talvez estivesse simplesmente com a aparência normal, e não terrivelmente abalado e desconcertado, como estava na altura. Pela forma como tentou compor a expressão e suspirou, endireitando depois ombros e enchendo o peito de ar, como que a reunir coragem para falar, fiquei com a impressão de que ele me ia dizer que o John Pope morrera.

– Dá-me cinco minutos? – perguntou ele.

Mantive-me em silêncio. Fiquei simplesmente a olhar para ele. Não estava preparada para ouvir que o Pope morrera, que abandonara a face da Terra antes que eu conseguisse provar que o meu pai estava inocente. Não estava preparada para saber que ele conseguira escapar-se antes de se confrontar com o que fizera.

– Presumo que ainda se lembre de mim – disse ele.

Assenti com a cabeça.

– Bom, já é alguma coisa. Preciso apenas que me dê uns minutos.

– OK – respondi eu.

Percorri a fachada do supermercado à frente dele, conduzindo-o até um banco de betão ladeado por enormes vasos também de betão.

– Em que posso ajudá-lo? – questionei.

Fiquei a observar as pessoas que entravam no *The Super*, muitas delas com um ar aturdido e confuso. Via-se que era por necessidade, e não por prazer, que ali iam. Os outros supermercados em que estive – pois jamais faria as minhas compras semanais no meu local de trabalho – pareciam ter clientes mais concentrados e melhor preparados, com listas de compras na mão e sacos reutilizáveis nos bolsos. Os nossos clientes pareciam anestesiados antes de empurrarem a porta, como se atmosfera geral de indiferença e descontracção da zona de London Road afetasse tudo o que faziam.

– É o meu pai – começou por dizer.

Preparei-me para lhe dizer “lamento”, concentrando-me para conseguir parecer sincera e não indignada pelo facto de o meu pai nunca ter podido limpar o seu nome.

– Ele precisa de a ver – revelou ele.

– Eu... *O quê?* – repliquei. – Afinal, ele não... Ele quer ver-me?

– Sim, ele precisa de a ver – repetiu o filho do Pope.

– Então, ele não... Ele quer ver-me, porquê?

O Aaron Pope humedeceu nervosamente os lábios.

– Ele diz que tem mais informação sobre a *Sereia de Brighton* e a sua amiga Judana, mas quer

transmitir-lhe isso pessoalmente.

O homem era uma anedota, uma perfeita anedota.

– Isso está fora de questão. Não o vou ver. Não quero saber que informações tem, recuso-me a estar na mesma sala que ele.

Ele pareceu momentaneamente vencido.

– Se o problema é o medo, não precisa de ter. Ele não está em condições de a agredir. Ficou parcialmente paralisado depois do acidente, por isso não pode fazer-lhe mal.

– Está fora de questão.

O Aaron pareceu desanimar e o rosto dele assumiu uma expressão cansada e vencida. Percebi que ele ouviria o que o diabo não quer, se voltasse sem mim.

– Ele chegou a contar-lhe o que fez à minha família? – interroguei.

O Aaron sacudiu a cabeça.

– Não. Alguns dos antigos colegas disseram que ele se excedeu para tentar resolver o caso da *Sereia de Brighton*, sobretudo depois o desligarem dos outros *Crimes das Sereias*. Outros deram a entender que ele ultrapassou os limites várias vezes. Mas não, nunca soube o que se passou.

Sorri de forma amarga e olhei para o céu.

– Continuam a querer fazer passar a imagem do “bom polícia que fez tudo o que está ao seu alcance para que a justiça seja feita”, não é? – O meu tom de voz era tão amargo como o meu sorriso. – A branquear o facto de ele ser um estupor racista que fazia o que queria impunemente, por fazer parte de um sistema montado para tratar sempre as pessoas de cor como os principais suspeitos.

Olhei para o Aaron e voltei levantar o olhar para o céu.

– Ele chamou-me “galderiazinha reles”, quando a única coisa que fiz foi encontrar um cadáver. Persegui o meu pai até ele quase ter um esgotamento nervoso, e a minha mãe acabou *mesmo* por sofrer um esgotamento. É provável que a minha irmã continue a sofrer de *stress* pós-traumático em virtude de tudo aquilo que presenciou por cortesia do seu pai. E perseguiu-me e importunou-me durante vários anos. Costumava seguir-me pela cidade inteira. Eu virava-me e lá estava ele, a vigiar-me. Fê-lo durante quase 20 anos, até sofrer o acidente... No entanto, tanto ele como os companheiros continuam a achar que ele tinha justificação para o fazer, por ser um agente da polícia.

O Aaron Pope afundou-se mais ainda no assento.

– Eu sabia que tinha sido grave – acabou por dizer –, porque ele não me queria contar. Normalmente, ele não se importava de me contar o que andava a fazer, tinha até orgulho nisso, mas nunca me falava na vossa família. – Atirou a cabeça para trás e olhou para o céu, como eu acabara de fazer. – Meu Deus, não consigo sequer imaginar. Repugna-me que ele lhe tenha feito isso, assim como à sua família. Repugna-me muito.

Estudei atentamente as linhas do rosto dele, tentando perceber o que havia de diferente entre aquelas feições e as do pai.

– No meio de tudo isto, acho que o Aaron é especial – disse eu. Ele olhou para mim, sem me responder. – Porque, apesar de tudo, apesar de acreditar em mim e não questionar o que estou a contar, por saber que é verdade, e apesar de saber como o seu pai é, continua a querer que eu o acompanhe, não é?

– Ouça, o meu pai ainda tem alguns amigos na polícia e disse... disse que se não quisesse ir, eu deveria contar-lhe que ele descobriu uma ligação entre a *Sereia de Brighton* e as outras quatro mulheres a quem também chamaram *Sereias*. Está recordada disso?

– E? – Disse-o calmamente, embora sentisse o interior do estômago às voltas. *Havia* uma ligação? Eu pesquisei tudo o que era possível sobre o Ralph Knowles, o homem que fora preso e acusado dos homicídios. Tudo parecia apontar para ele: tinha havido queixas de que ele andava a vigiar pessoas; as prostitutas diziam que ele era bruto a ponto de se tornar perigoso e tinha uma predileção por estrangulamento não consensual; tinha tendência para mandar mulheres para o hospital e andava sempre dentro e fora da prisão. Apesar de, na teoria, parecer culpado em muitos aspetos, a sua absoluta falta de manha fez-me duvidar que fosse realmente culpado. Quem quer que fosse o assassino daquelas mulheres deixara pouquíssimas provas forenses. O assassino tinha sido cuidadoso e meticoloso, e o Ralph Knowles parecia tudo menos cuidadoso, pois agia de forma absolutamente imprudente. Andava por aí a magoar muita gente e cumprira muito tempo de prisão pelos seus crimes. E agora o Pope descobria uma ligação decisiva e tinha provas de que todos os crimes estavam ligados?

– Ele disse... Ele disse que sabe como provar que o seu pai é o culpado.

Virei lentamente o corpo na direção dele. O Aaron estava de olhos fixos no chão, com um semblante pálido e doentio.

– O. Que. Disse? – Foi a raiva que proferiu aquelas palavras, não eu.

– Lamento – balbuciou o Aaron. – Ele disse que se não falasse consigo, falaria com o seu pai.

A minha vontade era de esmurrar o Aaron Pope na cara. Esmurrá-lo com tanta força que faria o pai também sentir; que toda a linhagem dos Pope sentisse.

– Odeio o seu pai. Odeio-o do fundo do coração.

Ele baixou mais ainda o rosto, mas não sem antes de me dirigir um olhar que parecia dizer “eu também”.

– Eu encontro-me com ele amanhã à noite, às 18h00, naquela pequena zona verde, aqui perto. – Podíamos encontrar-nos lá, pois era um sítio frequentado sobretudo por drogados e viciados em nicotina. Não me importava nada de nunca mais lá voltar.

– Ele raramente sai de casa. Passa a maior parte do tempo numa cadeira de rodas. Não será fácil trazê-lo aqui.

– Não quero saber – respondi. – Se ele que quer voltar a importunar o meu pai, então pode aqui vir e encarar-me como um homem.

– Seria mais fácil se fosse a nossa casa.

– Acha que me vou meter numa casa consigo e com ele? – retorqui. – O Pope deseja-me mal desde o dia em que o conheci. Acha *mesmo* que me vou meter num sítio onde ele me pode fazer mal? Pouco importa que esteja parcialmente paralisado, ele arranja sempre quem trate da parte física.

– Eu jamais...

– Você está aqui a cumprir as ordens dele. Pouco me interessam os seus “jamais”. Não confio nele nem confio em si. Ou ele aparece aqui amanhã às 18h00, ou apresento queixa contra vocês os dois, por assédio. A escolha é dele.

O Aaron Pope estava com ar de quem ia vomitar. Se fosse filho de outra pessoa, se não me tivesse transmitido a toxicidade do John Pope, teria sentido pena dele e do que teria de enfrentar quando levasse aquela mensagem ao pai.

Quinta-feira, 25 de junho

– Sabes que dia é amanhã, não sabes? – disse o John Pope. – Sabes de que aniversário se trata? – A voz dele não mudara e mantinha a mesma postura. Parecia pequeno e debilitado naquela cadeira de rodas, mas continuava a ser o homem que sempre fora.

Fiquei sentada e em silêncio.

– Aqui o rapaz percebe de computadores. Sabe como entrar em sítios. Foi ele que me ajudou a reunir alguma da informação que eu tinha. Alguém assaltou a minha casa enquanto eu estava no hospital, levando tudo o que eu tinha sobre a *Sereia de Brighton* e a tua amiga. Não me lembro exatamente o que era, mas era importante. O rapaz disse-me que eu lhe tinha referido que essa informação iria alterar tudo. Não me lembro do que era, mas desapareceu. Entretanto, o rapaz descobriu algumas coisas, que associei a outras informações que tinha. Havia outra ligação. Não a investigámos porque não encontrámos nada que o relacionasse com ela. Procurámos em todos os esconderijos habituais, mas não encontrámos nada.

Continuei sentada e em silêncio.

– O estrangulamento, a falta dos sapatos, as repetidas violações, o álibi que o ilibava do homicídio da *Sereia de Brighton*. Não podia ter sido o Ralph Knowles. A outra ligação que nunca foi divulgada estava relacionada com as peças de bijuteria. A todas faltavam peças de bijuteria. Quase sempre anéis, mas também brincos e um colar. À *Sereia de Brighton* faltavam duas peças, porque a tua amiga ficou com a pulseira. Todas tinham marcas dos anéis nos dedos em que os usavam; o analista forense disse que o uso prolongado de peças de bijuteria provocava, normalmente, uma descoloração em peles escuras. Uma delas tinha um lóbulo da orelha rasgado no sítio onde tinha o brinco. Outra tinha uma erupção cutânea, que os técnicos forenses acreditavam que tinha sido causada por um colar que lhe irritava a pele, mas não havia sinais dele. Joias. A todas faltava alguma peça. O Knowles não as tinha e também não era suficientemente astuto para as esconder assim tão

bem. Quem quer que fosse o assassino, levou essas peças como troféus.

Continuei sentada e em silêncio.

– Tu tens de encontrar essas peças, Nell. Só assim teremos a certeza. Tens fazer uma busca em casa do teu pai, até as encontrares. Tens de encontrar essas peças ou terei de contar tudo a quem sei que *vai* mesmo procurá-las e encontrá-las. Só precisam de novas provas ou de uma nova linha de investigação para reabrirem o caso.

Ele parou de falar e esperou que eu respondesse, que reagisse obedientemente à ameaça dele.

Olhei-o longamente, mostrando uma expressão dura, e esperei até ter a certeza de que estava com uma voz suficiente calma para não gritar nem praguejar, para não lhe oferecer de bandeja a reação pela qual ele ansiava. Desejava sempre provocar-me uma reação. Creio que foi por isso que continuou a procurar-me ao longo dos anos – porque eu não reagia como ele queria, porque não lhe mostrava que mexia comigo.

Em vez de falar com ele, dirigi-me ao filho:

– Consegue entrar nas bases de dados da polícia? – perguntei-lhe.

– Já não faço isso – replicou ele.

– Se ainda fizesse isso, seria capaz de arranjar a sequência de ADN da Jude e da *Sereia de Brighton*?

– Porque queres o ADN? – interrogou o John Pope. – São as bijuterias. As bijuterias é que vão resolver isto. Descobre os troféus que ele levou e apanhámo-lo.

– Mas conseguiria ou não? – voltei a questionar o Aaron Pope.

– Se ainda fizesse esse tipo de coisas, algo que, por sinal, é ilegal, sim, possivelmente conseguiria.

– Consequiria dar-me acesso aos ficheiros que eles têm sobre a Jude e a *Sereia de Brighton*?

– Não. Mesmo que ainda fizesse isso, não se pode entrar muitas vezes, senão eles dão por isso. E assim que isso acontece, localizam-nos e metem-nos na prisão. Quando se faz esse tipo de coisas, nunca se escapa à prisão.

– Certo.

– Se ainda fizesse isso, conseguiria arranjar-lhe a sequência de ADN e pouco mais.

– Leva-me a casa, rapaz – ordenou o John Pope, num tom autoritário.

– Dê-me a sua morada – pedi ao Aaron. – Passo por lá para recolher os ficheiros de ADN dentro de uma semana ou coisa assim. É tempo suficiente?

– É.

– Rapaz! Eu disse para me levares para casa!

– Escreve programas de computador? – interroguei.

– Sou dono de uma empresa de informática – respondeu o Aaron Pope. – Por isso, sim.

– Ajuda-me?

– Ajudo.

– Nem sequer sabe para que é que eu preciso de ajuda.

– Sei, sim. Quer livrar-se de mim e do meu pai, desvendando o mistério e limpando o nome do meu pai.

– E vai ajudar-me?

– Sem pensar duas vezes.

– Porquê?

– Porque também quero livrar-me da *Sereia de Brighton*.

– Rapaz! Para casa, já!

Levantei-me do banco e cresci sobre o John Pope. Ele tinha o cabelo grisalho, quase branco, penteado para trás, o que lhe dava uma aparência de gângster envelhecido a quem os lacaios negavam acesso a um espelho. O John Pope estava a detestar ver-me olhá-lo de cima. Aliás, tudo naquele encontro o irritava. Ter sido forçado a ir ali, só por si, já era mau, mas o facto de se sentir vulnerável perante mim, de eu não lhe ter dirigido palavra e parecer um gigante de pé, fazendo-o sentir-se insignificante – tal como o meu pai fizera, da primeira vez que o viu –, estaria provavelmente a enlouquecê-lo.

– Afaste-se do meu pai – adverti. – Vou procurar a Jude e seguir todas as pistas que me der relativamente à *Sereia de Brighton* e às restantes mulheres. Farei tudo o que for necessário para resolver isto, inclusive estar perto de si. *Mas afaste-se do meu pai e da minha família*. Entendido?

Ele levantou a cabeça e olhou-me, furioso, com aquele ódio ardente que sentia por mim estampado no olhar.

– Rapaz. Para casa. Já.

Essa era a sua forma de me dizer: “*Entendido*.”

Depois de escrever o endereço deles num pedaço de papel que arrancara do canto de um jornal que estava a ler quando eles chegaram, virei-me para o Aaron Pope e disse-lhe:

– Até para a semana.

Ele acenou com a cabeça.

Depois, afastei-me sem me despedir do John Pope.

Sexta-feira, 3 de julho

A casa dos Pope era um edifício amplo de tijolos vermelhos que se erguia num terreno em forma de ferradura, com vista para o verde cintilante das colinas de Downs. Tinha três quartos de tamanho considerável, um outro mais pequeno e uma boa casa de banho no andar de cima e em baixo uma cozinha aberta e duas grandes salas de visitas.

– Isto foi tudo aquilo a que consegui deitar a mão – disse-me o Aaron Pope. Estávamos no andar de cima, num dos quartos maiores que era usado como escritório. – Espero que seja o que pretendia.

– Sim, é.

– O que vai fazer com isso?

– Vou passá-lo pelos programas que utilizo, para ver se há alguma correspondência com familiares.

– Ouça – soltou ele, voltando a retirar-me das mãos a pasta castanha onde reunira o molho de papéis. – Se vai fazer isto, não pode usar apenas o seu computador normal. Tem de criar uma rede privada, arranjar *hardware* difícil de piratear e instalar proteções adicionais de *software*.

– Claro que tenho.

– Estou a falar a sério. Não pode andar por aí a divulgar dados que obteve através de meios menos legítimos. Se quiser, posso escrever uma série de programas que tornariam a sua pesquisa um pouco mais fácil, mas só se adquirir o *hardware* conveniente.

Voltei a observar o Aaron Pope. Agora que passava mais tempo com ele, já não me parecia tanto como o pai, e não era apenas por usar óculos e não ter uma cicatriz – o Aaron era diferente e isso refletia-se nas linhas do rosto. Não via nele a rigidez nem a postura irascível de um homem que parecia odiar o mundo inteiro e esperar que as pessoas suportassem o seu ódio e obedecessem.

– Porque haveria de me escrever programas?

– Já lhe disse. Também quero ver-me livre da *Sereia de Brighton*.

– Não é só por isso.

– Ah, não?

Inclinei a cabeça para um lado e continuei a observá-lo. Ele sentiu-se imediatamente desconfortável com o meu olhar. Com receio, pareceu-me, de que descobrisse alguma coisa sobre ele só de o observar.

– Viveu sempre em Brighton?

– Não. Vivi muitos anos em Londres. Fiquei por lá, depois de terminar a faculdade. Voltei há dois anos.

– Qual é a sua história, Aaron Pope?

– O que quer dizer com isso? – perguntou ele, mal conseguindo levantar a cabeça.

– Quero dizer, porque está aqui?

Ele franziu o sobrolho, mas não olhou para mim.

– Estou a cuidar do meu pai. Ele precisa de alguém que cuide dele.

M.O.C. O Aaron Pope tresandava a M.O.C. Eu também, é certo. Era por isso que estava em casa de um homem que odiava, para o ajudar a resolver um mistério que ele achava que iria provar que o meu pai era culpado, mas que eu *sabia* que revelaria que ele estava inocente.

M.O.C.

Medo.

Obrigação.

Culpa.

Confrontara-me com estes sentimentos tantas vezes – ao espelho, no rosto da minha irmã, na expressão dos meus pais.

Medo.

Obrigação.

Culpa.

Era por isso que lutávamos contra o que era melhor para nós, fazendo o que mais convinha aos outros. Era por isso que queríamos dizer não, mas acabávamos por concordar com algo que iria dificultar-nos a vida. Era por isso que o Aaron Pope cuidava do pai, embora eu visse sinais de ódio genuínos no rosto dele, quando se referia ao pai. Era por isso que não vacilava nem sequer reagia quando ele o tratava por “rapaz.”

Medo.

Obrigação.

Culpa.

É possível vê-lo no rosto de gente apanhada em situações incríveis, crianças maltratadas há tanto tempo que se submetem automaticamente às necessidades do agressor.

Percebi então que estava enganada relativamente ao John Pope. Eu achava que ele não se atrevia a partir para a violência física, por não ter físico para isso. Estava convencida de que ele arranjava sempre alguém que se encarregava disso. Nunca me ocorrera que se tivesse alguém mais pequeno do que ele, alguém que o amava incondicionalmente...

– Ainda bem que está a cuidar dele.

– É o que qualquer pessoa faria pelo pai – murmurou o Aaron. Pobre Aaron Pope.

Ainda não me sentara naquele quarto porque não via motivo para isso. Tinha ido lá buscar o ficheiro de ADN e tencionava ir imediatamente para casa, para dar início ao moroso processo de o introduzir em código no meu computador. Depois de olhar para ele durante mais algum tempo, puxei a cadeira que estava em frente à sua secretária, muito bem equipada com quatro computadores, e sentei-me.

– Então, fale-me lá dessa história da informática – pedi.

– Quer mesmo saber? – De repente, já conseguia encarar-me, pois estávamos abordar um tema neutro.

– Bom, para fazer isto, tenho de o fazer como deve ser, não é verdade?

O Aaron Pope sorriu. E esse sorriso demonstrou claramente que não era nada parecido com o pai.

Sexta-feira, 20 de novembro

O Aaron Pope entrou no escritório e sentou-se na cadeira ao lado da minha. Não disse uma

palavra. Continuei a escrever no teclado, fingindo não reparar que ele estava pálido e trémulo, agindo como se não tivesse ouvido o pai a gritar. O Aaron levantara a voz uma única vez, para se desforrar das palavras que o pai lhe atirara desdenhosamente à cara, alto e bom som. Devia ter ficado a aturá-lo, a ouvir tudo o que de horrível o pai tinha a dizer sobre ele e contra ele, sem ripostar. M.O.C. O velho *cocktail* de medo, obrigação e culpa.

A infância dele devia ter sido assim, percebi. Assim e pior ainda.

O silêncio entre nós prolongou-se durante largos minutos. Parecia pairar à nossa volta.

– Podes falar comigo, se quiseres – comecei eu, subitamente. A minha intenção era ficar calada, guardar as opiniões para mim, fazer o que tinha a fazer e ir-me embora, mas não consegui. Observei-o pelo canto do olho e vi-o a tremer como eu tremera, quando o pai dele se mostrou hostil comigo pela primeira vez. Tinha de fazer algo, nem que fosse oferecer-me simplesmente para o ouvir.

Ele olhou para o ecrã e manteve-se em silêncio, mas entalou as mãos nas axilas, tentando esconder que estava trémulo.

– Sempre que quiseres, podes contar-me qualquer coisa – acrescentei.

Ele virou lentamente a cabeça na minha direção.

– Não quero falar sobre isto – disse ele, de forma branda.

– Não queres ou não sabes como?

Voltou imediatamente a olhar para o ecrã.

– É como te digo, *tudo* o que quiseres, sempre que quiseres. – Voltei a virar-me para o meu ecrã.

– *Tudo* o que quiseres, sempre que quiseres.

Atualmente

Nell

Sábado, 7 de abril

Em dias límpidos, soalheiros e sem vento, como o de hoje, o John Pope costuma sentar-se no jardim.

O quarto dele fica no rés do chão, numa das salas de visitas, para não ter de subir escadas. A sala tem acesso direto ao jardim.

Está com um cobertor sobre as pernas. Tem um rádio em cima de uma mesa de ferro forjado, e junto do aparelho está uma garrafa de uísque e um copo. Ainda não são 11h00, mas o John Pope bebe sempre que lhe apetece. Se não lhe derem de beber, enfurece-se com o Aaron até que o filho ceda.

Estou diante dele, em silêncio. Sempre que ele “precisa” de me ver, vou ter com ele, mas não falo enquanto ele não falar comigo. Fazemos sempre isto. Desafiarmo-nos permanentemente, para ver quem é o primeiro a ceder. Tempo é coisa que não lhe falta, pois raramente tem para onde ir, mas eu sou teimosa, sobretudo no que diz respeito ao John Pope.

Ele examina as unhas de forma teatral, dá um ronco desagradável para sorver muco do fundo da garganta, cospe-o para a minha esquerda e volta a examinar as unhas.

Consigo sentir a dor e a tensão do Aaron. Ricocheteiam em torno dele, enquanto luta interiormente para não se intrometer e tentar servir de intermediário, para pôr fim ao clima que sempre se gera entre mim e o John Pope.

De todas as vezes que tentou, nos últimos anos, sobrou para ele. Eu continuo a fazê-lo, apesar do efeito que isso tem no Aaron, em parte por achar que ele precisa de ver que é possível fazer frente ao pai, que o facto de o pai lhe pedir algo não significa que ele tenha de dar, fazer ou dizer o que ele quer.

– O tempo está esgotar-se, miúda – diz finalmente o John Pope.

– Não, não está – respondo.

– Eu disse que te dava seis meses. Eram seis meses e depois entregava tudo aos meus amigos, para eles recomeçarem a investigar o teu pai, examinando minuciosamente a vida dele, em termos forenses, como deviam ter feito há anos. – Diz aquilo com deleite, quase a salivar perante aquela ideia. – E tu serás a pessoa que vai iniciar essa investigação. Farás uma busca à casa dele, para ver o que consegues encontrar, e se eu achar que não foste suficientemente empenhada na busca, chamarei os meus amigos.

– O nosso acordo previa um ano – argumento, calmamente.

A pesquisa com recurso ao ADN e à genealogia não estava a ser tão célere quanto o John Pope pretendia. Ele queria resultados. Queria que, por esta altura, eu já tivesse descoberto algo. Dois anos era tempo mais do que suficiente, dizia ele. Por isso, fizera-me um ultimato:

– Ou descobres a Judana Dalton, a identidade da *Sereia de Brighton* ou algo tangível que

possamos usar, ou procuras as peças de bijuteria em casa do teu pai. Se não o fizeres entrego tudo à polícia e armo tamanha barafunda que eles não terão outro remédio senão falar novamente com o teu pai.

Basicamente, ameaçava infernizar a vida do meu pai. Eu sabia que ele o faria. E sabia que a minha família não aguentaria passar outra vez pela mesma situação. Herstmonceux é a ilha deles, o refúgio, a forma de escaparem a tudo o que estava a acontecer há 25 anos. Ali podem manter o anonimato e viver em segurança. O meu pai entretém-se na sua enorme estufa, a mãe faz croché e vai à missa. Se a polícia voltasse a intrometer-se nas suas vidas, acabaria com eles. Ele deu mais seis meses e eu regateei um ano, mas sei que ele vai quer alguma informação no 25.º aniversário da morte da *Sereia de Brighton*, dentro de menos de três meses.

– O tempo está a esgotar-se, miúda – repete o John Pope. – O tempo está a esgotar-se e quando se esgotar, tu vais ajudar-me.

– Um ano. O nosso acordo era um ano. Tirei uma licença de um ano no trabalho. Estou a trabalhar nisto a tempo inteiro. Estou a fazer tudo o que posso. Os resultados não se obtêm de um dia para o outro.

– O tempo está a esgotar-se. Se eu achar que não te estás a mexer suficientemente depressa, vou comunicar a situação à polícia.

– E eles vão prendê-lo, assim como ao Aaron, por piratearem a base de dados da polícia.

– É um pequeno preço a pagar pela detenção do canalha que matou aquelas mulheres, não é, rapaz?

– Estou a fazer o melhor que posso. Estou a mexer-me tão depressa quanto possível. Recolhi mais amostras de ADN, cujos resultados devo receber esta semana, e, nessa altura, poderei...

– A próxima vez que eu te chamar, vens imediatamente, ouviste?

– Venho quando posso – contrário.

– Sê mais breve – responde ele, desviando os olhos das unhas para o meu rosto. É como se estivesse novamente em 1993. Embora neste momento eu esteja de pé e ele sentado, a dinâmica está de volta: quer vergar-me, mas não vou deixar; quer que eu chore, mas eu jamais derramarei uma lágrima à frente dele. – Se não quiseses ver o que é bom para a tosse. – *Tu e o teu pai*, acrescentou em silêncio, certamente.

Vai-te lixar, respondi-lhe mentalmente, voltando para o interior da casa através das portas duplas que davam acesso ao pátio.

Ele não *precisava* de me ver, ele queria era recordar-me quem mandava ali. Quem me faria dançar com um estalar de dedos.

Isto é o que acontece quando se faz um acordo com um homem demoníaco. Se não apresentamos resultados com a rapidez necessária, ele começa a reformular e a reestruturar o acordo, ameaçando com tudo aquilo que tememos.

Tenho de trabalhar mais depressa. Tenho andado a adiar a pesquisa relacionada com o Craig Ackerman porque o acho assustador. Também ainda não comecei devidamente a pesquisa sobre o amigo da Maura Goodrich, embora já tenha enviado as amostras de ADN. Preciso de trabalhar mais rapidamente, mas não posso entrar em pânico. Se entrar em pânico, poderá escapar-me alguma coisa, e pode ser algo de importância vital.

– Lamen... – começa por dizer o Aaron Pope, mas ergo uma mão, porque não quero ouvir.

– Já te disse, Aaron. Não peças desculpa por ele – digo-lhe. – Esquece isso.

– Tu sabes que ele não vai ligar a ninguém – diz o Aaron. – Pelo menos, enquanto não tivermos algo mais sólido. Ele não se importa de ser preso, mas não quer fazer má figura.

O Aaron passa a vida naquilo – a tentar compor as coisas. Sinto pena dele, porque sei que esse deverá ter sido sempre o seu papel na vida. Quando está a trabalhar, contudo, quando o vejo escrever códigos e programas, parece uma pessoa diferente. Transforma-se. Endireita o corpo e fica com uma aparência forte. Assume uma expressão concentrada e intensa; converte-se no homem que, de facto, é, fora do raio de influência do pai. Deixa de ser o rapazinho maltratado a quem o pai continua a atormentar, transformando-se no Aaron Pope adulto, proprietário de uma empresa, um homem divertido e atencioso.

– Adeus, Aaron – despeço-me, ao dirigir-me para a porta.

– Adeus, Nell. Quando nos voltaremos a ver?

– Em breve – respondo. – Muito em breve.

Macy

Sexta-feira, 13 de abril

Todos os anos, o papá recebe um postal de Brighton, com um carimbo dos correios com a data em que a Jude desapareceu.

Nos primeiros anos, eu não sabia nada acerca deles. Quando nos mudámos para o meio do nada ou Herstmonceux, como também é conhecido esse lugar, no coração de East Sussex, recebemos um maço de correspondência que estava a ser reencaminhada da nossa antiga casa.

A princípio, pensei que se tratava de publicidade, pois era um postal com uma imagem da praia de Brighton, e por trás, tirando um rótulo impresso no qual se lia “Sr. Okorie”, estava completamente em branco. A data no carimbo original dos correios era 14 de julho, uma data de que me lembrava bem, mas o postal fora enviado de Londres. Não lhe dei grande importância, pelo menos até voltar a acontecer, no ano seguinte. O postal chegou num dia diferente e, desta vez, não era correio reencaminhado, mas tinha novamente o carimbo de 14 de julho e fora enviado de Glasgow. No terceiro ano, era novamente um postal de Brighton, onde se lia “Quem Me Dera Que Aqui Estivesses.” Foi então que decidi ir ao quarto dos meus pais para procurar pistas, porque, apesar de os postais desaparecerem, nunca iam parar ao caixote do lixo.

Encontrei todos os outros postais na última gaveta da cómoda, debaixo das camisolas de inverno que o meu pai nunca usava. Na altura, eram seis. Todos postais de Brighton enviados de outros locais.

Estou sentada à mesa da cozinha, a examinar o postal “que trouxe emprestado” quando fui visitar os meus pais, há algumas semanas.

Só agora ganhei coragem para o tirar do sítio onde o guardei, pois estava demasiado assustada com aquilo.

Este postal tem cinco fotografias: o Cais visto de frente, o Cais visto de um dos lados da praia, a marginal de acesso ao Cais, o Cais visto à distância e o telescópio montado a meio do Cais. Ao centro do postal, lê-se: “*Quem Me Dera Que Aqui Estivesses*”.

Todos os postais têm esta frase escrita algures. O meu pai guardou-os todos no mesmo sítio, limitando-se a juntar o mais recente ao monte.

Preparava-me para descer as escadas, depois de ter estado na casa de banho, mas senti-me tentada a ir à gaveta, para ver se ainda lá estavam. Quando confirmei que sim, senti-me novamente tentada a tirar um, para o poder examinar devidamente.

Será uma mensagem ou uma ameaça? Uma ameaça, suponho. Uma ameaça do tipo “sei o que fizeste.” Mas, fantasiosa e paranoica como sou, pode ser tudo imaginação minha.

– Olá, linda, o que estás a fazer? – pergunta o Shane, ao entrar na cozinha. Vem a ler algo no telemóvel e não me está a dar atenção. Ainda assim, escondo rapidamente o postal por baixo do meu

portátil e olho para ele.

– Nada.

– Pois, não sei se acredito nisso – diz ele, desconfiado, levantando finalmente os olhos do telemóvel. – Queres que vá buscar os miúdos, hoje?

Dou uma olhadela ao telemóvel dele e vejo que tem uma página de desporto aberta. Ler as atualizações desportivas e manter-se a par das notícias é basicamente a única coisa que faz com o telemóvel.

– Se não te importas – replico. – Tenho imensas coisas para fazer.

– Ótimo. – Vem ao meu encontro e dá-me um beijo no pescoço. – Amo-te, sabes? Não vejo a hora de casar contigo.

– Eh! Eu ainda não disse que sim – recordo-o, em voz alta, quando ele volta a sair da cozinha.

– Mas vais dizer! – grita-me ele, subindo as escadas.

Assim que percebo que o Shane já está lá em cima há algum tempo, volto a tirar o postal que tinha enfiado por baixo do portátil.

O postal mais recente tem o carimbo dos correios de Glasgow.

Quando o Shane for buscar as crianças, farei o meu próprio trabalho de detetive para tentar descobrir duas coisas: (1) o Clyde; (2) o postal.

(1) O Clyde: Vou procurá-lo. Preferiria não ter de o fazer, mas preciso de me divorciar. A necessidade de revelar ao Shane que ainda estou casada com o pai dos meus filhos – dos *nossos* filhos, aliás, porque agora também são dele – está sempre lá, no fundo da garganta, na ponta da língua e bem a meio do peito.

O Clyde nunca demonstrou grande interesse pelas crianças. O Shane, pelo contrário, interessa-se por elas de todas as formas possíveis. Foram 18 meses bastante estranhos e agora que recuperámos a nossa magia, agora que estamos novamente a relacionar-nos como deve ser, acho que quero realmente casar com ele. Quero muito que ele saiba o quanto o adoro.

Mas primeiro tenho de me divorciar.

Olhando para trás, até me arrepio só de pensar no motivo por que casei em segredo. Na altura, estava convencida de que não podia confiar em ninguém da minha família, pois sabia que todos eles tinham grandes segredos. Por isso, decidi arranjar também um segredo, para lhes mostrar como era. E assim foi: casámos em segredo e eu não senti nada. Não me senti feliz nem triunfante por lhes pregado uma partida. Não senti absolutamente nada. Bom, talvez me sentisse um pouco tola, por o meu plano ter caído por terra. Para piorar as coisas, quando o Clyde se foi embora, não pude contar a ninguém que o meu marido me estava a abandonar. Portanto, tenho de remediar isso e encontrar o Clyde. Assim que iniciar essa busca, ocupar-me-ei da questão número dois.

(2) O postal: Viro o postal retangular nas mãos. Assim que resolver a questão do Clyde, verei se encontro alguém da zona de Glasgow – de onde veio o postal – que tenha um nome ou uma descrição

semelhantes à Jude. E vou examinar atentamente o postal, para perceber se contém tinta invisível, alguma impressão decalcada, reações ao calor, seja lá o que for.

Porque desconfio que o remetente do postal sabe o mesmo que eu, viu o mesmo que eu e não quer que o meu pai se esqueça dessa noite.

Nell

Sexta-feira, 20 de abril

– Para de olhar para mim, Aaron – peço-lhe.

Embora ele esteja sentado ligeiramente atrás de mim, enquanto eu introduzo códigos no seu computador, sinto os olhos dele fixos em mim. Mal trocámos uma palavra desde que eu cheguei, e eu estou a tentar abstrair-me da sua atenção há uma boa meia hora, mas está tornar-se insuportável. Sinto-o desviar os olhos e o seu tom de voz é tímido, ao perceber que foi apanhado:

– Desculpa – murmura ele.

Os meus dedos detêm-se sobre o teclado e eu volto a interrogar-me se será sensato ir ali, sabendo que o Aaron se apaixonou por mim. É difícil fazer o que estou a fazer sem os recursos dele, e como nenhum de nós confia no correio eletrónico nem em *clouds*, tenho de lá ir, sentar-me no escritório e introduzir códigos para ver o que consigo obter.

Em teoria, a casa dos Pope é bonita e acolhedora, um local fantástico para viver. Desde que se mudou para lá, há cinco anos, depois do acidente do pai, o Aaron tem remodelado e decorado a casa, para facilitar a mobilidade do progenitor e, ao mesmo tempo, torná-la mais moderna. As paredes estão pintadas de amarelo vivo, para alegrar o ambiente; colocou alcatifas macias por toda a casa, para que o pai não se magoe, se cair. As entradas e as janelas foram alargadas, para maximizar a entrada de luz, e praticamente não há esquinas. As paredes estão decoradas com obras de arte ousadas, em tons alegres, e a cozinha está totalmente equipada com eletrodomésticos modernos, alguns até um pouco estranhos. Todas as divisões têm um ecrã topo de gama e um sistema de televisão. O Aaron fez tudo o que pôde para tornar o local luminoso, alegre, caseiro e acolhedor, mas, na verdade, aquela casa é triste e não parece que alguma vez venha a ser mais do que um lar desconsolado e disfuncional.

Recomeço a introduzir dados e volto a parar durante alguns minutos, pois...

– Estás a fazê-lo outra vez.

– É mais forte do que eu – murmura ele, num tom genuinamente pesaroso.

Em teoria, o Aaron é perfeito. Tem uma faixa de sardas claras sobre o nariz, vincos atrás das orelhas, por causa das armações dos óculos, e cheira maravilhosamente. É magro, mas musculado, e as minhas reações físicas à presença dele não são de todo desagradáveis. É inteligente, faz-me rir e eu gosto de estar na sua companhia, mas o facto é que, independentemente de tudo, é e será sempre o filho do John Pope.

– Tu sabes que é mais forte do que eu – repete o Aaron. A sua dispendiosa cadeira ergonómica rotativa range ligeiramente ao virar-se na direção da porta.

– Então, vai fazer outra coisa qualquer, enquanto eu faço isto – aconselho. – Não precisas de estar aqui sentado. Eu sei o que estou a fazer.

– Eu gosto de estar aqui sentado contigo.

Paro de escrever, atiro a cabeça para trás e pressiono as pálpebras com a ponta dos dedos.

– Por favor, Aaron, não faças isso – peço-lhe. Nos últimos nove meses, sempre que eu lá vou introduzir novas sequências de ADN no computador, acabamos por ter aquela conversa.

– Nell...

– Não faças isso – insisto. Não quero voltar a ter esta conversa com ele, porque já estou a sentir que não vai correr como habitualmente. O facto de o pai dele me ter novamente ameaçado, na semana anterior, deixou-me com os nervos em franja, reacendendo a necessidade urgente de um avanço significativo no meu trabalho. Neste momento, não me sinto propriamente magnânima para com os homens da família Pope, por isso sei que, no final da conversa, não conseguiremos fingir que está tudo resolvido. Desta vez, sinto que esta conversa vai acabar mal para os dois.

– Nell, tu sabes o que sinto por ti e tenho a certeza de que tu também sentes alguma coisa por mim.

– Gosto de ti como pessoa – argumento. – Apesar de tudo, tornaste-te um amigo. Um bom amigo.

– Porque não me dás uma hipótese?

– Tu sabes porquê.

Até agora, é conversa do costume.

– Por favor, olha para mim, Nell.

Este é o ponto de viragem. Sinto-o no ar que nos rodeia. Está a provocar-me um formigueiro na pele e borboletas no estômago. Este é o ponto em que ele me vai dizer algo que vai fazer com que eu diga qualquer coisa e tudo começará a desmoronar-se.

Viro-me lentamente de costas para a secretária dos computadores e encaro-o. O Aaron está com uma *t-shirt* preta lisa e uns *jeans* verdes-escuros. Os braços claros estão nus e eu decido olhar para eles, em vez de me arriscar a olhar para o rosto.

– Nell, *por favor*, olha para mim.

Levanto o olhar para encontrar o dele, e o Aaron olha para mim por trás das lentes dos óculos e da coragem que reunira para o fazer.

– Não sou o meu pai – insiste ele. – Sou muito diferente dele. O que ele te fez e à tua família é horrendo. Mas eu não sou o meu pai.

– Não, não és o teu pai – anuo –, mas cumpres as ordens dele, Aaron. *Sempre*. Nunca lhe recusas nada, pois não? Se ele me quer ver, mandas-me uma mensagem e repetes a mensagem até que eu venha. Se demoro demasiado a vir cá, apareces em minha casa. Tu não és ele, mas o teu pai conseguiu que te comportasses como ele, e eu não consigo lidar com isso. – Nunca lhe tinha dito aquilo antes porque está a ter o efeito que eu sabia que teria. Está a feri-lo. É como se cada palavra o cortasse por dentro, o deixasse ferido. Dizer-lhe que ele é um John Pope por procuração é o pior dos insultos, e eu não quero magoar o Aaron, porque gosto dele. Muito mesmo.

– Mas eu...

– Além disso, ando com uma pessoa – revelo, interrompendo-o

O Aaron recosta-se na cadeira, suspira longamente, com ar vencido, e toda a sua determinação desaparece subitamente.

Viro-me novamente para o computador e vejo-me obrigada a respirar fundo várias vezes antes de introduzir as sequências finais. Não foi tão mau como esperava, pois o assunto não foi suficientemente aprofundado. Essa é uma dor que, por agora, podemos poupar um ao outro.

O Aaron escreveu este programa de computador para combinar o maior número possível de bases de dados de pesquisa de ADN disponíveis. A maioria das bases de dados que agregam outras bases de dados *online* é de ADN autossómico, o ADN que herdamos de ambos os pais. O Aaron criou um programa que combina ADN mitocondrial (linhagem feminina do lado da mãe), ADN do cromossoma Y (linhagem masculina do lado do pai), bem como ADN autossómico. Sempre que tenho novos resultados ou ele acrescenta novas bases de dados ao programa, preciso de reintroduzir todos os códigos de ADN que estão na minha posse, para me certificar de que ninguém capaz de fazer o que o Aaron fez tem acesso ao ADN da *Sereia de Brighton* ou da Jude. Esses dados não deveriam “andar à solta” e eu não quero que ninguém nos localize através do que estamos a fazer.

O Aaron também criou um programa de reconhecimento facial, concebido para cruzar imagens de pessoas desaparecidas com imagens de pessoas encontradas sem um nome ou identidade. Nenhum dos programas que ele criou é estritamente legal ou inteiramente ilegal. Tudo o que o Aaron faz para o pai e para mim está tão perto da linha que separa o legal do ilegal que nunca falamos sobre isso, muito menos em *e-mails* ou mensagens escritas.

– Vou sair um pouco – decido. – O ambiente está demasiado desconfortável. De qualquer forma, nenhum resultado significativo vai aparecer nos computadores, porque é muito raro alguma coisa surgir assim de repente, pelo que o melhor é sair, ultrapassar a nossa conversa e depois voltar.

Agarro na minha mala e encaminho-me para a porta, mas quando passo pelo Aaron, ele agarra-me na mão e impede-me de sair. Depois, entrelaça lentamente os dedos nos meus e levanta-se.

– Não sou o meu pai, Nell – insiste ele, com os dedos ainda entrelaçados ao de leve nos meus.

Perante o meu silêncio, levanta a cabeça, olha-me nos olhos e dá um passo na minha direção.

– Não sou o meu pai – repete. Ergue a outra mão para a levar ao meu rosto, mas eu recuo de forma tão óbvia que ele volta a baixá-la, mas aproxima-se mais de mim. Fica tão perto que se torna claro o que pretende fazer.

– Não sou o meu pai – diz ele outra vez.

– Aaron...

– Eu sei que sentes alguma coisa por mim. Sinto-o. E não me estás a dar uma oportunidade por causa de outra pessoa. Disseste-me de muitas formas diferentes, sem nunca teres proferido as palavras, que ele destruiu a tua vida, que sentes que tudo o que fazes é para o contrariar, para lhe

mostrares como é, para não o deixares ganhar, e agora não me dás uma hipótese por causa dele? Estás a deixar que ele o faça de novo. Estás a permitir que ele destrua mais uma vez a tua vida.

– Não quero andar nesta vida mais tempo do que o necessário, Aaron. Tu sabes isso. Tu próprio o disseste. Quero que isto acabe tão depressa quanto possível. Foi por isso que abri mão do meu emprego. Já não quero esta vida. – Nunca lhe tinha dito isto antes.

– Mas quando tudo isto terminar, podemos seguir em frente – responde ele.

– Quem me dera que entendesses, Aaron. Não quero viver assim. Para além de tudo o que o teu pai fez a mim, ao meu pai, à minha mãe e à minha irmã, o que ele fez a ti é inconcebível.

O Aaron olha para mim como se eu estivesse a exagerar, como se estivesse a confundir a tradicional disciplina paterna com outra coisa.

– O que ele te fez é *inconcebível* – repito. Ele faz uma careta, procurando desvalorizar a questão, não parecendo incomodado. M.O.C. Medo. Obrigação. Culpa, São estes sentimentos que estão a fazer com que desvalorize o que passou na infância, atribuindo-lhe falsos contornos de normalidade.

Não quero que isto aconteça mais. É isto que tem de mudar. Eu e o Aaron temos ambos de encarar as coisas que fazemos por medo, obrigação e culpa.

– Aaron, ele metia repetidamente a tua cabeça na banheira por tu dizeres “raios”. Deu-te uma sova tão grande que te partiu duas costelas, por tu teres levado um prato para o teu quarto. Deu-te um pontapé que te fez cair pelas escadas abaixo porque toda a tua turma foi suspensa... – À medida que lhe vou falando dos maus-tratos que sofrera – tudo coisas que me tinha contado em momentos de maior à-vontade –, vejo o rosto dele a modificar-se e a expressão imperturbável dá lugar a um olhar atormentado.

– E sei que nem sequer me contaste as histórias piores – continuo, agora que sei que ele está a levar-me a sério. – Tu sabes o que ele te fez. Pior do que isso, sentiste-o na pele. E mesmo assim estás aqui, a cuidar dele. Já tinhas conseguido escapar, tinhas construído uma boa vida em Londres, longe dele, longe de tudo o que ele te fez, e agora estás de volta, a viver na casa dos horrores onde cresceste, a cuidar do homem que te maltratou. Ele nunca te pediu desculpa, pois não? Ele nunca reconheceu o que fez, nem que o facto de ser polícia lhe permitia escapar impunemente, porque as pessoas faziam vista grossa ou davam o benefício da dúvida. E *sei* que ele nem por uma vez foi capaz de te agradecer, e mesmo assim estás aqui. Porque ele não tinha mais ninguém, porque a tua mãe, que estava presente e permitiu que ele te maltratasse, não o quis fazer. O que fizeste e continuas a fazer pelo teu pai é extraordinário. Mas não me quero envolver com ele mais do que o tempo necessário. Se eu te desse uma hipótese, acabaria por ficar perto do teu pai para o resto da vida. Eu não aguentaria isso.

O Aaron pega na minha mão livre e encosta-a ao peito. O seu batimento cardíaco é forte e regular – transmite a vibração de uma pessoa de bem, de um homem decente.

– Não sou o meu pai – continua ele a insistir, olhando-me nos olhos. – E faria tudo por ti, Nell.

Faria qualquer coisa para estar contigo. *Qualquer coisa*. Abriria mão de tudo para estar contigo.

Eu ando com uma pessoa, digo para mim mesma, ao vê-lo aproximar-se mais. *Eu ando com uma pessoa*, repito em silêncio, quando ele roça o seu nariz no meu.

– Eu ando com uma pessoa – murmuro, quando os lábios dele estão prestes a tocar nos meus.

O computador emite um som, o que impede o Aaron de me beijar, e eu afasto a cabeça. Surge uma janela branca no ecrã, na qual se lê: “Correspondência identificada.”

“Correspondência identificada.”

A mensagem diz respeito aos códigos da Jude e da *Sereia de Brighton* que eu tinha acabado de reintroduzir.

“Correspondência identificada. Correspondência identificada. Correspondência identificada.”

Macy

Sexta-feira, 20 de abril

Não descobri nada acerca do postal – não havia qualquer mensagem oculta e ninguém em Glasgow tinha algo que ver com a Jude, tanto quanto me era dado saber.

Além disso, aqueles postais podiam comprar-se *online*, pelo que era possível obtê-los em qualquer lugar.

Mas consegui localizar o Clyde, o que até foi bastante fácil.

Está a viver no sul de Londres, com uma mulher que tem quatro filhos. *Quatro* filhos. Não sei ao certo se é o pai biológico de algum deles, porque as idades coincidem com o período em que ele esteve comigo, mas mal podia acreditar nos meus olhos quando vi uma fotografia dele com a mulher e os filhos. Estava com um enorme sorriso e tinha os braços à volta da outra mulher. A família perfeita.

O *tag* que a mulher utilizou para o identificar na foto dizia “pai babado”. A foto tinha inúmeros *likes* e havia imensos comentários que o elogiavam como pai.

Pergunto-me se ela saberá alguma coisa sobre mim e as outras três crianças pelas quais é óbvio que ele não se baba da mesma forma.

Paro à entrada da cozinha e olho novamente para a fotografia. Desde a meia-noite que ando a esfregar e nada parece ter ficado suficientemente limpo. Terei de limpar tudo outra vez. E outra vez. E as vezes que forem necessárias, até que tudo fique como eu quero.

Nell

Sexta-feira, 20 de abril

– O que significa esta?

Movo o indicador sobre dois enormes círculos em redor de um círculo menor, quase semelhantes a um pequeno alvo, tatuados no peito do Zach. Embora complexas e delicadas, as tatuagens dele são simultaneamente tão ousadas e fascinantes que sinto que poderia facilmente perder-me nelas. Consistem numa série de símbolos africanos, denominados *Adinkra*, que ele tatuou no peito para criar uma imagem maior. Um dos meus passatempos preferidos é apontar para um símbolo para ver se ele o consegue identificar corretamente.

– Essa significa “excelência e liderança”.

– E esta? – questiono rapidamente, passando os dedos sobre elos de uma corrente que parece uma secção transversal de uma maça esmagada.

– Unidade e força dentro da comunidade.

– Certo... E esta? – É um pequeno símbolo de um coração, perfeitamente delineado, cujo significado parece óbvio.

– Hum, isso é um apelo à paciência e à tolerância.

– OK. Não estava à espera disso. E esta? – Era um símbolo com um círculo rodeado por quatro círculos e cinco cristas.

– Isso significa lealdade e destreza, e é também o penteado da alegria.

– Certo.

Estou escarranchada em cima do Zach. Ele tira-me os dedos de cima do corpo e entrelaça-os nos dele, como o Aaron fizera antes, e eu sinto-me imediatamente percorrida por uma imensa onda de culpa.

– Não vais perguntar-me porque não tenho cabelo ou pelos corporais? – interroga o Zach, agora que a história do cabelo fora abordada.

Levanto os olhos do peito e do ombro dele e encaro-o.

– Não – respondo.

– Nem sequer estás curiosa? – questiona. – A maior parte das pessoas, especialmente as mulheres com quem dormi, costuma fazer perguntas sobre isso, quando se encontram comigo mais do que uma vez. Acho que és a única pessoa que nunca fez perguntas ou qualquer insinuação sobre isso.

– Estou curiosa, mas não demasiado curiosa. Faz parte da tua aparência, portanto, seria o mesmo que perguntar-te porque é que tens pele escura, se é que me faço entender. Nunca te conheci de outra forma.

Ele leva as mãos às minhas ancas e começa a acariciá-las com os polegares.

– És tão diferente das outras mulheres que conheci. – Percorre-me o corpo com as mãos,

roçando-as pela minha cintura e pelo meu peito, percorrendo depois o sentido inverso. – Tão diferente que não me canso de ti. Penso em ti a toda a hora.

Sorrio e volto a engolir os remorsos com que me debato energicamente desde que saí de casa dos Pope. Durante todo o jantar no restaurante tailandês, em Market Street, e depois disso, enquanto tomávamos algumas bebidas num bar por onde passámos no caminho de regresso ao apartamento do Zach, tão depressa me sentia efervescente de entusiasmo, por ter identificado uma correspondência com a *Sereia de Brighton*, como interiormente esmagada pela culpa por quase ter permitido que o Aaron me beijasse. Na verdade, se o computador não tivesse emitido o som com o resultado da pesquisa que fizera com os dados da *Sereia de Brighton*, é bem possível que o tivesse deixado beijar-me. Pior do que isso: provavelmente teria retribuído o beijo. Sim, eu e o Zach temos apenas um caso, mas não me agrada a possibilidade de o perturbar com o Aaron. *Gosto* tanto dele que o *desejo* ainda mais. Não me sinto, de forma nenhuma, perto da palavra começada por A, pelo menos por enquanto, mas poderei lá chegar e a ideia de deixar que a pena que sinto pelo Aaron interfira com isso desagrada-me profundamente. Mesmo que decidisse dar uma hipótese ao Aaron, não creio que daí resultasse algo de bom. Qualquer tipo de relacionamento que fosse além do que temos atualmente seria disfuncional desde o primeiro dia – uma relação de dependência emocional entre duas mentes marcadas por medo, obrigação e culpa. Além disso, o que sinto por ele não tem comparação possível com o que sinto pelo Zach. No que se refere ao Aaron, tudo se baseia na pena que sinto dele, por ser tão maltratado pelo pai, e não num sentimento de afeto irrestrito.

– Estou a falar a sério – reforça o Zach. – Penso em ti durante o dia. Penso muitas vezes no que estarás a fazer. Vejo e ouço tantas coisas ao longo do dia que estou quase sempre ansioso para te contar tudo. O que, na verdade, é ridículo, visto que mal te conheço, mas aí tens.

Não é frequente ouvir aquele tipo de coisas. A maioria dos homens com quem vou para a cama são gentis comigo, e aqueles com quem vou para a cama mais do que uma vez, ou mesmo com quem tenho um caso, costumam deixar bem claro que gostam de mim, mas não agem como se eu fosse especial e estivessem constantemente a pensar em mim.

– Fala-me lá do teu cabelo, então – digo ao Zach, para me abstrair do meu sentimento de culpa crescente.

Ele afaga-me o centro da barriga com a palma da mão, e depois pousa-a sobre o meu peito, cobrindo-me o coração.

– Agora *já* queres saber?

– Acho que queres contar-me, por isso, quero saber.

– Acho que quero mesmo contar-te.

– Então, conta. Antes tinhas cabelo?

– Sim. Em tempos, tive imenso cabelo. Pelo corpo todo, aliás. Até era bastante peludo.

– E depois, o que aconteceu?

– Depois começou a cair, sobretudo no duche, de início. Não muito, mas comecei a reparar numas peladas na cabeça e no peito. Depois, a “queda ligeira” foi-se intensificando e em seis meses fiquei sem um único pelo no corpo. Nem o cabelo nem os pelos voltaram a crescer. Por fim, fiquei também sem sobrancelhas e sem pestanas. Isso foi o pior. Quando faço exercício, o suor entra-me para os olhos; tenho de os lavar com colírio de manhã e à noite, porque eles enchem-se de poeira, algo que as pestanas normalmente evitam que entre, e ficam secos. A dada altura, caíram-me também as unhas, mas isso parou.

– Deve ter sido duro.

– Creio que a parte mais difícil foi a das pestanas e das sobrancelhas, e não apenas pelo impacto que tiveram nos meus olhos, como acabei de dizer. Fiquei com uma aparência estranha. Antes de tudo isto acontecer, rapava a cabeça ou deixava crescer o cabelo sem dar grande importância ao assunto. O facto de não ter cabelo não era estranho. Também não me fazia confusão não ter pelos no corpo, pois ninguém o via com frequência, mas as sobrancelhas e as pestanas chamavam a atenção. Sentia-me uma aberração.

Mudo de posição em cima dele e o Zach mantém a mão assente sobre o meu peito, ligeiramente à esquerda, no lugar do coração.

– Não acho que pareças uma aberração – garanto. – Por acaso, sempre te achei lindo de morrer.

Ele atira-me um beijo soprado.

– Agora, já não me importo. Talvez seja por isso não me aches estranho, mas quando aconteceu, senti-me terrivelmente envergonhado. Detestava andar por aí, porque via as pessoas a olharem para mim, algumas duas vezes, para tentarem perceber o que havia de errado comigo. A minha autoconfiança levou um enorme abanão. Demorei algum tempo a recuperar parte dela. Mas é como te digo, agora já não dou qualquer importância a isso.

– Alguma vez descobriste o que o causou? – pergunto.

– Não propriamente. Parece que é um problema autoimune. Pouca gente tem o que eu tenho – *alopecia universalis* –, uma perturbação que faz perder todos os pelos do corpo. Os médicos acham que foi provocado *stress* ou por um trauma. Eu era muito chegado aos meus avós, mas subitamente tiraram-mos.

– O quê, morreram?

Ele acena a cabeça de forma ponderada, de lábios cerrados, como se estivesse a conter-se para não dizer mais nada. O termo escolhido é bastante deliberado – “tiraram-mos”, e não “perdi-os”.

– Alguém lhes fez mal?

– Sim, alguém os atacou. Assassinou-os. Já foi há bastante tempo, mas creio que o choque teve um impacto profundo em mim, sem que eu me apercebesse disso. Fiz análises para despistar todo o tipo de doenças, e está tudo bem comigo. O único incidente que considero realmente significativo foi o que aconteceu aos meus avós.

– Chegaram a apanhar a pessoa que o fez? – questiono. Quero fazer mais perguntas, mas não o faço. Não é realmente importante como ou quando aconteceu. Ter acontecido e ter tido um impacto tão profundo e prolongado nele é mais do que suficiente.

– Não. Não apanharam – responde o Zach.

Está com um olhar distante, o que me leva a pensar que gostaria de dizer muito mais, mas não o fará. Não me parece que esteja simplesmente a ser cauteloso. Desconfio que é um assunto que mantém bem guardado no fundo do coração. É algo sobre o qual ele não fala com ninguém.

– Queres falar sobre isso? – indago. Podia deixar as coisas por ali e evitar o assunto, agora que ele está reticente, mas depois passaria a haver esse segredo tácito entre nós e eu preferia que não houvesse. Tanto quanto possível, quero que esta relação seja diferente das outras que tive. Quero construir com o Zach algo assente em bases sólidas. Uma relação suficientemente honesta e aberta para podermos fazer perguntas um ao outro. – Não tens de falar. Quero apenas que saibas que podes falar, se quiseses.

O Zach sorri e abana a cabeça.

– Não. Não quero falar sobre isso. Nunca quero falar sobre isso. É demasiado doloroso.

– Eu compreendo.

– Mas sabes o que me disseram, certa vez? Refiro-me à minha falta de cabelo.

– O quê?

– Que estaria em vantagem, se decidisse tornar-me um criminoso, pois deixo menos vestígios de ADN.

– Ah, certo.

– Foi essa a minha reação – refere o Zach. – Disse que preferia ter cabelo e eles responderam-me que eu seria bastante mais feliz se tentasse olhar para o lado positivo das questões.

– Não te podiam ter dito que ias gastar menos dinheiro em champô e lâminas de barbear?

– *Exatamente!* És a primeira pessoa que entende. A maioria das pessoas acham que eu estou a ser hipersensível. Francamente. Porque é que alguém iria imediatamente pensar que eu me safaria bem como assassino em série? Creio que as pessoas se sentem desconfortáveis na presença de alguém como eu, por isso dizem coisas estranhas.

– Talvez, mas acho que isso revela bastante acerca delas. Voltará a crescer?

– Depois deste tempo todo, é provável que não. Disseram-me que se não houvesse sinal de crescimento após um ano ou dois, era pouco provável que voltasse a crescer.

– Isso incomoda-te? Eu sei que disseste que já não dás importância a isso, mas incomoda-te?

– Nem por isso. Especialmente por ter conseguido atrair uma beldade como tu, que não faz disso um problema e que me diz de tantas formas diferentes que me acha lindo.

Afasto-lhe a mão do meu peito, inclino-me para a frente, encosto os lábios ao seu estômago e percorro-lhe delicadamente o corpo com língua, até ao peito. Em seguida, beijo-o e vou aumentando

gradualmente a pressão dos meus lábios contra os dele, até a sua boca abrir e as nossas línguas se encontrarem. O Zach faz-me rebolar para cima da cama e o nosso beijo intensifica-se. Depois, vem para cima de mim e olha-me.

Volto a deixar-me impressionar com a franqueza que aquele rosto sem barba transmite. É como se o pudesse ver por dentro. Passo os dedos pela rosto dele, deliciando-me com a suavidade da pele, com a total ausência de malícia.

Ele mete a mão debaixo da almofada, ao lado da minha cabeça, e tira uma pequena embalagem quadrada, prateada e ligeiramente deformada na face, devido à nervura circular selada no interior. Até agora, sempre usámos preservativos. A dada altura, ele foi fazer a análise e mostrou-me os resultados. Eu também a fiz e mostrei-lhe os resultados. Embora estivéssemos ambos de perfeita saúde em termos sexuais, continuámos a usá-los.

Observo-o enquanto ele rasga lentamente a pequena embalagem de acondicionamento. Sempre encarei os preservativos como uma forma de prevenir a gravidez e certo tipo de doenças, mas mais recentemente comecei a vê-los como uma forma muito diferente de proteção. Li um artigo em que alguns investigadores avançavam com a teoria de que partes microscópicas do ADN contidas no esperma de cada homem com quem uma mulher dormiu permaneciam no corpo dela, convertendo-se num minúsculo elemento da sua fisiologia.

É apenas uma de muitas teorias, uma ideia que os investigadores avançaram para explicar porque encontraram ADN de origem não familiar no corpo de mulheres, mas impressionou-me. Sempre usei preservativos, independentemente de tomar a pílula, porque sempre estive com homens com quem sentia necessidade de impor barreiras no sexo. É por isso que estou a olhar para o preservativo que o Zach tem na mão. Seria assim tão terrível se, eventualmente, uma minúscula parte dele ficasse para sempre dentro de mim? Seria assim tão horrível partilhar tão abertamente com ele essa intimidade? Talvez seja a culpa que sinto por quase ter beijado o Aaron ou a excitação com a possibilidade de poder avançar na busca da identidade da minha *Sereia de Brighton*, o certo é que lhe arranco o preservativo da mão e atiro-o para cima da mesa de cabeceira.

– Não precisamos disto – garanto, olhando-o nos olhos sem adornos.

Ele fica surpreendido.

– Tens a certeza? – pergunta. – Não quero pressionar-te relativamente a isso.

Tenho a certeza, penso. Quero fazê-lo assim contigo.

– Absoluta.

Ele beija-me e eu retribuo o beijo, enquanto ele me abre lentamente as pernas por baixo do seu corpo. Levo uma mão ao rosto dele e sinto a pele macia e quente por baixo dos meus dedos. Depois, penetra-me devagar, de olhos fixos nos meus.

Tenho tanta certeza disto, como tenho de ti.

Macy

Domingo, 22 de abril

– Por favor, para com isso, Macy – pede o Shane, num tom suplicante.

– Paro com o quê? – pergunto.

– Olha à tua volta, Macy. Vê o que estás a fazer.

Estamos nas horas mais profundas e vazias da noite, aquele período em que a escuridão se perdeu de nós e a luz é a miragem de um ditador. Gosto desse momento, porque a essa hora não tenho de fazer nada. O dia ainda não me pode mandar trabalhar e a noite já não me pode obrigar a deitar e dormir

Olho para ele de onde estou, ajoelhada em frente à arca congeladora. Havia um canto atrás da arca que eu não limpei convenientemente, por isso estou a fazê-lo agora. Resolvi também deitar ao lixo tudo o que estava fora de prazo. Voltarei a embalar e a rotular o que ainda está dentro do prazo, para saber o que pode ser consumido e o que vai para o lixo.

– Macy, isso não te faz bem. Não faz bem a nenhum de nós. As crianças vão acordar dentro de algumas horas e tu tiraste tudo para fora dos armários. Onde é que elas vão tomar o pequeno-almoço?

– Estás a ser ridículo, Shane – acuso. – Sabes perfeitamente que de manhã nada disto estará aqui.

O Shane aperta a cana do nariz, como se isso o pudesse ajudar a entender. Ainda bem que não entende, porque nem eu própria entendo. Como pode o Clyde ser um pai babado, quando tem três filhos que nunca vê e a quem não dá um tostão? Como consegue ser um pai babado com outra pessoa? O que se passaria de errado *comigo*? Porque me rejeitara, assim como à nossa vida familiar?

– Não sei o que terá provocado o teu comportamento, mas se não paras com isso, telefono à Nell e a seguir aos teus pais – ameaça o Shane. – Não podes continuar a fazer isso.

Reparo que ele falou na Nell antes de falar dos meus pais. Será que agora vai ser assim? Será que o Shane vai fugir com a Nell e ser também um pai babado com ela?

– Estás a ouvir-me?

– Claro que estou – respondo. *Ouvi-te dizer Nell.*

– Vou para a cama. Já sei que de manhã estará tudo arrumado, mas, por favor, tenta dormir algumas horas.

– Está bem.

– Prometes?

– Prometo.

Consciente de que não ouvirá melhor resposta, o Shane sai da cozinha. É possível que se vá deitar e pensar em tudo o que quer fazer com a Nell, quando me abandonar. Provavelmente, escreverão “pai babado” em inúmeras línguas, junto às fotografias de ambos, felizes e sorridentes.

– Vê se te afastas da minha irmã – sussurro. – Senão...

Nell

Segunda-feira, 23 de abril

– Não vais sozinha – diz-me o Aaron.

A mulher com uma ligação ao ADN da *Sereia de Brighton* chama-se Sadie e vive em Leeds. Regressei hoje a casa do Aaron para ligar para o número que ela me mandara por *e-mail*, pois senti que ele merecia que eu seguisse aquela pista na sua presença. Depois de marcar encontro com a Sadie (que se mostrou bastante empenhada nisso) para o dia seguinte, anoto o endereço dela e pouso o telefone. É então que o Aaron me diz que não quer que eu vá sozinha.

Pisco os olhos, surpreendida com o tom de voz resolutivo. Parecia convencido de que eu lhe obedeceria.

– Acho que vou – respondo-lhe.

– Não sabes nada sobre esta mulher e vais aparecer em casa dela para uma conversinha informal? Não me parece. Ela pode ser perigosa.

– Sei bastante acerca do teu pai, inclusivamente *sei* que é perigoso, e, no entanto, passo tempo aqui.

– Isto é diferente – argumenta ele. – Tudo pode acontecer, se fores sozinha.

– E tudo pode acontecer, se for contigo. O que é que podes fazer que eu não consiga?

– Não posso permitir que vás sozinha.

– Não tens de permitir nem deixar de permitir nada. Não mandas em mim. – Apesar de o dizer, é claro que sei que ele tem razão. Não posso ir lá sozinha, mas não sei se me apetece ir com ele. Não devíamos passar mais tempo juntos do que o necessário. Não posso pedir ao Zach que venha comigo e a Macy sofreria uma apoplexia se lhe pedisse. Hummm... O meu círculo de confiança é realmente muito restrito.

– Podíamos ir em carros separados – sugiro.

– Achas mesmo que vais conseguir chegar a Leeds naquele teu carro ridículo? – O Aaron mostra-me um sorriso afetado. – Boa sorte.

– Como te atreves? A *Pootle* vai onde quer. – Até eu tenho de admitir que o meu velho e minúsculo *Mini* dificilmente faria a viagem. – Mas suponho que viajarmos em carros separados não seria muito amigável para o ambiente. Está bem, podemos ir juntos, se não falares “no assunto”.

– Que assunto?

– O assunto. *O assunto*. Tu sabes, aquilo em que estávamos a falar quando a informação sobre esta correspondência de ADN soou no computador.

– Ah, referes-te ao facto de eu estar apaixonado por ti?

Reviro os olhos.

– E ao facto de eu desconfiar de que tu também estás apaixonada por mim, mas não queres “ir por

aí” por causa do meu pai? É isso?

Clareio a garganta e faço de conta que não o ouvi.

– Se não falarmos *no assunto*, podemos ir no teu carro.

– O que farias se eu começasse a falar nisso? Quer dizer, vamos passar mais de cinco horas fechados num carro. Porque não haveria eu de tentar falar sobre isso?

– Muito bem. Uma vez que a viagem está relacionada com a *Sereia de Brighton*, talvez prefira convencer o teu pai a vir comigo. Posso alugar um carro para acomodar a cadeira de rodas dele. Estou certa de que a sua personalidade se destacará junto de negros, pessoas que ele tanto parece respeitar. Tenho a certeza de que alguns minutos com ele serão suficientes para que nos debitem toda a história de familiares desaparecidos. Sim, acho que essa será a melhor solução, visto que tu és muito diferente do teu pai e jamais te passaria pela cabeça impores uma conversa que não quero ter.

O Aaron pendura a cabeça. De cada vez que o faz sinto que estou diante do Aaron-criança a morrer por dentro, depois de mais uma descompostura do pai, por saber que poderá levar uma sova e que, mesmo que não leve, o pai encara-o como uma decepção. E ver o Aaron-criança é como levar um murro no estômago. Não suporto pensar que ele passou por isso, que continua a passar por isso. O pai pode ter deixado de lhe bater, mas continua a tratá-lo como o cidadão de quinta categoria que acha que ele é. Nunca o ouvi a tratar o Aaron pelo nome – apenas por “rapaz” ou “tu”. Nunca lhe agradece ou fala num tom gentil. Talvez já não possa agredir o filho fisicamente, mas continua a maltratá-lo psicologicamente de uma forma bastante eficaz.

Coloco os dedos por baixo do queixo do Aaron e levanto-lhe a cabeça.

– Não faças isso – peço-lhe. – Não fiques com essa cara. – É muito complicado estar perto dele. É tudo demasiado complexo e desconcertante. Independentemente do que sinta ou venha a sentir, ele será sempre o filho do John Pope.

– Escuta, Aaron, vamos ser apenas amigos, está bem? É o melhor para os dois. Já somos bons amigos, não somos? Fiquemos por aí, então.

– Está bem, pronto.

Quero abraçá-lo para o reconfortar, mas sei que uma simples carícia no braço para o tranquilizar iria esbater ainda mais os limites que impus, gerando mais confusão entre ambos.

Nell

Terça-feira, 24 de abril

Estou numa esquina perto do meu apartamento, à espera que o Aaron chegue. Cheguei um pouco antes da hora, porque ontem à noite não consegui pregar olho. Este é o primeiro avanço concreto na minha pesquisa sobre a *Sereia de Brighton* e a insónia não me deu tréguas. Ainda pensei em telefonar ao Zach, para saber se ele estava disponível, mas depois decidi pôr a ideia de parte, pois tinha de acordar cedo para ir para aquela esquina.

O Aaron para o seu carro prateado, que está absolutamente cintilante, como se lhe tivesse dado um polimento especial depois de uma lavagem completa.

– Não podias trazer mais tralhas contigo? – pergunta ele, olhando para os meus sacos: a minha pequena mochila, o saco da comida, a mala do portátil e ainda a mala de trabalho, bem como a bolsa que comprei depois de ter sido assaltada na rua, claro. Trouxe uma muda de roupa, um cobertor, um livro, o meu portátil, alguns artigos de higiene, vários carregadores de telemóvel e um par de chinelos de quarto. Agora que penso na bagagem que reuni, parece que me preparei para ir passar a noite em casa dos meus pais, e não para ir ter com a mulher que podia mudar a minha vida.

– Podia, e estás com muita sorte por não ter trazido a almofada e o edredão – replico. Ele sai do carro e começa a arrumar as minhas coisas na mala.

– Não ponhas o saco da comida, a minha bolsa e a mala do portátil na mala do carro – aviso, sentando-me no lugar do condutor, enquanto ele põe tudo no banco traseiro.

– O que estás a fazer? – interroga ele, ao voltar para parte da frente do carro.

– Pensavas que eu ia deixar que conduzisses?

– *Deixar* que eu conduzisse? O carro é meu.

– Mas a viagem é minha. Tu é que decidiste acompanhar-me.

– Sai do meu lugar, Nell.

– Não.

Ele fica como que paralisado, de mãos abertas e queixo caído.

– Sai do meu lugar – repete.

– Não – respondo, e estico a mão por cima do ombro para puxar o cinto de segurança. – Se queres vir, entra. Se não vens, podes chamar um táxi para te levar a casa.

– Mas o carro é meu – insiste ele.

– Sim, mas sou eu que o vou conduzir. – Suspiro. – Está bem, podes escolher a música, se isso te faz sentir melhor. Desde que não seja música clássica, pois deixa-me sonolenta, nem *heavy metal*, porque interfere perigosamente com a minha condução, nem *country*, já que me dá cabo da cabeça.

O Aaron fecha os olhos, aperta a cana do nariz e suspira. Sei o que está a pensar enquanto contorna o carro e senta-se no lugar do passageiro. Está convencido de que vai voltar a conduzir

quando pararmos para ir à casa de banho. Infelizmente para ele, eu consigo conduzir horas e horas sem parar.

Assim que ele põe o cinto de segurança, olho para ele e sorrio:

– Agora diz-me lá qual destes pedais é o da embraiagem?

Ele arregala os olhos, horrorizado.

– É um carro com mudanças automáticas. Já conduziste um destes antes, não?

– Oh, acalma-te, Aaron, estava só a brincar. – Sacudo a cabeça, ponho os meus óculos escuros novos e ajusto os espelhos. – Vais ter de te descontrair... bastante, para que a viagem seja divertida.

Ele dirige-me um daqueles sorrisos derretidos que sempre faz depois de ficar a olhar para mim, e eu desvio o olhar.

Faço um esforço para manter uma expressão neutra e digo num tom de voz jovial:

– Leeds, aqui vamos nós!

Chegamos a Moortown, perto do centro de Leeds, por volta do meio-dia. Parámos uma vez na estação de serviço perto de Leicester. O Aaron ficou bastante desapontado, quando viu que eu não saía do lugar do condutor para esticar as pernas ou ir à casa de banho. Recusou-se a dar-me comida e água e ficou ali séculos, até não aguentar mais e ter mesmo de ir à casa de banho.

Assim que ele desapareceu, deitei mão à comida, corri um pouco à volta do carro, para esticar as pernas, e voltei para o lugar do condutor, antes que ele regressasse.

O Aaron vai-me dando indicações ao longo de uma rua com casas de tijolos vermelhos e janelas salientes, até chegarmos ao número 52, onde vive a Sadie, a mulher cujo ADN corresponde a uma ligação de prima em segundo grau com a *Sereia de Brighton*. Parecia simpática ao telefone, mostrando-se entusiasmada por a sua pesquisa a ter ligado a alguém e por eu ter decidido viajar de Brighton para a conhecer.

Estou a tremer diante da porta branca com painéis amarelos de vidro duplo. Lembro-me do pavor que senti quando fui a casa dos pais da Jude para pedir a história da família. Na altura, também tremia. Receosa e nervosa com o que poderia acontecer quando batesse à porta.

– Estou bastante nervosa – revelo ao Aaron, que está mesmo atrás de mim.

– também estou – confessa ele. – O que é ridículo, se pensarmos bem no assunto.

– Provavelmente, não devia ter vindo – confidencia, tentando abstrair-me da náusea que sinto crescer dentro de mim.

Estava convencida de que isto era que eu queria, que precisava de descobrir quem ela era ou quem podia ter sido. Sim, já tinha tido algumas pistas no passado, mas nada tão sólido e concreto como isto. Reexaminei vezes sem conta a correspondência de ADN antes de lhe enviar o *e-mail* inicial. Havia 292 centimorgans (a unidade usada correntemente em genética) em 15 segmentos, o que a classificava como prima em segundo grau. Isso significava que um dos avós da *Sereia de*

Brighton era irmão ou irmã de um dos avós da Sadie.

Mas nada poderia ser dado como certo até serem feitos mais testes e um exame à sua árvore genealógica. Podíamos vir a concluir que o parentesco da Sadie era mais próximo do que julgáramos de início e que a Sadie era prima em primeiro grau. Independentemente disso, temo o que pode acontecer a seguir. Também não pensei bem no que lhe vou dizer. Ela tem apenas 30 anos, o que significa que teria uns 5 na altura em que a *Sereia de Brighton* apareceu, e eu não sei até que ponto o caso foi badalado fora de East e West Sussex. O assunto deixou de ser notícia durante muito tempo e a maior parte dos artigos e especulações recentes, devido à proximidade do 25.º aniversário da sua morte, surgiram sobretudo na área de Brighton. Até que ponto as pessoas dali estariam a par do que acontecera em Brighton?

Além disso, será que a Sadie vai gostar de saber que é familiar de um cadáver que foi encontrado na praia há anos? E se isso lhe interessar, o que fará com essa informação? Não pensei em nada disso. Não lhe quero mentir, mas talvez seja necessário omitir alguma informação. Mas, como me sentiria se alguém me omitisse informação para me forçar a falar?

– Não vais bater à porta? – pergunta o Aaron.

– Na verdade, estou a pensar em fugir, regressar a Brighton, fazer as malas assim que chegar a casa e partir à procura de uma pequena cabana, no meio de nenhures, onde possa viver o resto da minha vida – respondo.

– Não achas que estás a ser demasiado melodramática?

– Estou com medo, Aaron, estou com muito medo, e nem sequer percebo bem de que é que tenho medo.

Ao ouvir as minhas palavras, o Aaron ergue o batente em forma de leão e bate três vezes com ele na porta.

– Temos de enfrentar os nossos medos.

– *Vivaaaaa!* – saúda a Sadie, empolgada, ao abrir a porta. Está tão entusiasmada que percebo logo que nos vamos dar lindamente.

A cara-metade de Sadie, que se chama Earl, está sentado no outro canto da sala, a olhar-nos com um ar irritado.

– Não se preocupem com o Earl – diz a Sadie, ao conduzir-nos à sala de estar imaculadamente limpa. Tudo parece estar arrumadíssimo e não há um único objeto desnecessário em cima dos móveis. Todas as superfícies de madeira estão brilhantes e sem vestígios de pó. Ao telefone, a Sadie disse-me que tinha três filhos e que o mais velho tinha 9 anos. Não tenho filhos e nunca tive o meu apartamento tão limpo. – O Earl não percebe o interesse em fazer isto, por isso está um pouco mal-humorado, pois foi obrigado a tirar o dia para estar aqui.

Sorrio ao Earl e ele olha-me praticamente com desdém, antes de sacudir o jornal e de o erguer à frente da cara.

A Sadie faz-lhe uma careta.

– Ele disse que não se importava que vocês cá viessem, mas eu disse-lhe que não sabia que tipo de pessoa ia encontrar. Que até podia ser uma assassina em série ou coisa parecida, por isso precisava que ele estivesse aqui. – Olha para o Aaron por cima do meu ombro. – Vejo que também se acautelou. É marido ou namorado?

– É apenas um amigo – respondo.

– Sim, claro. – Ri-se. – E eu sou a rainha da Jamaica!

– Na verdade, tocou num ponto sensível – diz o Aaron, que também parece gostar dela. – A Nell tem namorado e não estamos autorizados a falar sobre o que sinto por ela.

A Sadie atira a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

– E ela obrigou-o a trazê-la até aqui de carro? Uau, deve gostar *mesmo* dela!

– Hum... Perdão – atalho. – Eu não o obriguei a nada. Foi ele que insistiu em vir. Além disso, devo dizer que fui eu que conduzi.

O Earl sacode o jornal e resmunga ruidosamente.

– Venham para a cozinha – diz a Sadie. – Podemos sentar-nos à mesa. É lá que tenho toda a investigação que fiz. – Sacode brevemente a cabeça na direção do marido. – Ali podemos conversar sem incomodar uma certa pessoa mal-humorada.

Depois de fechar a porta de vidro que dá acesso à ampla cozinha, diz:

– Sou doida por ele, a sério que sou. – Aproxima-se da chaleira. – E ele também me ama, apesar do mau humor. Querem chá? – Não espera pela resposta e liga a chaleira, colocando uma série de saquetas de chá dentro de um bule às pintas que pousou em cima de uma bandeja com duas grandes chávenas de chá, também às pintas. – Mais tarde, vai querer ouvir tudo. Ele até acha o assunto interessante, mas às vezes parece que desliga, porque eu não me calo. Não sei se já repararam.

Enquanto fala, vai ao armário que está por cima da chaleira e tira mais uma chávena e um pires.

– Sentem-se, sentem-se – convida ela, apontando para os assentos almofadados em torno da grande mesa de cozinha. – Estava a ver um desses programas da televisão em que se pede aos famosos que façam a sua árvore genealógica e pensei: porque não faço o mesmo? A minha mãe, Deus abençoe a sua alma, não gosta muito de falar de coisas de família. Há algum tempo, houve um grande desentendimento e a família seguiu caminhos separados. Não quero que me entendam mal. Alguns membros da família continuam a encontrar-se em casamentos e eventos do género, mas nem todos. Recusam-se a ultrapassar o assunto. Nunca vi gente pior para guardar rancor do que a minha família. Não estou a brincar.

Em cima da mesa de jantar, a Sadie tem inúmeras pilhas de documentos, o portátil e uma série de livros sobre árvores genealógicas.

– Adiante, vi uma série de episódios desse programa e pensei: vou experimentar. Vou montar uma grande árvore genealógica e descobrir todos os membros da minha família. Como é óbvio, tive de o

fazer sem a ajuda da minha mãe, porque sei que ela não se vai querer envolver. Depois, vi *outro* programa, aquele sobre as pessoas que andam à procura de herdeiros, e pronto, senti que tinha de o fazer. Não é que quisesse descobrir alguma herança, nem nada que se pareça. Queria apenas encontrar mais família. – Deita água a ferver no bule. – Nem sequer sabia se devia fazer o teste de ADN. Sua excelência disse que era deitar dinheiro à rua, mas pensei que talvez fosse boa ideia fazê-lo. Se me ia meter naquilo, o melhor era fazê-lo como deve ser. É uma coisa estranha, não é? Envia-se a amostra e depois somos contactados por pessoas que poderão ser nossos familiares. Ou por pessoas como vocês.

Pergunto-me se o Aaron estará tão consciente como eu de que praticamente não abrimos a boca. A Sadie fala bastante, o que é ótimo, pois é pouco provável que faça demasiadas perguntas, e eu também não me sentirei tão dividida relativamente ao que devo ou não contar-lhe.

– Então, por onde querem começar? – pergunta a Sadie, sentando-se à mesa e colocando uma chávena de chá à frente de cada um.

Os olhos dela saltitam entre nós e está com um sorriso meigo. Parece-se, de facto, um pouco com a *Sereia de Brighton*. Talvez a forma da testa e das sobrancelhas ou a curva do queixo. Algo nela me é familiar.

E é nesse instante que decido revelar-lhe tudo o que puder. É justo que o faça. Além disso, simpatizo com ela, o que poderá ser estúpido, uma vez que não a conheço. Mas sinto nela uma franqueza e uma honestidade enternecedoras, o que me compele a partilhar com ela toda a informação de que disponho.

Do interior da mala do portátil, tiro a minha pasta roxa repleta de recortes de jornais, o meu gravador de voz, o bloco de notas e o lápis que utilizo para começar a esboçar a árvore genealógica.

– Tenho muita informação para lhe dar, mas primeiro gostaria que me revelasse o máximo possível acerca da história da sua família. Assim que terminarmos, poderei contar-lhe tudo o que sei acerca da mulher que poderá ser sua parente.

A Sadie bate palmas, entusiasmada.

– Isto é tão empolgante – diz ela. Depois, pega na chávena às pintas, recosta-se no assento e começa a falar.

Nell

Terça-feira, 24 de abril

– Gostei bastante de te ver trabalhar – revela o Aaron, no caminho de regresso.

Insistiu em ser ele a conduzir no regresso porque eu parecia cansada, e, de facto, estou cansada. Sinto os olhos pesados e dói-me a cabeça, como se alguém estivesse lentamente a retalhar o meu crânio.

– Soubeste escutá-la e fizeste anotações que nunca me lembraria de fazer. Fiquei bastante impressionado.

– Obrigada.

– Devias pensar em fazer isto a tempo inteiro e ganhares dinheiro desta forma.

– Ninguém paga para que lhe procurem a árvore genealógica, a menos que haja uma herança envolvida ou coisa que o valha.

– Talvez, mas acho que é tua verdadeira vocação. Tens imenso jeito para isto.

– Obrigada – repito.

Viajamos em silêncio, até que ele pergunta:

– Já alguma vez estiveste apaixonada?

Porquê isso agora, Aaron?, penso. *Porque haverias de ir buscar esse assunto?* Em vez de lhe responder, olho para escuridão do lado de fora da janela.

– Isto não sou eu a querer falar no “assunto” – diz ele, respondendo ao meu silêncio. – É apenas um amigo a fazer uma pergunta a outro amigo.

Se já alguma vez estive apaixonada?

– É uma pergunta estranha. Para ser franca, não sei ao certo que resposta queres que te dê.

– Apenas uma resposta. Já alguma vez estiveste apaixonada?

Estou a evitar responder porque, se olhar em detalhe para a minha vida, é bem provável que conclua que a resposta é “não, nunca estive apaixonada”.

– Creio que estive apaixonada pelo Shane – revelo. – Aquele tipo de paixão juvenil em que pensamos que o que sentimos é o amor mais puro e intenso do mundo e que nunca ninguém se sentiu assim.

– O Shane que está casado com a tua irmã?

– Sim, o Shane que está com a minha irmã. Eles não são casados.

– Nunca me disseste como te sentes em relação a isso. Apenas me disseste que a tua irmã vivia com o teu ex. Não me tinha apercebido de que sentias isso por ele. Deve ser muito doloroso vê-los juntos.

– De maneira nenhuma. A relação terminou quando fui para a universidade, e depois de passar um mês a pensar que iria morrer sem ele, fiquei bem. Melhor do que bem. Ele tentou reatar a relação

quando saí da universidade, mas...

– Mas...

– Mas simplesmente não quis. Basicamente, já não sentia nada por ele. O Shane até me agradava e chegámos a dormir juntos uma vez. Nunca poderás contar isto à minha irmã, se a vieres a conhecer. Não me orgulho nada dessa falha momentânea de discernimento. – Não lhe digo que foi o facto de ver o pai dele que me compeliu a fazê-lo.

– O quê? Quando ele já estava com a tua irmã?

– Não, não, nada disso – esclareço rapidamente. – Foi logo depois de sair da universidade, quando voltei a viver em Brighton. Foi há mais de 15 anos. Ele queria que reatássemos a relação e eu... já não sentia nada por ele. O sexo até foi bom, creio eu, mas já não sentia nada por ele, a não ser nostalgia. Não devia ter dormido com ele outra vez. Talvez guardasse melhores recordações dele, se não o tivesse feito. Foi por isso que disse que *achava* que tinha estado apaixonada por ele, porque o facto de ter dormido com ele, anos depois, fez com que confundisse, de alguma forma, o que sentia por ele de início, quando tenho a certeza de que estive realmente apaixonada por ele.

O Aaron olha para o retrovisor, depois para o espelho lateral e eu fico, por instantes, com a impressão de que vai mudar de faixa, mas não o faz. Em vez disso, fica com ar de que está a tentar calcular alguma coisa.

– Mais ninguém? – interroga subitamente ele.

Mais ninguém. De entre engates de uma noite, namoricos e relações relâmpago, não surgiu mais ninguém nos últimos anos, o que me preocupa. Serei incapaz de amar? Será que não sei sentir? Será isso parte do problema com o Aaron? Podíamos até acabar por ir para cama ou iniciar uma relação, mas eu daria cabo dela por não saber como me apaixonar. Não, não é bem assim. Eu sei como me apaixonar e sei o que é estar apaixonada. Devo saber. Quase todos os seres humanos sabem.

– Talvez o Zach.

– Quem é o Zach?

– O tipo com quem ando.

– Então, andas mesmo com uma pessoa.

– Sim, eu disse-te!

– Está bem, está bem. Também podes perdoar-me por pensar nisso, atendendo às circunstâncias... Adiante, não andas com ele há muito tempo, pois não?

– Não, mas há qualquer coisa nele que... Não sei. O que sinto por ele é diferente do que senti por outros tipos, e acho que até poderíamos... Estou a ser muito presunçosa, pois ele poderá nem gostar muito de mim, mas quando estamos juntos sinto algo de novo e único. Às vezes, quando estou com ele, penso que ele poderá ser o tal homem por quem me vou apaixonar.

– Espero que seja – diz o Aaron. Sei que ele está a ser sincero em inúmeros aspetos, e adoro-o por isso. – E tenho a certeza de que ele gosta de ti da mesma forma. Como é possível não gostar de

ti?

– Então, e tu? Alguma vez estiveste... OK, correção. Alguma tiveste uma namorada?

– Que raio de pergunta é essa? Claro que sim! – responde ele.

– Bom, eu não sei. Às vezes, falas-me da tua infância, outras vezes da tua vida em Londres, mas nunca fizeste qualquer referência a uma mulher. Falas-me do teu emprego, da empresa que abriste, onde viveste, onde passaste férias, mas dizes sempre “eu fiz isto” ou “eu fui ali”. Nunca dizes “nós” isto ou “nós” aquilo. Sempre achei que fazias vida de solteiro, tal como eu.

– Eu tive namoradas – garante. Está totalmente compenetrado, a olhar em frente, e eu tenho a certeza de que ele não precisa de se concentrar tanto, mas o assunto causa-lhe desconforto. – Tive uma namorada durante quase 10 anos. – Ergue a mão e ajusta os óculos ao rosto. – Estávamos noivos.

– Com os diabos, Aaron! Não fazia ideia. Noivos? O que aconteceu?

– O meu pai teve o acidente e precisava de cuidados, e eu tive de voltar para Brighton e para a minha casa dos horrores, como lhe chamaste, com toda a razão.

– E ela não quis mudar?

– Queria. Estava totalmente alinhada. Achava que podíamos abrir uma empresa de informática aqui e manter também a de Londres. Ela fez imensa pesquisa e estava desejosa de viver à beira-mar, contudo... – Falta-lhe a voz e fica com uma expressão sombria. E eu entendo tudo.

– A tua noiva era uma inglesa branca? – pergunto-lhe.

O olhar intenso está de volta. Os nós dos dedos ficam amarelados, tal é a força com que aperta o volante.

– Não, não era. Nasceu na Grã-Bretanha, mas os pais dela eram iranianos.

– E tu podias viver a tua vida, podias estar com ela, podiam até casar, se vivessem bem longe do teu pai. Mas não a podias sujeitar a estar com ele a toda a hora, pois não?

– Não, não podia. Depois de saber o que ele fez a ti e à tua família, não podia sujeitar a Lydia a isso. Amava-a demasiado. Só de pensar que ele poderia tratar os nossos filhos da mesma forma...

Pouso-lhe a mão no ombro por breves instantes, para lhe mostrar que entendia.

– Mas ela é uma mulher adulta. Não achas que devias ter-lhe dado a possibilidade de escolher?

Ele suspira e descontrai um pouco os dedos no volante, quase como se estivesse a abrir mão de algo invisível para os meus olhos.

– Muito bem, deixa-me explicar-te de outra forma. O meu pai telefona à minha mulher quando eu não estou a ouvir, e ela conta-me. O que devo fazer? Ela já lhe impôs limites, mas ele não ligou nenhuma. O que devo fazer? Dizer-lhe o que penso dele? Certo, faço isso. E depois? Continuo a viver em casa dele, a cuidar dele e espero que a minha mulher faça o mesmo? E se for com uma das crianças? E se ela for demasiado jovem para lhe impor limites? Já é suficiente terem de ouvir esse tipo de agressões a toda a hora no exterior, agora em casa? O nosso lar devia ser um local seguro, e não um sítio onde o nosso próprio avô nos diz coisas horríveis.

– Nesse caso, saíam – sugiro.

– Sim, vamos supor que saio. Corto com o meu pai para depois viver a vida inteira a sentir-me culpado por não ter cuidado de um pai doente. – Medo. Obrigação. Culpa. Não é fácil libertarmo-nos dessas grilhetas.

– Não terias de cortar com ele, apenas...

– Apenas continuar a vê-lo e tolerá-lo sempre que ele fosse desagradável com a minha mulher e com os meus filhos. Conversámos sobre isso durante horas e horas, Nell. Tentámos arranjar uma forma de contornar a questão. Mas a única maneira seria excluir por completo o meu pai, e eu não consegui fazer isso. Também não consegui pedir à Lydia que tentasse viver com isso. Ela já suportara racismo suficiente na vida, tanto explícito como dissimulado. Não podia, conscientemente, dar-lhe mais do mesmo.

– Lamento que não tenha resultado convosco – digo-lhe.

– Mas eu entendo, Nell – replica ele.

– Entendes o quê?

– Se encarar isto racionalmente, entendo por que razão nem sequer queres pensar em sair comigo. O problema é igual ao da Lydia, só que cem mil vezes pior, porque eu sei o que ele fez a tua família passar. Por outro lado, tenho dificuldades em ser racional relativamente ao que sinto por ti.

– Isso é “o assunto” em que concordámos não falar – recordo-lhe.

– Eu sei, e lamento, mas, por favor, ouve-me. Falar sobre a Lydia fez-me entender que tenho de recuar. Não a quis sujeitar a esse horror e também não quero sujeitar-te a isso, muito menos se pensar no que ele já te fez e no que está a fazer agora, ao ameaçar-te. Por isso, estou a falar no “assunto”, para que não falemos mais sobre isso.

Eu sabia que ele acabaria por lá chegar, que acabaria por entender o que eu tenho estado a tentar dizer-lhe desde que começou a mostrar interesse em mim: o mundo exterior já é suficientemente assustador, mas o John Pope certificou-se de que dentro da minha própria casa o mundo também se tornaria assustador, e eu cheguei a um ponto em que não o quero instigar, nem mesmo indiretamente, a espalhar mais terror na minha vida.

– Obrigada por dizeres isso – murmuro.

Estamos a chegar ao fim da M23. Em breve, estaremos na A23 e começaremos a descer em direção de Brighton. Gosto sempre de olhar para os grandes portões de pedra de Brighton, erguendo-se orgulhosamente de ambos os lados da estrada, quando se entra na cidade. Em nosso redor há apenas escuridão e campos. Aquela parte da autoestrada não é iluminada e parece que somos as únicas pessoas que restam à face da Terra, à medida que aquele carro prateado nos leva em direção a casa.

– Consequiste alguma coisa da Sadie? – pergunta ele. – Quer dizer, eu sei que agora já conheces os outros ramos da família dela, e, com os nomes que conseguiste, podes começar a procurá-los, mas

conseguiste mais alguma coisa?

– Sim e não. – Recordo a maneira de ser da Sadie. Pareceu-me uma pessoa extremamente liberta, aberta e confortável com ela própria. – A personalidade dela encaixa-se com a ideia que tenho da *Sereia de Brighton*. A Sadie é como eu imagino que a *SB* seria, se alguma tivesse falado com ela. Risonha, comunicativa e amigável. Ainda que ela estivesse... tu sabes, quando a encontrámos e eu não soubesse como ela era. Mas gostaria muito que ela fosse como a Sadie.

– Então, o que vais fazer a seguir?

Faço uma pausa para olhar para os portões de Brighton, que parecem acolher-nos no regresso a casa, dizendo-nos que do outro lado estaremos a salvo.

– Bom, vou pesquisar todos os nomes que ela me deu na Internet e criar uma árvore genealógica alargada. Depois disso, vou passar por tua casa e usar o teu programa de reconhecimento facial para cruzar todos os rostos e nomes a que consiga aceder através dos registos *online*, e espero conseguir mais alguns dados com os quais possa trabalhar. Mais nomes, mais pistas.

– E a tua amiga?

A Jude. O que fazer em relação à Jude? Sinto-me culpada. Tenho estado tão empolgada por ter uma pista para o caso da *SB* que quase me esqueci que também devia andar à procura dela. Que há quase 25 anos ela desaparecera, e o meu pai vivia o pesadelo de ser acusado da sua morte.

– Não sei. Creio que vou continuar a tentar encontrá-la, como faço há anos.

O Aaron para em frente ao meu prédio e nenhum de nós se mexe. Olhamos através do para-brisas. Foi um dia profundamente marcante em vários aspetos. Começou muito cedo e agora estávamos de volta, a altas horas da noite, um passo mais à frente na resolução de um dos mistérios e a distanciarmo-nos francamente de um outro assunto que temos andado a gerir.

– Vemo-nos dentro de dias, então – diz finalmente o Aaron. – Depois de examinares toda a informação que tens.

– Sim, vemo-nos dentro de dias.

Continuamos imóveis. Parece que depois deste dia tão marcante, depois de assumirmos posições tão profundas, sentimos necessidade de dizer e fazer mais alguma coisa.

– Isto é uma loucura – confesso. – Mas sinto que devia convidar-te a subir ou coisa parecida.

– E quero perguntar se posso subir e passar a noite em tua casa. Se podemos ficar os dois juntos, como deve ser.

– Dar uma queca.

– Fazer amor.

– “Fazer amor”? Mas alguém ainda diz isso? – Viro-me para o encarar.

O Aaron vira-se também para mim.

– Digo eu. E alguém diz “dar uma queca” como quem vai desvitalizar um dente?

– Digo eu e muitas outras pessoas.

– Também há muita gente que diz “fazer amor”. Mas está bem. Como preferes que diga? “Fornicar”?

– “Pinar”.

– Parece que vais montar um móvel.

Dou uma gargalhada.

– Dito dessa forma, “fazer amor” não parece assim tão mau.

– “Dar uma queca” também não.

– Pois.

– Pois.

Olhamos um para o outro na escuridão do carro. Estamos ambos ofegantes, de lábios ligeiramente abertos, de olhos fixos um no outro. Isto é de loucos. Pela primeira vez na vida, sinto que desejo o Aaron Pope. Sempre o achei bastante atraente. Até podia admitir que tenho um fraquinho por ele. Mas, neste momento, o que quero mesmo é dar uma queca, fazer amor, fornicar, pinar, como lhe queiram chamar, com ele. Neste momento, o que quero mesmo é entregar-me a esse ato estupidamente sôfrego que se pratica sem roupa.

– Não vamos fazer isto, pois não, Aaron? – questiono.

– Não, não vamos.

– Não. – Empurro o puxador da porta e esta abre-se. – Não vamos.

Recolho os meus pertences da mala do carro e do banco traseiro e inclino-me para trás, olhando através da porta aberta.

– Boa noite, Aaron.

– Já é de manhã. Quarta-feira de manhã – diz ele. – Portanto, bom dia, Nell.

Fico a ver o carro a afastar-se, até virar ao fundo da rua, e dirijo-me para o meu apartamento. Como é habitual quando chego a casa aquela hora, depois de passar uma noite fora, já há algumas luzes acesas nos apartamentos em redor.

Oh, Aaron, penso, arrastando o corpo cansado, sobrecarregado pelo peso das malas e dos sacos, até ao terceiro andar. O elevador está novamente fora de serviço. Quem me dera que as coisas fossem mais simples. Mesmo que não pudéssemos estar juntos, o meu maior desejo era que ele conseguisse sair da órbita do pai. Eu tenho de lá estar, por agora, mas tu vais desperdiçar tantos anos da tua vida a cuidar do homem que te maltratou.

Quando chego ao meu andar, carrego no interruptor da luz ao fundo do corredor. Nada.

Tenho a certeza de que a lâmpada foi substituída há alguns meses. Carrego novamente no botão circular, à espera que, desta vez, a luz acenda. Nada. Absolutamente nada. Carrego mais três vezes no botão, sem sucesso. Finalmente, aceito que não vou conseguir acender a luz e remexo nos bolsos, à procura do meu telemóvel. Ativo o modo de lanterna e dirijo-me para o meu apartamento,

apontando a luz para a frente. Terei de contactar o proprietário do prédio por causa do elevador e da luz, mas tenho a certeza de que ele vai evitar as minhas chamadas e depois inventar que eu avariei as luzes e o elevador só para o irritar.

Quando chego à minha porta, pouso as malas, que parecem pesar o dobro na escuridão opressiva da fadiga, e levo a mão ao outro bolso para tirar as chaves.

A minha porta está entreaberta.

Paro com a mão no bolso e olho para a porta.

Será que a deixei destrancada?, interrogo-me, ao olhar para ela. *Não, não deixei. Tenho a certeza disso.*

Fico de olhos fixos na porta durante bastante tempo. O meu coração dispara, martelando-me dolorosamente o peito, como um rolo compressor.

Não deixei a porta destrancada.

Tenho quatro fechaduras na minha porta e lembro-me de as ter trancado uma por uma, antes de descer as escadas e esperar pelo Aaron, ontem de manhã.

Lenta e cautelosamente, empurro a porta com o biqueira do sapato, para a abrir um pouco mais.

Quando a porta desliza para trás, reparo que a madeira está lascada no ponto onde a arrombaram. Mas como é isso possível? Como é possível que alguém arrombasse a minha porta sem que ninguém nos outros apartamentos ouvisse?

Olho para a escuridão no interior do apartamento. A lanterna do meu telemóvel projeta uma pequena poça de luz aos meus pés.

Ouçó, e *depois* sinto, o movimento, e estou prestes a erguer o telemóvel quando a escuridão ganha vida e se precipita na minha direção. Nem sequer tenho tempo para reagir. Uma figura escura lança-se contra mim e atira-me para um lado. Bato violentamente com o rosto e com o lado esquerdo do corpo na ombreira da porta lascada, e a minha cabeça é projetada para trás, como se tivesse levado um murro. Recuo aos tropeções, sentindo uma dor aguda e súbita no rosto, perco o equilíbrio e caio redonda no chão.

Vejo a figura escura correr para as escadas ao fundo do corredor, no meio da escuridão e da névoa que me tolda a visão. A única coisa claramente visível parecem ser as solas brancas dos sapatos.

Nell

Quarta-feira, 25 de abril

Isto não foi um assalto normal. Isso é mais do que óbvio, pois tudo o que tenho de valor – TV, DVD, dinheiro e ecrãs de computador – continua lá. Faltam-me apenas os três discos rígidos dos computadores que estavam no meu escritório. A figura que me surpreendera na escuridão destruiu o apartamento. Há papéis por toda a parte. Todas as gavetas foram abertas e esvaziadas, até a do armário branco, por baixo do lavatório da casa de banho. As árvores genealógicas foram arrancadas das paredes, o armário de arquivo foi arrombado e há documentos espalhados em redor. É óbvio que quem lá foi procurava alguma coisa. Só não sei ao certo o quê.

Também me parece óbvio, agora, que quem me empurrou e roubou a mala, na sexta-feira passada, o fez por uma razão específica, e não apenas para me roubar.

Estou ansiosa por limpar tudo, apanhar e endireitar as coisas, devolver a ordem ao meu apartamento. Porém, quando chamei a polícia, eles disseram-me que viriam assim que pudessem, mas que eu não devia mexer em nada, pelo que tive de ficar sentada junto à porta de entrada, com os sacos à minha volta, o braço a latejar de dor e o rosto a arder-me tanto que me convenci que ia desmaiar a qualquer momento.

– Devia mesmo ir tratar desses ferimentos – aconselha o agente da polícia de uniforme.

Autorizam-me a sentar-me no sofá, pois é pouco provável que aí recolham alguma prova forense. Na verdade, preferia estar sentada junto à porta da frente, pois aqui estou no epicentro da devastação e sinto-me pior, se é que isso é possível.

– Depois vou – resmungo ao agente.

– Podemos ligar a alguém para ficar consigo? – pergunta ele.

Sacudo a cabeça. Quase telefonei à Macy, antes de chamar a polícia. O meu dedo ficou a pairar no telemóvel sobre o número dela, mas acabei por pôr a ideia de lado. O Aaron era uma possibilidade, mas se o fizesse iria esbater ainda mais os limites entre nós. Quanto ao Zach, jamais lhe importaria a minha presença dessa forma. Portanto, assunto arrumado.

– Eu fico bem.

A técnica forense que anda a recolher impressões digitais está neste momento de volta da televisão. Trabalha discreta e metodicamente, mas por qualquer razão a operação parece-me extremamente ruidosa. Cada toque do pincel é como um tiro de canhão e o ruído da película para recolher impressões digitais, sempre que a levanta, é comparável ao ruído de unhas num quadro de ardósia.

– Tem a certeza de que só levaram os discos rígidos dos computadores? – questiona o agente. O outro polícia reaparece, vindo da zona do quarto, e fica ao lado dele. Estão ambos vestidos com uniformes de manga curta pretos. Têm rádios na lapela, algemas penduradas no cós das calças e

bastões do outro lado. Calçam botas pretas pesadas que, noutras circunstâncias, seriam obrigados a descalçar, pois não permito calçado de rua dentro da minha casa.

– Tenho – respondo. – Eu tinha o *tablet* e o portátil comigo.

– Porque tem três computadores, menina Okorie? – interroga o primeiro agente, num tom mais ou menos agradável.

Já esperava a pergunta, pois eles tinham visto os papéis espalhados pela sala e pelo escritório. Todos os documentos, impressões e folhas que estavam presos aos placares de informação tinham sido arrancados, por vezes rasgados ao meio ou amachucados, antes de serem atirados ao chão. Os agentes da polícia já deviam ter visto de que documentos se tratavam e que alguns deles continham informação que eu, uma civil, estava tecnicamente interdita de ter. Ele acabaria por fazer a pergunta, só que decidira fazê-la de forma indireta.

– Porque sim – replico.

– Nós precisamos de recolher o máximo de informação possível, de forma a podermos ajudar – avisa ele.

Suspiro. Dói-me a cara, dói-me o braço e dói-me a cabeça. Dói-me tudo. E não são apenas os ferimentos. Tudo aquilo é doloroso. É como se alguém me tivesse violado, como se alguém decidisse perder tempo a enxovalhar-me e a rebaixar-me. E isso, muito simplesmente, dói.

Preciso de me mexer, concluo. Fecho os olhos e tento movê-los para aliviar a tensão que sinto por baixo das pálpebras.

– Eu procuro pessoas – confesso. – Fui eu que encontrei a *Sereia de Brighton*, há 25 anos, e estou a ver se descubro quem ela é, no meu tempo livre. É por isso que tenho três computadores. Preciso deles para coisas diferentes.

– Acho mesmo que devíamos levá-la ao hospital – afirma a mulher-polícia.

– Estou bem. A sério. Estou apenas cansada.

– Está com sintomas de traumatismo craniano – observa ela. – Está a enrolar as palavras e não está a fazer grande sentido.

– Não. A sério, estou bem. Preciso apenas de me deitar.

– Se não quer ir ao hospital, levamo-la à esquadra para ser vista pelo médico da polícia.

Nem pensar. Não vou pôr os pés numa esquadra, a menos que seja absolutamente necessário.

– OK. Hospital.

Olham os dois para mim de forma inexpressiva.

– Eu disse hospital – repito.

Eles olham um para o outro e voltam a olhar para mim. Só instantes depois percebo que não estou a dizer nada de inteligível. As palavras soam-me bem, mas a eles não parecem fazer qualquer sentido.

– Hospital, hospital, hospital.

Subitamente, sinto imenso calor, mas continuo abraçada a mim própria, porque estou cheia de frio. Tenho um traumatismo. Irrita-me ter de admitir que a mulher-polícia tinha razão. Irrita-me que...

Nell

Quarta-feira, 25 de abril

Perdi a consciência antes de a ambulância chegar para me levar ao hospital.

Nunca tinha entrado numa ambulância, mas perdi a consciência antes de ver como era. Já estava acordada quando os médicos me fizeram a tomografia e me disseram que tinha o cérebro ligeiramente inchado, devido à pancada, e também estava consciente quando a enfermeira suturou a minha sobancelha com pequenas tiras brancas adesivas.

Também estava consciente quando a Macy chegou.

Neste momento, está a andar de um lado para o outro no cubículo, esfregando incessantemente as mãos. Não se consegue sentar, não consegue olhar para mim e muito menos falar. Está constantemente a assustar-se com os ruídos que ouve do lado de fora da cortina. Detesta hospitais, mas o facto de lhe terem telefonado para ir a um, porque a irmã estava a ser transportada de ambulância, deixou-a positivamente com os nervos em franja.

Se eu não estivesse inconsciente, ter-lhes-ia dito para não lhe ligarem, mas ela é a minha familiar mais próxima e o número dela está registado como uma das chamadas mais recentes. Prefiro nem pensar na forma como a polícia conseguiu entrar no meu telemóvel sem a minha *password*.

– Não me terias dito nada, pois não? – Parece zangada, mas não está. Está magoada. E assustada. Provavelmente *apavorada*. Perder quem ama é uma das situações que mais atemorizam a Macy. Também sou assim, mas a minha irmã inventa cenários atrás de cenários, imaginando o que pode suceder, até que eles parecem reais, como se tudo fosse realmente acontecer. *Isto*, o que está a acontecer agora, deve ser um dos cenários que fantasiou vezes sem conta. E concretizou-se, o que significa que os outros também se poderão concretizar. – Tu não me terias dito nada porque tentarias proteger-me.

– Não é nada disso, juro – garanto. – É que tudo aconteceu demasiado depressa. E eu... acabaria por te contar.

– Às vezes, tratas-me como se eu tivesse 9 anos. Tu e o Shane. Podem falar-me das coisas. *Sou* suficientemente forte para aguentar.

– Eu sei.

– Então, o que é que eles acham que aconteceu? Quem assaltou a tua casa?

Ela pode *pensar* que quer saber, mas, na verdade, não quer. Simplesmente não quer. Se soubesse que estou em contacto com o Pope, depois de todos estes anos, e que vou regularmente casa dele... Não sei que reação iria ter.

– Não sei. A técnica forense disse que habitualmente fica com uma ideia muito clara de quem faz estas coisas, porque os criminosos agem de uma forma muito específica. Mas, neste caso, tudo era inédito para ela, principalmente por não terem chegado sequer perto da televisão ou do leitor DV...

– *Não devia ter dito isto. NÃO devia ter dito isto.*

A Macy, a minha maravilhosa, linda e inteligente irmã, para de andar e de torcer as mãos e olha-me de frente. Das duas, ela é a mais parecida com o meu pai. Tem um rosto esguio, maçãs do rosto pouco acentuadas, olhos grandes e uma boca larga, de linhas suaves. Eu sou mais parecida com a minha mãe, pois tenho um rosto ligeiramente mais arredondado, uns lábios um pouco mais cheios e a minha boca não é tão larga. A forma como olha para mim neste momento é semelhante ao olhar que o meu pai me lançou dois dias depois de eu descobrir a *SB*, quando já estava suficientemente recuperada da minha penosa experiência para que ele me perguntasse onde tinha estado quando saí.

O meu pai ficou a olhar fixamente para mim, até eu lhe contar com todos os detalhes onde estivera, o que bebera e com quem falara. E consigo perceber que a Macy vai fazer o mesmo.

Sempre que este tipo de coisas acontecem, tento recordar-me que ela é a minha irmã mais nova e que devia ser eu a controlar a situação.

– Porque é que não levaram nada de valor, como a televisão ou leitor de DVD? – interroga ela.

– Bom, levaram os discos rígidos dos meus computadores – argumento, de forma um tanto patética.

– Isto está relacionado com o cadáver, não é? – questiona a Macy, de dentes cerrados. É a nossa mãe quem costuma falar de dentes cerrados, quando está zangada. – Alguém anda atrás de ti por causa daquele cadáver, não é? *Não é?*

– Porque é que tens de tirar conclusões precipitadas de que isto tem que ver com essa história? Porque não pensas que poderá estar relacionado com os outros casos em que estou a trabalhar?

– Outros casos? Tu ouves o que dizes? Não és detetive privada, sabes?

– Sei.

– Sabes? Quando é que vais parar com isto, Nell? Abandonaste o teu emprego e agora vê o que aconteceu. Foste atacada por causa desse cadáver, por causa da *Sereia de Brighton*. – Profere as últimas três palavras num tom desdenhoso, porque nunca gostou de as dizer. Ela nunca gosta de romancear o que realmente aconteceu.

– Não sabes se foi por causa disso – replico.

– Sei, sim, e tu também.

– Macy, sabes que és mais nova do que eu, certo?

– Nell, sabes que és mais velha do que eu, certo? – goza ela. – Talvez seja altura de te começares a portar como uma adulta.

– Porque tu tens um tremendo sucesso nessa área – devolvo.

– O que é que isso significa?

– Significa... Significa que estou com uma dor de cabeça horrível e preciso de ir para casa.

– Está bem. Vou procurar uma enfermeira que te possa dar alta. – Prepara-se para sair. – Teremos de apanhar um táxi para minha casa, porque eu estava demasiado trémula para conduzir.

– Não. Tu estás bem. Tenho de ir para casa, vigiar o meu apartamento e fazer uns telefonemas.

– Não podes voltar sozinha para o teu apartamento, depois do que aconteceu.

– Não vou estar sozinha – asseguro. *Estarei bem acompanhada pela memória vívida do que aconteceu.* – Eu... hum... Eu vou ligar ao meu namorado.

A minha irmã larga a cortina e volta para junto da cama.

– Tu não tens namorado. – Acabei de promover precipitadamente o Zach a namorado, e espero que ele não se importe, mas tem mesmo de ser.

– Tenho, sim.

– Não tens nada.

– Por acaso, tenho.

– Como se chama?

– Zach.

– Onde vive?

– Nos apartamentos junto à Biblioteca Jubilee, na cidade.

– Que idade tem?

– Tem 40 anos.

– Qual é o seu prato favorito?

– Bacalhau com *ackee*.

A Macy cruza os braços sobre o peito e clareia a garganta de uma forma exagerada.

– Se ele é real, quero conhecê-lo.

– Ele é real e vais conhecê-lo em breve.

Olha para mim, com a cabeça inclinada para um lado, durante bastante tempo. É mesmo como estar a olhar para o meu pai.

– Por favor, Nell, para com isto. – Solta as palavras num tom mais brando, porque sabe que é mais provável que eu lhe dê ouvidos dessa forma. – O que aconteceu, aconteceu. Não podemos voltar atrás. Podes simplesmente parar com isso, voltar para o teu emprego e dedicares-te a outra coisa? Arranjar outro passatempo? O que estás a fazer é perigoso.

– O problema é que não posso desistir e dedicar-me a outra coisa, Macy. É simplesmente impossível. – Não lhe posso falar do ultimato do Pope nem que o meu tempo se está a esgotar para evitar que ele persiga o nosso pai.

– Porque não?

Quem me dera sentir-me um pouco melhor – mais firme, menos aturdida – enquanto temos esta conversa, mas precisamos de a ter. Se corro perigo, não posso continuar a fazer isto em segredo. Puxo as pernas para cima, por baixo do cobertor da cama do serviço de urgências, e coloco os braços à volta dos joelhos.

– Porque o caso da *Sereia de Brighton* é uma parte significativa de quem eu sou.

– Não é nada – protesta ela.

– Por favor, ouve-me – suplico. – Já é suficientemente difícil explicar-te isto sem ter de me preocupar se estás realmente a ouvir-me ou apenas à espera de uma oportunidade de me dizeres que estou enganada.

– Desculpa – murmura ela.

– Eu e a Jude encontrámo-la. E tudo o que tem acontecido desde então parece estar relacionado com isso. O desaparecimento da Jude, a detenção do pai, anos e anos de assédio. Até o facto de eu não conseguir assentar com ninguém... Tudo tem uma relação com essa noite. Irrita-me que seja verdade, mas é. Tentei tantas vezes fazer outra coisa, ser outra pessoa... Estive quase para não regressar a Brighton depois de sair da universidade, por saber que, assim que passasse por aqueles portões, voltaria a ser a Rapariga Que Encontrou a *Sereia de Brighton*. Esta história do 25.º aniversário também não está a ajudar. Preciso apenas de descobrir quem ela era e o que aconteceu à Jude. Se conseguir descobrir as duas coisas, talvez possa começar de novo. Seguir uma vida diferente, percebes?

– E se não conseguires descobrir quem ela era, Nell? Passaram 25 anos. Que diferença faz isso agora?

– Não sei – respondo, mas, *na verdade*, sei: se não conseguir descobrir nada, o Pope largará a bomba que vai reabrir a investigação ao nosso pai e eu serei forçada a abandonar Brighton. Por muito egoísta que pareça, terei de ir embora para não perder o juízo.

– Ela também condicionou a minha vida, sabes? – reconhece a Macy, baixando os olhos e traçando círculos com o dedo ao longo da ponta do cobertor.

– Sim, sei, e lamento muito. Lamento muito por ter feito algo que destruiu por completo a tua vida.

– Eu não disse que tinha destruído a minha vida. A minha vida não está destruída. Tenho três filhos fantásticos, um companheiro, uma bela casa e um ótimo emprego. Nem toda a gente se pode gabar disso.

Talvez ela não tivesse dado por isso, mas reparei que ela não adjetivou a descrição do companheiro.

– Tu e o Shane estão com problemas? – interrogo.

– Não! – replica ela. – Talvez... Sim, estamos.

– Não sabia – digo.

– Porque haverias de saber? Ele é, tipo, a perfeição em pessoa e eu a doida.

– Não digas essas coisas a teu respeito.

– Eu sei que aquilo que faço não é normal. Eu sei que não te devia ligar àquela hora da manhã, a um sábado, e que a semana não vai correr melhor ou pior por tu atenderes ou não, mas não consigo parar. Há muitas coisas que eu sei que não devia fazer, mas não consigo parar de as fazer, com receio

que algo de terrível aconteça. Eu sei que não é normal, mas parece que não consigo parar e acho que o Shane está a ficar farto disso. Farto de mim.

– Ele disse alguma coisa?

– Não, mas percebo que está. Quer dizer, ele voltou a pedir-me em casamento, mas anda tão calado. Sei lá, acho-o quase evasivo, ultimamente. Durante algum tempo, pensei que as coisas estavam a voltar a entrar nos eixos, mas não, ele anda novamente com os nervos em franja. É apenas uma questão de tempo até que me abandone, como o Clyde. E eu sinto-me completamente impotente. Odeio as coisas que faço, a forma como afugento as pessoas ou as deixo perturbadas, mas não consigo parar e isso está claramente a mexer com o Shane.

– Ou... Ou pode ser por ele me ter dado o número de telefone de alguém para conversarmos sobre uma pesquisa que essa pessoa quer que eu faça e ande preocupado com a tua reação, quando descobrires – sugiro, sabendo qual vai ser a reação da Macy.

– Ele o *quê*? Depois de todas as conversas que tivemos, depois de ele me ter dito várias vezes que tu devias ter juízo e assentar os pés na terra, ele vai fazer uma coisa dessas? Vou dar cabo dele!

– Com que então, eu devia ter juízo.

– Tu sabes o que quero dizer – replica a minha irmã. – Às vezes, ele parece tão chanfrado como tu, juro-te.

– A vida é minha, sabes? – lembro-lhe. – Sou eu que tenho de decidir o que fazer com ela.

– Mas sinto que estás a desperdiçar a tua vida nisto.

– Talvez esteja, mas é a *minha* vida, e eu acabei de te explicar porque faço o que faço. Não podes simplesmente aceitar, em vez de fazeres a vida negra ao Shane por ele me ajudar?

A minha irmã cerra firmemente os lábios e fica a olhar para mim. Está dividida entre o que quer dizer e o que deve dizer.

– Escuta, Mace. Para o ano, tudo estará resolvido. Nessa altura, terei terminado o meu trabalho. Preciso apenas de fazer um último esforço. – Isto se o Pope respeitar o acordo.

– Está bem, pronto – diz ela, encolhendo os ombros. Fá-lo para impressionar e não propriamente por não se importar ou aceitar que eu desperdice a minha vida. – Vou à procura da enfermeira para lhe perguntar se podes ir para casa.

– Obrigada – agradeço, voltando a recostar-me na cama.

– É bom que te agarres ao telemóvel.

– O que queres dizer com isso?

– É bom que liguês ou mandes uma mensagem escrita ao teu namorado para que ele fique contigo. Tu ouviste o que eles disseram. Não podes ir para casa sozinha. Por isso, ou ele vem ter contigo, como disseste, ou vais para a minha casa. – Sorri de forma carinhosa, como fazia quando era pequena. – A escolha é tua.

Nell

Quarta-feira, 25 de abril

O Zach entra quase a correr pelas portas de vidro do Serviço de Urgências. Eu e a Macy estamos sentadas na sala de espera, no final da longa rampa que dá acesso à secção de feridos.

Esgotámos os temas de conversa, mas acho que isso aconteceu, sobretudo, porque tem estado à espera que eu admita que não tenho namorado.

Quando mandei a mensagem ao Zach, revelando-lhe que estava no hospital e a perguntar-lhe se me podia vir buscar para me levar a casa quando me dessem alta, ele ligou-me imediatamente, garantindo que vinha. Perguntei-lhe se não estava a trabalhar e ele disse-me que estava, mas que, de qualquer forma, vinha.

E ali está ele, de fato cinzento-escuro, camisa branca e gravata vermelha. Está incrivelmente atraente. Para momentaneamente à entrada, olha em redor e vem ao nosso encontro quando chamo por ele.

– Eu bem te disse – murmuro à Macy, cujos olhos parecem prestes a saltar das órbitas.

– Estás bem? – pergunta o Zach. Levanto-me para o cumprimentar e ele envolve-me imediatamente num abraço. – O que aconteceu? Estás bem? – Afasta-se ligeiramente para me encarar, e tem de olhar duas vezes, ao perceber que estou com o olho e o lábio inchados e tiras de sutura por cima do olho a unir-me a pele.

– Alguém te *bateu*? – interroga.

– Não, não. Empurram-me, quando fugiam do meu apartamento. Bati com cara na ombreira da porta.

Ele volta a abraçar-me.

– O que disseram os médicos?

– Que posso ir para casa, desde que alguém fique comigo, no mínimo, durante 48 horas.

– Está feito. Podemos ficar em minha casa. Devo conseguir que alguém me substitua nas aulas.

A preocupação dele, aliada ao facto de não se importar de complicar a sua vida por minha causa, são uma surpresa inesperada.

– Hum... Não precisas de fazer isso – digo. – Só preciso de uma boleia para casa.

O Zach parece prestes a argumentar, quando a Macy, claramente incomodada por estar a ser ignorada, pigarreia alto. Liberto-me dos braços do Zach e aponto para a minha irmã.

– Desculpa, Zach, esta é a minha irmã, a Macy. Este é o Zach, Macy.

O Zach estende-lhe a mão e sorri.

– Olá. Prazer em conhecer-te. – Talvez se recorde que era ela que não parava de telefonar na manhã seguinte à noite em que nos conhecemos, mas não o dá a entender.

– Prazer em conhecer-te – responde a Macy. É a sua vez de olhar duas vezes, quando percebe que

o Zach não tem sobrancelhas, ou pestanas, ou cabelo. – Hum... Já que vais levar a Nell a casa, o melhor é eu ir andando.

– Acho que ela não devia ir para casa – replica ele, virando-se para a minha irmã. – O que achas?

– Eu também acho que ela não devia ir para casa, uma vez que foi assaltada, mas ela não me ouve. Só não a levo para casa comigo porque ela disse que tu a ajudarias a arrumar tudo.

– Claro que ajudo – garante o Zach. – Mas voltar à cena do crime tão pouco tempo depois... Pode ser bastante perturbador, Nell.

Reviro os olhos e arrependo-me imediatamente, porque o gesto me faz doer a cabeça.

– A maioria das pessoas assaltadas não têm alternativa possível. Vai correr tudo bem. Além disso, mesmo que eu fique no teu apartamento, preciso de ir buscar algumas coisas a casa.

– Está bem. Se tens a certeza disso – remata o Zach, embora não pareça muito convencido nem muito satisfeito com a ideia.

A Macy também não parece muito convencida nem muito satisfeita.

– Vai correr tudo bem, garanto-vos.

A escuridão ataca-me vinda do nada.

Precipita-se na minha direção e derruba-me. Fico abalada com a queda, incapaz de me levantar. A escuridão atira-se contra o meu peito, embatendo violentamente contra mim, ergue o punho e baixa-o bruscamente...

Os meus olhos abrem-se em sobressalto e sinto imediatamente uma pontada no rosto. A dor irradia-me da órbita do olho inchado até ao maxilar. Atrevi-me a olhar uma única vez para o espelho, horas antes, e parecia realmente que tinha levado a pior numa luta com alguém maior, mais forte e mais violento do que eu.

Não é preciso ser um génio para perceber o motivo do sonho.

O Zach continua a dormir abraçado a mim. Fizemos uma visita relâmpago a minha casa. A polícia cumpriu o prometido e mantinha o apartamento sob vigilância. Disse ao Zach para trazer o monte de malas que estava à porta, para não ter de ir lá acima, e levámos tudo para casa dele – dois estranhos unidos por uma fatalidade. Depois, fomos para a cama, onde, pela primeira vez desde que o conheci, o sexo foi excluído da equação.

Foi bom adormecer assim e é agradável estar a acordar ao lado dele. Esta é uma das coisas de que eu senti falta ao longo dos anos. O facto de não ter um companheiro regular significa que é muito raro acordar ao lado de alguém, sentir a sua pele quente perto da minha, deixar-me embalar pela cadência suave da sua respiração.

Encosto cautelosamente os dedos ao lado magoado do meu rosto. Dói-me quando toco, mas também dói se não lhe tocar. Talvez devesse sair da cama e tomar os analgésicos que deram no

hospital, mas isso significa aventurar-me na escuridão que se estende para lá da cama do Zach, até à sala de estar. Por muito que gostasse, não me sinto capaz de o fazer. Tive de recorrer a toda a minha força de vontade para não pedir ao Zach que nos deixasse dormir com a luz acesa.

Fecho os olhos e suspiro, mas depois abro-os outra vez, porque estou constantemente a rever o estado em que ficou o meu apartamento – papéis espalhados pelo chão, documentos arrancados dos placares de informação, gavetas abertas, peças de decoração tombadas, os buracos vazios nas torres dos computadores.

Tudo aquilo me parecia tão... *violento*. Se queriam tanto levar os discos rígidos, para quê destruir o resto das coisas? Mas isso foi antes de pensar no motivo por que queriam os discos rígidos, o que me leva a questionar novamente a violência do ataque.

Tantas perguntas e tão poucas respostas.

Sinto a cabeça a latejar. Para além da dor que sinto na cara, dói-me a cabeça do esforço de pensar em quem teria feito aquilo e porquê. Tenho a certeza de que está ligado ao assalto que sofri na rua. Mas estará ligado ao acidente do Pope? E se o Pope estivesse certo? E se o atropelamento não foi accidental? E se alguém tivesse, *de facto*, tentado assassiná-lo?

E se realmente alguém tentou assinar o John Pope, serei eu a próxima vítima? Mas porquê? Para me impedirem de descobrir a identidade da *Sereia de Brighton*? Para me impedirem de encontrar a Jude? Será que quem o fez tem estado a vigiar-me este tempo todo? E se assim fosse, o que teria agora mudado? Estaria eu realmente prestes a obter as respostas?

A dor de cabeça intensifica-se, com a sensação crescente de paranoia que me percorre o cérebro.

A única pessoa que se tem mantido por perto e me desejou mal durante todo este tempo foi o Pope. Mas não pode ter sido ele, a menos que contratasse alguém para o atropelar, o que não faz qualquer sentido.

É óbvio que há outra pessoa. Alguém que tem estado perto durante todo este tempo, a vigiar-me, a observar-me, à espera que eu me aproxime da verdade. Alguém que eu nunca julgaria capaz de fazer algo que me prejudicasse, mas que teria de fazer alguma coisa para me deter, se fosse pressionado.

O meu pai.

Tento imediatamente pôr essa ideia de lado. É ridículo. Apesar da sua altura e da sua constituição, apesar das mãos enormes e das poderosas gargalhadas, o meu pai jamais faria mal a alguém. Mesmo quando a polícia o espancou, mais do que uma vez, ele não se defendeu. Apesar do que os agentes diziam, as mãos dele nunca tinham cortes nem revelavam qualquer sinal de que ele tentara defender-se do espancamento, até porque ele sabia que as consequências seriam fatais, se fizesse alguma coisa, inclusive defender-se.

Se não tinha sido violento quando o atacaram, como poderia ter feito alguma coisa à *Sereia de Brighton*? Como poderia ter raptado a Jude, ou ter-me agredido? Ele jamais faria isso. O meu pai não era esse tipo de homem.

Estou a ser tola. Estou a entrar em pânico porque me atacaram, estou a reagir com teorias estúpidas e negativas por estar assustada. O meu pai nunca faria isso. Eu conheço-o. Há anos que nos distanciámos, mas ele nunca faria mal à Jude nem seria capaz de assassinar as outras raparigas. Não é da natureza dele.

Pego delicadamente no braço do Zach e puxo-o para cima do meu corpo. Quero-o tão perto de mim quanto possível. Preciso que ele me recorde que estou bem e que não tenho de começar a imaginar disparates só porque alguém me atacou. O Zach geme baixinho e aconchega-se mais a mim, aninhando o rosto no meu ombro.

– HmMMM – geme ele suavemente.

Fecho os olhos e concentro-me nele, no facto de ali estar, bem longe de todas as parvoíces que, pela primeira vez, me fazem duvidar da inocência do meu pai.

Macy

Sexta-feira, 27 de abril

Já me sinto melhor. Creio que ver a Nell no hospital me arrancou do estado em que estava antes. Mas isto está, de facto, a tornar-se demasiado insuportável. A história de o Clyde ter outra família, o receio do que poderá acontecer se contar a alguém o que sei acerca da Jude...

A questão é que nunca ninguém me perguntou. Nunca. Era como se eu nem sequer existisse naquela casa. Nunca ninguém me comunicou formalmente que ela tinha desaparecido e também nunca ninguém me perguntou se eu a tinha visto. Tendo em conta que eles sabiam que a Nell e a Jude eram quase como irmãs, seria de esperar que tentassem saber se a verdadeira irmã de sangue da Nell vira alguma coisa. E, nessa altura, eu podia ter-lhes contado. Teria sido horrível, a avaliar por tudo o que aconteceu sem que a polícia tivesse realmente conhecimento de alguma coisa, mas teria sido boa ideia perguntar-me.

Nessa altura, eu era quase sempre ignorada. Acho que esse era um dos motivos por que eu estava desesperada para casar com o Clyde. Ele reparava em mim, amava-me e só queria estar comigo. Estaria com ele agora, se me tivesse mostrado disposta a deixar as crianças com os meus pais e ir-me embora. Mas como podia eu deixá-las com os meus pais, sabendo o que sabia? Só os deixava estar com eles se eu também lá estivesse. Acho que ninguém reparou nisso, nem mesmo a Nell. Além disso, eu nunca os abandonaria, a menos que tivesse de o fazer, a menos que fosse o melhor para eles. Por vezes, o Shane dá-me a entender – ou diz-me abertamente – que as coisas que faço não são boas para as crianças. Que as minhas obsessões, os meus rituais e as minhas ansiedades acabarão por se refletir neles, fazendo com que também se tornem pessoas ansiosas. Eu sei que ele tem razão e não quero que a Willow, a Clara e o Aubrey sintam esse tipo de coisas ou tenham esse tipo de comportamentos. Quero que eles cresçam em segurança, felizes e confiantes. Quero, sobretudo, que se sintam seguros no mundo, que olhem para mim e saibam que podem confiar em mim.

Por vezes, quando o Shane me diz coisas dessas, o efeito que produz não é o que ele espera. Não me faz ter vontade de parar, mas sim de ir embora. Faz-me pensar que as crianças ficariam melhor sem mim.

Mas hoje, não. Hoje não vou abandoná-las. Vejo-as a entrarem na escola e sei que hoje não vou abandoná-las. Preciso apenas de me controlar um pouco. Não posso continuar obcecada pelo facto de o Clyde ser pai dos filhos de outra pessoa, não posso continuar a pensar se devo ou não contar o que sei acerca da Jude e não posso continuar a imaginar que vai acontecer alguma coisa à Nell.

O Shane pendura o braço à volta dos meus ombros e beija-me o pescoço. Ultimamente, não é habitual levarmos as crianças à escola juntos, pois de manhã estamos quase sempre cheios de pressa para sair para o trabalho. Mas eu adorava quando nos amontoávamos todos no carro e tagarelávamos alto ao longo do caminho. Muitas vezes, fazíamos perguntas de Francês, História ou Matemática à

Willow, para a ajudar no teste que ia ter nesse dia, ou ouvíamos a Clara a recitar poemas, ou o Aubrey a contar-nos o que se passara na aula no dia anterior. Eles saltavam do carro felizes da vida, preparados para enfrentar o dia de aulas. Depois, eu e o Shane escapávamos para irmos a correr tomar um café juntos ou voltávamos a casa para uma rapidinha antes do trabalho. Perdemos esse hábito.

– Como está a Nell? – pergunta o Shane, ao voltarmos para o carro.

– Está ótima. Pela conversa que ouvi, creio que o namorado está a cuidar muito bem dela.

– Ótimo, ótimo. Ainda bem.

A possibilidade de a Nell estar com outro homem, já não o faz corar. Na verdade, a ideia parece não o incomodar. Talvez a forma como atualmente se comporta em relação a ela não seja falsa. Talvez tenham esclarecido tudo entre os dois e ele não esteja a planear abandonar-me para fugir com ela.

Ainda não lhe puxei as orelhas por ter dado o número de um “cliente” à Nell. Que raio. Diz que concorda comigo, que também acha que ela não se devia concentrar naquilo, que quanto mais depressa voltar para o trabalho, melhor, e depois faz uma coisa destas?

– A polícia mencionou alguma coisa sobre a possibilidade de os apanharem e lhe devolverem as coisas?

– Não. Disseram que amanhã fariam uma visita, quando ela fosse para casa, para recolherem o depoimento completo.

– Ótimo. Apetece-lhe um café, Futura Senhora Merrill? – pergunta ele.

– Com certeza, Aspirante a Futuro Senhor Okorie – respondo.

– Nem penses – recusa ele, a rir. – Não vou assumir o teu apelido. Não fales nisso nem a brincar.

– Sim! – replico de forma impulsiva, ao fechar a porta do carro.

– Hum... Não me parece, Macy. O que diria o teu pai?

– Eu estou a dizer sim, caso contigo.

– O quê? A sério? *A sério?*

– Sim, a sério.

O Shane larga o cinto de segurança que se preparava para prender, inclina-se para mim e envolve-me num abraço.

– Estou tão feliz que nem sei como o expressar por palavras – diz ele. – Estou tão feliz que gostava de ter pais ou uma família a quem pudesse contar. – Abraça-me com força. – Amo-te muito, Macy, e estou muito, muito feliz.

Eu também estou, pois sei que a decisão vai ajudar-me a não perder a cabeça por causa do Clyde. Dar-me-á algo em que me posso concentrar e é bem capaz de ajudar a esquecer os aniversários que estão cada vez mais próximos. Estou com um mau pressentimento acerca dessas datas, por isso preciso de me concentrar noutra coisa. Algo bom. Algo que nos ajude a ultrapassar ilesos os

próximos meses.

Nell

Sábado, 28 de abril

Depois de passar três dias longe da devastação, o apartamento parece estar pior do que antes. Está com um cheiro estranho, como se algo tivesse apodrecido num canto escondido, e o ambiente está ainda mais estranho. Como se o próprio apartamento não gostasse de ter sido abandonado depois de algo tão horrível lhe ter acontecido.

Eu quis voltar de imediato, pois sabia que quanto mais tempo ficasse fora, mais difícil seria voltar, mas não me conseguia mexer. O Zach continuou a cuidar de mim, servindo-me bebidas, cozinhando, acomodando as almofadas e deixando-me ver o que quisesse na televisão. Tal como na noite em que dormira comigo sem me tocar, creio que nunca senti tamanha devoção. Se quisesse ser cínica, diria que ele estava a sentir-se culpado relativamente a algo, mas isso era apenas paranoia minha, o resultado de ter de lidar durante tantos anos com os repetidos regressos do John Pope.

O Zach é um tipo decente e está a cuidar de mim. Teve de ir algumas vezes à escola, para dar aulas e ir a reuniões que não podia, de forma nenhuma, faltar ou para as quais não encontrou quem o substituísse, mas temos passado a maior parte do tempo juntos, no apartamento dele, a conversar, a ler, a ver televisão e a jogar às cartas.

Quase me deixei embalar pela sensação de que podíamos ficar assim eternamente. Mas esta manhã, quando dei pela falta do telefonema da Macy, às 5h17, aceitei que a minha vida estava realmente virada de pantanas e que tinha de voltar para casa para enfrentar o que acontecera.

É apenas tralha, disse para comigo mesma, ao abrir a porta. *Tenta não ficar incomodada com o que aconteceu. É apenas tralha.*

Contudo, é a minha tralha. Coisas que me obrigaram a trabalhar muito para as comprar. A forma como as trataram afeta-me pessoalmente. É como se tivessem despejado nos meus objetos a raiva que sentem por mim. Não me podem destruir, portanto, destruíram as minhas coisas.

O Zach começa pela sala e eu vou para o quarto principal, para começar a arrumar as coisas por lá. É evidente que vou ter de lavar tudo. O facto de quem quer que tenha assaltado a casa ter andado a remexer nas minhas gavetas de roupa interior, esvaziando-as e tocando em peças destinadas às minhas partes íntimas, faz-me sentir suja.

Olho para o monte de peças de renda e licra preta que amontoei em cima da cama e imagino subitamente a figura escura, de pé, junto da minha roupa interior, a atirá-la para o chão com uma expressão desdenhosa. Tenho de sacudir a cabeça para me abstrair da imagem. É tudo imaginação minha. O mais provável é que isso nunca tenha realmente acontecido.

Quem me dera ter dinheiro para deitar tudo ao lixo. Livrar-me delas e da ideia de que o ladrão lhes tocara. Eu sei que a maioria das pessoas iriam pensar que estou a ser ridícula. *Não estavas propriamente a usá-las na altura*, dir-me-iam. Mas quero queimar tudo porque sinto que mesmo que

as lave com lixívia, nunca conseguirei eliminar as marcas desta ofensa.

O intercomunicador toca quando estou a olhar para o monte de cuecas e sutiãs, ainda a pensar se terei dinheiro para os substituir. Não posso substituir o apartamento, mas aquele tipo de coisas talvez consiga.

– Queres que atenda? – pergunta o Zach, em voz alta, da cozinha.

– Sim, por favor – respondo. Agarro no enorme cesto de vime da roupa suja, que normalmente está ao canto, junto à janela, mas que alguém derrubou ao pontapé, e deito o monte de roupa lá dentro. Terei de me contentar em lavá-las a alta temperatura e não pensar demasiado no assunto. Aliás, não pensar é a minha especialidade.

O Zach aparece à entrada do quarto com um ar embaraçado e ligeiramente preocupado.

– É... É a polícia.

Os mesmos agentes da polícia que tinham estado no apartamento no dia do assalto estão à espera na sala de estar. Prometeram que voltariam e agora aqui estão eles. Parecem-me tão corpulentos e ameaçadores como no dia em que tiveram de me levar rapidamente para o hospital. Não os quero aqui. Agora que o Zach conseguiu miraculosamente arrumar a sala, empilhando todos os papéis de um lado, endireitando peças de decoração e polindo as superfícies, não quero mais envolvimento com a polícia. Na verdade, decidi esquecer o incidente. Fingir que nunca aconteceu. Agir como se o facto de eu e o Zach nos termos tornado tão íntimos tão rapidamente fosse uma consequência natural de gostarmos um do outro, e não da necessidade de ele cuidar de mim depois de me ter acontecido algo horrível.

– Menina Okorie queríamos apenas terminar o interrogatório que iniciámos há dias – revela o agente.

Quem me dera ter a coragem para lhes dizer que tudo não passara de um grande mal-entendido, que lamentava o tempo que tinham perdido e pedir-lhes que se retirassem.

– Está bem – aceito, suspirando, sentando-me e fazendo sinal para que também se sentem.

– Eu... hum... Eu vou fazer chá – afirma o Zach.

Creio que enquanto deixava a cozinha em ordem deve ter ficado a saber onde eu tinha as coisas.

– Creio que não tenho leite – aviso.

– Aceito um chá preto – diz a mulher-polícia.

– Eu também – acrescenta o agente.

O chá significa que vão ficar lá para o beber. Ótimo!

– Como se sente? – pergunta o agente, depois de o Zach sair da sala.

– Estou bem – replico, com algum nervosismo. Tenho mesmo de me descontrair. Não fiz nada de mal e eles estão apenas a fazer o trabalho deles. Não têm culpa que eu tivesse conhecido um polícia psicopata na adolescência, naquele que foi um dos piores dias da minha vida. – Estou bem – repito.

– Gostaríamos apenas de rever os acontecimentos da outra noite, se estiver de acordo – refere a

mulher-polícia.

– Sim, mas não me lembro de grande coisa, pois foi tudo bastante rápido. Estou certa de que toda a gente diz isso, mas é verdade.

A mulher-polícia tira o bloco de notas e a caneta. Por qualquer motivo, o meu coração dispara quando ela o faz. Não me apetece mesmo falar no assunto.

– Conte-nos apenas aquilo de que se lembra, menina Okorie. A que horas voltou?

Começo contar e a explicar tudo, e é quase como se estivesse a ver-me a mim própria. A subir as escadas para o apartamento, a luz fundida, o momento em que me apercebo de que a porta está aberta, a madeira lascada, a escuridão a precipitar-se subitamente na minha direção...

Eles escutam-me com toda a paciência, pedindo-me gentilmente que esclareça uma ou outra situação. Quando acabo de contar a história, estou a tremer. Aconteceu apenas há alguns dias, mas é como se estivesse a desenterrar algo antigo e, ao mesmo tempo, a reviver algo que acabou de acontecer.

Olho para a entrada da sala, surpreendida pelo facto de o Zach ainda não ter regressado com o chá. Teria ido à rua colher as folhas?

– Obrigada, menina Okorie. Já teve a oportunidade de... – A mulher-polícia para de falar quando o Zach entra na sala a carregar um tabuleiro de madeira, que eu me esquecera que tinha, com quatro canecas fumegantes.

– Desculpem ter demorado tanto – lamenta ele –, mas tive de lavar as canecas e ferver a chaleira várias vezes, para ter a certeza de que a podia utilizar. Tendo em conta a forma rápida como limpou a sala, parece-me um pouco estranho tamanha demora a lavar as canecas e a ferver a chaleira.

Observo-o enquanto ele pousa o tabuleiro no chão, a meio da sala, e leva duas canecas aos agentes. Parece estar diferente. Habitualmente é uma pessoa confiante, segura e descontraída, mas agora parece estar ligeiramente agitado. Nervoso, inquieto.

Depois, todos observamos enquanto o Zach me dá uma caneca, pega na dele e, finalmente, se senta ao meu lado, no sofá. Das vezes que estive com ele, nunca o vi a agir desta forma.

– Posso saber quem é o senhor? – interroga o agente.

O Zach olha para mim e um esgar de preocupação surge-lhe momentaneamente no rosto. Foi rápido, mas eu reparei. Este não é o Zach que eu conheço.

Ele volta a olhar para os agentes.

– Sou uma espécie de namorado da Nell, suponho – replica, olhando para mim. – Seria assim que me definirias? – questiona-me ele.

Não faço ideia de quem és, penso. Mal te conheço. Podes ser qualquer um. Tanto quanto sei, podes até ser a pessoa que me assaltou a casa.

Talvez por isso estivesse a ser tão carinhoso – por se sentir culpado pelo que me fez. Talvez eu tivesse passado os últimos dias a receber cuidados do homem que me mandara para o hospital.

– Hum... Suponho que sim – murmuro. Neste momento, tenho os nervos em alerta máximo. *Pelo menos, não dormi com ele nos últimos dias*, penso. *Pelo menos, não sentirei necessidade de tomar um duche, sempre que me lembrar dos últimos dias*.

Este é um dos efeitos mais nefastos do que me aconteceu. Estou a ficar paranoica e desconfiada. Para ser franca, o Zach não fez nada de suspeito desde que o conheço, no entanto, aqui estou eu, a concluir que foi ele quem me assaltou a casa.

– Estava aqui, na noite do assalto? – interroga a mulher-polícia.

– Hum... Não, não estava – replica o Zach.

– Posso saber onde estava? – interpela o agente.

Os meus nervos voltam a incendiar-se quando ouço a pergunta. Não apenas por estar a pensar o mesmo, mas também porque foi assim que tudo começou com o meu pai. A polícia a pensar que podia ser alguém próximo e decidir explorar essa possibilidade. A explorá-la até à exaustão, até as nossas vidas serem destruídas.

– Hum... – começa o Zach. Acho que nunca o ouvi a dizer “hum” tantas vezes numa conversa curta. – Hum... Provavelmente a dormir. Começo a trabalhar às 7h30, por isso costumo deitar-me bastante cedo.

– Há alguém que possa confirmar isso? – indaga o agente, de forma descontraída.

O coração pesa-me no peito e os meus pulmões parecem estar aprisionados em cimento. Eles não deviam fazer aquelas perguntas. O Zach não lhes tinha dado motivos para que suspeitassem dele. Tal como não dera a mim. Mas isso pouco importava. Arrastariam o nome e vida dele pela lama antes de chegarem a essa conclusão. É insuportável. Não aguento ver isto a acontecer novamente a alguém de quem eu gosto tanto.

O Zach olha o polícia nos olhos.

– Não – diz ele baixinho. – Não há ninguém que o possa confirmar. – Depois, baixa lentamente o olhar para o tapete ao centro da sala, que está à mesma distância do sofá, da televisão e dos dois cadeirões onde os agentes estão sentados. Perdi imenso tempo a posicioná-lo, para ter a certeza de que ficava à mesma distância de todas essas coisas, pois bastava que uma delas estivesse ligeiramente desviada para me massacrar até conseguir devolvê-la ao seu devido lugar.

Tal como a pergunta deles me estava a massacrar.

– Porque fez essa pergunta? – intervenho. Não posso permitir que isto volte a acontecer. Já não tenho 15 anos. Sou alguém com voz e autoridade, e tenho de me manifestar.

– Estamos apenas a tentar obter um quadro tão completo quanto possível do que aconteceu – responde o polícia.

O Zach não levanta os olhos nem leva a caneca aos lábios. Fica simplesmente a olhar para o tapete.

– Importa-se de me dizer o seu nome? – questiona educadamente a mulher-polícia. Mas há algo

de incisivo na forma como o diz, uma ligeira inflexão na última palavra que me revela o que está a pensar.

Vejo a minha espécie de namorado a suspirar ligeiramente. Quando levanta a cabeça, olha de frente para os agentes.

– Preferia não dizer – responde ele.

Hum... O QUÊ?

Olho para ele e sinto a pressão no peito a aumentar. Quem é aquele homem? Com quem me fui envolver? Deito-me com ele como uma idiota e permito que ele tenha um orgasmo dentro de mim, sem proteção, pois não me importava de ficar com uma parte dele dentro de mim para sempre. E ainda digo ao Aaron, feita parva, que acho que ele pode ser o “tal”. E agora, provavelmente, vou ter de me confrontar com o facto de ele ser uma espécie de génio do crime, um chefe de um gangue ou um conhecido assassino.

– Se nos dissesse, tudo ficaria bem mais simples – avisa o polícia. Reparo que os dois agentes pousam as respetivas canecas praticamente em simultâneo, junto às cadeiras, como se pressentissem que a confusão estava iminente.

O Zach olha para mim, como se me estivesse a pedir desculpa em silêncio, e vira-se novamente para os agentes.

– Sou... o sargento detetive Zach Searle.

Macy

Sábado, 28 de abril

O anel de noivado é lindo.

Safiras e diamantes encrustados num anel de ouro branco.

– Esse anel e algumas outras peças são tudo o que me resta dos meus pais – revela o Shane. Está com um joelho assente no chão, a colocar-me o anel no dedo. Serve-me perfeitamente, deslizando suavemente sobre os nós do dedo. (O Clyde deu-me um anel de goma, que acabou por comer certa noite, depois de beber uns uísques.)

– Mas não és obrigada a usá-lo e nem sequer tem de ser o anel de noivado. Podemos comprar outro, se quiseres.

– Não quero outro – garanto. – É absolutamente perfeito.

– Não sei o que aconteceu à aliança de casamento da minha mãe – confessa ele, levantando-se. – Desapareceu no acidente que os matou. – Pela sua expressão, vejo que está a tentar conter a emoção. Baixa o olhar e tenta dominar-se.

Uma das coisas que nos aproximou foi o facto de não querermos falar das nossas famílias. Eu porque... enfim, sempre achei a minha história familiar demasiado louca e o Shane porque já não tinha ninguém. Era filho único e os pais tinham morrido num acidente de automóvel, quando ele tinha 19 anos. De vez em quando, percebo que isso lhe custa e que gostaria também de ter uma Nell, uma mãe e um pai com quem partilhar momentos da vida. Parece extremamente só, por vezes, e, nesses momentos, sinto pena dele. Senti muitas coisas desagradáveis na vida – ignorada, esquecida, colocada de parte, menosprezada –, mas creio que nunca me senti só.

Mal posso acreditar no que estou prestes a dizer, sobretudo depois do que aconteceu à Nell, mas digo-o:

– Talvez pudesses pedir à Nell que investigue a tua árvore genealógica, para saberes se tens mais família por aí.

O rosto de Shane não esconde a surpresa.

– Não, não. Não tenho feitiço para isso. Respeito todos os que queiram fazer, Deus os abençoe e isso, mas não é para mim. A probabilidade de vir a arranjar problemas é demasiado elevada. – Puxa-me contra ele. – Além disso, tenho-te a ti e aos miúdos. Não preciso de mais família.

Na verdade, fico aliviada por ele ter dito que não. Por muito calmas que as coisas estejam agora entre eles, não quero que passem demasiado tempo juntos. Não quero que comecem a lembrar-se do que adoravam um no outro. Basicamente, não quero perder o meu noivo para a minha irmã.

Nell

Sábado, 28 de abril

– Estou a trabalhar infiltrado – explica o Zach, no silêncio que se segue à revelação.

Enquanto fala, é para mim que olha, e não para os polícias a quem acabou de mostrar o cartão que o identifica como agente da autoridade.

– Houve alguns incidentes na escola onde vou estar a trabalhar infiltrado durante os próximos meses, coisas sobre as quais não posso falar. Sou um professor qualificado, por isso pude aceitar esta missão.

Mas que raio de coisa é esta?

– Não era minha intenção manter-te na ignorância, mas, como é evidente, não te podia contar nada, pois estou infiltrado. Foi por isso que demorei tanto, há pouco. Precisava de uma autorização da minha supervisora e do chefe dela para poder contar. – Olha para os agentes da polícia. – Para poder contar a todos. Eles disseram-me que, se fosse inevitável, podia. Não sabemos qual a extensão dos problemas na escola. – Volta a olhar para mim. – Lamento não ter dito antes, Nell, mas isto não tem nada que ver connosco. São questões totalmente distintas.

Enquanto o ouço, apercebo-me de que não estou a piscar os olhos, porque o que ele acabou de dizer deixou-me estarrecida.

Mas que raio de coisa é esta?, volto a pensar.

– Quando foste atacada, pensei que aquilo em que estou a trabalhar podia estar a ter implicações na minha vida privada, para além da escola, o que me preocupou e assustou muito, mas agora estou convencido de que não é disso que se trata.

Quando ele para de falar, percebo que está à espera que algum de nós lhe responda. Nessa altura, viro-me para os agentes e pisco repetidamente os olhos, tentando arrancar-me do torpor em que caí. Preciso que toda aquela gente se vá embora. Preciso da minha casa de volta.

– Estamos despachados? – pergunto.

– Hum... Sim, sim – replica a mulher-polícia. Os agentes parecem mais perplexos do que eu. Ambos se levantam. – Contacte-nos, caso se lembre de mais alguma coisa – acrescenta, estendendo-me um cartão de visita. Olho-o como se ele me fosse morder. Acaba por ser o Zach a tirar-lhe o cartão da mão.

– Vais ter de sair com eles – advirto-o, ao ver que ele não se dirige para a porta com os agentes.

– Não queres falar?

– Não, não quero falar – digo-lhe, sacudindo a cabeça. – Neste momento, o que menos desejo é falar.

– Deixa-me, pelo menos, ajudar-te a arrumar o apartamento – pede ele.

– Gostaria que fosses embora com os teus colegas. – Mal consigo olhar para ele, quanto mais

falar...

– Está bem – assente ele.

Voltar à cena do crime, foram essas as palavras que ele usara no hospital, e estou ouvi-las novamente na minha cabeça. Ninguém usa essa expressão, a menos que seja polícia. Mal posso acreditar que isso me tenha passado despercebido na altura.

Acompanhei os três polícias à saída e o Zach tirou o casaco e a pasta de cabedal do cabide junto à porta. Os dois agentes começaram a percorrer o corredor das escadas, mas o Zach deu meia-volta e encarou-me.

– Posso telefonar-te mais tarde? – pergunta.

– Claro – respondo.

O rosto dele anima-se e descontrai-se, aliviado.

– Não vou atender, mas podes ligar as vezes que quiseres – digo-lhe, antes de lhe fechar a porta na cara.

Limpar, arrumar e devolver a ordem ao meu apartamento revelou-se mais terapêutico do que eu imaginava. É óbvio que tive de voltar a limpar tudo o que o sargento detetive Searle limpara, pois não suportava a ideia de que ele estivesse simultaneamente a ajudar-me e a mentir-me.

Estou apavorada por ser tão crédula e ingénua. Fui bastante aberta com ele desde o momento em que o conheci até saber a verdade. Nos últimos dias, senti-me por vários momentos tentada a falar-lhe da *Sereia de Brighton*, da Jude e das pesquisas que fizera e estava a fazer. Queria falar-lhe da Sadie, de Leeds, do Aaron e do John Pope. Ele tomou conta de mim com tamanha abnegação e carinho que eu senti vontade de me abrir com ele, apesar de eu não lhe ter revelado quase nada a meu respeito ou qual seria o motivo por que teria sido assaltada e atacada. Estávamos mais próximos e eu queria que nos aproximássemos mais.

E eu com receio de que ele fosse o culpado do que me acontecera, convencida de que conduzia uma vida dupla. Ele percebeu isso, mas nem assim me contou a verdade. Seria alguma coisa acerca dele real?

Podia até ter mulher e filhos em Londres, tanto quanto sei. Podia até ter inventado um local chamado Lewisham.

Provavelmente, também teria lido todos os documentos e papéis impressos que apanhou do chão e amontoou na sala. Já devia saber que parte da informação que continham não fora obtida por canais inteiramente legais. Podia até denunciar-me por ter demasiada informação desse tipo na minha posse. É por isso que deve ter percebido que o que me aconteceu não tem nada que ver com ele e que eu me meti em sarilhos sozinha. Imagino o alívio que sentiu ao perceber que estava safo.

Quando armas confusão, tem de ser sempre em grande, não é? Já o disse muitas vezes a mim própria.

Estou parada na sala, no meio do tapete perfeitamente centrado, a olhar para o meu apartamento. Agora, tudo está em ordem. Ninguém diria que o tinham praticamente destruído alguns dias antes. Na verdade, acho que há anos que não o via tão arrumado e limpo.

Não consigo estar aqui.

Enquanto o Zach ali estava, não me incomodou muito. Enquanto estive a limpar, depois de o Zach se ir embora, também não me importei, porque estava concentrada no que fazia. Mas parar deu-me oportunidade de pensar, e pensar faz-me mal.

O problema é que não tenho para onde ir.

Se for para casa da Macy, terei de lhe contar acerca do Zach. Se for para casa do Aaron, terei de ficar perto do Pope. Se for para casa do Zach, terei de lidar com o gigantesco embuste do meu namorado.

Mas não consigo ficar aqui.

Não me sinto segura. Nem sequer tive a oportunidade de mandar mudar a fechaduras. E se quem me assaltou a casa encontrou uma cópia das chaves para regressar quando eu estiver a dormir? E se a violência que utilizaram para destruírem os meus pertences for utilizada em mim?

Dou um salto, ao ouvir bater à porta. Tecnicamente, ninguém devia poder entrar antes de usar o intercomunicador, mas as pessoas nunca verificam nem confrontam quem entra, limitam-se a deixar entrar qualquer um. Provavelmente, foi assim que o ladrão entrou. Limitou-se a esperar e a entrar atrás de alguém.

Durante a minha primeira conversa com a polícia, os agentes disseram-me que tinham falado com todos os meus vizinhos e que nenhum deles ouvira qualquer ruído estranho. Aproximo-me cautelosamente da porta da frente e espero para ver se quem lá está volta a bater à porta.

Tudo fica em silêncio durante alguns momentos, mas creio que está alguém do outro lado da porta, à espreita... à espera.

Pum-pum-pum! Batem à porta pela segunda vez, desta feita com mais força, o que me provoca um sobressalto. Agarro-me ao peito, sentindo-me subitamente nauseada.

– Enelle! – chama o meu pai. – Estás aí, Enelle?

Pai? Pai! Afasto-me da porta, onde estava toda encolhida, e abro-a apressadamente.

– Papá! – saúdo. – O que estás aqui a fazer? – Tenho de me conter para não o arrastar lá para dentro por uma mão, para que nunca mais volte a sair. Com o ar mais despreocupado possível, desvio-me do caminho, deixando-o entrar.

– A Macenna ligou-me – revela ele, ao entrar. Traz um enorme saco de lona. Nunca vi o meu pai andar com sacos, muito menos com um saco de lona. Quando passa por mim, ouço algo a tilintar lá dentro e, num instante de puro pavor, imagino que o meu pai está ali para me matar e desmembrar. Estou perturbada, seriamente perturbada. – Ela contou-me o que aconteceu.

– Ah, isso – solto.

– Sim, isso. Porque não nos ligaste, Enelle?

O meu pai está a olhar para mim da mesma forma que, no hospital, a minha irmã me olhou com a cara dele, há uns dias. Não quero dizer-lhe porquê, por isso retraio-me ligeiramente, encolho os ombros e abro as mãos.

Ele ergue o saco.

– Trouxe algumas ferramentas para mudar as fechaduras. – Olha para a porta. – Quem arrombou isto, fez um lindo serviço. Vou mudar as fechaduras, mas depois teremos de pensar em substituir a porta.

Olho para o meu pai. Ele nunca vem a Brighton. Adorava cá viver, mas depois do que o Pope fez, teve de se mudar, para que ele e a minha mãe pudessem manter alguma sanidade. Com o passar do tempo, deixaram simplesmente de vir cá. Se os queremos ver, vamos nós a casa deles. Mas agora aqui está ele, por minha causa. Acho que, por vezes, esqueço-me de que os meus pais me amam. Apesar do que fiz, apesar de ter trazido alguém que lhes destruiu a vida, continuam a amar-me e a preocupar-se comigo. É possível amar uma pessoa e não gostar dela, amá-la por defeito, acostumando-nos àquilo que a magoa. É possível amar alguém sem nos incomodarmos com aquilo que lhe possa acontecer. Os meus pais amam-me e preocupam-se comigo.

– OK – concordo. Quero abraçá-lo. Quero sempre abraçar o meu pai. Quero sempre estar perto dele, dizer-lhe que lamento e perceber que ele já me perdoou. Mas o que desejo, sobretudo, é abraçá-lo, sentir aqueles braços grandes e fortes que me protegem e combatem os meus medos. Mas nós não somos assim. O meu pai não é assim.

– Queres um café?

– Sim, por favor. – Só quando chego ao fundo do corredor, e estou quase a entrar na sala, é que o ouço a falar de novo. – Mais tarde conversaremos sobre o motivo por que não me telefonaste, Enelle.

Ele vai repreender-me, mas não me importo. O meu pai está ali e eu já não me sinto tão assustada.

– Costumas ver os Dalton? – pergunta o meu pai.

Ele demorou algum tempo a mudar as fechaduras, mas assim que terminou, sentámo-nos na sala a beber café e a ver televisão. Dispôs-se a cozinhar algo para os dois, mas desanimou quando viu o frigorífico vazio, os armários pouco abastecidos e a gaveta de legumes sem nada. Olhou-me de lado ao ver as minhas miseráveis provisões – afinal de contas, sou filha de um merceeiro e trabalhei num supermercado –, mas não disse nada.

– Não os vejo há alguns anos – respondo.

– Quando os viste pela última vez?

– Vi-os algumas vezes por aí, mas a última vez que falei com eles foi em 2007. Acho que foi quando... quando fui falar com eles sobre a minha pesquisa para encontrar a Jude.

– Encontraste a Judana? – O meu pai olha-me de frente ao fazer-me a pergunta, mas não o consigo encarar. Sinto-me envergonhada por não lhe ter contado o que andava a fazer, mesmo antes de o John Pope se envolver no processo.

– Não. Queria procurá-la. Por isso fui a casa deles, para lhes pedir informação sobre a árvore genealógica da mãe da Jude. Achei que se localizasse todos os familiares e descobrisse os que estavam desaparecidos, conseguiria descobrir para onde ela fora.

– Compreendo.

– Não resultou, como é óbvio. Embora tenha encontrado imensa gente ao longo dos anos, não a consegui encontrar.

– Compreendo.

Aventuro-me, finalmente, a olhar para o meu pai. Ele está a observar-me e parece querer dizer-me algo importante. Há muito que o cabelo dele perdeu a cor e sempre que era detido, sempre que era espancado sob custódia, perdia um pouco mais. Começaram por ser apenas umas madeixas grisalhas de lado, até ter mais cabelo grisalho do que negro. Depois, ficou com o cabelo totalmente grisalho. Posteriormente, tornou-se branco. Fá-lo parecer mais velho do que é, mais idoso do que a sua forma de estar revela.

– Ela era uma miúda simpática.

Devo estar a passar demasiado tempo com o Pope, porque, pela forma como o meu pai diz aquilo, parece que *sabe* que ela desapareceu. Que deixou de existir.

– É, sim – concordo, invocando-a no presente do indicativo, invocando a possibilidade de ela ainda estar viva no presente, mesmo estando fisicamente ausente. Soa-me de forma estranha e é, de facto, estranho, se pensar bem no assunto. Vi a Jude pela última vez aos 14 anos, o que significa que já não a conheço. Já não é uma adolescente. É uma mulher feita, com uma vida que não me inclui, seja de que forma for. A “Jude” de quem eu e o meu pai falamos faz parte do passado. Essa entidade deixou de existir. A Judana Dalton está viva, eu sei que está, mas não a Jude. Ainda assim, sinto necessidade de a invocar no presente do indicativo, para a manter viva.

– Vai fazer uma mala, Enelle. Não podes ficar aqui sozinha, esta noite.

– Eu fico bem, papá, a sério.

– Não discutas comigo – ordena ele. – Vai fazer uma mala.

– Mas pa...

– Sim? – atalha ele.

Não vale a pena discutir. Por muito adulta que seja, o meu pai será sempre meu pai, o homem a quem tenho de dar ouvidos, dê por onde der.

– Está bem. – Na verdade, estou satisfeita, pois não queria mesmo ficar ali sozinha. E agora, já não tenho de ficar.

Obrigada, pai. Agradeço-te muito.

Nell

Quarta-feira, 2 de maio

O meu pai insistiu em subir comigo, depois de me vir deixar a casa, mas não deixei. Vou ter de me habituar a voltar sozinha ao apartamento, a menos que queira mudar-me para casa dos meus pais (não quero) ou pretenda fechar-me para sempre no meu apartamento (o que não é o caso). O tempo continua a passar e a ausência não ajudou muito. Não tenho conseguido fazer grandes pesquisas nem visitar gabinetes de registos. Estou consciente de que o Pope pode detonar a bomba a qualquer momento, estilhaçando em mil pedaços o idílio dos meus pais.

Fico no passeio a vê-lo afastar-se no seu carro preto novo, desviando depois a minha atenção para o meu prédio. Adorei aquele apartamento na altura em que me mudei para lá. Apesar de ficar numa rua sem saída, no meio de um labirinto de ruas, a fábrica reconvertida é bonita, elegante e espaçosa – qualidades que irão certamente figurar nas notas do agente imobiliário, se eu não conseguir vencer o meu medo.

Mas agora o edifício parece-me assustador. Tudo nele me parece ameaçador quando entro. Sobressalto-me ao ouvir o estalido da porta principal fechar-se atrás de mim, o que me recorda o estrondo que deu quando o ladrão abandonou o edifício, depois de me atirar contra a ombreira da porta. Tenho de respirar fundo várias vezes enquanto subo as escadas, ao lembrar-me de que ele, provavelmente, estaria no meu apartamento a ouvir-me chegar, a interrogar-se se seria eu e se conseguiria sair a tempo. Carrego mecanicamente no interruptor da luz, junto às escadas do meu andar, e espero que se acenda. Nada. Já passou uma semana e ainda não a arranjaram. Está a anoitecer e há ainda luz suficiente para caminhar, mas sentir-me-ia mais segura com um pouco mais de luminosidade, para poder ver a minha porta entreaberta à distância, por exemplo.

Antes de percorrer o corredor até ao meu apartamento, faço uma pausa e volto a respirar fundo. Eu consigo. Eu vou conseguir.

Com uma passada firme e determinada, chego rapidamente à porta do meu apartamento. Está tudo bem. A porta está trancada, segura. À entrada da porta está uma enorme caixa castanha. Reviro os olhos ao pensar no carteiro. Já me tinham feito aquilo. Batem à porta, ninguém responde, na dos meus vizinhos também não há respostas e eles deixam a encomenda à entrada. Ainda bem que não encomendo coisas caras. Penso muitas vezes nisso.

Pouso as minhas malas (é óbvio que levei imensa coisa) para destrancar a porta. Até agora, tudo bem. Estou sempre a olhar por cima do ombro, mas isso é normal. Sensato. Não me estou a tornar mais paranoica.

Há algum correio atrás da porta, o que me recorda que tenho de ir à caixa do meu apartado na estação de correios, para verificar se recebi resultados de ADN. Largo as malas no corredor e recolho a encomenda. Não é muito pesada, tendo em conta o tamanho da caixa, mas tem algum peso.

Resisto à tentação de a abanar, pois pode conter algo frágil.

Não me recordo de ter feito alguma encomenda ultimamente. Na verdade, sei que não fiz qualquer encomenda, porque ainda estou a tentar recuperar o dinheiro que gastei a mais na noite em que conheci o Zach, assim como o dinheiro que tinha na carteira, quando me roubaram a mala.

Pouso a embalagem no chão e ajoelho-me para a abrir. Não tem carimbos do correio, portanto, provavelmente teria sido entregue em mão. Talvez a Macy tivesse lá ido deixar uma encomenda solidária, embora o rótulo tenha o meu nome e o meu endereço.

Demoro uma eternidade a descolar a fita adesiva que prende as abas ao topo da caixa. Assim que finalmente a abro, deparo-me com tiras e tiras de papel de seda cor-de-rosa. Definitivamente, é da Macy.

– Espero que valha a pena – resmungo. Começo a retirá-lo, mas há muito mais por baixo. Por fim, tiro uma última camada de papel e vejo o meu presente.

No fundo da caixa forrada com papel de seda está uma enorme ratazana morta.

Nell

Quarta-feira, 2 de maio

– Alguém anda a perseguir-te, não anda? – pergunta a Macy, enquanto anda para trás e para diante na sua cozinha.

Ainda estou a tremer. É como se o meu corpo sacudisse também a mente. Já se passaram horas, mas não consigo parar de tremer. Sempre que me lembro do corpo gordo da ratazana morta, com a cauda grossa e estriada caída sobre o tronco, a garganta ensopada em sangue cintilante, com a jugular rasgada e os olhos negros sem vida, tenho de me abraçar ao próprio corpo e baloiçar-me, para tentar abstrair-me da imagem. Mas está ancorada à minha mente. Odeio ratazanas. É das poucas coisas que me deixam no limiar da fobia. Odeio ratazanas, vivas ou mortas. O certo é que alguém resolveu mandar-me uma. Deixá-la à minha porta, embalada como uma encomenda vulgar. É um aviso, um lembrete daquilo que me poderá acontecer. A mensagem é bem clara: alguém anda a perseguir-me.

Não quero ouvir a versão da Macy do “bem te avisei”. Não preciso de ouvir nada a não ser: “Aqui tens uma bela garrafa para esquecer as últimas sete horas.”

– Alguém anda a perseguir-te e não vai descansar enquanto não estiveres morta – continua ela, num tom de voz alto e descontrolado. Vai começar a gritar comigo.

– Calma, Macy – intervém o Shane, agachando-se junto à cadeira da cozinha em que estou sentada. – Não vês que ela está traumatizada?

– Sim, percebo isso – responde ela, ainda num tom descontrolado. – Mas *ela* não pode estar.

O Shane parece continuar disposto a tocar-me, a esfregar-me as costas, talvez, mas depois muda de ideias, pois fazê-lo iria ultrapassar inúmeros limites.

– Macy...

– Não. NÃO! – brada a Macy, esticando o indicador para o silenciar. – Olha para ela. *Olha para ela*. Se ela se visse a ela própria pararia de fazer o que anda a fazer. Simplesmente desistiria. Mas não, não quer parar. Mesmo depois disto. Mesmo depois sofrer um golpe na cabeça, não vai parar. O que terá de acontecer para que pare? Tudo porque precisa de se sentir real ou coisa que o valha. Achas que te vais sentir real quando estiveres morta?

Levanto lentamente os olhos dos ladrilhos pretos e brancos do chão da cozinha e encaro a minha irmã. Ali parada, com um pijama singelo e roupão turco azul-escuro, percebo que tem razão. Aliás, está repleta de razão. Mas ter razão não significa ficar naquele estado.

São as ansiedades, as preocupações e os medos, as obsessões por tudo e por nada que a fazem ficar naquele estado. É sempre assim. Se pudesse libertá-la de todas essas preocupações, aliviá-la de todos os pavores que a consomem interiormente, sei que ela seria diferente. Seria a irmã que sempre amei.

– És um desastre a reconfortar as pessoas, Macy – zombo, tentando arrancar-lhe um sorriso. – Um

desastre absoluto.

– Isto não tem graça nenhuma! – guincha ela.

O Shane afasta-se de mim e vai a correr ao encontro dela.

– Chiiiu. Olha os miúdos – recorda-lhe ele. – Vais acordar os miúdos.

– Não quero saber – adverte ela, empurrando-o. – Na verdade, vou acordá-los imediatamente para que eles possam olhar, uma última vez, para a tia que tanto amam, antes que ela seja assassinada enquanto tenta resolver um mistério que a polícia não conseguiu deslindar em 25 anos.

– Para com isso – pede o Shane.

– Não, não paro.

– Tenho de me ir embora – decido. A minha presença vai acabar por destruir a minha irmã. Ainda há uma semana tive de ir a correr para o hospital. Aquilo era demasiado para ela. Ergo-me sobre as pernas trémulas e aconchego os ombros no cobertor que os meus vizinhos me tinham dado antes. Não sou de gritar, mas desatei aos gritos quando vi o que estava no interior da caixa. Gritei tanto que o meu vizinho do lado, com quem sempre mantive uma relação na base do aceno de cabeça, saiu disparado do apartamento e começou aos murros à porta, só parando quando a abri. Senti-me mal porque ele estava de roupa interior e a namorada apareceu de roupão de seda, praticamente nua por baixo. Ambos recuaram quando viram a ratazana dentro da caixa, mas ele foi vestir uns *jeans* e dispôs-se corajosamente a levá-la para os caixotes do lixo, lá em baixo.

Tive de ficar sentada no corredor de minha casa, pois não me conseguia mexer. A namorada do meu vizinho acabou por me trazer um cobertor e uma chávena de chá quente e doce, porque eu tremia da cabeça aos pés, e a temperatura do meu corpo não parava de descer. Finalmente, pedi-lhes que me chamassem um táxi, reuni as malas que levava para casa dos meus pais e vim para a casa da Macy, onde fui acolhida desta forma.

Esperava, no mínimo, uma chávena de chá e um pouco de empatia antes da ensaboadela da Macy, mas não tive essa sorte.

– Não. Senta-te – pede o Shane. – Vá lá, senta-te – acrescenta, num tom insistente, ao ver que eu não me sentava. – Senta-te imediatamente.

Obedeço.

– E tu – diz ele, virando-se para a minha irmã –, vais parar *já* com isso. Entendo que estejas aborrecida com a Nell e percebo perfeitamente porquê, já que ela tem sido imprudente. Mas não nos viramos contra a família, certo? Por muito estúpidas que as pessoas sejam, por muito desprezo que revelem pela sua própria segurança, não nos viramos contra eles.

– Hum... *obrigada* – digo.

O argumento do Shane parece impedir a Macy de me agredir verbalmente, embora continue lançar-me um olhar furioso.

O Shane prossegue:

– Isto faz tudo parte dessas tricas meio estranhas entre irmãs que eu nunca vou entender totalmente. Bem sei que tudo isso começou há muito tempo, mas vocês não podem permitir que isso interfira com a vossa relação. A Nell só nos tem a nós e temos de cuidar dela, não é verdade? Que mais pode ela fazer? Nós temos a sorte de nos termos um ao outro, mas ela não tem ninguém.

– Hum, *obrigada!*

– Mas isso não é verdade. A Nell tem um *namorado* – dispara a Macy, irritada.

– Sim, tenho e é evidente que devia estar com ele neste momento. Que tonta fui ao pensar que vinha para aqui e tu serias gentil comigo. Pois é, eu devia ter ido para casa do meu namorado e não te devia ter contado nada. Porque, como sabes, não é nada o teu género dramatizares algo que me aconteceu pelo efeito que tem em ti. Como fui tão tonta.

– Não vais a lado nenhum, Nell – assevera o Shane. – Macy, pede desculpa.

– Não peço!

– Muito bem. Se a tua irmã sair e acabarem por ficar sem se falar durante anos, terás de aceitar que a culpa é tua e de mais ninguém.

A Macy começa imediatamente a torcer as mãos. Viro bruscamente a cabeça para o Shane, horrorizada pelo facto de ele ter acabado de usar um dos focos de ansiedade da minha irmã contra ela. Sim, a Macy está a ser horrível para mim, mas eu sei de onde aquilo vem e não creio que me portasse muito melhor se estivesse no lugar dela. Se me puser de fora e olhar para minha situação na perspetiva da Macy, consigo ver que o que estou a fazer está inadvertidamente a recriar momentos horríveis da infância dela. Ser violentamente despojada de alguém que ama é um dos maiores medos da Macy. Mesmo traumatizada como estou, consigo perceber por que razão ela está a perder a cabeça. E, apesar de ela estar a ser insuportável comigo, jamais me passaria pela cabeça usar um dos seus medos para a calar.

– Não há necessidade de dizeres essas coisas – repreendo eu o Shane. – Jamais cortaria relações com a Macy, muito menos por causa de uma coisa que provoquei.

– Não, ele tem razão – reconhece a Macy, num sussurro, com os olhos ligeiramente arregalados e a torcer incessantemente as mãos uma sobre a outra, como duas serpentes num barril. Percebo que ela está a imaginar a cena: continua a ser horrível para mim, a despejar raiva em cima de mim e eu saio. A minha intenção é resolver as coisas entre nós, ela quer o mesmo, mas as horas convertem-se em dias, os dias em meses e os meses em anos. Vamos desperdiçar imenso tempo e, finalmente, algo acontece a uma de nós, antes de conseguirmos voltar a falar.

– Ele não tem razão – reajo. – Tens todo o direito de estar chateada. Fui eu quem trouxe tudo isto para a tua porta. Nada nos vai separar. Tu sabes que jamais te vais ver livre de mim, não sabes?

Ela acena energicamente a cabeça. O esforço de me ouvir enquanto imagina os cenários possíveis vincam-lhe o rosto de preocupação.

– Vou fazer a cama do quarto de hóspedes – murmura ela. Enquanto se dirige para a porta,

levanto-me subitamente e abraço-a. Não gosto de a ver assim. Não gosto de pensar nas preocupações que lhe povoam a mente como pedregulhos.

Assim que ela sai da cozinha, viro-me para o Shane.

– Mas o que é isto? – pergunto-lhe, furiosa. – Que raio vem a ser isto? Como pudeste fazer aquilo?

– Eu sei, eu sei, mas tinha de a acalmar.

– Mas não dessa forma. NUNCA dessa forma.

– Ela estava alimentar aquilo e acabaria por acordar os miúdos.

– *Não quero saber! Nunca* se faz isso. Ela ia acabar por se acalmar. Além disso, era comigo que ela estava a discutir. Jamais teria usado isso contra ela, independentemente do que ela me estivesse a dizer. E tu também não o deverias ter feito.

– E se fosse um dos filhos? E se ela estivesse a ter uma discussão com um deles e a criança não se soubesse defender? Ela já se excede com eles relativamente a algumas coisas que fazem, por recear pela sua segurança. Mantém-lhes a rédea curta e não as deixa fazer metade das coisas que os amigos fazem, à conta das ansiedades. A Macy controla a vida deles ao detalhe e isso, por vezes, torna-se sufocante. E se um deles fizer algo excecionalmente perigoso? – Ergue um braço e aponta para o sítio onde ela estava, um minuto antes. – É assim que ela vai reagir. Serão esses os danos que lhes vai causar. Tinha mesmo de a parar.

Talvez ele tenha razão. Eu sei que a Macy me ataca, sobretudo, quando acha que estou a ser imprudente, e tenho a certeza de que ela e o Shane também discutem, mas, e se ela se virar contra as crianças? Ou transformar as preocupações que sente em medos e ansiedades nas crianças? Como eu disse ao Zach, não quero impor a minha presença a ninguém, muito menos aos meus sobrinhos. A ideia de elas se tornarem tão perturbadas quanto eu é demasiado assustadora para sequer pensar nela. A Macy sempre quis ter filhos, desde muito nova. E se ela estiver a transferir para eles, não apenas a sua criatividade, carinho e generosidade, mas também os medos, a eterna preocupação com a segurança, o receio de que alguém que lhe é querido sofra um acidente? Deve ser como viver permanentemente enclausurada numa prisão de angústia, preocupação e inquietação. O que sentirá uma criança ao ver a mãe numa prisão dessas? Nem sei porque pergunto. A minha mãe andava sempre dentro e fora de uma prisão semelhante, muito antes de o pai ser preso pela primeira vez. O que o John Pope fez, porém, deixou-a perpetuamente fechada dentro dela. Lembro-me do que foi crescer com as ansiedades da minha mãe a condicionarem tudo o que fazíamos.

Não quero que a Willow, a Clara e o Aubrey vivam com esses medos.

– Não quero saber, Shane. Podes ter pensado que era necessário para proteger as crianças, mas não voltes a fazer isso. Para a próxima vez, arranja outra forma de a parares. Não esta.

– Não voltarei a fazê-lo – garante ele, esfregando o rosto com as mãos. Também ele revela sinais de tensão e eu, com as minhas sucessivas situações de crise, não estou a ajudar nada. Mal posso

imaginar o que sentiriam se soubessem que fui assaltada, na rua, há algumas semanas. – Vou ajudar a Macy a arranjar o quarto – diz ele, encaminhando-se para a porta. À saída, para e esfrega-me carinhosamente o ombro. É a primeira vez que me toca desde a última vez que dormimos juntos, há muitos anos. – E pedir-lhe desculpa. Vou pedir-lhe desculpa.

Assim que fico sozinha, volto a sentar-me e puxo o cobertor para cima dos ombros. Já não tenho tanto frio, mas o tecido grosso e pesado do cobertor é reconfortante. Preciso de algo tão semelhante quanto possível à sensação de um abraço carinhoso.

Algo que fiz está a pôr a minha vida em perigo e a destruir novamente a minha família. O problema é que não consigo perceber o que foi.

Nell

Sexta-feira, 4 de maio

O meu rosto voltou praticamente ao normal e, neste momento, parece que só arranhei a cara. Por isso, é o segundo dia consecutivo que levo a Willow, a Clara e o Aubrey à escola. Os miúdos frequentam a mesma escola, mas, em 2019, a Willow vai passar a frequentar a secundária, do outro lado da rua, onde eu e a Macy andámos.

Sinto algo de estranho enquanto levo as crianças no carro da Macy – com a sua autorização, claro. É como se estivesse a ter experiência fora do corpo que me transporta para outra vida. Esta é a parte do caminho que não percorri e, no entanto, aqui estou eu, a levar as crianças à escola. Ou melhor, a levar as crianças à escola num mundo ideal, porque é impossível que seja assim tão simples. Os miúdos levantaram-se, desceram para tomar o pequeno-almoço e comeram sem que fosse necessário insistir muito. Depois, a Macy ligou o cronómetro – três cronómetros, aliás – para que tentassem bater os recordes individuais no que diz respeito a lavarem-se, escovarem os dentes e vestirem-se.

– Queres que lhes dê uma ajuda? – pergunto-lhe.

Ela mostrou-me um sorriso e sacudiu a cabeça.

– Isso anularia qualquer competição.

Não sei se ela queria realmente ter três filhos em quatro anos, mas foi o que aconteceu e foi com isso que teve de lidar, quando o ex-marido a abandonou.

Nessa altura, quando eu a ajudei, os miúdos eram pequenos. Eu levava a Willow ao infantário e às aulas, ao mesmo tempo que vigiava a Clara e tentava acalmar o Aubrey. Era um caos e eu não sabia bem o que estava a fazer, mas lá ia tratando de tudo o melhor que sabia.

A Macy ficava na cama, tipo *zombie*, a olhar para uma parede ou para o ecrã de televisão, roendo incessantemente as unhas. Por diversas vezes, estive quase a telefonar à nossa mãe para lhe pedir ajuda ou que viesse, pelo menos, falar com a Macy, mas não podia fazer-lhe isso. A Macy jamais me perdoaria “a traição”, como ela o entenderia, ainda que os nossos pais nunca tivessem gostado do ex-marido. O que teria ele de tão mau? Era arrogante, achava-se mais inteligente do que realmente era, envolvia-se em lutas nos bares e estava sempre a endividar-se, porque gostava de apostas. Porém, era carinhoso com a Macy, tratava-a como se ela fosse a sua razão de viver e, tanto quanto sei, era absolutamente fiel. O problema era detestar o resto do mundo e sentir-se superior a toda a gente.

Aparentemente, terá ido embora porque ser pai tornara-se uma maçada. Apenas por isso. Ao longo dos anos, a Macy foi-me revelando algumas coisas sobre ele e sobre a relação entre ambos. Uma noite, num invulgar momento de abertura, contou-me que – meses antes de se ir embora – ele lhe perguntou se ela estaria na disposição de deixar os filhos com os nossos pais e partir com ele para umas férias prolongadas. Quando ela questionou quando voltariam, ele limitou-se a encolher os

ombros.

Ainda assim, ficou surpreendida quando ele a abandonou.

Estaciono numa zona segura da The Drive, cujo nome faz pensar numa pequena rua sem saída, mas que é, na verdade, uma artéria bastante larga e comprida que provavelmente seria classificada como via rápida, se fosse um pouco mais comprida.

A Willow abre a porta do lado do passageiro e eu faço o mesmo à porta traseira, para deixar sair o Aubrey e a Clara. Estão os três engraçadíssimos, vestidos com diferentes combinações da farda – saia, calça ou bibe cinzento – camisa branca, *sweatshirt* ou parca azul-clara. A Willow, que está quase da minha altura, abraça-me.

– Obrigada pela boleia, tia Nell – diz ela com um sorriso que faz lembrar imenso o pai, alguém que, quando não se armava em parvo, sempre me pareceu francamente atraente. O Aubrey despede-se com “mais cinco” e a Clara decide, pela primeira vez desde que lá estou, não me olhar de lado, como quem tenta perceber a minha perspetiva.

Acompanho-os até ao portão principal. A Willow vai à frente, porque, com 12 anos, já não precisa de dama de companhia. A Clara arrasta aos pés para acompanhar o meu ritmo e o do Aubrey, embora pareça nitidamente contrariada por não andarmos mais depressa. Junto ao portão, abraçam-me os dois e desaparecem no interior da escola, sem sequer olharem para trás.

A Macy e eu nunca falamos da época em que ela estava em baixo. Por vezes, é como se nunca tivesse acontecido. As crianças não se lembram disso e os nossos pais nunca chegaram a saber. Acabei por convencê-la a ir ao médico e foi-lhe diagnosticada uma depressão. Só ao fim de algumas semanas é que consegui persuadi-la a tomar a medicação, mas assim que o começou a fazer e a aceitar o que acontecera, foi melhorando. Tentei convencê-la a falar com um psiquiatra que a ouvisse e a aliviasse daquilo que não conseguia contar a mais ninguém. Mesmo deprimida como estava, dirigiu-me um olhar incisivo, como quem diz: “Primeiro tu, querida. Arranja um psiquiatra para lidares com a vida que levas e eu seguirei o teu exemplo.” Percebi que seria melhor não insistir, pois quem tem telhados de vidro... enfim.

– Queres uma chávena de chá? – pergunto à Macy, em voz alta, depois de voltar.

Quando me ofereci para levar as crianças, ela disse-me que ia voltar para a cama, e eu tive um momento de terror, ao rezear, por instantes, que o meu drama mais recente, tão pouco tempo depois do episódio do hospital, a arrastasse novamente para uma depressão. Racionalmente, sei que não é assim que as coisas acontecem, que há muitos outros fatores que determinam o estado de espírito da Macy, e não apenas esta ou aquela circunstância, mas não lhe quero provocar mais agitação.

– Não – responde imediatamente a Macy. – Estou mesmo a sair para o trabalho. Não há descanso para os vilões.

– Boa – respondo.

Ela vai trabalhar, vai sair de casa. É bom sinal. Menos uma coisa para me preocupar, pelo menos hoje. E tudo que tenho de fazer é agir de forma a chegarmos ao fim do dia inteiros, ou tão inteiros quanto possível.

A casa está deserta. Uns estão na escola, outros a trabalhar, por isso estou sentada à mesa da cozinha, sozinha, com o portátil fechado diante de mim. Nem sequer voltei a abri-lo desde que tudo aquilo aconteceu. Felizmente, tinha um *backup* da maior parte dos ficheiros no portátil ou numa *pen* que trouxe comigo. A documentação era outra história. Não seria fácil substituí-la e o ladrão fez o possível para rasgar e inutilizar tudo o que apanhou. São detalhes como esse, o facto de ter perdido tempo a fazê-lo, que tornavam toda aquela história ainda mais horrível. Parece-me cruel e desnecessário. Torna o assunto pessoal, perigoso.

Tenho dado voltas à cabeça a pensar o que o teria desencadeado.

Estará relacionado com a *Sereia de Brighton*? Com o facto de eu andar à procura da Jude? Ou não terá nada que ver com isso? Terá relação com o Craig Ackerman? Ele é um homem de negócios rico e influente. Talvez alguém ande a persegui-lo e eu tenha sido apanhada no meio. Os incidentes só começaram depois de eu o conhecer. Essa é a conclusão mais lógica. Sobretudo, se considerar que procuro a Jude e a identidade da *Sereia de Brighton* há anos e nunca me tinha acontecido qualquer coisa semelhante. Algo me incomodou no Craig Ackerman durante a reunião que tive com ele. Não devo ser a única pessoa a quem ele mexe com os nervos, portanto, não é de descartar a hipótese de que alguém o ande a perseguir. Ou talvez alguém saiba muitas coisas sobre os seus antecedentes familiares e queira impedi-lo de descobrir mais, tentando, por isso, deter-me.

Afasto o portátil de mim. E o Aaron? Ele tem computadores potentes e estes contêm programas que ele escreveu ao longo dos anos e outros trabalhos que fez para a pesquisa da *Sereia de Brighton* e da Jude. E se ele estiver a esconder alguma coisa? E se alguma das pesquisas tivesse produzido algum resultado enquanto eu lá não estava e ele decidisse não falar nisso, tendo agora de voltar atrás para apagar todos os vestígios dessa informação, mesmo que tenha de me fazer mal? Mas essa hipótese é ridícula, pois eu vi o carro dele a afastar-se depois de o Aaron me ter deixado em casa. Ele não podia ter entrado no meu apartamento antes de mim.

Talvez fosse *mesmo* o Zach. Tudo isto também começou depois de eu o conhecer. Talvez o que aconteceu aos avós lhe tenha toldado a mente. Pode até usar a sua investigação como infiltrado para esconder o que anda realmente a fazer. Talvez a morte da *Sereia de Brighton* e/ou o desaparecimento da Jude estejam ligados ao assassinio dos avós e ele não me queira no seu caminho. O Zach nem sequer pestanejou quando viu todos aqueles papéis espalhados pelo meu apartamento e, no entanto, parecia movido pela culpa ao cuidar de mim. Não seria por saber que o que me acontecera estava relacionado com a sua missão de infiltrado?

Isto é ridículo. Estou a virar-me contra as pessoas por estar assustada. Por estar confusa. Por ter

a certeza de que anda alguém a perseguir-me.

Em vez de abrir o portátil, pego no telemóvel. Talvez falar com a Sadie me ajude.

O telemóvel dela toca, toca, toca, toca, toca... e depois:

– *Olá! Fala a Sadie. Deixe-me uma mensagem ou ligue de novo, pois eu poderei só ouvir a mensagem muito mais tarde, o que a tornará absolutamente inútil, não é? Vá lá, desafio-o a ligar outra vez.*

A Sadie faz-me sorrir. Até a mensagem do correio de voz é como ela – vibrante e cheia de vida.

Faço como ela diz e volto a ligar.

O telemóvel toca, toca, toca, toca...

– Estou? – atende uma voz rude. É o Earl, aposto.

– Olá. A Sadie está? – pergunto.

– Não – responde ele, e desliga.

Olho para o telemóvel, incrédula. “Não”. Assim, sem mais nem menos.

Sinto o coração martelar-me o peito. Volto a ligar? Desisto? Eu disse que ligava. Por que razão está ele a atender o telemóvel dela? O Earl não tinha ficado propriamente radiante aquando da minha visita. Talvez esteja a tentar impedi-la de fazer a pesquisa genealógica. Talvez ele ache que sou como aqueles horríveis operadores de *telemarketing* que têm como objetivo fazer-lhe a vida negra.

Volto a abrir o número dela e carrego na tecla de remarcação.

Ele atende ao segundo toque.

– Olá, fala a Nell – digo, muito rapidamente. – Visitei a Sadie na semana passada para conversarmos sobre a sua árvore genealógica. Será que posso falar com ela?

Ele mantém-se em silêncio durante alguns segundos. Deve estar a puxar pela cabeça, a tentar lembrar-se de quem eu sou e se gostou suficientemente de mim para me dirigir a palavra.

– Não, não pode falar com ela – responde ele, por fim.

– Mas ela está fora ou coisa parecida? – interrogo.

– Não. Está em coma, alguém a atropelou.

Tento respirar fundo, mas não me entra ar nos pulmões, porque estou com o peito apertado, como se tivesse um espartilho de ferro em torno dele.

– O quê? – pergunto.

– Os médicos dizem que ela tem sorte em estar viva – revela ele. – Foi um carro grande. Ia muito depressa. Dizem que nem sequer abrandou. Subiu o passeio e foi direito a ela. Ela tem sorte em estar viva.

Respira, Nell, respira. Fala, Nell, fala.

– Lamento muito.

– Ela não pode falar consigo nem com ninguém – continua ele. – Os médicos ainda não sabem se vai sobreviver.

– Lamento muito – repito, num tom suave. – Será que se importaria de me dar notícias sobre o seu estado ou quando ela acordar?

– Porque haveria de fazer isso? – responde ele, e desliga.

Pouso lentamente o telemóvel, com a mão a tremer. Mesmo que restassem dúvidas, tudo agora parece muito claro: isto tem tudo que ver com a *Sereia de Brighton*.

Macy

Domingo, 13 de maio

A Nell pensa que sou tão estúpida que nem percebo o que se está a passar mesmo à frente do meu nariz.

É domingo à noite e toda a roupa está lavada, passada a ferro e arrumada. Comemos um assado ao jantar e toda a louça foi lavada, limpa e guardada. As crianças fizeram os trabalhos de casa, tomaram banho, lavaram a cabeça e agora estão nos quartos, a ler sossegadamente antes de dormir.

Tudo isto foi obra da Nell. Foi ela quem produziu esta imagem perfeita de um domingo em família, com a espontaneidade que lhe é própria, e que sempre considereei mítica. É o segundo domingo que o faz. Para além de tudo o que já fez hoje, tem estado a servir-me chávenas de chá, copos de água e pratos de fruta cortada. Sempre que eu a tentava ajudar, dizia para eu me descontrair, e agora tenho um banho de espuma à luz de velas à minha espera, no andar de cima.

A Nell pensa que sou cega, que não percebo o que está a fazer. É como um cuco no meu ninho, a fazer tudo melhor do que eu. Nunca grita com os miúdos e conseguiu até que o Shane picasse legumes para o jantar. Quando o mandou levar o lixo lá para fora, ele nem sequer protestou. *Mandou* levar, não pediu. Quando eu o *mando* fazer alguma coisa, ele revira os olhos e diz-me que eu não mando nele e que se eu quiser que ele faça alguma coisa, terei de lhe pedir com bons modos.

A Nell acha que sou idiota, que não sei o que eles estavam realmente a fazer depois de ela fechar a porta da cozinha com a desculpa de que queimara “acidentalmente” não sei o quê e que o fumo estava a espalhar-se pela casa. Ela pensa que eu não sei que estavam os dois a fornicar à doida. Aposto que foram para despensa e deram uma daquelas rapidinhas furtivas que eu e o Shane costumávamos dar quando fomos viver juntos e não sabíamos qual dos miúdos acordaria primeiro e entraria no nosso quarto.

O Shane acha que sou tão estúpida que não sei que ele anda a comê-la sempre que pode, e depois vem para a cama fazer o mesmo comigo. Nem sequer reparou que deixei de usar o meu anel de noivado. Que não o uso desde que a Nell chegou.

A Nell acha que eu sou demasiado ingénua para perceber que é isto que ela quer – a vida que devia ter tido com o Shane –, e é por isso que se está a revelar tão eficiente e fantástica em tudo. Ela quer a minha família e, se continuar a ser tão perfeita como tem sido, creio que também eles a vão preferir.

Nell

Terça-feira, 15 de maio

– Queres uma chávena de chá? – pergunto em voz alta à Macy, depois de levar as crianças à escola.

Estou a ficar bastante nervosa com o que pode acontecer aos membros da minha família. Se alguém atacou deliberadamente a Sadie, que vive a centenas de quilómetros, acho que todos corremos perigo. É evidente que não contei à Macy, muito menos ao Shane, pois receio que ele deite tudo cá para fora e o use contra a Macy, como fez na semana passada. Isso continua a incomodar-me. Estou constantemente a fazer retrospectivas da nossa relação e a interrogar-me se ele teria sido assim comigo. Mas não me recordo de algo semelhante. Lembro-me de se ter tornado muito desagradável quando eu lhe disse que ia para a universidade, como se não ir fosse uma opção possível, mas não me recordo de nada tão insidioso e desleal como aquilo.

Não deve ser fácil para ele viver com alguém com tantas ansiedades, e tinha esperança de que se tratasse apenas de um momento de frustração pontual, mas será que isso desculpa o que disse? Todos os dias me debato com isso. Tenho tentado aliviar o trabalho da Macy de todas as formas possíveis desde que aqui estou, para que ela não se exalte e eu não tenha de voltar a berrar com o Shane por dizer uma coisa daquelas. Porque é isso mesmo que vai acontecer, se ele voltar a fazer o mesmo.

A Macy não responde à minha sugestão do chá. É raro aceitar uma chávena de chá. Geralmente, diz que está a sair para o trabalho e acaba por sair de casa 15 minutos depois. Mas não é habitual não responder. Talvez esteja a dormir. Mas o mais provável é que já tenha saído. Já várias vezes saíra de casa enquanto eu levava as crianças à escola no monovolume do Shane.

Pouso as chaves de casa que o Shane me cedeu e dirijo-me para a cozinha. A ameaça do Pope paira sobre a minha cabeça e o momento de detonar a bomba aproxima-se a cada dia que passa, mas continuo abalada com tudo o que aconteceu. Sei que devia ir para casa, organizar o caos e a papelada e retomar o meu trabalho, mas não consigo. Por inúmeras razões. Não apenas pelo receio do que possa acontecer à minha família, se não ficar aqui a zelar por ela, mas também... porque gosto de estar aqui. Gosto desta vida: levar os miúdos à escola, limpar, cozinhar a refeição da noite, ajudar as crianças nos trabalhos de casa e supervisionar a hora de dormir. Sinto-me útil. Sinto que estou a redimir-me de todos os problemas que causei às pessoas que amo na noite em que saí, há 25 anos. Passo a passo, mas de forma segura, estou a tornar a vida de Macy mais fácil, o que significa, de certa forma, compensá-la pelos problemas que comecei por lhe causar. Sim, foi o Pope que perseguiu e brutalizou a nossa família durante anos, acabando por forçar os meus pais a mudarem-se para outro local, mas fui eu que o trouxe para as nossas vidas, ao encontrar aquela pobre mulher morta. Podia ter evitado tudo aquilo, se tivesse feito o que a Jude fez, se tivesse chorado quando o Pope estava a ser desagradável e nos chamou miúdas reles e galderiazinhas. Se tivesse cedido, se não o tivesse

desafiado, tudo teria sido diferente.

Levo as tigelas onde os miúdos comeram a fruta e os pratos das tostas para o lava-louça e pego num pano para limpar a mesa.

O Zach telefonou e mandou-me várias mensagens. Todos os dias, aliás. Diz que quer falar comigo, que sente a minha falta, que gostaria apenas de uma oportunidade para se explicar. Tudo isso me parece justo. Também sinto a falta dele. Quero falar e estar com ele – mas lidar com ele não é, de todo, uma prioridade.

O Aaron também me mandou várias mensagens, mas não a habitual “Ele precisa de te ver.” Escreveu apenas: “Telefona-me.” Deve ter ido ao meu apartamento e não me encontrou. Mas contactar o Aaron quando o pai dele não está a exigir também não é prioritário. Neste momento, é da minha família que tenho de cuidar.

Vejo o cartão do trabalho de Macy junto à chaleira e franzo o sobrolho. Ela nunca se esquece dele, pois não está autorizada a entrar no edifício sem o cartão. Junto à torradeira estão as chaves do carro dela. Geralmente, a Macy espera que eu volte para levar o carro, mas ultimamente o Shane tem tido boleia para o trabalho, por isso tenho usado o carro dele e quando volto, ela já saiu. Algo de estranho se passa. Deixar as chaves do carro ainda vá (podia ter ido de comboio para o trabalho), mas não levar o cartão? Ela trabalha no centro de Brighton, no grande edifício de serviços financeiros perto de Old Stein. Seria uma grande maçada ter de voltar para o vir buscar, sobretudo sem carro. Tiro o telemóvel do bolso e marco o número da Macy. Vou lá levar-lhe o cartão.

Quando carrego na tecla de chamada, depois de uma pausa quase melodramática, ouço as breves notas de abertura de *Three Little Birds*, de Bob Marley, no andar de cima. Subo as escadas em piloto automático e vou ao quarto da Macy e do Shane. O volume do som vai aumentando à medida que me aproximo.

O telemóvel de Macy está no quarto, em cima da cama, junto a uma folha de papel branca. O telemóvel está a vibrar e a tocar. No ecrã, lê-se *Nell*.

Não preciso de ler o bilhete para saber o que lá está.

Não preciso de pegar nele para ler o conteúdo da mensagem que dirigiu a mim e ao Shane, na sua bonita caligrafia, pois é mais do que óbvio.

A Macy saiu de casa.

Macy

Terça-feira, 15 de maio

A quem possa interessar

Sim, é para vocês os dois: Nell e Shane. Shane e Nell. Não faço ideia qual dos dois irá ler isto primeiro.

Fui embora. Parti para outras paragens. Fui embora porque é óbvio que já não precisam de mim aqui. A Nell assumiu de forma eficiente o meu papel aqui em casa e os miúdos já começaram a ir ter com ela sempre precisam ou querem alguma coisa. Já não vêm ter comigo, mas não me importo. Quero que eles sejam felizes e se a Nell os faz felizes, então eu saio do caminho.

Bem vejo a forma como tu olhas para a minha irmã, Shane. Sentes a falta dela, não é? Confessa. Perguntei-te se foi por desejares a Nell que começaste a fazê-lo de novo comigo e tu disseste que não. Acho que, na altura, estavas a ser sincero, mas sejamos realistas: o sexo entre nós só recomeçou depois de eu vos ter fechado na cozinha e ter obrigado a falarem um com o outro. Acho que a desejavas de forma inconsciente, mas decidiste contentar-te comigo. E agora tudo se tornou mil vezes pior, porque ela está sempre aqui e eu estou sempre a pensar quando irei surpreender-vos no ato.

Não quero continuar a preocupar-me com isso. Por isso, é preferível desistir agora. Sejam honestos relativamente ao que realmente sentem um pelo outro.

Era minha intenção escrever uma carta bastante mais... sei lá, equilibrada, mas não tenho muito tempo.

Por favor, cuida dos meus filhos, Nell. Eu sei que os amas mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Macy

Nell

Terça-feira, 15 de maio

– Porque haveria ela de fazer isto? – pergunta o Shane.

Estamos ao fundo das escadas e ele leu a carta várias vezes, tapando firmemente a boca com a mão e piscando os olhos como se o tivessem esmurrado repetidamente na cara. Telefonei-lhe para o trabalho para lhe contar e ele apanhou imediatamente um táxi para casa.

O Shane olha para mim, de sobrolho franzido.

– Não acreditas que voltei a ter relações com ela porque te desejo, pois não? – pergunta ele.

– Não, não acredito, e ela também não. Estava só a descarregar por estar irritada.

Ele olha para mim com uma expressão de desagrado e desdém, justamente o que sinto por mim própria. Eu não devia ter vindo. Devia ter usado mais uma parte das minhas poupanças, que parecem estar a desaparecer a um ritmo acelerado, e alugado um quarto de hotel, em vez de ir para ali e colocar a Macy e a família dela naquela situação. Não pensei. Queria apenas estar junto de familiares, encaixar-me algures, esconder-me das ratazanas mortas e dos namorados que mentiam por omissão. E o resultado foi destruir a vida da Macy.

É por *isto* que a Macy me odeia. Eu sei que o motivo é esse. Ela não me odeia de forma constante, mas às vezes vejo o ressentimento a surgir momentaneamente nos seus olhos, quando se lembra de algo que aconteceu por eu ter encontrado a *Sereia de Brighton*. Esses momentos fazem-na regressar a essa época. A seguir, odeia-se por sentir isso, o que lhe provoca mais um enorme ataque de ansiedade e de desprezo por si própria. Deve ter sido uma tortura ter de viver comigo. Eu sou um pesadelo.

– Para onde achas que ela foi? – pergunta o Shane.

Abano a cabeça.

– Não faço ideia. – Vistas bem as coisas, não sei nada sobre a vida da Macy. Terá amigos? Será habitual ir a algum sítio para estar em paz? Frequentará o ginásio ou aulas de ioga? Estará a treinar para uma maratona? Não tenho resposta para nenhuma destas questões. Apercebo-me agora de que não falamos. Eu e a minha irmã não falamos. Conversamos, mas sempre de forma ligeira e superficial, porque pouco sabemos acerca uma da outra. E, na verdade, também porque ela me odeia. Não sempre, nem quase sempre, mas o suficiente para não me revelar nada sobre a sua vida, para além do que conversamos nas visitas que fazemos uma à outra. Para ela, é o bastante.

– Temos de a encontrar – diz o Shane. Parece desesperado. Absolutamente apavorado. Pergunto-me se terá receio de que a Macy seja atacada por quem me atacou. – *Tu* tens de a encontrar.

– *Eu*? Não sei bem como.

Ele franze o rosto, com um ar simultaneamente incrédulo e furioso.

– *Não sabes como?* – rosna ele.

– Muito sinceramente, não sei como a encontrar – replico rapidamente, tentando aplacar a fúria dele. – Não sou investigadora. Limito-me a procurar famílias e a descobrir a identidade de pessoas sem nome. Uso árvores genealógicas, ADN e ligações geográficas. Consigo encontrar alguém que esteja desaparecido há algum tempo, se a pessoa se estabelecer em algum lado e começar a deixar rasto, mas não sei como procurar alguém que foi deliberadamente embora e deixou tudo para trás.

– *Não sabes como?* – repete ele, mais alto, dando um passo na minha direção. – Mas não é isso que fazes agora, Nell? Não foi por isso que destruíste as nossas vidas? Tu encontras pessoas, és fantástica a encontrar pessoas. – Dá mais um passo na minha direção. – Tens tamanha paixão pelo que fazes que *tiveste* de abandonar o teu emprego para te dedicares a isto. – Dá outro passo na minha direção e eu recuo para me afastar dele. – *Tinhas* de garantir que a *Sereia de Brighton* e todas essas tretas eram tudo o que conseguíamos pensar e agora dizes-me que não sabes como a procurar? Alguma vez pensaste no impacto que tudo isto podia ter na Macy e nas crianças? Eu não sou importante, mas eles são. Fazes ideia de até que ponto a ansiedade e o transtorno obsessivo-compulsivo da Macy se agravaram desde que lhe contaste o que planeavas fazer? Desde que foste assaltada e aconteceu o que sabemos? É de admirar que não tenha saído de casa há mais tempo. Mas nada disso te ocorreu, pois não Nell? Porque és uma egoísta. Só pensas na importância que as coisas têm para ti, sem pensares na Macy, nos teus pais ou nas crianças.

Consigo perceber que o Shane quer dar mais um passo na minha direção, mas está a conter-se.

Ele tem razão. Mas eu não previa este tipo de repercussões. Quando o John Pope me ameaçou, eu sabia que teria de fazer tudo o que pudesse para o deter. Não pensei que isso pudesse ter outras consequências, que a Macy acabasse por pagar o preço disso. Pensei que nos salvava a todos do que o Pope pretendia fazer, mas, em vez disso, destruí a Macy. Ela tentou dizer-mo no hospital e depois do incidente com a ratazana morta, mas não lhe dei ouvidos. A advertência dela não foi tão veemente e violenta como a ameaça do Pope, mas, infelizmente, teve consequências igualmente devastadoras.

– Desculpa – digo. – Não fazia ideia de que as coisas estavam tão más nem que tudo isto acontecia por minha causa. Tens de entender que eu nunca magoaria propositadamente a Macy, tal como não o faria a ti ou às crianças. Eu seria incapaz de magoar quem quer que fosse.

O Shane ergue as mãos e esfrega-as na cara.

– Lamento – refere ele. – Lamento muito, Nell. Não eram palavras sentidas... Mas estou em pânico, percebes? Temo por ela. Tem estado muito instável, ultimamente, e eu não ajudei nada, ao fazer aquele comentário na semana passada. Se ela fez mal a ela própria...

– A Macy não faria mal a ela própria – atalho. A ideia é insuportável. Mas a minha irmã não faria mal a ela própria, eu sei que não. Por muito más que as coisas se tornassem, jamais abandonaria os filhos, fazendo mal a ela própria. Tal como sei que nunca se afastaria por completo deles sem dizer a ninguém para onde ia.

– Conheces os amigos dela? – pergunto ao Shane.

Ele está de olhos arregalados, a olhar a meia distância, com um ar abalado e aturdido. Lembro-me de um pesadelo semelhante, por isso entendo, de certa forma, aquilo por que está a passar. Sei o que é ver alguém desaparecer da nossa vida sem sabermos o que lhe aconteceu.

– Acho que é melhor irmos à polícia – sugere ele, num tom desolado.

– Sim, sim, iremos, mas primeiro vamos telefonar a alguns amigos dela.

– E como vamos nós fazer isso, exatamente? Mal conheço os amigos da Macy. Ela nunca sai.

Mesmo quando os pais dos outros miúdos organizam noites de convívio, ela nunca vai. Eu, por vezes, vou, mas ela *nunca* vai. O mesmo acontece com os convites dos colegas de trabalho.

– Bom, temos o telemóvel dela. Podemos verificar a quem telefonou mais vezes, a quem mandou mais mensagens.

– Tens a *password* dela? É que eu não tenho. Além disso, o telemóvel dela funciona com leitor biométrico e eu lembro-me de ela ter dito que a mais recente atualização não permite sequer o *download* da informação do telemóvel para um computador sem a *password*.

– Porque não tens a *password* dela? – pergunto, perplexa.

– Pela mesma razão que não tenho a tua e tu não tens a minha – responde ele. – Confio nela. Não preciso de ir verificar o telemóvel dela nem ela precisa de verificar o meu. É algo a que se chama privacidade. O que está a querer dizer, Nell? Estás a insinuar que a nossa relação é estranha por não termos a *password* um do outro?

– Não, não. Eu apenas... Eu apenas pensei que estando vocês numa relação a longo prazo soubessem tudo acerca um do outro, incluindo *passwords*, etc.

– Então, pensaste mal. Ninguém perde a identidade pelo facto de se casar ou viver com alguém, sabes? Não deixamos de ser alguém que tem vida própria. Será por isso que continuas solteira, Nell? Por teres receio de deixares de ser tu própria, abrindo-te e confiando em alguém?

– Não – respondo.

– Certo, claro que sim – solta ele.

– Lamento muito ter causado tudo isto – digo.

– Ei, a culpa não é tua. Eu estava irritado, abalado. Desculpa. Isto não tem que ver contigo. O culpado de tudo isto é aquele polícia que infernizou a vida da tua família. Foi isso que desencadeou uma boa parte da ansiedade da Macy e te tornou... – Para de falar e volta a arregalar os olhos, horrorizado com o que estava prestes a dizer.

– Me tornou o quê? – pergunto-lhe, olhando-o bem de frente.

O rosto dele assume um tom luminoso de vermelho.

– Nada – replica ele.

– Mais vale dizeres-me – advirto. – As coisas não vão ficar piores do que já estão.

– Tornou-te... – Ele suspira. Parece que o estou a ver amaldiçoar-se a si próprio em silêncio. – Foi isso que te tornou tão fechada. Acho que sempre receaste soltar-te e confiar em alguém, por isso

não tiveste uma relação decente, desde então. Enfim, tiveste-me a mim.

– Achas-me uma pessoa fechada?

– Dito dessa forma, soa de forma horrível. O que quero dizer é que ages sempre como se alguém te fosse apunhalar pelas costas ou abandonar. Não permites que ninguém se aproxime de ti. Nem mesmo a Macy.

– É isso que ela sente? Que eu não a deixo aproximar-se de mim?

O Shane continua com o rosto enrubescido.

– Isso não é verdade – argumento, com a voz embargada. Não o irei convencer de que é mentira se começar a chorar. – É um facto que não tive qualquer relação longa depois de ti, mas isso não é propriamente invulgar. Há imensas mulheres que escolhem ser solteiras a longo prazo, como eu. E a Macy é... Não há ninguém de quem eu me sinta mais próxima. Ela é tudo para mim. Não acredito que ela não saiba isso. Depois de todo este tempo, depois de tudo o que passámos, ela ainda não sabe que é a única pessoa de quem eu alguma vez me senti próxima?

– Olha, esta conversa não está a ajudar – corta o Shane. – Não faço ideia de como viemos aqui parar. Precisamos é de descobrir como encontrar a Macy.

Pestanejo furiosamente, tentando conter as lágrimas, e clareio a garganta. Estava convencida de que a Macy sabia que era a pessoa de quem eu me sentia mais próxima, que era a única pessoa em quem eu confiava tacitamente. Mas será isso realmente verdade? Não lhe contei que estou a trabalhar com o Aaron e que sou basicamente controlada pelo Pope, que a minha espécie de ex-namorado é, afinal, um agente da polícia, nem que eu e o Shane passámos uma noite juntos depois de eu sair da universidade. Há imensas coisas que não contei à Macy e, no entanto, continuo a encará-la como a minha melhor amiga, a minha confidente mais próxima. Estarei mesmo iludida sobre tudo isto? Iludida de uma forma que nem o Shane nem a Macy estão?

Mas ele tem razão. Nada disto está a ajudar. Temos de nos concentrar em encontrar a Macy.

– Vamos verificar a agenda da Macy e ligar a toda a gente que lá estiver, se não conseguirmos entrar no telemóvel dela – recomendo.

– Ou então, vamos à polícia – sugere o Shane.

– Ou podemos ir à polícia – assinto. – O que lhes dirias?

– Que ela está desaparecida.

– Está bem. Diremos que uma mulher de 36 anos saiu de casa e deixou um bilhete a explicar porque o estava a fazer. Se alguém te dissesse isso e fosses polícia, irias investigar?

– Mas isto nem parece dela. Ela não abandonaria as crianças.

Não só as abandonaria, como já o fizera antes. É evidente que o Shane não sabe. Só eu e a Macy é que sabemos o estado deplorável em que ela ficou depois de o Clyde ter ido embora, que certa vez desapareceu durante dois dias, e eu não estava autorizada a contar a ninguém, tendo ficado apenas incumbida de cuidar das crianças. Mas também, como ele próprio tinha dito, não temos

necessariamente de saber tudo sobre a pessoa com quem estamos.

– Sim, concordo. Mas achas mesmo que a polícia vai encarar as coisas dessa forma? Se me deres as agendas, eu verifico-as e ligo a toda a gente. Depois, veremos em que pé estamos. Até podemos reunir alguma informação consistente para dar à polícia. Um deles poderá dizer algo que nos permita localizá-la.

– Estou mesmo preocupado com a possibilidade de lhe ter acontecido alguma coisa, sabes? – diz o Shane.

– Eu sei, mas não podemos pensar dessa forma. Temos de nos manter positivos até sabermos mais alguma coisa.

– Tens razão – concorda o Shane. – Tens razão. – Vem ao meu encontro, mas, desta vez, de uma forma menos ameaçadora. – Desculpa... pelo que aconteceu há pouco. Não devia ter dito aquilo, porque não é verdade. Tu não és egoísta e não podias saber como a Macy piorou nos últimos tempos. Acho que nenhum de nós quis encarar a verdade. Quando a encontrarmos, vou certificar-me de que ela vai ao médico e começa a tomar medicação.

Assinto com a cabeça. *Desejo-te boa sorte, penso. Não vais conseguir persuadi-la. Mas não vale a pena pensar nisso, agora. O mais importante é encontrá-la e trazê-la para casa.*

Macy

Terça-feira, 15 de maio

Há séculos que não fazia isto.

Há uma vida que não me sentava num bar sozinha. Há uma vida que sou mãe. Mesmo antes de me juntar com o Clyde, não costumava sair muito. Depois de a Nell e a Jude terem encontrado o cadáver, os meus pais não gostavam que saíssemos com amigos. Depois de a Jude desaparecer e tudo o resto acontecer, nem sequer me dava ao trabalho de lhes pedir para sair.

Frequentei a universidade de Brighton para poder viver com os meus pais e raramente saía. De vez em quando, ia sair um pouco e ficava até mais tarde, se a noite estivesse divertida, mas, em geral, era bastante caseira.

Depois de me juntar com o Clyde, saíamos imenso. Tínhamos uma vida social vibrante, com diversos amigos e saídas a imensos sítios. Ele abriu os meus horizontes. Quando engravidei, o ritmo das saídas abrandou de imediato. O Clyde não pareceu importar-se muito com isso, e quando planeámos ter os outros dois filhos, ficaram definitivamente de parte. Era desgastante. Às vezes, olho para trás e pergunto a mim mesma o que me teria passado pela cabeça. Que tipo de loucura teria tomado conta do meu cérebro para fazer aquilo a mim própria. O amor, claro. O amor, essa droga capaz de nos fazer cometer as maiores loucuras, sequestrou o meu cérebro e levou-me a fazer isso.

Teria feito tudo pelo Clyde. *Quase* tudo, como se veio a concluir. Mas quando ele quis que eu abandonasse as crianças para partirmos juntos numa aventura, não consegui. Não quis. Na verdade, quando chegou a hora de o fazer, não *quis* abandoná-las. Adorava estar com os meus filhos. Não suportava a ideia de estar longe deles, por muito difícil, árduo e esgotante que isso fosse. Queria estar permanentemente junto dos meus filhos.

Ironicamente, não quis abandonar os meus filhos por causa do pai, mas abandonei-os por causa da Nell.

Bebo um gole do vinho que tenho à minha frente.

Ela provou, desde que se mudou para lá, que cuida melhor deles do que eu, por isso entreguei-lhe essa tarefa. Tudo o que faço é pelos meus filhos. Se alguém souber cuidar melhor deles do que eu, sem lhes transferir as minhas ansiedades, preocupações e hábitos nervosos, terei de lhes dar a oportunidade de serem felizes. São a minha razão de viver, pelo que eu estaria a ser egoísta se ficasse em casa quando alguém como a Nell parece saber levar tudo com calma. Da última vez, também foi assim. Assim que lhe disse que o Clyde tinha ido embora e ela percebeu o que eu estava realmente a tentar dizer, veio imediatamente e soube lidar com tudo. Tomou o meu lugar sem qualquer hesitação, sem se preocupar minimamente com o que teria de fazer. Assumiu o controlo da situação e afastou-nos do abismo.

As minhas ansiedades estão lentamente a tornar-se incontrolláveis. Tenho a noção disso. O Shane

também. A Nell tem perfeita noção disso, motivo pelo qual voltou a assumir o controlo. Estava a ser paranoica, há dias, quando pensei que ela queria a minha vida. Não é isso que ela quer – claro que não. Ela quer apenas cuidar das crianças. Ela quer apenas evitar uma nova aproximação ao abismo. Ela quer apenas dar-lhes um pouco de normalidade. Ela quer apenas excluir-me a pouco e pouco da realidade dos meus filhos, até que o espaço que ocupo na vida deles se torne insignificante, minimizando também o risco de eu lhes causar danos.

Bebo mais um gole de vinho, o que é perfeitamente aceitável. Eu também posso fazer coisas dessas. Posso sentar-me num bar onde nunca estive na vida e beber vinho ao fim da tarde.

Posso passar o dia no cabeleireiro, para que um profissional prenda o meu cabelo desfrisado normalmente caído sobre os ombros; posso arranjar as unhas e fazer um tratamento facial. Comprei também roupa, sapatos e acessórios novos. Sinto-me uma mulher diferente, por isso comporto-me como uma mulher diferente, sentando-me num bar, a tomar uma bebida sozinha. O nome do bar – *The King's Coats* – não me diz muito e o espaço não é grande coisa, mas tem vista panorâmica para o mar e, aparentemente, a comida é ótima.

O vinho está saber-me bem. *Muito* bem mesmo. O travo ácido brinca com a minha língua e escorrega garganta abaixo. Sinto-me entorpecida e quente por dentro. Tenho a certeza de que estou a sorrir. A beber vinho e a sorrir para mim mesma.

Porque não faço isto mais vezes?

Devia fazer. Devia beber vinho mais vezes. Quando estava sozinha com as crianças, não me atrevia a beber, para o caso de surgir uma emergência e eu ter de levar uma delas de carro ao hospital. Mesmo depois de o Shane entrar em cena, eu não me atrevia a beber, pois muitas vezes ele bebia uma ou duas cervejas e, se eu também bebesse, ninguém estaria em condições de levar as crianças ao hospital, se fosse preciso.

O que eu tenho perdido...

Tiro a garrafa do interior de um balde com água gelada e leio novamente o rótulo. Acho que já o li umas três vezes, mas quero lembrar-me do nome do vinho, para poder voltar a bebê-lo. Talvez fosse melhor tirar uma fotografia à garrafa. Mas que ideia genial!

Vasculho dentro da mala, à procura do meu telemóvel.

Ah, já me lembro. Deixei o telemóvel em casa, para que eles percebessem que eu estava a falar a sério quando disse que me ia embora. Não há telemóvel, não há fotografia da bonita garrafa de vinho. Temos pena!

– Olá, Macy – diz a pessoa de quem eu estava à espera.

– Zach! – saúdo, com um sorriso. – Mas que surpresa.

Macy

Domingo, 20 de maio

Sempre que acordo na cama do Zach, tenho de reiniciar o cérebro e recordar a mim própria que não estou em casa e não tenho de ficar à escuta para saber qual dos meus filhos acordou nem pensar quanto tempo posso ficar na cama até ter mesmo de me levantar e começar o dia.

Viro-me de barriga para cima e o peso do vinho que bebi durante a saída noturna rebola comigo. Ainda bem que ele fechou os estores ontem à noite, pois neste momento não iria suportar o mais pequeno raio de luz. A desvantagem de beber é, obviamente, a manhã seguinte.

– Queres comer alguma coisa? – perguntei ao Zach, dias antes, quando ele foi ter comigo ao bar. – Estou esfomeada, vamos pedir alguma coisa para comer, enquanto conversamos. – Antes que ele argumentasse, levantei o braço e fiz sinal ao empregado, que estava junto do balcão a remexer no ouvido com a caneta. Noutros tempos, isso seria o suficiente para me pôr a andar dali para fora, enojada, a imaginar, horrorizada, o que o *chef* estaria a fazer por trás daquelas portas, mas não nesse dia. Não depois do vinho, não depois de me sentir uma mulher diferente, muito menos tendo o Zach decidido aparecer.

O empregado trouxe-nos os menus, mas o Zach nem sequer pegou no dele.

– O que se passa, Macy? Disseste que querias falar comigo sobre a Nell.

– Quero, sim – respondi eu, mas senti-me desmoralizada. Porque teria ele de falar nela seis segundos depois de se sentar? – Mas não para já.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça.

– Como conseguiste o meu número? Na tua mensagem, deste a entender que a Nell to tinha dado, mas não deu, pois não?

– Deu-mo o telemóvel dela – respondi.

– Estiveste a mexer no telemóvel da tua irmã?

– Não. Não propriamente. Pousou-o por uns momentos e saiu da sala, e eu tirei o teu número. – É óbvio que a *password* dela é a data em que a Jude desapareceu. – Tinha de falar contigo. Tinha de descobrir por que razão a deixaste. É por ela andar a dormir com a minha cara-metade?

O Zach olhou-me intensamente durante vários minutos, pelo menos, foi o que me pareceu. Tive de beber repetidamente do meu amigo vinho branco para combater os efeitos potencialmente perigosos daquele olhar.

– Qual é o teu jogo, Macy? – perguntou ele. – Vais ao telemóvel da tua irmã, mudas de penteado e de roupa e pintas as unhas, tudo para ficares parecida com ela. Qual é a tua ideia? Fazeres-me ciúmes? Irritar-me? Magoar-me, dizendo-me que ela anda a dormir com outra pessoa? Estás a ter algum esgotamento nervoso?

– Como te atreves? – bradei-lhe. – Estou apenas a tentar... – O que estava eu a tentar? Queria

falar com o Zach porque sabia que iria magoar a Nell, embora fosse claro que eles já não estavam juntos. Mas eu tinha visto como ela se comportava com ele. Ela gostava muito dele e eu queria magoá-la, tal como ela me magoara a mim, ao assumir o controlo da minha vida, em vez de conversar comigo sobre o que eu estava a fazer de errado. – Estou apenas...

O Zach recostou-se na cadeira e cruzou os braços. Repeti o gesto dele, para que o Zach percebesse que eu também sabia assumir uma expressão séria e autoritária... uma expressão séria.

– O que é que já bebeste? – questionou finalmente o Zach, ao ver-me com os olhos fixos no copo de vinho, porque queria beber mais, mas não pretendia ser a primeira a descruzar os braços.

– Só uma... *garrafa*... antes desta – respondi.

Ele sacudiu a cabeça e eu cruzei mais firmemente os braços, com um ar ainda mais sério, para que ele percebesse que me era indiferente que isso lhe desagradasse.

– Não acabei com a Nell – revelou ele. – Eu... Eu omiti-lhe algumas coisas a meu respeito e, desde então, ela não quer falar nem estar comigo.

– Hum! – Descruzei os braços, porque estava realmente a precisar de um gole de vinho. – Ela até é mulher para falar, mas creio que nunca te chegou a contar que dormiu com a minha cara-metade, o Shane. – Ele parecia desconfiado. – É verdade! Ela andou com ele quando tinha uns 18 anos.

– Há mais de 20 anos?

– E também depois de sair da universidade, embora nenhum deles o admita.

– Ela dormiu com ele quando vocês os dois já estavam juntos. É isso que estás a querer dizer?

– Bom, não tenho provas disso, mas se os visses juntos percebias imediatamente que as coisas não são tão simples como eles querem fazer parecer.

– Porque estou aqui? – interroga o Zach, com um ar cansado.

Para poder vingar-me da Nell, por ela afastar os meus filhos de mim, quase lhe disse. Embora, na verdade, não soubesse muito bem o que estava a fazer até àquele momento, e por pouco não o disse.

– Para que eu te possa perguntar se posso ficar em tua casa.

– O quê? Não. – Recuou, horrorizado e indignado com a ideia – De maneira nenhuma.

– Eu saí de casa. A Nell foi lá para casa e tornou-se demasiado insuportável para mim estar com ela e com o Shane sem saber o que estava realmente a acontecer entre eles. Além disso, a Nell assumiu o controlo e começou a cuidar de tudo o que estava relacionado com as crianças. Não aguentava mais e abandonei-os. Até às crianças, que são tudo para mim. Já não conseguia lidar com aquilo. – Limpei os olhos lacrimejantes e o nariz, já a pingar. – Tinha de me afastar. Preciso de ficar num sítio onde eles não me encontrem, e não sei onde. Preciso de fazer um intervalo da Nell e do Shane.

Os músculos dos maxilares de Zack contraíram-se enquanto me ouvia, voltaram a contrair-se quando me calei e continuaram contraídos enquanto ele decidia o que fazer. Já entendia o que a Nell

via nele. Mesmo sem cabelo, era muito bem-parecido. Tinha um ar atraente, saudável.

– Está bem. Podes ficar uns dias.

– Obrigada! – agradei, aliviada.

– Mas terei de dizer à tua irmã onde estás.

– Não. Não quero que ninguém saiba onde estou. Se quisesse que eles soubessem, teria ido para casa dos meus pais. Tudo o que quero é libertar-me de todos eles. Quero ser a Macy, sozinha, durante algum tempo. Se lhe contares, eu vou-me embora e desapareço.

– Macy...

– Estou a falar a sério – atalho. – À mínima desconfiança que lhe contaste, desapareço e ninguém voltará a saber de mim.

– Está bem, está bem. Podes ficar. Não vou contar à Nell nem a ninguém onde estás.

Tanto quanto sei, cumpriu a palavra e deixou-me ficar em casa dele, mas já percebi que a situação não lhe agrada. Estremeço, pois começo a lembrar-me da noite anterior. Vai ficar ainda menos agradado depois do que aconteceu ontem à noite.

Ele tinha razão quando me disse, há dias, que eu ficava ridícula com um visual semelhante ao da Nell. Não sei o que me passou pela cabeça, mas decidi abandonar essa imagem e comecei a usar as roupas dele:

– *Nem a Nell vestia a minha roupa* – disse-me ele, assim que chegou a casa depois do trabalho e me viu a limpar o apartamento com uma *t-shirt* e uns *boxers* dele vestidos.

– Vá lá, Zach, é sábado à noite – disse-lhe eu, ontem à noite. – Bebe uns copos comigo.

– Acho que estás a beber por nós os dois – observou ele, sem tirar os olhos da televisão.

Nessa noite, depois da minha incursão no roupeiro do Zach, vesti uma das camisas desportivas de xadrez dele, que amarrei por baixo do peito, com o único par de *jeans* que trouxera. Tenho de admitir que para mãe de três filhos, estava em excelente forma.

Nessa altura, o Zach estava sentado num cadeirão. Começou por se sentar no sofá, ao início da noite, enquanto eu limpava tudo depois do jantar, mas mudou-se para o cadeirão, assim que eu me deixei cair a seu lado, no sofá.

Revirei os olhos e deitei-lhe a língua de fora. Que desmancha-prazeres, que grandíssimo desmancha-prazeres. Era sábado à noite, caramba. Será que não entendia que as mulheres como eu – mães de três filhos – raramente estavam livres ao sábado à noite? E que normalmente não precisavam de beber tanto para abafar as vozes dos filhos na cabeça? Para não os ouvir a perguntar quando voltariam para casa? Eu começara a beber por mero prazer, mas naquele momento precisava de beber para esquecer os meus filhos.

Inclinei-me para agarrar no comando da televisão e... ups! Entornei metade do copo de vinho por cima na camisa. Que desperdício. Pousei o copo de vinho no chão sem voltar a entornar o vinho e

desamarrei lentamente a camisa, desabotoando depois os botões. Depois, despi-a e senti-me tentada a sugar o vinho da camisa, mas isso seria demasiado doido, mesmo para mim.

– Olha só o que eu fiz! – disse eu.

Ele desviou-se parcialmente para o sofá e depois virou bruscamente a cabeça.

– Por amor de Deus, Macy, veste qualquer coisa e para com isso!

– *O quê?* Estava a lamentar-me por causa do vinho. Só entornei um pouco de vinho na camisa.

– Sabes perfeitamente que não é apenas isso. Já estou farto disto, Macy. Tinha algumas reservas em deixar-te ficar cá, mas não queria que acabasses na rua. És irmã da Nell e eu sei como és importante para ela, por isso também não quero que te aconteça nada. Mas se não modificares o teu comportamento, o melhor é saíres.

– Mas...

– Mas nada! Não vou dormir contigo! E não finjas que não estavas a apostar nisso para te poderes vingar da Nell. Não sei o que achas que vais alcançar com isso, mas está fora de questão. Portanto, para com esse disparate, antes que eu me veja obrigado a pedir-te que saias. E olha que o faço *mesmo*, e não vou querer saber para onde vais.

Dito isto, levantou-se e saiu da sala, levando com ele a minha dignidade.

Senti-me mal, terrivelmente mal. A única coisa sensata a fazer numa situação daquelas era beber mais e esperar que a sensação de humilhação passasse.

– Desculpa. – É a primeira palavra que me sai da boca.

O Zach fica rígido ao ouvir a minha voz. Está virado costas para a porta da cozinha.

– Tudo bem – garante ele, sem se virar.

– Não, não está tudo bem – contraponho. – Está longe de estar bem. Lamento muito, mas sinto tanto a falta das crianças que estou a ser inconveniente.

– Então, porque não vais para casa? – pergunta ele.

– Porque não devo lá estar. Elas estão melhor com a Nell. Ela entende-as e faz tudo o que elas precisam sem qualquer tipo de esforço. Ela é perfeita para elas, ao contrário de mim.

– És mãe delas. Suponho que seja mais fácil fazer tudo isso sem esforço quando sabemos que não é permanente. Imagino que se torne bastante desgastante quando se tem de fazer a mesma coisa dia após dia. É natural que não consigas dar sempre o teu melhor.

– Talvez tenhas razão, mas ainda não estou preparada para voltar. Não te importas... Não te importas que eu fique um pouco mais? Não faço mais disparates, prometo.

– Está bem. Podes ficar um pouco mais, mas acho que devias permitir que eu dissesse à Nell onde estás. Ela e o Shane devem estar doidos de preocupação.

– Vou pensar nisso.

– Agora a sério, Macy. Se o facto de estares longe dos teus filhos te está a abalar tanto, devias

ponderar mais seriamente voltar para casa,

– Mas não é só isso... Posso confidenciar-te uma coisa?

– Claro.

– Sinto-me sempre muito mal. Fui casada com o pai das crianças e ele abandonou-me. Localizei-o recentemente e ele refez a sua vida com uma mulher e quatro filhos. Não sei se são filhos dele, mas, seja como for, isso faz-me sentir muito mal. Sinto-me completamente inadequada. Sinto que falhei redondamente como mãe e foi por isso que ele se foi embora. Quer dizer, está tudo lá, nas imagens. Ela diz que ele é um pai fantástico em todas as fotografias que publica dele. E eu... Porque é que ele não conseguiu ser um pai fantástico para os *nossos* filhos? O que é que havia de errado com a *nossa* família?

O Zach vira-se para olhar para mim.

– Bom, para começar, nunca acredites no que as pessoas escrevem nas redes sociais.

– Eu sei, eu sei, mas quando se olha para aquelas fotos e se leem coisas daquelas, custa a acreditar que seja falso.

– E, segundo, todos os tipos descritos como “pais fantásticos” são, *invariavelmente*, uns imbecis. Não conheço um único que não o seja.

– Achas mesmo?

– Não. *Sei*. As mulheres só se põem com esses lirismos quando o tipo faz algo absolutamente normal, mas que tem de ser louvado para que ele, a dada altura, repita a façanha. Os milhões de pais que cumprem o seu papel a educar os filhos nunca são descritos como pais fantásticos, porque são generosos com os filhos, sem precisarem de louvores. O que teria o Shane de fazer para que o descrevesses como um pai fantástico?

– Não sei.

– Ele já te deu motivos para o descreveres como um pai fantástico?

– Não.

– Mas ele faz tudo o que um pai deve fazer sem precisar que tu estejas sempre a incitá-lo?

– Sim.

– Aí tens. Lá porque o teu ex-marido brinca às famílias felizes nas redes sociais, isso não significa que corresponda à realidade. Descobri que não há melhor indicador de comportamentos futuros do que os comportamentos passados. Tu não sabes o que está por trás do ecrã do computador.

– Suponho que não.

– Olha, Macy, eu sei que não queres, mas pensa em voltar para casa. Precisas de estar com os teus filhos e eles também precisam de ti. Não há nada de errado contigo.

– Sim, vou pensar nisso. Vou mesmo pensar nisso.

Gosto do Zach e entendo perfeitamente por que razão a Nell gostou dele. É um tipo às direitas. Pergunto-me o que a levaria a separar-se dele. Sinto que posso falar com ele sobre qualquer assunto.

A outra questão que me tem consumido e que me está a afastar de casa, e da Nell, claro, é a história da Jude. Estava novamente a sentir que queria contar à Nell só para a magoar. Só para lhe mostrar que aquilo que ela estava a fazer era perigoso para todos nós.

– Há mais alguma coisa de que queiras falar? – pergunta o Zach.

Conta-lhe, diz uma voz na minha cabeça. Ouve-te a ti própria a dizê-lo em voz alta. Conta-lhe agora, para que quando finalmente lhe contares a ela, não te parecer tão estranho.

– Bom... eu... – *Será que enlouqueceste?* – digo para mim. *Não podes contar-lhe isso. Não podes contar isso a ninguém.* – Nada – replico, abanando a cabeça. – Não é nada.

A avaliar pela expressão incrédula do Zach, é óbvio que não acredita em mim.

Nell

Domingo, 27 de maio

– Nem pensar nisso – garante o Shane. Está a falar num tom de voz baixo, porque as crianças estão a dormir lá em cima, mas percebo que está a ser difícil conter-se. Está absolutamente furioso e fico com a sensação de que quer vir direito a mim, agarrar-me pelos ombros e sacudir-me violentamente.

– É a única forma, Shane.

– Será que não me fiz entender? Não.

Encosto a palma da mão à testa e apoio o cotovelo em cima da mesa. Sinto esta dor de cabeça desde que a Macy desapareceu. Na verdade, acho que me dói a cabeça desde que bati com ela na ombreira da porta e tive de fazer uma tomografia para me assegurar de que não sofrera danos cerebrais graves. Depois, a dor pareceu abrandar durante alguns dias. Sentia apenas uma ligeira moedeira quando estava mais nervosa. Atingiu o pico quando me afastei de casa, devido ao incidente da ratazana morta, mas estava a passar. Agora, com uma camada adicional de *stress*, para além da preocupação em descobrir quem andava a perseguir-me, tornou-se permanente.

– Se pensares bem, este é o melhor plano, Shane.

– Eles são meus filhos e não vou permitir que os afastes de mim, pelo menos sem enfrentares uma luta dos diabos..

Levanto-me com um ar cansado e fecho completamente a porta. O ideal teria sido conversarmos sobre isto antes de as crianças chegarem a casa das aulas, na sexta-feira, ou durante o fim de semana, mas o Shane não trabalha em casa desde que a Macy desapareceu e esteve praticamente ausente durante o fim de semana, a não ser ontem de madrugada, exatamente às 5h17, altura em que o senti do lado de fora da porta do meu quarto, à escuta, à espera que a Macy ligasse. Mas ela não ligou e ele acabou por ir embora. Mal o vi, por isso ainda não tínhamos tido a oportunidade de ter aquela conversa, mas é algo que precisamos de fazer.

– Ninguém te vai afastar dos teus filhos.

– E o que chamas a esse teu plano? – interroga ele, furioso.

– Chamo-lhe levar as crianças para casa dos avós durante as férias do semestre, uma vez que não há mais ninguém que possa cuidar delas.

– E tu? Tu podes cuidar delas! Estás sem emprego, ou será que já te esqueceste? Podes perfeitamente cuidar delas.

Observo descontraidamente o companheiro da minha irmã, que está no lado oposto da cozinha. Já não me lembrava de como ele era atraente: alto e magro, vestido de forma descontráida e elegante, com aquele cabelo louro escuro desgrenhado, mas com estilo. Há anos que não olho para o Shane como deve ser. No mínimo, desde que descobri que ele e a minha irmã estavam juntos. É evidente

que olhava para ele, mas não o via como o estou a ver agora. E estou a olhá-lo daquela forma porque acabou de dizer algo que o fez parecer um imbecil, pelo menos aos meus olhos. Não o homem com quem eu costumava sair, não o homem que queria casar com a minha irmã desde que a conhecera, mas sim o homem que acabou de dizer que eu devia oferecer-me para cuidar das crianças.

– Não sejas estúpido, Shane – respondo-lhe. Desde que a Macy desapareceu eu assumi a responsabilidade de cuidar das crianças, e o Shane parece estar a descartar-se completamente dela. As férias do semestre estão a aproximar-se e eu tenho de tirar os miúdos daqui. Sempre achei que eles estavam mais seguros na escola do que comigo, principalmente quando alguém anda a querer fazer-me mal. Não posso tê-las comigo durante as férias. E mesmo que não achasse perigoso tê-las perto de mim, porque haveria eu de cuidar delas? – Tenho um trabalho, embora não seja um remunerado, por enquanto – argumento. – Não fiz grande coisa nas últimas semanas, devido ao que aconteceu no meu apartamento e por a Macy ter desaparecido, mas tenho de retomar o trabalho. – *Tenho retomar o trabalho antes que o Pope me obrigue a fazer o que ele quer.* – E preciso de ter a certeza de que as crianças estão a receber os cuidados necessários.

– Olha, eu sei que não é o ideal, mas não podes deixá-las com os teus pais e pensar que isso vai resolver alguma coisa.

– Muito bem, então. Tira uma semana de férias – sugiro.

– Não posso.

– Porquê?

– Não sei como as coisas funcionam no teu mundo – dispara o Shane, irritado. – Mas nesta casa, é o meu salário que paga as contas e põe comida na mesa. Se eu não trabalhar, a nossa família não come nem tem onde viver. É para isso que serve um emprego decente, ao contrário desse teu “trabalho”.

– Ganhei dinheiro suficiente para pagar o empréstimo da minha casa e tudo o resto durante um ano, Shane. Ganhei-o e poupei-o. Por isso, não estou a cobrar dinheiro pelo que estou a fazer. Nem sei porque me estou a justificar. A situação é simples: tu não podes cuidar das crianças durante as férias do semestre, eu não posso cuidar das crianças durante as férias do semestre, os meus pais tratarão disso.

Estamos a falar como se a Macy não existisse. Nenhum de nós voltou a falar nela desde que descobrimos que ela pedira uma licença de três semanas no emprego e dissera às crianças que ia fazer uma viagem especial e que lhes ligaria assim que pudesse. Portanto, não foi uma decisão repentina – ela planeou aquilo. Queria afastar-se e preparou o terreno com quem considerava importante – as crianças –, para se certificar de que a sua ação não provocava grandes perturbações. Ontem chegou um postal dela para as crianças, onde se lia: “Sinto muito a vossa falta e voltarei em breve.”

Era um postal de Brighton, com o carimbo de Gatwick, portanto, a minha irmã continua por perto.

Como sabíamos que estava em segurança e tomara providências antes de fazer aquilo, não fomos à polícia e deixámos de falar sobre ela. Embora o Shane me pareça preocupado e irritado com ela por ter feito o que fez, eu sinto-me apenas aliviada por saber que ela está bem.

OK, confesso que também estou um pouco zangada.

– É só durante uma semana – asseguro.

– Não é só por uma semana porque não vai acontecer. Assunto encerrado.

– Gostava muito que aceitasses isto, Shane – afirmo, de forma cautelosa. Desvio os olhos dele e baixo-os na direção dos seus pés, enquanto continuo a tentar livrar-me da minha dor de cabeça. – Gostava muito que concordasses com isto sem... – Faço uma pausa porque sei como aquilo lhe vai soar. Sei que o vai magoar. E eu não quero magoar o Shane. Não quero magoar ninguém. Nunca quero. Nem mesmo o Pope. E *odeio-o*.

– Sem o quê? – pergunta ele.

Vejo-me forçada a encará-lo para lhe dizer. Ele tem de perceber que eu estou a falar a sério, que esta é verdadeira situação em que estamos, por muito desagradável que isso seja, e eu não hesitarei em invocá-la, se ele discordar.

– Tu e a Macy não são casados e tu não adotaste oficialmente as crianças. Em termos legais, eu sou o familiar mais próximo delas, e não tu. A Macy entregou-me legalmente a guarda das crianças há anos. Sou eu que decido o que fazer com elas, não tu.

Ele olha-me demoradamente. O que acabei de dizer é como uma agressão física para ele. É como se eu acabasse de descarregar a carga máxima de uma arma de choque nas partes mais vulneráveis do seu corpo.

– *Minha cabra* – diz ele, num tom de voz baixo e agressivo. – *Minha grande cabra*.

Tenho de desviar os olhos. Não são as suas palavras que me magoam – ricocheteiam em mim como gotas de chuva num guarda-chuva. É aquela expressão de dor de alguém que se sente atraído que me fere por dentro.

– Há cinco anos, há cinco anos que sustento, amo e educo estas crianças, e tu estás basicamente a dizer-me que não sou nada e que és tu que decides tudo. *Minha cabra!*

– Não tem de ser assim, Shane. Quero apenas que elas passem algum tempo com os meus pais, para nós podermos...

Ele acena com a mão, ignorando as minhas palavras como um rei ignoraria um vassalo de baixa condição.

– Faz o que quiseres, Nell. Afinal de contas, fá-lo-ias de qualquer forma. Mas não fiques surpreendida se eu não estiver aqui quando decidires voltar a trazer-me os meus filhos.

Abandona a sala sem voltar a olhar para mim.

Fecho os olhos e entrego-me à dor de cabeça que é, basicamente, alimentada pelas lágrimas que tento conter desde que li o bilhete da Macy e percebi como me odeia. Agora, também o Shane me

odeia.

Nem sequer me dou ao trabalho de limpar as lágrimas. Neste momento, chorar é a única coisa que me faz sentido.

Nell

Segunda-feira, 28 de maio

Há anos que não via um sorriso no rosto do pai.

Ele sorri, como é óbvio, mas quando as crianças entram a correr, atiram com as mochilas para o chão e descalçam os sapatos, a caminho da cozinha, o rosto ilumina-se com a radiância do brilho do seu sorriso.

– Lavem as mãos – pede a minha mãe, em voz alta, quando eles entram na cozinha e se precipitam para o tabuleiro de *scones* de alho francês e queijo, acabados de fazer. A casa está impregnada com aquele aroma divinal e eu respiro fundo várias vezes, sentindo-me imediatamente reconfortada. Quando o meu pai teve de desistir das lojas e mudar-se para ali com a minha mãe, escolheu aquela casa por ter um jardim de dimensões consideráveis. Permitia-lhe cultivar a terra, plantar legumes e manter uma enorme estufa onde plantava outros legumes e frutos exóticos. Creio que o pai, por vezes, sente que ganhou isto na altura em que perdeu quase tudo, e gostaria muito de o partilhar com alguém. A minha mãe não parece tão interessada e eu percebo que ela se aflige com a limpeza das mãos do meu pai depois de ele trabalhar no jardim. Estou convencida de que as crianças passarão ótimos momentos ali e o pai também se vai divertir bastante a ensinar-lhes jardinagem e a plantar legumes.

– Vem à estufa, Enelle – diz o pai, depois de se desfazer em sorrisos com os netos.

– Pousem isso e lavem as mãos! – grita a mãe.

– Mas não é preciso – alega a Willow.

– Só estivemos no carro – acrescenta a Clara.

– E todos fomos à casa de banho lavar as mãos, antes de entrarmos no carro – explica o Aubrey.

Estou certa de que o meu pai se vai divertir bastante e minha mãe vai ter alguns picos de tensão ao controlar a higiene das crianças, mas tenho a certeza que também lhe fará bem.

O pai gosta de conversar na estufa. Quando ainda tínhamos a loja de Hove, era no armazém, mas, nos últimos anos, é neste enorme espaço com verdadeiros painéis de vidro. Estes painéis de vidro são reguláveis, por isso, sempre que planta vegetais que precisam de ser protegidos da luz direta do sol, consegue escurecer a estufa através de um simples interruptor.

– Onde está a tua irmã, Enelle? – pergunta o meu pai, assim que a porta da estufa se fecha atrás de mim. Olha para mim como se soubesse tudo o que eu tenho andado a fazer e estivesse à espera que eu lhe respondesse antes de me fazer ouvir o que o diabo não quer.

– Lamento, papá, mas não sei onde ela está – respondo.

O meu pai olha-me de cima a baixo e depois no sentido inverso. Desapontei-o. Está estampado no seu rosto envelhecido, nas rugas que foi ganhando desde que entrou na esquadra da polícia para ir buscar a sua filha, há 25 anos.

– Tem alguma coisa que ver com o que andas a fazer há anos? – interroga ele.

Abano a cabeça.

– Não me parece. – O pai nunca me perguntou o que eu andava a fazer, depois de eu lhe contar que andava à procura da Jude e que tinha falado com os Dalton. Sempre revelou interesse no meu trabalho no *The Super*, perguntava sempre se eu tinha algum namorado e chegou até a questionar-me se eu planeava ser mãe, mas nunca me fez perguntas sobre o que eu andava a fazer. – Ela estava aborrecida comigo e com o Shane, sobretudo comigo, e foi-se embora.

– Tiveste relações com o Shane? – indaga ele.

Arregalo tanto os olhos que eles ficam parecidos com bolas de praia.

– O que queres dizer com isso?

– Eu sei que tu e a Macenna acham que eu e a tua mãe vivemos num planeta à parte, mas antes de sermos pais, também fomos jovens. Já reparei na forma como, por vezes, o Shane olha para ti. Tiveste relações com ele?

– Não, papá, *não*. – Só o facto de isso lhe passar pela cabeça deixa-me arrepiada, quanto mais perguntar-me sobre isso. Também não suporto que use a palavra “relações” ao referir-se ao sexo. – Andei com o Shane há quase... – Tento fazer os cálculos mentalmente, para não correr o risco de lhe revelar inadvertidamente que tive relações sexuais aos 16 anos. – Há quase 20 anos. Mas não aconteceu nada depois disso. A Macy pensou que ainda podia haver algum tipo de sentimento entre nós, mas não é o caso. De todo. O que viste no olhar do Shane foi desconforto. Ambos sentimos alguma estranheza na presença um do outro, mesmo depois destes anos todos. Mas ele ama a Macy. Só tem olhos para ela. – Estremeço só de pensar que o meu pai acha que eu seria capaz de fazer isso à minha irmã. – Eu seria incapaz de lhe fazer uma coisa dessas. Seria incapaz. E ele também não o faria. Está tudo uma grande confusão, mas não a *esse* ponto.

– Fala-me dessa confusão – pede ele. É a primeira vez, a *primeira vez* que converso realmente com o meu pai. Estamos sempre a falar, mas habitualmente escondo-lhe certas coisas, tentando projetar a imagem de boa filha. Nunca falei com ele como se ele fosse outro adulto com quem me posso abrir. Era isto que o Shane estava a tentar transmitir. Eu fecho-me para a maioria das pessoas. Não consigo ser honesta com grande parte das pessoas porque há sempre qualquer coisa que tenho de omitir. Mas não da forma como normalmente se omitem coisas, a forma delicada de não sobrecarregar os outros com demasiada informação sobre a nossa vida. Isto é calculado. Todas as conversas que tenho são invariavelmente articuladas e controladas de forma a não revelar demasiado sobre mim.

– Não posso. Por enquanto, não. Não posso contar tudo – confesso ao meu pai.

– Porque não?

– Porque... Porque não posso, papá. Estou a tentar perceber tudo isto, mas estão sempre a acontecer coisas que tornam tudo mais difícil. – *Entre elas, o facto de andar alguém a querer fazer-*

me mal e o John Pope estar a ameaçar-me.

– Vai à polícia – aconselha simplesmente o meu pai.

Para ele dizer aquilo depois de tudo por que passou, é porque entende até que ponto é grave, apesar de eu ter minimizado a situação.

– Não posso. Não tenho nada de concreto para lhes transmitir.

– Deixa que sejam eles a decidir isso – acrescenta. É preciso ter muita força para me dizer aquilo. Sempre soube que o meu pai era a pessoa mais forte que eu conhecia, e ele está a provar isso mesmo, mais uma vez.

– Eu vou, papá. Assim que as coisas estiverem claras na minha cabeça, vou pensar em ir à polícia.

O meu pai olha para mim. Está prestes a dizer-me algo mais, algo profundo, capaz de mudar a minha vida. Percebo-o pela forma como hesita, pelo olhar, pela expressão.

– Tem cuidado. – É o que acaba por dizer. – Cuida de ti.

É dececionante, mas também apaziguador. Provavelmente é isto que os outros sentem quando conversam comigo. Percebem que tenho qualquer coisa de importante para dizer, que estou prestes a dizê-lo, mas depois recuo.

– Assim farei – replico.

– Nós vamos cuidar das crianças. Mesmo que seja por mais do que uma semana.

– Obrigada. É possível que a Macy vos contacte e vocês podem dizer-lhe que os miúdos estão aqui.

– Assim farei.

– Certo. É melhor ir ajudar a mamã a instalá-los – digo.

– Isso é uma forma bastante diplomática de colocar a coisa – observa o pai, a rir.

Depois, pousa um braço sobre os meus ombros e aperta-me brevemente, muito brevemente, contra o seu corpo. É a segunda vez que me lembro de ver o meu pai a ter a iniciativa de promover este tipo de contacto pessoal. A primeira vez foi quando me levou para casa da esquadra da polícia.

Nell

Segunda-feira, 28 de maio

– Nell! Santo Deus... Estava doido de preocupação contigo. – O Aaron puxa-me praticamente para dentro da porta e abraça-me. – Estás bem? – pergunta ele.

Não me larga imediatamente e, por instantes, esqueço quem ele é e retribuo-lhe o abraço, encosto a cabeça ao peito dele e descontraio-me. É por isto que sinto a falta do tempo que passava com o Zach. Preciso que alguém me abrace e console. Estive pouco tempo com ele, mas sinto a falta de um abraço, como se os tivesse tido durante todos os dias da minha vida. Dormi com muitos homens, não apenas por aquilo que o Pope me dissera, mas para ter contacto humano. Precisava do toque do outro, da possibilidade de estar simplesmente com alguém.

O Aaron percorre-me o corpo com as mãos, colocando uma ao fundo das costas e outra na nuca, como se soubesse que é aí que eu gosto que me agarrem, como se já o tivesse feito antes. Inspira profundamente e depois suspira, quase como se isto fosse o que ele mais deseja na vida.

E eu preciso, neste momento, de alguém que me faça sentir assim, alguém que me faça acreditar que sou desejada, e não uma desequilibrada. Aconchego-me ao corpo do Aaron e ele aperta-me mais. Instantes depois, afasto a cabeça e encaro-o. Ele baixa o olhar para mim.

Sinto a respiração dele a tornar-se mais rápida e superficial contra o meu corpo, como se estivesse a tentar controlar-se.

Vá lá, então, penso, porque é óbvio que me quer beijar. Não me vou afastar. Beija-me, anda.

Os olhos dele sondam o meu rosto, à procura de indícios de dúvida, qualquer indicação de que não quero que ele o faça. O que vê compele-o a largar-me e a afastar-se, em vez de me beijar.

Clareia a garganta e passa a mão pelo cabelo. Baixo os olhos, embaraçada, completamente mortificada por o Aaron ter percebido que eu permitiria que ele me beijasse, talvez até o deixasse ir mais longe, mas *tudo* estaria a acontecer por iniciativa dele. Não me sentiria entusiasmada nem desesperada para estar com ele, pelo menos não como estava durante aqueles minutos dentro do carro, quando regressámos de Leeds. Devia ser óbvio pela minha expressão que eu só estava a alinhar porque precisava de alguém que me fizesse sentir melhor.

– Por onde andaste? – interroga ele. – Tenho estado tão preocupado contigo. Desapareceste subitamente e não atendias o telefone. Um dos teus vizinhos disse-me que tu te tinhas mudado, depois de teres sido assaltada e atacada por ratazanas ou coisa parecida.

– Fui ao país da Confusão e da Dor através da estrada panorâmica Dei Cabo da Minha Vida.

– O quê? De que é que estás a falar? – pergunta o Aaron.

– Está tudo a correr mal desde que regressámos de Leeds.

– A quem o dizes. Alguém tentou atropelar-me, na semana passada.

– O quê? Estás bem? O que aconteceu?

– Vinha da estação de comboios. Estava a chegar ao fim da meia lua, quando se vira para a rua onde fica esta casa, e ouvi um carro subitamente a acelerar, o que me recordou imediatamente aquilo que ouvi no dia em que o meu pai foi atropelado. O meu primeiro instinto foi correr, mas, em vez disso, parei e recuei. Depois, dei meia-volta e fugi por onde tinha vindo. Olhei brevemente para trás e vi o carro a subir o passeio e a curvar para o sítio onde eu estaria, se tivesse continuado a andar ou se tivesse fugido nessa direção.

Sinto-me esvaída só de pensar no que lhe podia ter acontecido se ele não tivesse ouvido o acidente do pai pelo telemóvel. Provavelmente, foram esses segundos traumáticos, cinco anos antes, que lhe salvaram a vida.

Volto a sentir o espartilho de ferro em torno do meu peito. *Respira, Nell, respira. Fala, Nell, fala.*

– Alguém fez o mesmo à Sadie – consigo articular. – Ela está em coma. Não voltei a ligar, pois tenho demasiado receio que ela tenha morrido.

O Aaron bate com uma mão na testa e dá mais um passo atrás.

– O que se está a passar, Nell? Onde nos fomos meter?

– Não faço ideia. Ainda não te contei o que me aconteceu.

– O quê, a história que o teu vizinho me contou é real?

Explico-lhe brevemente o que aconteceu e, enquanto falo, começo a sentir um formigueiro por todo o corpo. E se a Macy não foi embora de livre vontade e a raptaram? E se a fizeram desaparecer como que por magia, tal como a Jude, e nunca mais voltarmos a ter notícias dela? Não. O bilhete parecia ser dela. A letra era dela. Só a Macy seria capaz de dizer que eu assumira o controlo da sua vida.

– Fico muito feliz por saber que estás bem – diz o Aaron. Parecia estar a meter as mãos nos bolsos, para não me tocar.

– Na verdade, não sei se estou bem. – Fecho os olhos e tento visualizar as impressões de árvores genealógicas que tinha no meu apartamento. As da *Sereia de Brighton* e da Jude ainda lá estariam? Não me lembro. Volto a abrir os olhos, frustrada. Devem ter qualquer coisa que descobri, mas ainda não percebi o quê. *O que será?*

Tenho quase todos os ficheiros guardados no meu portátil e numa *pen* que anda sempre comigo. Incomoda-me que me tenham roubado os discos rígidos, mas não estou preocupada com os dados que continham, porque esses desapareceram há muito. Quando eu e o Aaron começámos a trabalhar juntos, e depois de abordada a questão dos computadores, ele obrigou-me a comprar *hardware* que era praticamente inviolável, desde que eu tivesse cuidado. Precisava de um comando e uma *password* para o iniciar. Se alguém tentasse entrar no computador ou levá-lo para trabalhar nele, tudo seria apagado. Mostrou-me também como instalar uma rede privada para aceder à Internet e, quando trocávamos *e-mails*, era através de um serviço sediado na Suíça, virtualmente inviolável.

A nossa única vulnerabilidade são, na verdade, as mensagens escritas, mas é por isso que ele as mantém curtas: “Ele precisa de te ver” e, mais recentemente, “Telefona-me”.

Quando o Aaron começou a falar sobre todas estas coisas, para além de o achar incrivelmente paranoico, fiquei com a impressão de que ele estava convencido que era a estrela de um romance de espionagem, para o qual tentava arrastar-me. Pensei ainda que ele estava a utilizar os meus parcos recursos de forma bastante liberal. Mas também achei que não perderia nada se fosse um pouco mais cautelosa com o que fazia *online*, e agora congratulo-me por ter concordado com isso, pois parece que ele tinha razão desde o início.

– Tenho de voltar ao meu apartamento – afirmo. – Tenho de verificar se há ficheiros em falta. A princípio, pensei que tinha sido tudo destruído, mas agora estou a achar que alguns podem ter sido roubados. – Abano a cabeça. – Levei-os quase todos comigo, quando fomos a Leeds.

– Estás agir como se tudo isto fosse normal – refere o Aaron. – Mas não é. Nada disto é normal.

– Deixa-me pensar, deixa-me pensar – digo, voltando a fechar os olhos. A razão por que acabei numa posição que me permite ajudar outras pessoas com as suas pesquisas foi o facto de conseguir pôr-me de fora, perceber o problema que tinham e que barreiras teriam de ser exploradas. Preciso de pensar em tudo isto como se estivesse de fora.

O meu problema foi sempre estar demasiado próxima da *Sereia de Brighton* e da minha melhor amiga desaparecida, o que não me permitia desconstruir a questão. Sempre acreditei que não foi o meu pai, portanto, teria de ser outra pessoa. Mas estaria a ser justa com o meu pai? Sempre desejei desesperadamente ilibá-lo de tudo. E se ele estiver no centro de tudo? Não, não, estou a fazer outra vez a mesma coisa. A centrar a pesquisa em mim e naqueles que me são chegados. Tenho de me afastar.

– Aaron – chamo, abrindo os olhos. – A quem contaste que íamos a Leeds?

– A ninguém – garante ele.

– Eu não contei a ninguém. Nunca trocámos *e-mails* nem mensagens sobre o assunto. Fiz todas as pesquisas na minha rede privada, depois de a instalar aqui nos teus computadores invioláveis. Então, a quem contaste? Ou será que temos de dismantelar os teus computadores para descobrir a falha, uma vez que os meus há muito se foram?

– Não contei a ninguém – insiste ele.

– Onde disseste ao teu pai que íamos, nesse dia?

– Bom, é óbvio que lhe contei. Achei que isso podia convencê-lo a ceder relativamente à história dos seis meses. Afinal de contas, ele disse que queria algo tangível. Não contei a mais ninguém, para além dele.

– Acredito em ti – assevero. – Mas a *quem* terá ele contado?

– A ninguém. Ele raramente está com alguém. A maior parte dos antigos colegas deixaram de o visitar. Ele não iria contar a ninguém.

Por vezes, o Aaron esquece-se de quem o pai é. Contorno-o imediatamente e vou direita ao jardim do pátio, onde o Pope está sentado com uma manta sobre os joelhos. Hoje, tem o rádio ligado, sintonizado num canal qualquer de entrevistas. Junto ao copo de uísque está um livro aberto, virado para baixo.

– A quem falou da Sadie, de Leeds? – pergunto-lhe.

Ele olha para mim com aqueles intensos olhos azuis. Olha para mim da forma como sempre olhou: com um misto de desdém e fascínio, como óleo derramado sobre a água.

O Pope não exigira um encontro comigo hoje, por isso pega no copo e olha para a minha direita, como se eu não existisse. Normalmente, não me importo que ele me ignore ou que nem se dê ao trabalho de me dirigir a palavra, mas o que ele fez provocou um ferido grave, destruiu a minha vida e quase levou à morte do filho, portanto, hoje terá de falar comigo nos meus termos.

Coloco-me no seu campo de visão, aproximando-me mais da mesa, e desligo bruscamente o rádio, para pôr fim à tagarelice monótona que paira pelo ar.

– A. Quem. Contou? – Quero bater palmas diante do rosto dele, para que se concentre.

Ele lança-me um olhar breve e dá um gole na bebida.

– Eu sei que só pensa em si, portanto, nem vale a pena dizer-lhe que a mulher com quem falámos em Leeds está em coma, depois de ter sido atropelada. Que alguém assaltou o meu apartamento e depois enviou-me uma ratazana morta, e que, por isso, não consigo lá viver. Mas o que é *realmente* importante que saiba é que alguém tentou matar o seu filho. Eu sei que isso não o incomoda, afinal de contas, não foi *consigo*, mas se eles voltarem a tentar e, da próxima vez, conseguirem feri-lo, vai acabar por ficar sem ninguém que cuide de si. Pois mesmo que ele fique “apenas” ferido, deixará de poder ser seu o moço de recados.

Tal como esperava, as palavras foram suficientemente incisivas para lhe prenderem a atenção, fazendo com que o Pope se concentrasse em mim enquanto bebia.

– A quem contou? – volto a perguntar.

– Apenas a alguns amigos.

– Nunca teve a intenção de me dar os seis meses, muito menos um ano, pois não? Estava apenas à espera de algo que lhe permitisse pedir uma investigação, não é? A quem fez o seu apelo oficial? À equipa dos casos arquivados? Provavelmente só fizeram algumas verificações, para perceberem se não estavam a perder tempo. – Abanei a cabeça. – Seu canalha – digo, em voz baixa. – Seu grande canalha.

Olho para o Aaron.

– Ele já o fez. Já detonou a bomba e a investigação já está em curso. A polícia dispõe agora de uma ligação, um nome que os poderá ajudar a identificar a *Sereia de Brighton*. Esse é, provavelmente, o motivo pelo qual quem está a fazer isto tinha de se ver livre da Sadie. Não podiam permitir que falasse com a polícia, pois sabiam que ela podia dar-lhes um nome que talvez revelasse

quem era a *Sereia de Brighton*. Porque se descobrirmos quem ela era, possivelmente descobriremos com quem estava antes de morrer. Mas o teu pai não podia esperar, tinha de detonar a bomba mesmo não estando ainda preparado para o fazer. É por isso que estamos a ser atacados. Ainda não temos os dados suficientes para atingirmos seriamente o assassino, mas o que sabemos já é o bastante para que ele nos queira deter. E o pior é que não fazemos ideia de quem é. Por outras palavras, quem matou a *Sereia de Brighton* e todas as outras sereias tentará perseguir-nos a todos. Aliás, *ele* já o está a fazer.

O Pope não diz nada. Fico sem saber se não quer dar o braço a torcer e falar comigo ou se as minhas palavras o abalaram. Mas estou assustada, porque depois do que ele fez, toda a gente ficou a saber o que fazíamos, o que nos deixa a todos em perigo.

– OK – digo ao Aaron, que parece visivelmente chocado. É provável que não acreditasse que o pai era capaz de fazer uma coisa daquelas. – Como estamos numa situação de emergência, é óbvio que teremos de ir um pouco mais longe do que pretendíamos. Vou ao meu apartamento ver que documentos ainda lá estão e perceber quais os que desapareceram. Quando eu voltar, tu terás de... – Paro de falar e olho intensamente para o Pope. – Desculpa. Por pouco não cometia o mesmo erro. Anda, eu digo-te no caminho para minha casa.

– Preciso da tua ajuda, rapaz – afirma o Pope, sem sequer olhar para o filho. Só está a dizê-lo porque sabe que o Aaron fará o que ele quer, quando ele quer. Mas isso acabou. Já não suportava ver o Aaron a ser tratado daquela forma por este homem, e sabia que o Aaron também devia estar farto. Vi-o a mudar ao longo dos últimos anos. Tornou-se mais forte e começou a conceber uma vida longe do pai.

– Ele agora está ocupado. Não o pode ajudar – respondo.

– Preciso que tu fiques aqui, rapaz. – O Pope está a olhar-me com desdém. É o ódio intenso que o move a tentar, mais uma vez, destruir-me.

A única coisa que se vai perder ali é o controlo que ele exerce sobre o filho. O Aaron está a ponto de quebrar esse ciclo, precisa apenas que o encorajem a prosseguir.

– Não ouviu o que eu disse? – repito, como se ele fosse duro de ouvido. – Ele agora não o pode ajudar. Ele vai comigo. Se precisava tanto da ajuda dele, devia ter pensado nisso antes de falar de mais, para não sermos obrigados a andar aos pares.

– *Rapaz...* – repete o Pope, num tom ameaçador. Está a dizer ao filho de 40 anos que não o desafie. – *Rapaz...*

– Anda – digo ao Aaron.

Ele não se mexe. O medo está patente no rosto e o corpo está quase rígido, tal é o medo de contrariar o pai. Estendo-lhe a mão. Ele vai conseguir. Ele vai conseguir afastar-se. Mesmo que seja por pouco tempo. Ele vai começar a libertar-se das amarras que o prendem àquele pai abusador. E eu vou ajudá-lo.

Nell

Segunda-feira, 28 de maio

Faltam coisas nos meus arquivos.

Como estava tudo espalhado pelo chão, amassado, rasgado e disperso, não me ocorreu que o tivessem feito para esconder o que tinham roubado, para além dos discos rígidos dos computadores. Não tive oportunidade de verificar nada, pois foi o Zach quem se encarregou da arrumação inicial da sala, enquanto eu arrumava o escritório. Limitámo-nos a reunir tudo em montes e arrumá-los a um canto. Agora que já verifiquei tudo, percebo que faltam documentos muito específicos. Tal como suspeitava, todos eles estão relacionados com a *Sereia de Brighton* e com a Jude. Toda a informação relativa às outras sereias encontradas ao longo da costa também desapareceu, pois não a tinha levado comigo para Leeds. Pedi ao Aaron que me arranjasse também os perfis de ADN das restantes vítimas, mas era demasiado arriscado. Ele disse que o faria, mas percebi que ele sabia que assim que o fizesse seria desencadeada uma investigação que o denunciaria de imediato, pelo que acabei por lhe dizer que trabalharíamos sem isso. Se conseguíssemos descobrir mais alguma coisa sobre a *Sereia de Brighton*, falaríamos à polícia das outras.

Quem assaltou a minha casa perdeu bastante tempo a reunir essa informação de entre todas as coisas que eu tinha.

O Aaron tem estado muito calado, sentado no meu sofá, como se estivesse a sofrer um colapso nervoso em privado, enquanto eu verifico os documentos. Conduziu durante todo o caminho sem dizer uma palavra, de olhos muito abertos e fixos na estrada. Estava pálido e suado, como se tivesse acabado de sofrer um valente choque. O que, de facto, até era verdade. Eu também estava aturdida e um pouco abalada, pois nunca antes me dirigira ao Pope naqueles termos, pelo que nem consigo imaginar o que o Aaron sentiu ao simplesmente afastar-se dele.

Agora, está sentado no sofá, de olhos arregalados e boca cerrada. Creio que se está a conter para não se baloiçar para trás e para diante.

– Faltam coisas – observo, embora não espere que ele me responda. Estou a falar apenas para me ouvir dizê-lo em voz alta, para criar um ponto de referência auditivo e, mais tarde, recordar-me que disse que faltavam coisas. – Bastantes coisas.

Levei inúmeros ficheiros impressos comigo para Leeds, mas nem todos. Alguns dos recortes de jornais, com reportagens mais aprofundadas, tinham sido roubados. Destaquei certas passagens em alguns deles, como o facto de o *top* dela ser de uma loja que só existia em Birmingham. A polícia não tinha recursos para enviar lá alguém com uma fotografia. O Pope disse-me que eles tinham enviado por fax o retrato-robô e tinham falado com alguém pelo telefone, mas que ninguém a reconhecera. Disse que até conseguiram que uma estação local de notícias falasse dela e divulgasse o desenho, mas que ninguém telefonara depois disso. Nem os maluquinhos do costume, aqueles que ligavam

sempre que a polícia lançava um apelo. Consegui deitar mão à notícia do jornal local, que saiu durante aquele período, mas também tinha desaparecido.

Também fiz bastantes pesquisas sobre a tatuagem dela. A polícia não conseguiu localizar o artista que lhe tatuara imagem da sereia e a frase “Eu sou Brighton”. Era uma tatuagem bastante característica e singular, o tipo de detalhes que seria necessário especificar num passaporte, mas ninguém a reconheceu. Imprimi várias páginas de fóruns sobre tatuagens, onde fiz inúmeras perguntas sobre o estilo de tatuagem e sobre os artistas que, eventualmente, a poderiam ter copiado. Nada disso produziu resultados, mas eu mantive um registo dessas pesquisas, esperando um dia voltar a explorá-las. Tudo isso desapareceu.

Toda a informação relacionada com a Jude também desapareceu. A fotografia dela que eu prendera no placar; as fotocópias das páginas do seu diário que constavam dos relatórios originais da polícia que o Pope me entregou; e toda a informação que recolhi para montar a árvore genealógica – contactos, parentes que descobri e contactei, os ramos da família que, entretanto, foram surgindo. Apesar de o Sr. Dalton não ser parente biológico da Jude, incluí-o na árvore genealógica e, embora se tornasse mais complicado descobrir os seus ramos familiares, já que não tinha grande informação acerca dele, fiz o melhor que pude. Não obstante esse esforço, a árvore genealógica da Jude foi ficando naturalmente completa, mas não permitiu identificar grande coisa. E agora, todos esses anos de trabalho árduo desapareceram do meu apartamento, tal como a Jude desaparecera da minha vida.

O que significa que a ligação entre o que aconteceu à Jude e à *Sereia de Brighton* deve ser bem mais importante do que eu pensava.

– Faltam aqui coisas – repito para o pó que paira no ar, porque é mais do que evidente que o Aaron tão cedo não vai sair daquele estado quase catatónico.

Será que só faltam mesmo aqueles dois ficheiros? É que todos os outros parecem lá estar. O do amigo da Maura Goodrich ainda lá está. Acabei de o ver. Então, e o do Craig Ackerman? Ainda não recebi os resultados dos testes de ADN e não descobri grande coisa acerca dele. Quando recolhi a história da família, ele disse-me que a ideia de localizar a família biológica não era do agrado dos pais e, por isso, não tinha falado com eles sobre o que sabiam. Também não requerera os registos de adoção, que é por onde a maioria das pessoas começam quando pretendem localizar a família biológica. Além disso, não ficou muito agradado por ter de fornecer a amostra de ADN. Não reclamou, mas vi uma expressão de surpresa a surgir-lhe momentaneamente no olhar, assim que lhe falei nisso.

Olho para os papéis espalhados por todo o chão da minha sala de estar e franzo o sobrolho, antes de me ajoelhar novamente para os examinar. A pouca informação que tinha sobre ele também desapareceu. Se ele estiver envolvido nisto, se tiver sido ele a atropelar o Pope, há anos, quando achou que ele estava demasiado próximo da verdade, então sempre soube de mim, da Macy e do Shane. Não seria difícil falar com o Shane, conseguir que ele me apresentasse e, depois, tentar

descobrir o que eu sabia. Mas porquê agora, ao fim de todo este tempo? O que teria mudado para o levar a correr esse risco? Estaria eu a aproximar-me das respostas sem saber?

Haveria algo que o levaria a decidir conhecer-me? É que, olhando para trás, a história dele não me parece muito consistente. Todas as pessoas que conheci que queriam saber quem eram os pais biológicos já tinham feito algo por iniciativa própria, mas o Craig Ackerman não fizera nada. Porque precisaria ele de me conhecer? Estaria à espera que eu lhe contasse tudo o que sabia sobre a *Sereia de Brighton*, para perceber até que ponto eu seria uma ameaça? Nesse caso, o teste de ADN tê-lo-ia deixado apavorado. *Provavelmente, estaria a tentar recuperar as amostras.* Significaria isso que receava ter deixado o ADN na cena de um crime?

Espera lá, espera lá. Levanto-me tão bruscamente que o Aaron sai do transe e franze-me o sobrolho. Vou ao congelador do frigorífico da cozinha.

Enquanto esperava pela polícia, toquei numa única coisa – o frigorífico. Tinham tirado tudo lá de dentro. As gavetas do congelador estavam abertas e parcialmente vazias. O som frenético do alarme de aviso de “porta aberta” era insuportável, por isso fechei a porta. Não falei disso a ninguém. Arrumei tudo o que consegui dentro das gavetas, fechei-as e voltei a sentar-me junto à porta principal, à espera da polícia.

Tenho um apartamento com dois quartos e vivo sozinha, mas tenho um enorme congelador e costumo armazenar as amostras de ADN dentro dele, no compartimento que serve para fazer gelo. Ninguém daria por isso, porque tem uma cuvette de gelo embutida, com uma peça amovível. Assim que o gelo está feito, roda-se a pega e o gelo cai para o compartimento que está por baixo. Tenho gelo feito, mas nunca utilizo o compartimento de baixo, porque tem o tamanho ideal para armazenar os tubos com as amostras bucais. Se pensar bem no assunto, é um pouco nojento ter ADN de outras pessoas no local onde guardo a comida, mas geralmente não penso nisso.

Tenho algum do ADN do Craig Ackerman no congelador. São amostras de reserva que guardo sempre, para o caso de algo correr mal. Bom, algo correu terrivelmente mal, de uma forma que eu não previa. Preciso de saber quem é realmente o Craig Ackerman.

– O que estás a fazer? – pergunta-me o Aaron, da entrada da cozinha.

Abro a porta do congelador. O compartimento do gelo estava intocado quando fechei a porta do congelador. Talvez o intruso que destruiu o apartamento e levou aqueles ficheiros tão específicos não se lembrasse de olhar para a cuvette do gelo. E se olhou, talvez se tenha esquecido de verificar o compartimento *por baixo*. Tudo conjecturas...

Retiro a caixa do gelo e solto o tabuleiro superior. Os seis tubos das últimas amostras de ADN que recolhi, todos rotulados com a minha letra, e os respetivos esfregaços no interior, ainda lá estão, num estado de estase, à espera que os retirem para serem analisados. Normalmente, não chego a precisar destes esfregaços de reserva. Guardo-os durante seis meses, até obter todos os resultados, e depois deito-os fora. Três deles pertencem ao Craig Ackerman.

– Estou a ver se ainda tenho as amostras de ADN do Craig Ackerman – respondo.

– Quem?

– O caso em que eu estava a trabalhar há umas semanas, lembra-te? O tipo que foi adotado e queria descobrir a família biológica, para saber se tinha outros irmãos. Lembras-te de eu te dizer que ele não tinha feito praticamente nada?

Pela expressão do Aaron, percebo que ele não faz ideia de quem estou a falar.

– O que tem ele que ver com isto?

– Tudo começou a acontecer pouco depois de eu o conhecer. Na altura, não dei grande importância ao assunto e não o liguei a nenhum dos estranhos incidentes, mas como os ficheiros dele desapareceram, juntamente com os da *Sereia de Brighton* e os da Jude, devem estar ligados.

– Talvez fosse melhor não mexer mais no assunto – aconselha o Aaron, num tom fatigado. – Tudo isto é de mais. Demos cabo das nossas vidas. Talvez seja melhor esquecermos tudo.

Mas que disparate é esse de esquecer tudo isto?

– E depois, Aaron? Como é que vamos dizer a quem anda a atropelar-nos e a enviar-nos ratazanas mortas que decidimos esquecer o assunto? Vamos para o meio da rua gritar, na esperança de que quem o fez ouça e desista de nos tentar matar?

– Não sei se *consigo* continuar – responde ele, num tom brando. – Antes, quando te estava a ajudar a escrever programas de computador e a examinar resultados, era um pouco estranho, um pouco radical, mas era a forma de me livrar da *Sereia de Brighton*, e não me parecia muito grave. Não tão grave como agora. Consegui até convencer-me de que o meu pai fora atropelado acidentalmente. Mas alguém quase matou a Sadie, tentaram matar-me e feriram-te. É demasiado. Este não é o meu mundo.

– Aaron, nós estamos metidos nisto, queiramos ou não. Estamos no olho do furacão. O teu pai colocou-nos nesta situação há muito tempo e, por qualquer razão, não conseguimos sair dela. Mas agora não há forma de escaparmos a isto. Chegámos até aqui e temos de levar isto até ao fim.

– Acho que não – argumenta ele. – Olha, vou para casa. Vou ver se consigo endireitar as coisas com o meu pai e esquecer tudo isto. Acho que devias fazer o mesmo.

– Está bem – respondo-lhe. Quero gritar-lhe que fingir que não está a acontecer não o vai proteger; que se voltar para junto do pai, menos de quatro horas depois de lhe fazer frente, vai tornar-se um lacaio para o resto da vida. Mas não posso fazer isso. Não posso ser como o Pope. Tenho de deixar que o Aaron descubra a verdade por ele próprio. Horas antes, julguei que o estava a salvar, mas talvez estivesse apenas a colocar demasiada pressão antes do tempo. – Faz o que for melhor para ti.

– Não sei o que é melhor para mim, Nell. Ainda não percebeste isso? Faço as coisas pelos outros. Pelo meu pai. Por ti. Nunca sei o que é melhor para mim. Mas estou assustado e creio que ambos podemos acabar gravemente feridos, como a Sadie. Em coma ou pior do que isso. Só quero

que nos afastemos disto enquanto ainda podemos.

– Não me posso afastar. Tenho de levar isto até ao fim.

O Aaron esfrega os dedos na testa. Parece aflito. Por fim, baixa a mão e suspira.

– O que vamos fazer?

– Não precisas de te envolver nisto. Posso fazê-lo sozinha.

– Que graça teria isso? – responde ele, num tom categórico. – O que vais fazer?

Estendo os três tubos na palma da mão.

– Temos de mandar processar isto corretamente, para descobrirmos quem é o Craig Ackerman e por que razão está a fazer-nos passar por tudo isto.

– Como vamos fazer isso? Não creio que consiga persuadir o meu pai a pedir a um dos colegas que nos ajude.

– Vou encontrar uma forma – respondo.

Não te preocupes, eu conheço alguém que nos vai ajudar, penso. Tenho apenas de lhe pedir com jeitinho.

Macy

Segunda-feira, 28 de maio

Espero que o Zach tenha razão sobre as mentiras das redes sociais, quando diz que ninguém deveria sentir necessidade chamar “pai maravilhoso” a um homem que não faz mais do que a sua obrigação. Tenho pensado nisso e espero que ele tenha razão. Que o Clyde não tenha saído de casa por haver algo de errado com a nossa família. Não é que deseje um inútil preguiçoso a ninguém, só não quero ser o motivo por que ele se foi embora. Quero sentir que o defeito é dele.

Com o Clyde, eu era normal.

Bom, tão normal quanto possível, suponho. Não fazia metade das coisas que faço agora e, mesmo assim, ele foi embora. É isso que me irrita. Ultrapassei os anos da minha adolescência com algum esforço, não totalmente incólume, mas ainda assim bem, e conheci o Clyde, que parecia perfeito. Só não o foi para sempre.

Talvez seja melhor ir para casa. Não posso ficar eternamente na rua. É isso que o meu lado racional me diz que devo fazer. Mas o outro lado, aquele que sabe como eu sou, diz-me que devo manter a distância. Não quero que os meus filhos fiquem como eu. Por vezes, pergunto-me se essa não será mais uma faceta minha, uma nova obsessão. Estou convencida de que posso controlar o futuro dos meus filhos, a expressão da sua saúde mental, se não os sujeitar à minha presença. Então, e se eles a perderem justamente pelo facto de eu estar ausente? Tudo começou com a sensação de perda. Estou consciente deste facto. Não consigo parar com isto, mas sei que foi isso. Primeiro, perdi a Jude, depois, o papá, quando deixou de ser o homem que eu conhecia, e, finalmente, perdemos a nossa vida em Brighton. Melhorei, melhorei bastante, mas depois perdi o Clyde e, subitamente, tudo voltou a cair-me em cima. Tive de arranjar formas de tornar o mundo compreensível, controlável e limpo. Gosto de coisas limpas.

Estou à porta da casa de banho do Zach. Por agora, está limpa. Não tenho a certeza se ele prefere que eu beba ou que limpe. Ontem, quando chegou do trabalho, ficou muito quieto a olhar em redor e disse:

- Está bem. Obrigado por limpares a casa, Macy. Fico-te... hum... Fico-te muito agradecido. Mas não parecia satisfeito.
- Ou limpo, ou bebo – expliquei.
- Bom, nesse caso, limpa, Macy, limpa.

Agora entendo por que razão a Nell gostava tanto dele. A sério que entendo.

Nell

Terça-feira, 29 de maio

– Mal podia acreditar quando recebi a tua mensagem – diz o Zach, ao abrir a porta. – E agora estás aqui. Pensava que não te voltaria a ver.

Como eu desejava que ao vê-lo não me sentisse como se estivesse a levar um valente pontapé no peito e no estômago. Olho para ele e é no coração que começo a sentir os pontapés. “Sinto a tua falta”, quero dizer-lhe. “Sinto muito a tua falta. Sei que não estivemos juntos muito tempo, mas sinto muito a tua falta”. Mas tenho coisas mais importantes em que pensar, por isso faço por me abstrair desses sentimentos e escondo-os debaixo do tapete, como uma verdade inconveniente que tem de ser escondida e ignorada a todo o custo.

– Como te disse, preciso da tua ajuda.

Sinto-me extremamente objetiva. Nem mesmo quando ele recua para me deixar entrar e vejo os pequenos ganchos prateados em que costumava pendurar a minha mala, o enorme mapa de África emoldurado, com as ilhas e países, cada um da sua cor, e o curso sinuoso do rio Nilo representado a vermelho vivo ao longo de 11 países, diante do qual parava quase sempre, encantada, nem mesmo então me abandono à nostalgia dessas memórias. Nada disso. Mantenho-me concentrada. Mantenho-me absolutamente objetiva.

– Eu sei, mas ela está bem – diz o Zach.

– Perdão? – replico.

– Queres que te ajude a encontrar a tua irmã, certo?

– A Macy? Sabes alguma coisa acerca da Macy?

– Sim... hum... sei.

– Como?

– Ela ligou-me. Mas ela está bem e isso é o mais importante. Ela está bem.

– Não, isso não é, de todo, o mais importante. O mais importante é... *Que raio?* O mais importante é saber porque telefonou a alguém com quem esteve não mais do que cinco minutos? E o mais importante é: por que carga de água não me disseste?

– Não sei porque me ligou. Ela disse que tinha arranjado o meu número no teu telemóvel e que queria falar comigo sobre ti. Como não querias conversar comigo diretamente, deduzi que podias querer falar através da tua irmã, por isso aceitei encontrar-me com ela.

– E porque não me disseste?

– Ela disse que desapareceria sem deixar rasto se eu te contasse que tinha falado ou estado com ela. Não queria que isso acontecesse e sei que tu também não. Com tanta gente a desaparecer todos os anos – principalmente mulheres – a última coisa que queria era que isso acontecesse à Macy ou que tivesses de lidar com isso.

Há ali mais qualquer coisa. Muito, muito mais.

– Onde está ela? – interrogo, e a expressão do Zach deixa bem claro onde ela está.

– Neste preciso instante, não sei.

– Mas...

– Ela tem ficado por aqui... No quarto de hóspedes – acrescenta, como se esse detalhe pudesse melhorar alguma coisa.

Era isto que a Macy sentia relativamente ao Shane? Como se alguém lhe estivesse a cortar lentamente partes do coração? Foi por isso que decidiu dormir com o Zach? Para ficarmos em igualdade de circunstâncias?

– Dormiste com a minha irmã? – pergunto-lhe. Já sei a resposta. Quero apenas saber se ele é suficientemente baixo para mentir sobre isso.

Ele não desvia os olhos nem parece ficar constrangido, ao responder de imediato:

– Não, não dormi com ela. Nem com mais ninguém, caso te questiones sobre isso.

– Mas...

Desta vez, desvia os olhos e encolhe-se ligeiramente, antes de voltar a olhar para mim.

– Mas tem sido complicado. Ela não está bem. Acho que o afastamento lhe fez bem, mas continua a debater-se.

Assinto com a cabeça.

– Certo. Por outras palavras, a minha irmã atirou-se a ti várias vezes e tu não sabes por quanto tempo conseguirás resistir. É isso?

– Vou resistir-lhe até ao final dos tempos – garante ele, num tom firme. – *Tu* és tudo o que eu quero.

– Não tenho tempo para isto – contraponho. – Dorme com ela, se quiseres. Pode ser que percebas que o que fazes não me diz respeito.

– Não quero dormir com ela – responde o Zach.

Desvio novamente os olhos para o mapa de África emoldurado. A forma lembra-me os contornos da tatuagem dele, o tempo que passava a percorrer os pequenos símbolos *Adinkra* com a ponta dos dedos e a fazer-lhe perguntas sobre eles. Isto não está propriamente a correr como eu queria. A minha ideia era estabelecer tréguas entre nós, antes de lhe pedir ajuda, mas o Fator Macy, deitou essa hipótese por terra. O melhor será simplesmente pedir ajuda.

Levo a mão ao bolso interior do meu casaco e tiro dois dos tubos de amostras bucais de ADN do Craig Ackerman que me restam. Deixo uma no bolso, por precaução.

– Não sei bem como isto funciona, mas preciso que leves isto aos teus colegas do laboratório forense para que o analisem e depois cruzem os resultados com as bases de dados da polícia, para ver se coincidem com o ADN de algum crime ou relatório de pessoas desaparecidas. Ou seja o que for.

O Zach lança um olhar furioso para o que eu tenho na mão, como se representasse um insulto, e levanta os olhos para mim.

– Não é assim que funciona, Nell. Esta nem sequer é a minha jurisdição. A bronca rebentou desde que eles descobriram que eu estava aqui. Têm surgido todo o tipo de problemas por estarmos a conduzir uma investigação na área deles sem que fossem informados. E como foi tudo mantido em segredo, a ideia que passa é que estamos a acusá-los de estarem envolvidos em algo. Não posso propriamente chegar lá e começar a pedir análises de ADN e pesquisas de bases de dados.

– Então, fã-lo através da esquadra de Londres. Não quero saber. Preciso que faças isto por mim. Por favor. – Sinto as lágrimas a arderem-me nos olhos. – *Por favor.*

– Não, Nell. Não posso mesmo fazer isso. Não faço ideia de quem é esse ADN. Se o introduzisse no sistema, o mais certo era que acabasse por lá ficar, embora eles digam que isso não acontece. Ao fazer isso, poderia estar a prejudicar de forma irremediável a vida de alguém inocente ou a permitir que um criminoso se safasse porque o seu ADN não foi introduzido no sistema de maneira legal.

Não consigo conter as lágrimas.

– Alguém está a tentar magoar-me, Zach, talvez até assassinar-me, e, se tu não me ajudares, é bem provável que consiga.

Nell

Sexta-feira, 1 de junho

Foi necessário mais algum tempo para convencer o Zach a ajudar-me. Ele levou-me para a sala de estar, deixou-me chorar um pouco e depois pediu-me que lhe contasse tudo.

Acabei por lhe contar tudo, mesmo sobre o Aaron e o trabalho que faz nos computadores e o facto de estarmos a obter informação por meios não inteiramente legais. Só depois disso é que o Zach disse que ia ver o que podia fazer.

– Preciso de te ver – disse-me ele, esta manhã, quando me telefonou.

A premência que senti na voz dele deixou-me assustada, mas simultaneamente feliz. Eu tinha razão relativamente ao Craig Ackerman, o que me deu um certo alívio, por perceber que não estava a enlouquecer. Eu tinha razão relativamente ao Craig Ackerman, o que me assustou, pelo facto de o ter trazido para a minha vida.

Combinámos um encontro junto à Estátua da Paz, na marginal. Creio que é a estátua de que mais gosto em Brighton e Hove. Foi erigida em 1912 e é a estátua de um anjo, de pé sobre um globo, com uma esfera numa mão, um ramo de oliveira na outra e as belas asas completamente abertas. Há algo de tranquilizante e encorajador no Anjo da Paz e no facto de se encontrar na fronteira entre as duas localidades, quase como se estivesse mediar as diferenças entre ambas, mantendo-as, ao mesmo tempo, unidas e recordando-lhes que sem a outra, não seriam cidade.

Creio que o sugeri por achar que era o local indicado para nos encontrarmos. Quando éramos mais pequenas, eu e a Macy costumávamos deixar os nossos pais para trás e correr até ali. Quem tocasse primeiro no pedestal onde a estátua se erguia, seria a vencedora do prémio imaginário: A Miúda Favorita do Lar dos Okorie. Eu era mais velha, maior e mais rápida e supostamente devia deixar a Macy ganhar, de forma a poupá-la ao sofrimento da derrota e demonstrar-lhe que era a irmã mais madura. E era isso que fazia quase sempre – deixava-me ficar para trás, para que ela pudesse chegar primeiro. *Quase sempre*. Por vezes, o orgulho, o espírito de competição e a teimosia prevaleciam, e eu ganhava-lhe por quilómetro e meio, tirando partido da minha altura e da minha força para a deixar bem para trás. Antes de tudo acontecer, a Macy era, aliás, sobejamente segura e confiante para não questionar as suas vitórias ou as suas derrotas, encarando-as simplesmente como parte da brincadeira. Sinto a falta da Macy que existia antes da primeira detenção: nunca parecia preocupar-se muito com nada. Atirava-se à vida e encarava tudo o que acontecia – bom ou mau – como parte integrante da vida. A Estátua da Paz é parte de uma história comum que recordo com profundo carinho.

Achei adequado encontrar-me com o Zach neste local porque pretendo que haja paz entre nós.

Ainda não falei ao Aaron sobre isto. Não posso. Ele voltou para junto do pai, naquela noite, e eu não podia correr o risco de deitar tudo a perder, caso o Aaron decidisse contar tudo ao Pope para

tentar voltar a cair nas suas boas graças.

Cheguei cedo, por isso estou na fila para comprar um café na loja junto à Estátua da Paz. O verão está à porta e os dias quentes e longos, o ar perfumado e a bela paisagem marítima estão a trazer mais gente. Visitantes que querem absorver Brighton, mergulhar em Hove e que, na verdade, começam a convencer-se de que podiam morar ali.

É possível distinguir quem vive aqui daqueles que vieram numa viagem de um dia ou que estão a passar vários dias, mas que agora se consideram um de nós. Usam demasiada roupa e trazem sacos volumosos, convencidos de que os pequenos guarda-sóis dobráveis farão frente ao vento à beira-mar, quando se irritar nem que seja ligeiramente. Param constantemente para tirar fotografias com as máquinas fotográficas ou simplesmente com os olhos.

As pessoas que nos visitam veem e *reparam* em coisas que nós, os que crescemos aqui, damos frequentemente por garantidas.

Olho para o meu café durante bastante tempo e depois decido voltar a meter-me na fila, tirar uma senha e esperar que chamem o meu número para comprar também um café para o Zach. Acabei de mexer o segundo cubo de açúcar quando ele chega. Está junto à base da estátua – um homem atraente, com uma expressão de medo estampada no rosto.

– Toma – ofereço, a título de saudação, estendendo-lhe o café.

Ele fica com uma expressão surpreendida.

– Para mim? – questiona.

Assinto com a cabeça.

– Dois cubos de açúcar. – Pergunto-me se terá entendido que o café é a minha forma de dizer: “Sinto a tua falta.”

Pergunto-me se deverei entender o seu incisivo “obrigado” como uma forma de me dizer: “Também sinto a tua falta.”

– Então, o que há de tão importante que não me pudesses dizer ao telefone? – interrogo, para que ele deixe de olhar para mim. Não me importo, embora considere, neste momento, altamente inoportuno dispersar-me seja de que maneira for. Alguém anda a querer fazer-me mal – a querer assassinar-me, como disse ao Zach –, por isso, será melhor não me distrair.

Ele parece ficar dececionado e desvia o olhar.

– Vamos andar – sugere.

– Tens qualquer coisa horrível para me contar, não é? – indago, quando começamos a caminhar na direção de Brighton.

– Olha, eu não devia ter feito isto. Não me perguntes como consegui. Várias pessoas poderão ficar em maus lençóis, se alguém souber. O que torna a minha descoberta ainda mais controversa.

– Não estou a entender. Descobriste que o Craig Ackerman está implicado na morte da *Sereia de Brighton*? – Repisei aquele tema vezes e vezes sem conta. Qual seria a relação entre ambos? Se a

data de nascimento do Craig Ackerman está correta, ele tinha apenas 26 anos quando ela morreu. Seria já um assassino com essa idade? Não me parece possível.

– Não – garante o Zach, depois de dar um gole no café. – Bem, não havia qualquer correspondência, nada que o ligasse ao caso nem à tua amiga Jude. Na verdade, não há nada sobre ele em nenhuma das bases de dados da polícia.

– O quê? Nada? Nada de nada? Não é possível. Tenho a certeza de que há alguma coisa. Qualquer coisa.

O Zach abana a cabeça, evitando olhar para mim.

– A sério, Nell. O homem nem sequer tem uma multa de estacionamento. É um cidadão exemplar.

– Estava tão certa disso... – Não posso acreditar. Porque iria a pessoa que assaltou o meu apartamento levar os ficheiros dele juntamente com os da Jude e da *Sereia de Brighton*? – Podias ter-me dito isso pelo telefone – digo. – Porque precisávamos de nos encontrar?

O Zach bebe um enorme gole de café e eu percebo, pela forma como franze o rosto, que queimou a língua. É óbvio que está a evitar dizer alguma coisa.

– Sabes como funciona o ADN, não sabes? – recomeça ele, finalmente.

– Sei.

– Olha... – Suspira. – Não havia nada sobre ele nas bases de dados. Mas quando cruzámos o ADN nos outros sistemas, surgiu algo. Descobrimos uma ligação na linha do cromossoma Y. Uma alta incidência de regiões polimórficas com sequências repetidas em paralelo que o liga a alguém que consta da base de dados criminal. O número de centimorgans e alelos comuns indica que se trata de um meio-irmão.

O tempo parece estar a parar. Sinto-o. O sangue arrasta-se de modo indolente pelas minhas veias na sua viagem pelo corpo, o ar demora séculos a entrar e a sair do peito e coração uma eternidade a contrair-se e expandir-se. Já sei o que vai dizer.

– O meio-irmão do Craig Ackerman chama-se Shane Merrill.

Tenho de parar de andar. Tal como o tempo, todo o meu corpo desacelerou até parar.

– Porquê? – consigo dizer. – O meu cérebro também está em desaceleração e sinto-me quase incapaz de reagir. *Porque está o Shane na base de dados? Porque me teria mentido acerca da identidade do Ackerman? Porque haveria ele de me fazer mal?*

– Porque está o Shane Merrill na base de dados? – O Zach esfrega os olhos despidos de pestanas com a mão, passando-a depois pelo crânio liso. Parece absolutamente angustiado com o que tem para dizer.

– Ele é... Ele é um violador condenado. Foi condenado através de provas de ADN.

Sinto o corpo trémulo e os joelhos prestes a ceder. Isto não pode estar a acontecer.

– Ainda não disse à Macy. Tecnicamente, eu nem sequer devia saber isto.

Estou a tremer. Como acontece quando bebo demasiado e o meu corpo atinge o limite da

resistência, como quando o John Pope me interrogou e insultou na esquadra da polícia.

O Zach continua com um ar desconfortável e perturbado. Agora que tirara um peso de cima dele não devia parecer tão... *assoberbado*. Coloca-se à minha frente.

– Olha, não há uma forma fácil de dizer isto, mas investiguei um pouco e lamento muito. A Macy contou-me que vocês tiveram uma relação e... algumas das acusações que não tiveram seguimento são mais ou menos da altura em que vocês estavam juntos.

Macy

Sexta-feira, 1 de junho

De: Macenna Okorie

Enviado: 1 de junho de 2018 10:53

Para: Clyde Higgson

Assunto: Divórcio

Clyde,

Gostaria que me desses o divórcio, por favor.

Dás-me o teu endereço – o do trabalho serve – para te mandar o requerimento? Pode ser um processo bastante rápido, uma vez que não vivemos juntos há mais de cinco anos e nunca estivemos financeiramente dependentes um do outro.

As crianças estão bem, já agora.

Macy

Nell

Sexta-feira, 1 de junho

Sempre me senti uma privilegiada por ter tido um orgasmo da primeira vez que tive relações sexuais. Dois, aliás. Não foi doloroso, ele foi gentil comigo e disse-me que me amava. A minha primeira vez não podia ter sido mais perfeita, pensava eu. E agora descubro que o primeiro homem com quem estive era, na altura, um violador condenado.

Não me consigo mexer, tal é o horror que sinto.

O Zach ajuda-me a sentar num banco próximo de nós.

– Lamento muito, Nell – repete ele, depois de longos minutos, ao ver que eu continuava sentada, com o rosto aninhado nas mãos. Sempre acreditei que era privilegiada por ter tido uma primeira experiência sexual positiva, mas essa experiência está agora a assumir contornos sujos e repugnantes, por ele ser o que é e pelo que fez a outra mulher. *Mulheres*. Foi a mais do que uma. Ele violou mais do que uma mulher. – Quem me dera não ter de te revelar isto.

Quando afasto as mãos e olho para elas, estou de novo a tremer.

– Tem de haver um erro qualquer – alego. – Tem de ser outro Shane Merrill. É única possibilidade que me ocorre.

O Zach fica em silêncio. Olha para dentro do copo de café e espera que eu me recomponha. Claro que é o Shane, claro que é.

– Depois do assalto, depois da ratazana morta, depois do que aconteceu à pobre da Sadie, pensava que as coisas não podiam piorar – argumento.

– Será mesmo uma surpresa, Nell? Tenta recordar-te da tua relação com ele. Será *mesmo* uma surpresa?

– Sim – respondo. – É uma surpresa. Ele foi gentil comigo. Maravilhoso, mesmo. Não me tratou mal. É por isso que, em parte, continuo a interrogar-me se isto não será tudo um enorme mal-entendido.

A expressão do Zach mostra claramente que ele não acredita em mim e se eu não tivesse passado por isso, se não tivesse andado com o Shane, também não acreditaria em mim própria.

– Juro que me tratou muito bem. Era agradável e gentil comigo, nunca levantava a voz e nunca me forçou a fazer nada que eu não quisesse. – Abano a cabeça. – Em todo o caso, achas realmente que eu tê-lo-ia deixado aproximar-se da minha irmã e das crianças se soubesse alguma coisa sobre isto? Ou se ele me tivesse obrigado a alguma coisa? Ele tratava-me muito bem.

– Mas alguma vez lhe disseste que não? – questiona o Zach. – Eu sei que disseste que ele nunca te obrigou a nada, mas em algum momento da relação recusaste sexo ou fizeste alguma coisa que ele não queria que fizesses?

É como se estivesse a interrogar-me. Não abertamente, nem sequer subtilmente, mas a conversa

enveredou, sem dúvida, por um rumo pouco próprio para se discutir com um namorado, ex-namorado ou mesmo um amigo. É como se me estivessem a exigir que desse conta da minha ligação com um suspeito.

– Creio que não – respondo-lhe, de forma cautelosa, pois agora sinto que estou a falar com um polícia – um sargento detetive, aliás. Tanto quanto sei, eles até podem estar a construir um caso contra o Shane, por algo que ajudei inadvertidamente a comprovar, complicando a minha própria vida, pois nunca irei saber quem anda atrás de mim nem porquê.

– Não precisas de falar nisso, se não quiseses – refere o Zach. – Estou apenas a perguntar porque tu eras, de facto, muito jovem quando andaste com ele. A maioria dos jovens, especialmente as raparigas, raramente dizem não aos namorados e só percebem quem é o homem que realmente amam quando lhe dizem que não. Dizes que ele era gentil contigo e te tratava bem, mas alguma vez tiveste hipótese de lhe dizer que não ou ir contra o que ele queria? Porque é nessa altura, geralmente, que a verdadeira personalidade se revela.

Quanto fui para a universidade, penso, mas não o digo. Ele tornou-se desagradável quando insisti em ir para a universidade. Insultava-me, dizia-me coisas horríveis, insinuou que o que eu queria era sair e andar a dormir com todos, que era uma miúda reles, uma galderiazinha – exatamente o que o Pope me chamara. Fiquei devastada, mas depois distorci a história na minha cabeça e arranjei maneira de o desculpar: ele estava zangado porque me amava e eu estava a abandoná-lo, pelo que era compreensível que se excedesse. É assim que se reage quando alguém que amamos nos magoa. Era o que eu dizia a mim própria a toda a hora. É o que ainda digo hoje em dia. Só que sempre me pareceu que aquilo era demasiada dor e fúria. Ele não estava apenas a dizer o que sentia, estava a tentar magoar-me, rebaixar-me, a tentar coagir-me, por todos os meios, a fazer o que ele queria.

É a minha vez de baixar os olhos para o café. Vistas bem as coisas, eu nunca disse que não ao Shane. Relativamente a nada.

Mas isso só aconteceu, sobretudo, porque nunca discutíamos, nem éramos ásperos um com o outro. Estava tão apaixonada por ele, pela forma como transformara a minha vida, pois era alguém com quem eu podia passar tempo, depois do desaparecimento da Jude. Independentemente disso, adorava-o. Ele estava sempre a dizer-me que me amava. Abraçava-me como se eu fosse algo de precioso. Olhava-me como se mal pudesse acreditar na sorte que tinha.

E, para ser franca, creio que era por isso que nunca o contrariava. Não tinha voz nem poder para me relacionar normalmente com ele. Era jovem, ingénua e estava desesperada por companhia.

Mas agora tenho de olhar para a nossa relação sob outro prisma, tendo em conta o que ele, na mesma altura, andava a fazer a outras mulheres. Admito que ia ter com ele sempre que *ele* queria. Nem por uma vez lhe pedi que viesse ter comigo, pois nem em sonhos me passaria pela cabeça exigir-lhe que dispusesse do tempo dele dessa forma. Se ele não sugerisse a hora do nosso encontro

seguinte, eu limitava-me a sair e tentava entreter-me com o trabalho da escola até que ele voltasse a aparecer.

O Shane foi o meu primeiro homem e controlava totalmente – *totalmente* – a nossa, isto é, a *minha* vida sexual. E não apenas dispondo sexualmente de mim como e quando quisesse. Eu não estava autorizada a decidir como nem quando queria ter os meus orgasmos. Era sempre o Shane quem decidia e os provocava.

Se tentasse masturbar-me durante o ato, ele puxava-me a mão e segurava-a. Eu não estava autorizada masturbar-me. *Aquilo* era da sua exclusiva competência. Se eu quisesse avançar para a penetração antes de ele me fazer sexo oral, ele fazia o possível para ter o orgasmo antes de mim, quase como se achasse que eu tinha desperdiçado a oportunidade de ter prazer, por tê-lo contrariado sobre a forma como ele queria que eu tivesse o orgasmo. As minhas viagens ao êxtase eram uma prerrogativa sua. Lembro-me de ele me dizer, mais do que uma vez, que a ideia de eu me masturbar sozinha o deixava triste, porque adorava ver-me a ter prazer e que ao fazê-lo a sós ele sentia que eu não precisava dele. Nunca me disse para não o fazer, mas como eu era jovem, ingénua e desesperada por companhia, isso foi o suficiente para que eu obedecesse e nunca me masturbasse na sua ausência.

O Shane era maravilhoso para mim... E tudo o que eu fazia, sobretudo relativamente ao sexo, tinha, necessariamente, de girar à volta dele. Mas, na verdade, estaria isso no mesmo espectro dos crimes de que fora acusado? Não, não apenas acusado, mas condenado?

– O que fez ele? – perguntei ao Zach.

Perante o silêncio dele e a forma como parecia procurar demasiado consolo no café, percebi que era mau. O tipo de revelação que me faria sentir suja por dentro. Por fim, ele roda a cabeça para me encarar, porque sente que estou de olhos fixos nele, e o rosto volta a revelar o imenso fardo que carrega.

Julgava que me ia apaixonar por ti, penso, quando olhamos um para o outro. *Julgava que tínhamos futuro, um futuro só nosso*. O Zach olha-me como se estivesse a pensar a mesma coisa, como se esperasse que os nossos futuros se conjugassem e pudéssemos ter uma vida em comum.

Depois, clareia a garganta e concentra-se num ponto à distância, por cima do meu ombro.

– Queres mesmo saber, Nell? *A sério?*

– Não, não quero saber, mas preciso de saber para não enlouquecer.

– Muito bem. Mais uma vez, digo-te que não te devia contar isto, pois não é suposto eu saber. Ele foi acusado, pela primeira vez, em 1991.

– Mas na altura ele devia ter apenas uns 20 anos – atalho.

– Eu sei. A princípio, negou, mas as provas de ADN demonstravam o contrário e ele acabou por dizer que fora consensual. O júri não acreditou, mas o juiz compadeceu-se dele, pelo facto de ser um jovem estudioso com um futuro brilhante pela frente, e puniu-o com uma sentença bastante leve. Esteve preso menos de um ano e saiu por bom comportamento. Obtive toda essa informação nos

registros, portanto, esta é a minha interpretação do que li e ouvi.

– Mas há mais? – pergunto.

– Sim, há mais. Olha...

– Conta-me, Zach. Já sou crescadinha. Conta-me.

– Face ao mundo exterior, parecia ter aprendido a lição com essa primeira condenação. Estava aparentemente regenerado quando saiu da prisão. Frequentou um curso para condenados, continuando, entretanto, a alegar inocência, e endireitou a vida. Arranjou um emprego, assentou e começou uma relação. – O Zach aponta para mim. – Mas, na verdade, apenas aprendeu a usar um preservativo e a comprometer vestígios de ADN. Até porque, na altura, esse era um método ainda muito recente na ciência forense.

– Como é que ele fez isso?

– São coisas desagradáveis, coisas que nos consomem a alma. Deu-me que pensar e eu lido com este tipo de situações há anos. Acho que não devias ouvir isto. Mesmo que queiras ouvir, não me apetece dizê-lo em voz alta. É o tipo de coisas que me atormentam. Basta dizer que não voltou a ser condenado. Foi detido algumas vezes, acusado mais vezes ainda, mas nunca havia provas suficientes e ele conseguia levantar demasiadas dúvidas relativamente aos testemunhos para que o Ministério Público conseguisse avançar como o processo, como pretendia.

Então, o Shane está implicado no caso da *Sereia de Brighton* e de todas as outras? Foi ele quem matou todas essas mulheres? Mas qual é o papel do Craig Ackerman em tudo isto? Porque iria o Shane envolvê-lo nisto, mandando-me ao encontro dele, se o seu nome não estava associado a nenhum crime?

– Quantas mulheres foram? – interrogo.

– Tu não queres saber, Nell. A sério.

– Quero. Quero mesmo saber.

– Foram bastantes, OK? – vocifera, irritado. – Um número suficiente para que eu não entenda por que razão não o conseguiram tirar das ruas. Ele é da pior escumalha. Mas creio que escolhia as vítimas a dedo. A maioria das mulheres que apresentaram queixa na polícia tinham sofrido esgotamentos nervosos. Parte de mim interroga-se se, na altura, a polícia teria achado que não valia a pena investigar. Se terão fechado os olhos pelo facto de as vítimas do Shane corresponderem àquele perfil de jovens recorrentemente desacreditadas e desvalorizadas. – Esfrega os olhos com as mãos. – Desculpa ter sido áspero contigo. Tudo isto me deixou incrivelmente furioso. Além disso, não posso fazer nada, porque o caso não é da minha jurisdição... Custa-me imenso pensar que não foi feita qualquer espécie de justiça com nenhuma dessas jovens porque ninguém se interessou suficientemente pelo caso.

O Zach não me contou nem metade da história. O Shane andava a violar mulheres enquanto estávamos juntos. Enquanto estava na cama dele, a desfrutar, julgava eu, dos mais fantásticos

momentos de sexo, ele andava a violar mulheres.

– Serei a culpada? – questiono. – Será que eu não o satisfazia e ele tinha de sair e fazer isso? – O Zach seria franco comigo. Mesmo que não queira responder-me, encontrará uma forma de o transmitir.

Ele tira a mão do rosto e franze-me o sobrolho.

– Não, não. Claro que não – responde. Depois, coloca um braço à volta da minha cintura e puxa-me. – Isto não tem nada que ver contigo. Sabes tão bem como eu que a violência sexual e o estupro não têm nada que ver com sexo. É tudo uma questão de poder e controlo. Não tens culpa nenhuma disto. Além disso, ele começou a fazê-lo muito antes de te conhecer.

– Mas se eu o preenchia, não devia ele ter parado quando estava comigo?

– Não é assim que funciona, Nell. Se ele tiver a compulsão para o fazer, nenhuma mulher o vai conter, por muito maravilhosa que seja.

Gosto de ser abraçada pelo Zach. É um abraço agradável e familiar, algo a que rapidamente me habituei. Ficamos em silêncio durante longos minutos, até porque sei que essa magia se irá dissipar assim que eu falar. Ele voltará a ser um agente da polícia e eu alguém com laços emocionais profundos com um prolífico criminoso.

– Não sei como vou contar tudo isto à Macy. Isto vai destruí-la – digo, enquanto me endireito, afastando-me dos braços e do calor do Zach.

– Eu sei – murmura ele. – Queres que lhe conte? Estou habituado a dar más notícias.

– Não – replico, sacudindo a cabeça. – Tenho de ser eu a contar-lhe. Devo-lhe isso. Mal posso acreditar que ele tem andado a escapar-se de casa e a fazer isto estes anos todos. É inacreditável.

– Por aquilo que consegui ver, não o faz há algum tempo – garante o Zach.

– Mas acabaste de dizer que é uma compulsão. Porque haveria de parar?

– Não sei. Na verdade, não tenho a certeza se continua ou não a fazer, mas há anos que não há registo de ataques que correspondam ao seu *modus operandi* – especialmente a forma como adultera os vestígios de ADN e o roubo de bijuteria.

– Roubo de bijuteria?

– É uma coisa que ele faz desde o início, e que é pouco provável que tenha mudado. Roubar uma peça de bijuteria de cada uma das vítimas. Troféus, se quiseres. Ou tira-lhes ou convence-as a entregarem-lhe. Ele prefere objetos que tenham significado para as vítimas: anéis antigos, medalhões e coisas do género. Se elas não tiverem algo assim, tira-lhes o que tiverem, nem que seja um relógio de plástico barato, um travessão ou uma madeixa de cabelo. Qualquer coisa. Há anos que ninguém se queixa disso. Mesmo que as circunstâncias dos crimes sejam semelhantes, parece faltar esse detalhe.

– Bijuteria – murmuro. Foi isso que o Pope disse que ligava os casos das sereias. A todas faltava uma peça de bijuteria. Então, era *mesmo* ele. Foi mesmo ele quem as matou.

Sinto-me como se me tivessem esmurrado de novo. O Shane é um violador. O Shane, com quem

dormi durante dois anos, é um violador. O Shane, companheiro da minha irmã, é um violador. Andaria a violar mulheres ao longo da costa? Teria começado a matar para não deixar rasto? A *Sereia de Brighton* foi o primeiro cadáver desse tipo a aparecer. Terá sido o primeiro de uma série de crimes? Será que o Craig Ackermann é irmão e parceiro no crime?

– Sabes mais alguma coisa, Nell? – pergunta-me o Zach.

– O que poderia eu saber?

– Estás com ar de quem acabou de estabelecer uma ligação. Qual foi?

Olho para o homem que, em tempos, foi meu amante, o homem que podia ter amado, o homem por quem podia ainda apaixonar-me, se parasse de me fechar. Podia contar-lhe, abrir-me com ele, mas sei que vou acabar por fazer aquela coisa verdadeiramente irritante que o meu pai também faz: não vou contar nada. É demasiado cedo. Não quero dizer-lhe e depois ser engolida por uma investigação que poderá tornar-se muito mais vasta.

– Não te posso contar – digo-lhe.

O Zach pressiona firmemente a língua contra o interior da bochecha e o seu olhar endurece.

– Não podes ou não queres? – solta, por fim.

– Ambas. Não sei o que há para contar, mas mesmo que soubesse, não te contaria. Lamento. Sei que fizeste o possível e o impossível para obteres estas informações, mas primeiro preciso de perceber uma série de coisas. Depois, posso contar-te. Talvez. Provavelmente.

Ele abana a cabeça, desesperado, pois sabe que, diga o que me disser, não vou mudar de ideias.

– Vais atrás dele, não vais?

– Não – respondo. E não vou. Vou atrás dos troféus, das peças de bijuteria que ele roubou. Talvez não o liguem diretamente à *Sereia de Brighton* nem a qualquer outra das outras sereias que apareceram, mas vou encontrar as peças das outras mulheres. As que não se tornaram sereias, as que ele brutalizou e roubou, mas a quem nunca foi feita justiça.

– Oh, meu Deus – suspira o Zach. – Não te devia ter contado. Já devia saber que, ao contar-te, iria empurrar-te para ele, e não afastar-te dele. – Fecha os olhos e abana a cabeça. – Ele é perigoso, Nell. Afasta-te dele. Se é ele que anda atrás de ti, então isso deve ser o suficiente para perceberes até que ponto é perigoso. Tanto quanto sabemos, o motivo por que, mais recentemente, não foi alvo de queixas é o facto de todas as suas vítimas estarem mortas.

– Não vou atrás dele.

– Diz-me o que sabes, Nell. Talvez seja o suficiente para eu desencadear uma investigação, tanto a casos passados como no presente.

– Não posso fazer isso. Se o fizer e forem falar com ele, poderão alertá-lo e permitir que cubra o rasto.

– Nell... promete-me que não te vais aproximar dele. Promete-me.

– Prometo que não me vou aproximar dele.

O Zach fecha os olhos e fica perfeitamente imóvel, como se estivesse a tentar ouvir algo. Possivelmente, a mentira por detrás das minhas palavras.

– Está bem – diz ele, ao abrir os olhos. – Dá-me o teu telemóvel.

– Porquê?

– Dá-me o telemóvel.

Obedeço.

– Por favor, introduz a tua *password* e ativa a aplicação para localizar o telemóvel ou os amigos.

– Nem pensar! – reajo, voltando a arrancar-lhe o telemóvel das mãos. – Isso significa ativar o serviço de localização e registar-me na *cloud*, e eu não faço isso.

– Eu faço o *login* na minha *cloud* com o teu telemóvel, para te poder localizar.

– Nem pensar!

– Ou é assim, ou serei obrigado a ter uma conversinha informal com o Shane. A escolha é tua.

Apanhada. Depois de me certificar de que não haveria *uploads* automáticos para a *cloud*, entrego-lhe o telemóvel, já preparado para ele fazer *login*.

– Quando te meteres em sarilhos – diz ele, enquanto escreve no meu telemóvel. – Porque é mais do que certo que é isso mesmo que vai acontecer, manda uma mensagem apenas com um “S”. Apenas “S” e eu vou à tua procura.

– Não vou precisar que me salvem, porque não tenciono fazer nada de estúpido.

Quando me devolve o telemóvel, olha para os adornos dos meus pulsos.

– E vê se te desembaraças dessas pulseiras – aconselha ele. – São demasiado barulhentas e vão acabar por te meter em sarilhos.

– Eu não vou...

– Mantém contacto regular comigo.

– A sério, eu não...

– “S”. Escreve apenas “S” e eu vou à tua procura – repete ele.

– Francamente, Zach. Não há razão para te preocupares. Não me vou aproximar dele.

E estou a falar a sério, muito a sério.

Nell

Sábado, 2 de junho

Nunca estive no quarto da Macy e do Shane.

Entrei algumas vezes, para deixar roupa em cima da cama ou quando encontrei o bilhete que a Macy deixou, antes de fugir de casa, mas nunca lá fiquei muito tempo. Mas é lá que estou agora, a olhar em redor e a interrogar-me sobre os segredos que esconde.

Desde que estive com o Zach que me sinto doente só de pensar que eu e a minha irmã nos envolvemos com alguém como o Shane, e que os filhos da Macy o encaravam como figura paterna há mais de meia década.

Na noite anterior, fiquei deitada na minha cama, sem conseguir pregar olho. Os mais diversos pensamentos, ligações e revelações pareciam explodir no meu cérebro, iluminando trajetos na minha mente, como as luzes que se sucedem a um apagão.

O Shane e a *Sereia de Brighton*.

Se foi ele, muita coisa passaria a fazer sentido. Podia significar que tinha ido à minha procura, conquistara-me e andara comigo por eu ser uma das raparigas que encontrara a *Sereia de Brighton*. Quando fui para a universidade e depois não quis reatar a minha relação com ele, podia ter-se envolvido com a minha irmã para ficar próximo. Não por mim, mas para descobrir o que eu sabia.

Se foi ele, tudo o resto devia ter sido obra dele: o assalto, a ratazana morta... Ele sabe que as ratazanas são praticamente uma fobia para mim.

Se foi ele, eu e a minha irmã dormimos com um assassino em série. Sempre que penso nisso, sinto uma náusea quase incontrolável a crescer dentro de mim.

E se não foi ele? E se o Shane não tiver nada que ver com a *Sereia de Brighton* e tudo aquilo forem apenas coincidências? Os ficheiros desaparecidos, a bijuteria roubada às mulheres que ele... que ele... A ideia é demasiado horrenda para conseguir sequer pensar nisso. Mas qual é a ligação do Craig Ackerman com tudo aquilo? Talvez fosse tudo obra dele. Talvez o Shane estivesse a ser controlado pelo Ackerman e estivesse a tentar proteger-me, assim como à Macy. Talvez a presença da Macy tivesse transformado o Shane, mas o Ackerman soubesse dos seus rabos de palha e, por isso, estivesse a obrigá-lo a alinhar com ele, para não perder tudo.

E são justamente estas dúvidas, estas ligações – que poderão não passar de coincidências – que tornam imperativo encontrar esses troféus. Se os encontrar, eles poderão conter ADN que os ligue às outras sereias e, nessa altura, saberei.

Queria vir mais cedo, mas tive de passar pela casa dos meus pais, para saber como estavam as crianças, já que nem a Macy, nem o Shane estavam presentes e eu não as vira durante toda a semana.

Estou mesmo à entrada da porta do quarto deles, de sapatos calçados. Sei que a Macy não autoriza sapatos dentro de casa, mas não posso ficar aqui durante muito tempo e não quero perder

tempo a desatar e atar novamente os atacadores dos sapatos. Pelo que vejo, o Shane deve estar fora há alguns dias. Há muito correio atrás da porta e a casa não parece habitada há algum tempo.

O quarto deles tem uma cama enorme, impecavelmente feita, claro, e tudo está imaculadamente limpo. Tanto a Macy como o Shane são fanáticos da limpeza. Um dos primeiros sinais de que a Macy estava a ter um esgotamento nervoso foi começar a desleixar-se e a deixar coisas pelo chão. Mesmo agora, com a Macy ausente de casa, o Shane mantém o quarto impecável. Olho em redor. Se o Shane for quem o Zach disse que era, deve manter os troféus por perto, para que lhe proporcionem emoções constantes. À semelhança do alcoólico que bebe furtivamente um gole da sua bebida preferida em frente de toda a gente – desfrutam do prazer do vício e, ao mesmo tempo, do facto de ninguém saber o que estão a fazer.

Onde os esconderia ele? Viro-me de frente para a enorme cama ornamentada, tipo trenó, com um colchão alto. Não os esconderia ali, certamente. Não. Qualquer golpe ou rasgão no colchão não passariam despercebidos à Macy. Enquanto observo a cama, reparo num conjunto de roupeiros brancos, com uma combinação de gavetas, cubículos e secções deslizantes para acessórios. Lembro-me da felicidade da Macy, quando os estava a desenhar, por estar a concretizar um sonho: arranjar espaço para tudo.

Olho para os roupeiros. Seria demasiado óbvio, mas estou sempre a ouvir dizer que é possível guardar coisas à vista de todos. Talvez estejam guardados nas gavetas de joias da Macy. Não. Qualquer pessoa com um transtorno obsessivo-compulsivo daria por isso. Além disso, ela não é mulher para usar joias. Por vezes, penso que ela se recusa a usá-las para demonstrar como somos diferentes.

Sinto a falta do ruído das minhas pulseiras nos pulsos. Sem elas, não pareço eu. Mas o Zach tem razão. Tornam-me demasiado conspícua.

Sem elas, não pareço eu, mas consigo ouvir o meu coração. Bate descompassadamente. Não sei quando o Shane estará de volta e não quero que ele me surpreenda ali. Não em sua casa, muito menos no seu quarto. O coração martela ruidosamente no peito. Parece um cronómetro a marcar os segundos que me restam até que ele chegue a casa. De ambos os lados da cama há um conjunto de gavetas. Pequenas gavetas brancas com minúsculos puxadores cromados. Ali não estão, pois a Macy facilmente os encontraria.

Talvez debaixo da tapete, sob uma tábua solta do soalho.

À direita da cama, junto à ampla janela saliente, está o grande sofá de cabedal de dois lugares. Por trás, estão os estores. Também eles fizeram as delícias da Macy. Outro acessório da casa de sonho que riscou da lista. Obrigou-me a verificar exaustivamente as amostras com ela, acabando por escolher uma peça antiga de seda colorida, em vez do branco.

Sinto muita tristeza quando penso nesta casa. Lembro-me da altura em que ela andava a arranjá-la, a escolher a decoração e a planear como mobilar cada divisão. Durante esse período, fomos

verdadeiramente amigas e irmãs, trabalhando juntas sem que sobre nós pendesse qualquer espécie de animosidade. Eu era a sua caixa de ressonância. Nunca a tinha visto tão empolgada.

E agora está prestes a perder a casa e tudo o que ela contém, pois quando souber quem é o Shane, não vai conseguir continuar a viver ali.

É por isso que aqui estou. É por isso que preciso dos troféus. Não apenas para resolver o mistério da *Sereia de Brighton* e das outras sereias, mas também para provar à Macy que não o faço para, mais uma vez, lhe destruir a vida. Ela tentará convencer-se de que não foi o Shane e que mesmo que tenha sido, tudo isso pertence ao passado. Se eu tiver os troféus, terei algo de concreto para lhe mostrar.

Mas onde estarão eles?

Tenho a certeza de que estão ali dentro. Devem estar num sítio com acesso restrito. A Macy é a única pessoa que fica ali sozinha. Que eu saiba, mais ninguém anda pelo quarto deles a mexer em coisas. Aliás, ninguém se lembraria de vasculhar pelos cantos um espaço arrumado, limpo e confortável.

Olho para o sofá de cabedal castanho-claro, de dois lugares – é largo, baixo e sobressai junto à janela. Já era do Shane antes de eu o conhecer. Cuidou bem dele, tratando o cabedal para o manter macio e com aspeto de novo. Mandou-o estofar por diversas vezes, para o manter utilizável, creio. Ainda me lembro do dia em que ele me disse que fora um presente dos pais. Nessa altura, também o tinha no seu pequeno quarto. Pareceu-me ridículo tê-lo no interior do quarto, no seu primeiro apartamento. Foi também no quarto desse apartamento que dormi com ele, depois de sair da universidade.

O sofá de dois lugares.

O restante mobiliário da casa é novo. Quando se mudou para casa da Macy, o Shane costumava brincar com o facto de não ter ficado com nada da sua vida anterior. “Ela só me deixou ficar com o carro e com o sofá. Tive de me desembaraçar de tudo o resto. Mas até o carro terá agora de ser substituído por outro em que caibamos todos.” Eu sabia que ele estava a exagerar. Sim, realmente desembarçou-se de toda a tralha quando foram viver juntos, mas única peça pela qual se mostrou relutante em desfazer-se foi o sofá, objeto que eu vi em todos os quartos onde tinha estado.

Os troféus só podem estar no sofá.

O cabedal castanho-claro é muito macio e os estofos afundam-se assim que me sento e começo a enfiar as mãos de lado, junto à almofada da base. Nada. Nem uma moeda solta ou uma pluma. É óbvio que ele limpa regularmente o sofá, para o caso de alguém o examinar com demasiada atenção. Vou atrás do sofá e empurro-o para a frente. As costuras na parte de trás são fortes e nada parece estar fora do lugar. Aqui atrás, nada parece indiciar a existência de uma pala extra ou um compartimento secreto. Deve estar por baixo. Contorno o sofá para a parte da frente e volto a empurrá-lo para trás, tendo o cuidado de alinhar os pés sobre as marcas que deixaram na carpete

macia e clara. Depois, estendo-me de barriga para cima e enfio a mão por baixo do sofá. Passo os dedos por baixo do forro macio e ligeiramente frio, e nada parece estar fora do sítio. Tateio a armação rija ao longo da borda do sofá e os meus dedos sentem algo. Um retalho de tecido dobrado como uma bainha.

O meu coração quase para.

Não queria *acreditar* que o Shane tinha troféus dos crimes que cometera, recordações dos ataques que serviriam apenas para prolongar o sofrimento das vítimas, já que a perda desse objeto ficaria para sempre gravada na memória das vítimas. Esses objetos encerravam um conceito abstrato que, no fundo, eu sabia que jamais iria realmente compreender. Socorro-me dos dedos para abrir a costura fechada com velcro e introduzo-os na abertura. Volto a retirar os dedos, para chegar o corpo mais à frente e enfiar um pouco mais o ombro por baixo do sofá, de forma a conseguir meter os dedos mais no interior da cavidade.

Está qualquer coisa lá dentro. Sem dúvida. Empurro os dedos mais para dentro, tentando alcançar o que lá está. Estou quase... quase a tocar-lhe. Depois, sinto uma dor aguda no indicador. Devo ter tocado numa mola solta.

– Au – resmungo, puxando bruscamente a mão para fora.

Piquei a extremidade do dedo e uma gota de sangue formou-se na ponta do dedo.

– Bestial – resmungo para os meus botões, e levo o dedo à boca para estancar o sangue, antes que comece a escorrer – era mesmo o que faltava, sujar de sangue a linda carpete creme da Macy e do Shane.

Sugo o pequeno corte até sentir que parou de sangrar e posso tirar o dedo da boca. Volto a examinar o pequeno orifício mesmo no centro do dedo. É bastante doloroso para uma picada de aparência tão inócua.

Clique.

Estou prestes a esticar novamente o braço por baixo do sofá, quando ouço um estalido. Um estalido muito baixo, mas perfeitamente perceptível, algures numa parte da casa. O Shane. Já voltou e anda a percorrer a casa. Deve ter visto luz no quarto e ficou intrigado, uma vez que o resto da casa está às escuras.

Levanto-me bruscamente e viro-me para o sofá, certificando-me de que está na posição certa, antes de me virar de frente para a porta.

– Nell! Mas que raio! – solta o Shane. – Julguei que fosse um ladrão ou coisa parecida!

Apareceu repentinamente. Sinto o coração na boca. Percorreu toda a casa em silêncio e em menos de um fósforo.

– O que estás a fazer no meu quarto? – pergunta ele, perante o meu silêncio.

Estou incapaz de falar, claro, e também não o consigo encarar. Imediatamente antes de olhar para ele, a imagem da *Sereia de Brighton*, com o rosto desfigurado de medo e petrificado de dor, surge

momentaneamente na minha mente. Foi ele. Se não matou a *Sereia*, matou as outras mulheres.

– Eu... hum... estava aqui a ver se encontrava... a ver se encontrava alguma coisa que me pudesse indicar onde a Macy está – minto. Uma onda de calor percorre-me o corpo. Sinto a cabeça a latejar e o coração a martelar-me no peito. Tenho de sair dali.

– Ainda não tiveste notícias dela? – pergunta o Shane.

Para alguém que me chamou *grande cabra* da última vez que falámos, parece-me bastante calmo. Na altura, quando levei as crianças para casa dos meus pais, ele não me dirigiu a palavra. Limitou-se a abraçar os miúdos, dizendo-lhes que iam partir numa grande aventura, que os amava e que ia sentir a falta deles. É isso que me custa a entender no meio de tudo isto. Como é que conseguia ser tão normal, tão *carinhoso* e, ao mesmo tempo, tão criminoso? Estou sempre a esquecer-me de que as pessoas raramente são apenas uma coisa. Nem totalmente boas nem totalmente más. Têm diferentes facetas. Mas só alguém verdadeiramente hediondo como o Shane consegue separar tão habilmente realidades tão diferentes, não é?

– Não... hum... não. – Tenho de limpar a garganta várias vezes e respirar fundo. Estar tão perto dele faz com que seja difícil agir normalmente. É como estar debaixo de uma lâmpada de interrogatório, com o calor a enfraquecer-me. Sinto a ponta do dedo a latejar e tenho de o meter novamente na boca, para limpar o sangue que voltou a acumular-se.

– Tens a certeza de que é só isso? – interroga o Shane, entrando no quarto e dirigindo-se para o lado da cama que tem o roupeiro.

Dou um passo para porta, na direção oposta do Shane, aproximando-me da saída pelo lado da janela.

– O que queres dizer com isso? – pergunto-lhe, ainda com o dedo na boca.

Ele acena com a cabeça na direção da cama.

– Tens a certeza de que não queres... enfim... matar saudades?

Sinto o coração a disparar.

– Contigo? – digo, tirando o dedo da boca.

O Shane dá mais um passo na minha direção.

– Sim, comigo, claro.

Abano a cabeça, tentando não parecer ofegante. Medo. Aquele homem está a assustar-me. Aliás, a apavorar-me. Tenho boas razões para isso, mas nunca pensei que isso me deixasse tão abalada fisicamente. Dou mais um passo na direção da porta, tentando aumentar a distância entre nós. Não quero ficar encurralada com ele naquele lado do quarto. Se conseguir chegar à porta, posso fugir.

– Não, não quero *matar saudades* tuas – garanto, deixando apenas transparecer uma pequena fração do nojo que sinto, só de pensar nisso.

– Ah, vá lá, Nell. Já reparei na forma como olhas para mim – continua. Enquanto fala, vai-se aproximando e eu vou tentando afastar-me mais na direção da porta. Sem o ruído das pulseiras,

consigo ouvir a minha própria respiração. A respiração e o coração, e ambos parecem ensurdecedores. Tenho a certeza de que ele também ouve. Tenho a certeza de que ele, à semelhança de outros predadores, está a sentir o meu medo. Tenho a certeza de que me vai atacar, porque já percebeu que estou a respirar com dificuldade.

Abano a cabeça, porque não consigo falar. Estou demasiado concentrada na minha respiração, na porta, na fuga.

– Não tem importância, Nell. Eu sei.

Nessa altura, tenho de o encarar, e a imagem da *Sereia de Brighton* volta a surgir-me na mente.

– Sabes o quê?

– Sei que me desejas tanto como eu te desejo.

Volto a abanar a cabeça. O meu peito... Sinto um enorme aperto no peito. Não vou conseguir correr com aquela sensação de opressão.

– Estás bem? – pergunta o Shane. Percorreu o espaço entre nós em menos de um segundo e está agora ao meu lado. – Não pareces estar muito bem.

De repente, o mundo parece inclinar-se. É como se estivesse no convés de um navio e ele tombasse subitamente para um lado. O Shane agarra-me, porque, como é óbvio, só eu estou a inclinar. Não me surpreende que não pareça bem, pois não me sinto nada bem. Não pode ser apenas medo a provocar-me isto.

– Eh, lá! – solta o Shane, olhando-me com um ar preocupado. Depois de me amparar, não me liberta. Agarra-me firmemente pelo bicípite com uma mão. Depois, com a outra pega no dedo que está a sangrar. – Parece que te magoaste – diz ele, a sorrir. Aquele sorriso gela-me a alma. Antes que eu consiga fazer o que quer que seja, ele leva a minha mão aos lábios e passa a língua pela palma da minha mão. Afasto bruscamente o braço dele, antes que o meu corpo assimile o contacto com a sua boca. Mas ele tem um grande poder sobre mim, e eu tenho de fazer um enorme esforço para me libertar dele.

– Parece que te magoaste a fazer algo que não devias – censura ele.

– O quê? – consigo dizer.

– Parece que te magoaste ao pôr a mão onde não devias, Nell.

– O quê...?

– Pobre Nell, a meter o nariz onde não deve – continua o Shane, ainda agarrado ao meu braço.

Quero fugir, mas não consigo. O corpo não me obedece. Tento mover as pernas, mas parecem coladas ao chão. Tento afastar-me dele, mas os meus braços estão inertes. Estou tonta, com a visão oscilante. A pressão no peito esmaga-me o coração, impedindo-o de bater.

– Não sou estúpido, sabes? – afirma calmamente o Shane. – Eu jamais deixaria os meus bens mais preciosos sem proteção. – Inclina-se tanto para mim que eu só quero recuar, mas não consigo. – Dentro de um minuto estarás a dormir, Nell. Sê a boa menina que eu sei que és e não resistas.

– O que...

– O que é que eu te fiz? Nada. Tu é que fizeste a ti própria. Não devias andar a pôr a mão onde não deves.

Olho para o corte na minha mão. Está novamente a sangrar. O sangue está acumular-se na ponta do dedo como um pequeno rubi. Sinto a garganta seca e os olhos pesados. É impossível mantê-los abertos.

– Fecha os olhos, Nell. Será tudo muito melhor se fechares os olhos...

Macy

Sábado, 2 de junho

– Tiveste notícias da tua irmã? – O Zach é a preocupação em pessoa. Não há outra forma de descrever a sua expressão e a posição do seu corpo. É como se alguém o tivesse esculpido para parecer assim. Atira-se praticamente a mim quando eu regresso da rua, onde fui buscar comida a um *takeaway*.

– Porque haveria de ter notícias dela? Ela não tem o meu número novo, a menos que lho tenhas dado.

Ele abana a cabeça.

– Claro que não lhe dei.

– Mas já a *viste*? – pergunto.

– Sim. Vi-a ontem. Mas preciso de a encontrar. Ela está desaparecida.

Duvido que ela tivesse desaparecido, pois jamais abandonaria as crianças. Ou será que abandonaria? A avaliar pela preocupação do Zach, talvez isso não seja um dado adquirido. Afinal de contas, eu própria o fiz e seria capaz de matar por elas.

– E os meus filhos? – questiono. – Onde estão?

– Estão com os teus pais – replica ele, como se isso não fosse nada de mais. Mas é grave. Muito grave. Porque estão os meus filhos com os meus pais? Nunca deixo os meus filhos com os meus pais, a menos que eu também esteja lá. Não depois da história da Jude. As únicas pessoas que conheço a quem os confiaria a cem por cento são a Nell e o Shane.

– O quê? Porque estão eles com os meus pais? Onde está o Shane?

– Essa era a segunda pergunta que eu ia fazer: sabes onde está o Shane?

– Porque haveria de saber onde está o Shane? Que raio se está a passar?

– Olha, é complicado, está bem? – afirma ele, num tom demasiado evasivo para o meu gosto. Afinal, estamos a falar dos meus filhos. É óbvio que eles ainda não conseguiram entrar em contacto comigo, mas ele não pode simplesmente dizer que “é complicado”, quando as pessoas mais importantes da minha vida não estão entregues aos cuidados de quem eu pensava que cuidaria melhor deles do que eu. Quando foram parar aonde eu preferia que não estivessem.

– Não me digas que é complicado. Diz-me o que se está a passar com os meus filhos.

– Para ser franco, não sei. A Nell disse-me apenas que ia deixá-los com os teus pais durante as férias do semestre.

– As férias do semestre? Estão lá há uma semana? – *Raios te partam, Nell.*

– Ela disse que estavam ótimos e a divertir-se muito com os teus pais. É tudo o que sei. Mas, neste momento, o importante é encontrar a Nell.

– Como a vais encontrar? És um professor.

– Não propriamente – diz o Zach, franzindo o rosto. – Sou agente da polícia. Estou a trabalhar infiltrado, ou melhor, estava. Olha, não tenho tempo para te explicar tudo em detalhe, mas acho que a tua irmã está em apuros.

Ele é polícia? Não admira que a Nell não quisesse nada com ele.

– Não entendo o que está a acontecer, Zach.

– Como te disse antes, é complicado. O importante é que a tua irmã está desaparecida e isso pode estar relacionado com a *Sereia de Brighton*. Ou não. Tentei localizar o telemóvel dela e o último sítio onde deu sinal foi em tua casa. Estive lá e não vi sinais dela nem do teu marido. Preciso do número de telemóvel do teu marido.

– Ele *não* é meu marido. Já pensaste que podem ter “desaparecido” juntos? Largaram os meus filhos em casa dos meus pais e partiram para um ninho de amor qualquer. – Parece-me evidente que seguiram o conselho que lhes deixei no bilhete e juntaram-se. *Eu devia ter adivinhado*.

– Não foi isso que aconteceu. Mesmo que estejam juntos, não estão *juntos* da forma que estás a insinuar. Preciso que me dês o número dele.

– Porque precisas do número dele?

O Zach hesita. É óbvio que está sem saber o que dizer, sem saber o que deve revelar.

– Diz-me! – exijo saber, num tom insistente. Estou farta disto. Farta da Nell e do Shane e agora também dos segredos do Zach. Alguém terá de começar a ser honesto comigo em tudo o que diga respeito aos meus filhos. Podem guardar os segredos que quiserem, desde que não envolvam a Willow, a Clara e o Aubrey.

– Está bem, escuta. Enquanto fazia um favor à Nell, descobri algumas coisas sobre o teu mari... sobre o Shane. Coisas horríveis. A Nell disse que queria ser ela a contar-te e tenho a certeza de que queria encontrar algumas provas, antes de o fazer. Ela não quis dizer exatamente o que ia fazer, mas acho que foi à procura das tais provas. Disse-lhe para manter o telemóvel ligado e instalei um localizador. Foi a única coisa que pude fazer para a proteger. Só que o telemóvel dela foi desligado em tua casa, há algumas horas, e não voltou a ser ligado desde então. Acho que lhe aconteceu alguma coisa.

– Que coisas horríveis? – Sinto-me tonta. O Zach está a dizer que o Shane fez algo à minha irmã, mas isso não pode ser verdade. É impossível.

Ele olha de relance para as minhas mãos e volta encarar-me. Devo estar a torcer as mãos. Se não estou, vontade não me falta. Porque estou assustada, muito assustada. O que ele está a dizer faz com que o pânico que habita dentro de mim, que se empoleira no meu ombro e me sussurra ao ouvido tudo o que poderia correr mal e tem, de facto, corrido mal, esteja neste preciso instante a gritar-me aos ouvidos como tudo isto vai acabar.

– O melhor é não entrarmos em pânico – aconselha o Zach, num tom brando. – Temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para encontrarmos a Nell, OK? – Põe uma mão no meu ombro

para me acalmar e o pânico explode dentro de mim como uma bomba de neutrões. O Zach nunca me tocaria, a não ser que a situação fosse grave! O terror que arde em mim está a derreter-me por dentro. *Ela vai morrer. A minha irmã vai morrer às mãos do homem que manteve na vida dela ao longo de todos estes anos.*

– Ela vai ficar bem – sossega o Zach. – Ela vai safar-se.

– Como é que sabes? – interrogo, cravando as unhas recentemente arranjadas e pintadas de vermelho-sangue nos nós dos dedos da outra mão.

O Zach observa-me durante alguns segundos e pega nas minhas mãos, para as imobilizar.

– Ela vai ficar bem – repete. – Precisamos apenas de a encontrar. Só nós podemos fazer isso, OK? O teu mar... O tipo tem alguma aplicação de localização no telemóvel?

– Não sei – respondo. O Zach ainda não me largou as mãos. Eu sei que incomodo as pessoas quando faço estas coisas, mas não consigo parar. É a única forma de pôr cá para fora o que tenho dentro. – Não sei nada sobre o telemóvel dele, pois não falamos muito sobre isso. Porque haveríamos de falar? Ambos saímos e usamos os nossos telemóveis. Nunca os perdemos nem nada do género, por isso nunca me preocupei muito com isso. Ele tem dois telemóveis, um é do trabalho. Mas não sei mais nada. Não sei, não sei mesmo.

– Tudo bem, tudo bem. – Fecha os olhos e inclina a cabeça para trás. Está a pensar, mas eu preciso que ele fale. Preciso que ele me explique o que está a acontecer.

– Se ela está desaparecida, porque não emites um alerta geral?

– Só posso fazer isso por um motivo muito forte. E não, o facto de eu estar a pensar que ela está desaparecida não é um motivo suficientemente forte.

– O que vamos fazer?

– Pois. – O Zach baixa a cabeça e olha para mim. – OK, preciso que alguém vigie o telemóvel dele. Conheço quem o faça em Londres, mas não aqui. – De repente, aperta-me mais as mãos, pelo que, creio, vai dizer-me algo que sabe que me vai perturbar.

– Conheces um homem chamado Aaron Pope?

Abano imediatamente a cabeça.

– A única pessoa que conheço com esse apelido é... Não, não. Não me digas que é da família do...

– É, sim. – Tento libertar as mãos, mas ele continua a agarrá-las firmemente. – Tenho de ir falar com ele. É a única pessoa que conheço nesta zona que tem as aptidões necessárias para me ajudar a encontrar a Nell e, ao mesmo tempo, manter a discrição.

– Não percebo. Não percebo o que estás a dizer.

– Preciso de descobrir o endereço do Aaron Pope para ir falar com ele. Ele vai ajudar-me a encontrar a tua irmã e o teu marido.

– *Ele não é meu marido!* – grito, empurrando-o. – E porque haveria ele de te ajudar a encontrar a

Nell?

– Ela... Ela tem estado a trabalhar com ele, para tentar descobrir quem era a *Sereia de Brighton*.

A Sereia de Brighton, *A SEREIA DE BRIGHTON*. Toda a minha vida foi controlada por essa mulher, apesar de estar morta há 25 anos.

– Olha, Macy, não tenho tempo para ficar aqui a explicar-te tudo. Preciso de descobrir o endereço do Pope e depois ir lá falar com ele. Se queres que eu te conte tudo, terás de vir comigo e eu explico-te no carro. Mas não tenho tempo a perder. Preciso de encontrar a tua irmã, entendes? Vai tudo correr bem, mas tenho de me mexer para que isso aconteça.

– Não quero estar perto desse homem – argumento.

– Eu compreendo – diz o Zach –, mas eu tenho de ir falar com ele, está bem? Tu ficas bem aqui, não ficas?

Aceno com a cabeça. Tenho de telefonar aos meus pais, para saber como estão as crianças. Tenho de limpar o apartamento do Zach, pois não está tão imaculado como eu gostaria. Tenho de...

O Zach olha para as minhas mãos.

– OK, não posso deixar-te aqui nesse estado. Tens de vir comigo e esperar no carro ou coisa parecida. Vai buscar o teu casaco e calça os sapatos, enquanto eu procuro a morada deste tipo.

Não o estou a ouvir. É como se o mar estivesse a inundar-me a cabeça e a alagar-me o cérebro. Só quero que isto pare. Só quero que tudo isto pare.

Nell

Sábado, 2 de junho

– Nem posso acreditar que nos meteste nesta confusão – diz uma das vozes.

Estou em movimento. Estamos em movimento. Estou deitada, sinto-me enjoada, estou com a boca pegajosa e todo o meu corpo se move. Quero abrir os olhos, quero gritar, mesmo com a língua viscosa, mas não me atrevo. Muito menos quando estou a ouvir vozes. Devem estar a levar-me para qualquer lado dentro de um carro ou de uma carrinha. Reconheço aquelas vozes. Uma é do Shane e a outra do Craig Ackerman, só que não parece tão chique como quando o conheci.

– Não te meti em nada, *tu* é que *nos* meteste nisto.

– Como? Como é que nos meti nisto?

– Porque é que lhe deste uma amostra de ADN? Foi isso que provocou esta confusão toda.

– Não sabia que ela ia recolher amostras de ADN. Não me falaste nisso, pois não? “Ah, ela vai desistir do emprego para descobrir quem era a *Sereia de Brighton*, tens de a manter ocupada. Tens de te aproximar dela e ver se ela se lembra de te ter visto naquela noite.” Não me disseste que ela recolhia amostras de ADN, pois não?

– Podias tê-la dissuadido.

– Ah, sim. Invento aquela história ridícula de que queria saber se tinha parentes biológicos e depois recuso-me a fornecer-lhe um esfregaço de ADN. Qual podia ser o resultado? É por isso que tenho tentado por todos os meios recuperá-las. – Ouve-se um baque surdo. – A culpa é tua, inteiramente tua.

– Como é que a culpa é minha? Se não tivesses matado a Sirene, nada disto aconteceria.

– A Sirene! Caramba. O teu problema sempre foi esse, Shane. Tu lembras-te sempre dos nomes delas, de falares com elas.

Sirene. O nome dela era Sirene. Pobre Sirene. Permaneceu incógnita durante 25 anos por causa deles. E eles sempre souberam o seu nome. Ambos sabiam quem ela era.

– Agias sempre como se elas fossem mais do que acessórios para o que pretendíamos. Se ela não tivesse fugido, eu não teria feito o que fiz. Ela tinha tudo: um sítio onde dormir, comida, até lhe demos roupa e maquilhagem. Ainda assim, fugiu.

– Estava assustada, como as outras.

– Sim, estava assustada, *realmente* assustada. – Pela forma como o Craig Ackerman fala, essa parecia ter sido a melhor parte para ele: vê-la apavorada.

– Pois é, Craig, e foi o facto de isso te excitar que acabou por provocar tudo isto.

– Se me tivesses deixado matar a cabra em 93, isto não estaria a acontecer.

– Não era só eu que a queria viva.

Há mais alguém envolvido. Mais alguém que sabia o que eu andava a fazer e queria manter-me

viva. Mas quem? E porquê?

– “Não era apenas eu que a queria viva.” *És patético*. Ela fez o que queria de ti durante anos. Era suposto ficares de olho nela, descobrires aquilo de que se lembrava, aquilo que sabia, e não andares a comê-la.

– Andas nisto há demasiado tempo, Craig. Não entendes o que é ter verdadeiro poder. O ascendente que tive sobre ela, durante todos estes anos, não se compara às outras coisas que fazemos. A forma como ela me olhou com olhos de corsa, aquele ar inocente, disposta a qualquer coisa – a tudo – por mim, na primeira vez que a possuí, isso, sim, é poder, é controlo. O terror não é nada comparado com a devoção.

– Não, companheiro. Enquanto não olhares uma dessas raparigas nos olhos e presenciares esse momento, o momento exato em que ela percebe o que vais fazer, que não se vai safar nem ser salva, não sabes o que é poder. Enquanto não a sufocares com as tuas próprias mãos e vires o medo nos olhos a dar lugar à constatação de que já está a acontecer... Enquanto não vires e sentires isso, não sabes o que é poder.

O Craig Ackerman vai matar-me. Nada o impedirá de o fazer. O Shane não o vai impedir. Ninguém o vai impedir. Pelos vistos, apenas a proteção da pessoa para quem ambos trabalham me manteve viva, até agora.

Quantos serão? Quantos homens como eles compõem este grupo que tortura e molesta jovens raparigas? Porque é isso que parece – sequestram mulheres, brutalizam-nas, violam-nas e depois... ao que parece, matam-nas.

É isso que o Craig Ackerman me vai fazer.

Dói-me a cabeça. Estou como uma sensação de ressaca que não sentia desde aquela primeira noite com o Zach. *Oh, Zach*. Se eu não tivesse sido tão teimosa, ele podia ter lá estado na altura em que o Shane e o meio-irmão me apanharam. Quero gemer, mudar de posição para ver se recuperei alguma mobilidade depois de me terem drogado, mas tenho de ficar quieta, pois não sei quando é que vão parar e dar efetivamente início à matança.

– Desta vez, ele vai deixar-me matá-la – diz o Craig Ackerman. À medida que o torpor desvanece, consigo aperceber-me de pequenas subtilezas nas palavras deles, das inflexões nas frases. O Craig Ackerman parece quase feliz perante a possibilidade de me matar. – Desta vez, ele tem de me deixar matá-la.

– Não vai deixar – contraria o Shane. – Tu sabes que ela é especial.

O Craig Ackerman contém uma gargalhada carregada de desdém.

– São todas *especiais*. Ela só não foi parar a um quarto, como as outras.

– Só não acabou com as tuas mãos à volta do pescoço nem foi abandonada na água, como as outras, queres tu dizer.

– Ainda estou a tempo.

– Ele não vai permitir que o faças.

– Não terá outra opção.

– O que queres dizer com isso? – pergunta o Shane. Parece assustado, percebo-o na voz. Também reparo na forma como ele tenta disfarçar o medo usando um tom de desafio, palavras curtas e argumentos fortes, para estar ao mesmo nível do Craig Ackerman. O irmão deve aterrorizá-lo.

– Quer dizer que vou resolver o problema da nossa “investigadora” antes que ele chegue.

– Não podes matar a Nell.

– Lá vamos nós outra vez: *ela faz de ti o que quer*.

– Não faz nada. Ela não é uma fugitiva, como as outras. Se ela desaparecer, vão reparar. Vão fazer perguntas. Vão procurá-la nos sítios onde esteve.

– Nesse caso, não devias tê-la raptado, não é, Shaney?

– Não estava a raciocinar devidamente. Tinha de a levar dali, assim que ficou inconsciente. A Macy podia voltar a qualquer momento.

– Ah, pois, a *irmã*. Essa também faz de ti o que quer, não é?

– A Macy é muito diferente da Nell. Tem sido fácil manipulá-la e controlá-la ao longo dos anos. Tem imensos medos e inseguranças, coisas com as quais eu tenho jogado. É a forma de a manter na linha.

– Não disseste que ela foi embora? – recorda o Craig Ackerman, com um tom de desdém. – Parece que não deu grande resultado. A Nell teve de levar os filhos dela. *Ela faz de ti o quer, companheiro, faz de ti gato-sapato*. E agora arranjaste-nos este problema chamado Nell que vou ter de resolver.

– Não podes matar a Nell.

– Pensavas que ia acontecer o quê, quando me ligaste? Ela sabe tudo sobre nós. Achas que vai ficar calada?

O Shane não responde.

– Não vais ficar calada, pois não, Nell? – questiona o Craig Ackerman, em voz alta. – Eu sei que estás consciente. Ouvi a tua respiração mudar. Sabes de todos os nossos planos e de tudo o que andámos a fazer. É óbvio que não vais ser boa menina e guardar segredo, não é? Tens uma língua demasiado comprida e um sentido de justiça desajustado. Julgas-te no direito de contar o que quiseses a quem quiseses.

Mantenho-me em silêncio e continuo imóvel. Ele está a fazer *bluff*. Não consegue ouvir a minha respiração com o ruído do motor. Está a tentar assustar-me. A mim, e possivelmente ao Shane. Apercebo-me do incómodo que sente por ainda não ter o domínio absoluto sobre o meio-irmão. Precisa de o dominar para o persuadir a aceitar que ele me mate antes que o sujeito que *ambos* temem apareça. Precisa que o Shane assuma uma postura defensiva, para depois dizer tudo o que for necessário para me matar.

– Não te preocupes, Shaney, vais ter mais uma hipótese com ela. Vamos amarrá-la e tu vais poder fazer-lhe o que quiseres, antes de acabarmos com ela.

Aquilo era dirigido a mim, para que eu me denunciasses e mostrasses que estava consciente, para me assustar perante a evidência do que vai acontecer, quando eles finalmente pararem o carro.

– Não vamos matá-la – diz o Shane.

– A escolha é tua, Shaney. Se quiseres comê-la mais uma vez, não podemos deixá-la viva. Ninguém acreditou nas outras miúdas, mas nesta *vão* acreditar, tu próprio o disseste. Se a comeres, matamo-la. A escolha é tua.

– Não vamos matá-la – repete o Shane, desta vez num tom muito menos convicto.

– Lembras-te do que disseste acerca dela da primeira vez? – pergunta o Craig Ackerman. – Lembras-te do olhar dela, na altura em que disseste que ela faria tudo por ti? Imagina teres novamente todo esse poder, todo esse controlo. Não foi uma tortura estar perto dela, durante todos estes anos, e não a poderes possuir, como é teu direito, pois foste tu o primeiro homem com quem esteve? Ouvi-la falar de todos os outros homens que deixou entrar dentro dela? Não disseste que ela era uma mulher fácil, que dormia com todos, que não parecia importar-se com quem a possuía? Não estás farto de a ver a dar-se a todos menos a ti? Come-a e depois matamo-la, para que não volte a fazer isso com mais ninguém.

– Nós... nós não... – balbucia o Shane. Já nem consegue falar. O problema já não é dizê-lo de forma convincente. Já não consegue dizer que não me vão matar porque está a pensar em ceder. O Craig Ackerman conseguiu abrir uma brecha na armadura do Shane, e ele vai acabar por lhe dar ouvidos, aceitando que me matem. Eu sabia que ele acabaria por conseguir, mas nunca pensei que fosse tão depressa.

– Serias o primeiro *e* o último homem. Não seria fantástico? O primeiro e o último. Todos os que entretanto teve desapareceriam na hora.

O Shane mantém-se em silêncio. Está a ponderar no assunto. Dá para perceber que a ideia lhe agrada. A questão não é estar comigo, eu sei disso. É a sua necessidade obsessiva de ser importante. Era por isso que não queria que eu fosse para a universidade. Não era apenas para ficar de olho em mim. Queria ter a certeza de que era o homem mais importante da minha vida.

– Queres estar com ela outra vez, não queres? – pergunta o Craig Ackerman.

Não ouço a resposta dele, se é que a deu de todo, mas pela reação do Craig Ackerman, fico com a impressão de que disse que sim:

– Não te posso censurar por isso, mano. Entendo bem o porquê da atração. Eu próprio não me importaria nada de a provar.

– *Não te atrevas a tocar-lhe* – rosna o Shane.

– Isso jamais me passaria pela cabeça. Ela é tua. Mas gostava que a visses quando veio ao meu escritório. A boquinha sensual, peito empinado para fora. Estava mesmo a pedi-las. Até me elevou a

tensão arterial... quando me tirou aquela amostra de ADN. Mas sei que ela é tua, companheiro. Estou apenas a dizer que entendo o porquê da atração. Tem tudo no sítio.

O Shane está novamente em silêncio.

– Ele disse que só conseguia estar aqui dentro de algumas horas. Portanto, quando ele chegar, já tu estiveste umas duas horas com ela. Pensa nisso: duas horas para fazeres o que quiseses com ela.

O Shane não diz nada e o Craig Ackerman deixa-o entregue aos pensamentos. Durante algum tempo, nada mais se ouve a não ser o ruído suave do motor e o contínuo murmúrio do veículo a andar contra o vento. Não ouvi sirenes nem o ruído de outros veículos até agora, por isso calculo que estamos a caminho de uma zona rural. Não posso abrir os olhos para saber onde estou, e pela posição desconfortável em que viajo, deduzo que estou deitada no chão do monovolume do Shane. Só não entendo como conseguiram meter-me no carro sem que ninguém visse.

Preciso de um plano.

– Então, estamos de acordo? – pergunta o Craig Ackerman, depois de dar algum tempo ao Shane para pensar no que gostaria de fazer comigo, mas não o suficiente para ele começar a ter dúvidas, quando pensasse no preço que teria de pagar por essas duas horas. – Tu comes a miúda, eu certifico-me de que ela não conta a ninguém e depois dizemos-lhe que foi um acidente. De acordo?

O Shane vai violar-me e o Craig Ackerman vai matar-me. É assim que tenho de pensar na questão. Tenho de ter o horror do que eles estão a planear fazer-me bem presente na minha mente, para que possa preparar-me para os enfrentar ou fugir. Porque não vai ser como nos filmes: ninguém vai aparecer a cavalo para me salvar e nenhum daqueles dois vai ganhar consciência e decidir, subitamente, que não me vão fazer mal.

Poder e controlo são duas drogas potentes e estão ambos prisioneiros delas. A droga do Craig é matar pessoas, especialmente mulheres. Isso está patente e é bem claro na voz dele. É provável que tenha começado pela necessidade de sentir poder e controlo sobre o corpo de jovens mulheres, possuí-las à força sempre que quera, mas depois de matar a Sirene – a *Sereia de Brighton* –, pareceu tomar-lhe o gosto. Parece que gosta de matar. Mais do que gostar, pelo tom de voz sinto que *anseia* por isso. Está desesperado por me matar. Provavelmente, desde que me viu junto da *Sereia de Brighton*.

A droga do Shane é o poder e o domínio no sexo. Ele tem razão. Eu sentia uma absoluta devoção por ele. Para mim, era o namorado ideal, um perfeito cavalheiro. Estava convencida de que ele me adorava. Mas a minha devoção alimentou a sua compulsão; ele estava viciado na euforia de manter uma rapariga totalmente dependente dele durante toda a vida. Foi por isso que perdeu completamente a cabeça quando insisti em ir para a universidade. Estava a escapar-lhe e isso deu com ele em doido.

São ambos viciados em poder e controlo, e eu serei o seu próximo chuto.

Mas é possível que o Shane não concorde, penso, com esperança. O Shane é capaz de preferir não o fazer, por saber que depois acabarei morta.

– Estamos de acordo? – repete o Craig Ackerman, num tom um pouco mais incisivo.

O Shane não diz nada.

– *De acordo?*

– De acordo – responde finalmente o Shane, selando o meu destino.

Macy

Sábado, 2 de junho

No carro, o Zach encoraja-me a telefonar aos meus pais.

Sinto que não posso, pois, se falar com eles e se falar com as crianças receio que o dique dentro de mim rebente. Não quero que as crianças me ouçam chorar e não quero falar nem fazer perguntas que deem a entender aos meus pais que estou aterrorizada por a Nell ter deixado as crianças com eles. Ela não sabe o que eu sei, mas, ainda assim, devia ter ficado a cuidar delas, em vez de as abandonar e desaparecer.

Quando se torna claro que não vou ligar aos meus pais, quando me sento no lugar do passageiro, de ombros curvados, cabeça encostada à porta e a olhar para o vazio, o Zach começa a contar-me o que a Nell anda a fazer há anos. E com quem o tem andado a fazer.

– Não posso acreditar... Porque haveria de o fazer logo com ele?

– Ela tem trabalhado sobretudo com o filho.

– Ah, pronto, nesse caso, está tudo bem! Por favor! Onde é que ela tinha a cabeça?

– Pelo que entendi, estava a tentar proteger-te, assim como aos teus pais.

– Pois, certo. A nobre Nell. Nem por um segundo acredito nisso. Há anos que está obcecada com a história da *Sereia de Brighton*, e destruiu as nossas vidas à conta disso.

– Não é bem assim, Macy. Ela contou-me que o Pope ameaçou que iria recommençar a importunar o teu pai e fez-lhe um ultimato: se ela não encontrasse nada de palpável que provasse que o vosso pai não matou a *Sereia de Brighton* nem raptou a Jude, ele reabriria as investigações sobre estes dois casos.

Volto a sentir aquele formigueiro gelado. Sempre que ouço o nome da Jude, tenho esta reação. Mesmo que sejam outras pessoas a dizê-lo. Quem me dera poder contar ao Zach, à Nell ou a qualquer outra pessoa o que vi naquela noite.

– Ela podia ter-me contado.

– Não, não podia. Não podia dizer a ninguém da vossa família. Ela contou-me o que o Pope vos fez. Há anos que tenta desesperadamente redimir-se por ter trazido o Pope para as vossas vidas.

– Ela não o devia ter feito. Não me interessa o tipo de ameaças que lhe fez. Não o devia ter feito. Isso é gozar com tudo aquilo por que passámos.

– Será que alguma vez vais perdoar a tua irmã? – pergunta o Zach.

– Perdoar-lhe o quê?

– Por ser ela própria.

– Isso é ridículo. Como posso perdoar-lhe por ser quem é?

– Não sei. Mas o ódio que sentes pela tua irmã vai acabar por dar contigo em doida – responde ele.

– Não odeio a minha irmã.

– Odeias, sim, Macy. Isso é notório em todas as tuas conversas sobre ela. Tu guardas-lhe rancor e isso é que é triste, pois ninguém, *ninguém* está mais consciente do que ela da asneira que fez, quando saiu de casa às escondidas naquela noite. E ninguém, *ninguém* a odeia mais do que ela se odeia. A tua irmã...

– Estás apaixonado por ela, não estás? – interrompo-o.

– Não a conheço.

– Estás apaixonado por ela, não estás?

– Não... mas estava a começar a ficar.

– Achas que se passou o mesmo com o Shane? Que ele a amava assim tanto? Achas que ele está obcecado por ela e por isso a raptou?

– Não, Macy, não é nada disso. Tenho de te falar do Shane, mas não vai ser fácil ouvir. Na verdade, uma boa parte do que tenho para te contar é mau, mas tu tens de ouvir. Tens de perceber até que ponto isto é grave.

Preparo-me para o embate, ou melhor, julgo preparar-me, porque o que ele me conta é horrendo, não é apenas “mau”. É uma história de terror, um pesadelo interminável do qual não consigo acordar.

Nell

Sábado, 2 de junho

Agora, a estrada tem imensos buracos.

Saímos das estradas amplas, semelhantes a autoestradas, viajámos por estradas normais e agora virámos para um caminho que parece ser de terra batida, em direção, presumo, ao nosso destino final. Será ali que entregam as raparigas que raptam? Será aqui que se encontram com o homem que ambos parecem claramente temer?

Há uma ligeira inclinação, como se estivéssemos a subir uma colina baixa. Talvez estejamos algures nas Downs, as agradáveis colinas verdes que contemplo frequentemente quando estou em casa do Aaron. É maravilhoso olhar para elas, mas agora que ali estou, aprisionada na escuridão, parecem-me parte de um pesadelo. Costumo ter diferentes tipos de pesadelos: descobrir que a Jude teve o mesmo fim que a *Sereia de Brighton* é o mais frequente, mas ficar ali sozinha é um dos piores. Fico aterrorizada com a ideia de estar sozinha na escuridão, rodeada de perigos desconhecidos, sem maneira de escapar.

A carrinha treme por todos lados, quando começam a abrandar, e a pontada no estômago atinge-me o peito. Tenho de conseguir fugir. Tenho de conseguir fugir ou não irei sobreviver.

– Ela ainda está inconsciente? – pergunta o Craig Ackerman

– Deve estar. Nunca vi a Nell calada quando está acordada.

Fizeram a última parte da viagem em silêncio. Têm estado calados e contemplativos, provavelmente a pensar no que vão fazer.

– O que lhe deste?

– Já te disse, não lhe dei nada. Todas as minhas coisas estão protegidas por espinhos embebidos numa droga. Se tocares num sem luvas, adormeces num instante. Não consigo controlar a dose. Mas a picada dela parecia profunda. Deve ter sido por isso que a droga fez efeito tão depressa.

– Bom, terás de a levar em braços lá para dentro. Afinal de contas, ela é tua.

– Está bem.

O motor é desligado, as chaves são retiradas da ignição. Eles saem da carrinha ao mesmo tempo, batendo com as portas.

Abro os olhos e pestanejo, para me orientar. Ouço o ruído dos passos deles sobre a gravilha. Sinto o sabor do terror na língua, o pânico a ferver-me nas veias. Ouço o estalido da porta traseira, a abrir-se e o ruído surdo que produz quando a puxam para trás. Volto a fechar os olhos, espero até sentir o Shane a curvar-se sobre mim, de braços estendidos para me agarrar, e estico bruscamente o pé, apontando-o para baixo, suficientemente baixo para o atingir naquele ponto vulnerável.

Ao ouvi-lo gritar e cambalear para trás, dobrado sobre si mesmo, agarrado às virilhas, percebo

que o atingi onde verdadeiramente dói. O Craig Ackerman está à porta da quinta para onde me trouxeram. É a minha oportunidade, a minha janela de dois segundos para fazer o que melhor sei. Há anos que não o faço, mas não me esqueci como se faz: correr.

O solo é acidentado e coberto de gravilha, e eu cambaleio ao bater com os pés no chão, mas recupero o equilíbrio num microssegundo, faço um esforço para me endireitar e começo a correr.

Fujo do acesso de gravilha através de uma abertura na sebe viva, saindo para os campos em redor da quinta. Nesta noite escura como breu, apenas consigo distinguir formas à distância – arbustos, sebes e uma linha de árvores muito ao longe, para lá dos campos. Tenho de alcançar aquelas árvores. Se conseguir lá chegar, vou conseguir esconder-me.

Ouç o ruído surdo de passos. Ecoam por toda a parte, movendo-se pela terra, perseguindo-me pelos campos.

As minhas pernas estão rígidas, por ter estado tanto tempo deitada na mesma posição, e sinto-as protestar ao tentar apertar o passo, para correr mais depressa no solo acidentado e lamacento.

Ouç o ruído surdo de passos. O eco... as vibrações... Parecem assustadoramente próximos neste momento.

Ouç o ruído surdo de passos. O peito arde-me no sítio onde deveria ter os pulmões e os meus olhos debatem-se na escuridão que parece modificar constantemente os contornos do horizonte. Mas não posso parar, nem sequer posso abrandar. Tenho de continuar a correr.

Ouç o ruído surdo de passos. Estão cada vez mais próximos.

Ouç o ruído surdo de passos. Preciso que as minhas pernas se movam mais rapidamente. Preciso que invoquem a memória muscular do tempo em que costumava fazer isto, quando tinha literalmente de correr para me salvar. Eu consigo fazer isto, *tenho* de conseguir. Tenho de alcançar as árvores. Lá estarei a salvo, lá poderei esconder-me.

O ruído surdo de passos preenche-me os ouvidos. Sinto-os mesmo atrás de mim. Abafam o som da minha respiração ofegante, o assobio do vento, os estalidos dos meus ossos. *Oiço o ruído surdo de passos.*

Tenho de correr mais depressa. Tenho de...

Subitamente, sou projetada pelo ar e violentamente derrubada.

O Craig Ackerman. Atirou-se para cima de mim e eu tombo para a frente. O meu corpo embate tão violentamente contra o chão que fico sem ar nos pulmões.

Tento mover-me de novo, mas ele está em cima de mim, a esmagar-me o peito com o peso do seu corpo, a envolver-me o pescoço com as mãos, mostrando a fúria de um homem que não gosta que o desafiem.

– Foi isto que *ela* fez – rosna, e começa a apertar-me o pescoço. – Foi por isso que a matei. Não podia limitar-se a aceitar. Tinha de fugir. Tinha de tentar denunciar-nos.

Ele vai fazê-lo, concluo. Tem as mãos quentes, pesadas e mortíferas a envolverem o meu

pescoço. Ele vai fazê-lo e não há nada que possa fazer para o evitar.

– Sai de cima dela! – grita subitamente o Shane. – Sai, sai, sai! – Começa a puxar pelos braços do Craig, que estão esticados e rígidos a prender-me o pescoço, apertando-o, esmagando-o como um torno.

– Tu prometeste-me! – grita o Shane. – Tu prometeste-me que eu ia estar com ela. Tu prometeste-me! – Parece uma criança a quem foi prometida e depois negada a possibilidade de mexer pela primeira vez no brinquedo favorito de outra. – Larga-a. Tu prometeste!

A escuridão invade-me o canto dos olhos. Não aguento mais aquelas mãos no meu pescoço e o peso do corpo dele, mas tenho de continuar a lutar, tenho de...

De repente, sai de cima de mim. Larga-me o pescoço e sai de cima do meu corpo.

Tusso e cuspo, engasgada, a rebolo no chão, para recuperar o fôlego. Não me posso esquecer que aquilo é apenas uma pausa. Assim que o Shane tiver o que quer, o Craig Ackerman vai terminar o serviço.

Está outro veículo no caminho de acesso à quinta, quando me conduzem de volta ao edifício de tijolos cinzentos, telhado cor de ardósia e janelas brancas de guilhotina, a agarrarem-me pelos bicípites,.

Olho para o carro e pisco repetidamente os olhos.

Já vi aquele carro antes. É o mais recente dos muitos carros que essa pessoa teve desde a minha infância. O primeiro era um *Citroën* bege. O segundo não me lembro. O *Volkswagen* vermelho-vivo, com a grelha quadrada, era o preferido da Jude. Costumava fingir que o carro era dela e tencionava comprar um igual, quando juntasse dinheiro suficiente, com o seu emprego de sábado. O quarto, um *Peugeot* branco, era o meu favorito. Olho para o carro, um *Volvo* preto, novinho em folha, com estofos de cabedal e uma bagageira cromada.

A porta abre-se lentamente e a luz interior acende-se, iluminando a pessoa que está lá dentro.

É “ele”. Este é o homem que ambos temem e que impediu que me matassem ao longo destes anos todos.

Está parado em frente ao carro, com a cabeça inclinada para um lado, e olha-me longamente antes de falar.

– Olá, Enelle – diz ele.

Macy

Sábado, 2 de junho

O Aaron Pope é parecido com o pai.

Pergunto-me se será como o pai noutros aspetos. Se também é capaz de olhar para nós e fazer-nos sentir insignificantes, impuras e indignas. Se aprecia o momento em que nos verga e faz-nos chorar. A Nell nunca chorava. Pelo menos, que eu visse. Fazia-lhe frente e ele detestava isso, mesmo que me visse destroçada e em lágrimas. Pergunto-me se ele será como o homem cujo rosto é tão semelhante ao seu.

– Posso ajudar-vos? – questiona ele, ao abrir-nos a porta. Não fala como o pai. Parece mais brando, mais agradável. Mas isso não significa nada. Está de olhos fixos em mim, com um ar intrigado, a pensar se me conhece. Sou suficientemente parecida com a minha irmã para lhe provocar essa reação.

– É o Aaron Pope? – pergunta o Zach.

O homem que está à porta acena lentamente com a cabeça.

– Eu sou o sargento detetive Zach Searle e preciso da sua ajuda.

– Não sei como o poderei ajudar, senhor agente. – Continua a olhar para mim, com os olhos ligeiramente franzidos, visivelmente pensativo.

– Ando à procura da Nell Okorie.

– Da Nell? – diz ele, proferindo a palavra como se fosse uma joia preciosa. Mais um homem claramente apaixonado pela minha irmã. – Ela não está cá. Não sei onde ela está.

– Eu também não achei que estivesse aqui – informa o Zach. – Acho que está em apuros. Ela disse-me que o Aaron a ajudava em questões de informática. Preciso que me localize um telemóvel, para ver se a consigo encontrar.

O homem que está à porta parece desconfiado.

– Não posso fazer isso.

– Claro que podes – corto eu, apontando para o Zach. – Neste momento, ele não está a trabalhar com a polícia, não terás qualquer tipo de problemas. Ele só quer encontrar a minha irmã antes que alguém lhe faça mal.

– Tu és a Macy? – diz ele.

– Sim.

– E tu és o Zach? – interroga. – O tipo com quem a Nell andava?

– Sim.

– Então, está bem, eu ajudo-vos, mas há séculos que não localizo telemóveis. É provável que demore algum tempo.

– Espero que não – diz o Zach, claramente esquecido do que me estava a dizer antes. – Não me

parece que a Nell tenha muito tempo.

1993

Nell

Segunda-feira, 26 de abril

– Acho o teu pai impecável, por ser tão descontraído relativamente a tudo – disse eu à Jude.

A Jude estava com a cabeça pendurada na beira da minha cama, com as tranças presas de ambos os lados da cabeça, como duas orelhas.

Eu estava sentada ao cimo da cama, com a cabeça encostada à parede, junto de um cartaz com um poema da Maya Angelou, chamado *Still I Rise*. Foi-me oferecido pela Jude, no meu 13.º aniversário. Eu só lhe oferecera uma pulseira da amizade e, na altura, lembro-me de me sentir mal por isso.

– Faças o que fizeres, acho que ele nunca se vai enfurecer contigo. Não é como o meu pai que passa a vida a zangar-se.

– O teu pai não se zanga – contrariou a Jude, erguendo ligeiramente as pernas da cama. Por instantes, receei que escorregasse e batesse com a cabeça no chão. – Apenas te dá uma reprimenda. O meu nunca faz isso. Às vezes, apetece-me fazer asneiras sem parar até descobrir algo que o faça dar-me uma reprimenda.

– O meu pai pode dar-te uma reprimenda por ele, se quiseses.

Rebentámos as duas a rir porque o meu pai passava a vida a chamá-la à atenção – “nada de pastilhas elásticas”; “porque não fizeste os trabalhos de casa?”; “não quero gritos cá em casa”. Por vezes, o pai agia como se a Jude fosse uma terceira filha.

– Adorava poder fazer o que me desse na gana – disse eu, num tom sonhador. O pai da Jude nunca gritava com ela, nem mesmo quando a ela ficava connosco até tarde e o meu pai tinha de a levar a casa, ou quando se esquecia de fazer os trabalhos de casa, ou perdia peças do uniforme. A mãe dela ficava zangada, exigia-lhe que se portasse melhor e tentava, por vezes, castigá-la, impedindo-a de sair de casa ou de vir a minha casa, mas o pai dela dizia:

– Dá um pouco de liberdade à rapariga. Ela está a crescer e precisa de cometer alguns erros, para o seu próprio bem.

Quem me dera que o meu pai fosse assim. Poder cometer erros sem receio de levar um raspanete, estar menos tempo com a Jude ou ter de ficar fechada no quarto até acabar os trabalhos de casa.

– É que eu acho que o meu pai não me repreende porque não quer saber.

– É claro que o teu pai se preocupa contigo! – defendi, horrorizada.

– Mas não se interessa por mim – retorquiu a Jude. Era frequente falarmos sobre os nossos pais. Eu contava-lhe que a minha mãe andava com os nervos em franja, que o meu pai era sempre muito severo, mas aquela era a primeira vez que ela dizia algo daquele género sobre o padrasto. – Creio que se não fosse pelo facto de eu ter de estar com a minha mãe, ele ignoraria por completo a minha presença. Só está interessado na minha mãe.

– Achas mesmo que isso é verdade? – perguntei.

A Jude baixou as pernas, atirou os braços para trás, e assentou as palmas das mãos no chão, junto à cabeça. O corpo dela formava um arco perfeito sobre a beira da cama. Era a melhor ginasta da escola e já o era na primária, mas nunca entrara em competições porque os pais nunca se deram ao trabalho de assinar os formulários. Isso deixou-me a pensar. Teria ela razão? Será que eles não se preocupavam assim tanto com ela? Os meus pais jamais teriam concordado que eu trocasse a minha atividade académica por algo relacionado com desporto, mas não me deixariam perder essa oportunidade, ao não assinar os impressos. Os pais da Jude saíam constantemente com amigos, iam a jantares, ao teatro e ao cinema. Por vezes, iam passar o fim de semana fora e diziam-lhe que podia ficar sozinha ou vir para nossa casa. Eu adorava isso, porque a minha melhor amiga estava sempre comigo, mas seria a isso que a Jude se referia?

– Sim, acho que é verdade – respondeu ela.

– Bom, é como te digo. O meu pai pode dar-te uma reprimenda por eles, se quiseres. Tenho a certeza de que ele não se importa. Na verdade, parece gostar *bastante* de o fazer.

A Jude deu mais uma gargalhada.

– Adoro o teu pai – disse ela. – Parece-me o melhor homem do mundo. Quando me casar, quero um homem exatamente como o teu pai.

Atualmente

Nell

Sábado, 2 de junho

– Não dizes nada? – pergunta o homem que acabou de sair do carro.

É Frazer Dalton, o padrasto da Jude, e não consigo falar com ele. Como posso falar com o homem que está por trás de tudo isto? Que mais posso fazer senão olhar horrorizada para o significado de tudo isto? Se conseguisse afastar-me dos outros dois, como pensava fazer, talvez tivesse uma hipótese. Conseguiria enviar uma mensagem ao Zach e convencer a polícia a abrir um novo caso. Mas se é *ele* – um homem que vai para os copos com polícias veteranos e move-se nos círculos legais – que hipóteses tenho, mesmo que consiga escapar? É óbvio que nunca surgiram vestígios de ADN nem outras provas forenses que o ligassem a nada daquilo. Seria literalmente a minha palavra contra a dele.

– Levem-na para dentro – ordena ele aos outros dois, que se tinham tornado quase dóceis na sua presença.

O Craig Ackerman é o primeiro a mover-se, puxando-me para me forçar a andar, e os dedos do Shane escorregam do meu braço. Olho para o Shane, sem perceber por que razão não se mexe, e percebo que está petrificado, positivamente colado ao chão, a olhar para o Sr. Dalton com o terror estampado no rosto. Nunca o vira tão encolhido nem tão aterrorizado.

– Não fui eu que... – começa o Shane.

– Ajustamos contas mais tarde – interrompe o Sr. Dalton, num tom de voz mais duro do que um chicote.

O Shane baixa o olhar para os pés e acena com a cabeça.

– Mexe-te – rosna-me o Craig, puxando-me com mais força, arrastando-me praticamente até à porta da quinta, que está aberta.

O espaço é confortável e acolhedor. A mobília não é nova, parece bastante usada, como se vivesse alguém ali, embora não permanentemente. Entramos no *hall* através de um vestíbulo, e à direita há uma casa de banho e uma pequena lavandaria. Junto da porta estão três impermeáveis verdes-escuros, pendurados em ganchos, e três pares de botas de borracha por baixo.

O Craig Ackerman empurra-me para o interior da enorme cozinha através de uma porta que se encontra à esquerda. O chão é de ardósia e os balcões de madeira clara. Há um grande lava-louça de pedra pelo qual sou obrigada a passar. Depois, entramos na sala de jantar, que é também sala de estar. É bastante comprida e estende-se muito além da cozinha, o que significa que há quartos no andar de baixo – junto à cozinha –, tal como no andar de cima.

Sou empurrada para a sala de estar, passando por uma grande mesa de cozinha, feita de madeira de carvalho, com seis cadeiras à volta. A sala tem um conjunto de sofás no mesmo tom de creme,

com um padrão florido em tons de verde e rosa e um grande pufe verde.

– Não te mexas – ordena o Craig Ackerman, praticamente atirando-me para um cadeirão, junto à parede do fundo.

A minha vontade é levantar os braços e mover o traseiro contra o assento, só para lhe mostrar que me mexo quando quero. Afinal de contas, o meu fim será o mesmo, quer me mexa ou não. O que faria ele se eu me “mexesse”? Mas não me “mexo”. Não há necessidade de o contrariar.

O Frazer Dalton puxa uma cadeira de cabedal, que está ao lado da televisão, e coloca-a à minha frente. Depois, recosta-se nela e olha-me de forma altiva, como um rei a olhar para um súbdito desleal, a pensar no que vai fazer com ele.

Respira fundo.

– O que vou fazer contigo, Enelle? – pergunta, num tom retórico. – Nunca foi minha intenção fazer-te mal.

Devo sentir-me agradecida por isso?

– Tens certamente muitas perguntas em mente – continua ele.

De momento, ocorre-me apenas uma:

– Onde está a Jude?

Será uma das que acabaram como sereias, abandonada na água, despojada da dignidade e de uma das peças de bijuteria? Ou será que ainda ninguém descobriu onde ela está?

– Há muitos anos que espero que sejas tu a dar-me essa resposta – replica ele. – Para ser honesto, estou bastante desapontado por ainda não ma teres dado. Vi-te a encontrar muita gente ao longo dos anos, mas não a Judana. Estava convencido de que ela acabaria por te contactar, mesmo que tu não a encontrasses, mas ela nunca o fez.

Olho para o Shane, que está à esquerda do Sr. Dalton, e depois para o Craig Ackerman, à direita. Como se teria ele envolvido com aqueles dois? Como se teriam eles envolvido com ele? O que fazem eles? Pela conversa no carro, eu diria... eu diria que eram gente muito perigosa.

– O que tenciona fazer comigo? – interrogo.

– Não sei, Enelle, não sei mesmo – responde ele, abanando a cabeça de forma triste.

– Foi o senhor que matou a Sirene? – pergunto-lhe.

O Craig Ackerman e o Shane trocam um olhar, percebendo então que eu estava consciente na traseira da carrinha.

– A Sirene? Quem é ela?

– É a *Sereia de Brighton* – replico, olhando-o bem de frente. Sinto que aqueles três homens se alimentam de medo. Não posso mostrar medo. Isso tornará toda a situação muito mais gratificante para eles. – O senhor sabe perfeitamente disso.

– Nunca matei ninguém – declara. – Acho isso extremamente degradante, para não dizer outra coisa.

- O senhor e o Shane, pelos vistos.
- Eu e o Shane somos muito diferentes.
- Também me parece. O Shane gosta de despertar medo e devoção, mas o senhor não, pois não?
- De que é que eu gosto, Enelle?

Observo o Sr. Dalton, pois, para mim, será sempre o Sr. Dalton. É um homem alinhado e bem-apeado. Nada nele está fora do sítio: o cabelo louro escuro, um pouco grisalho, está impecavelmente cortado, como sempre; tem a pele bem cuidada, embora com algumas rugas próprias da idade; a roupa está imaculadamente limpa e passada a ferro; e os sapatos estão bem engraxados. Tudo nele é ordem, controlo e imagem. O que será que lhe agrada?

Acho que gosta de controlar mulheres. Não propriamente mulheres, porque essas representam um desafio demasiado grande e são, por definição, pares. Gosta de controlar raparigas. Gosta de controlar todos os movimentos. Gosta de as vergar, de lhes roubar o livre-arbítrio e a alma, até que lhe sejam totalmente obedientes. Acha-se um ser superior. Sente-se superior a tudo e todos e acredita que tem o controlo. Creio que gosta de usar todo o tipo de métodos, experimentar todo o tipo de técnicas para alcançar o objetivo e conseguir a obediência máxima. Isto é o que eu acho que ele gosta.

- Não sei – respondo. – Não sei do que gosta.

O Sr. Dalton dirige-me a sombra aterrorizante de um sorriso.

– Gosto de estudar a condição humana e usá-la de forma positiva – esclarece ele. – Gosto de observar até ponto se pode forçar os limites de alguém. Como desconstruir a personalidade de uma pessoa, transformando-a numa versão melhorada e mais submissa de si mesma. É possível capturar alguém, manter a sua vida nas nossas mãos e moldá-la a nosso bel-prazer. Transformá-la no que queremos que seja. É disso que eu gosto, Enelle. Gosto de criar pessoas.

– Quando diz “pessoas” está a referir-se a “raparigas”, não é? Não se atreveria a fazer isso a um homem da sua idade, pois não? Terá de ser alguém que o senhor considere mais fraco, certo?

- As adolescentes e as jovens estão no ponto certo, sim.

- Qual foi o papel da Jude no meio de tudo isto?

Ele chega-se à frente, entrelaça as mãos e apoia-se sobre as pernas.

– A Judana foi o meu maior projeto. Tive-a comigo durante anos, por isso pude estudá-la e moldá-la desde tenra idade. Ela tinha de perceber até que ponto era desprezada, até que ponto era inconveniente. Tu e a tua família interferiram muito mais do que seria o meu desejo. Estavam constantemente a encorajá-la, ao acolherem-na em vossa casa, mas eu lidei cuidadosamente com o assunto e estava a conseguir lá chegar. Queria que a Judana sentisse o fardo que realmente representava para a família, para que *eu* a pudesse recuperar quando se sentisse completamente desfeita e insignificante. Moldá-la de forma a tê-la totalmente na mão. A fuga estava prevista. Eu ia arranjar-lhe um sítio onde ficar, longe da mãe e da vossa família. Ela seria o exemplo máximo de um

espécime recriado e, a seu tempo, ajudar-me-ia a criar outras raparigas como ela. Investi bastante na Judana, mas ela desapareceu antes de eu estar preparado.

– O senhor... *desejava* a Jude? Queria ter relações sexuais com ela?

– Nada de tão básico, Enelle. Ela seria a peça principal do meu plano para a criação do tipo de companheiras que homens como eu precisam.

– O senhor queria criar mulheres que estivessem dispostas esperar que os homens viessem ter com elas? Porque não arranjam amantes? – Ele olha para mim como se eu fosse tonta e não o estivesse a ouvir. – Ah, pois, mas isso daria demasiado trabalhado, não é? Falar com elas, fazê-las pensar em coisas como consentimento, conversa e respeito. O senhor quer raparigas que não reajam, que alinhem em tudo o que lhes ponham à frente, depois de treinadas para não esperarem nada mais do que isso.

– Dito dessa forma, parece sórdido. Invisto em pessoas, Enelle, e o meu investimento produz *sempre* lucros.

– Então, e a Sirene? Que tipo de investimento foi ela?

– Ajudo fugitivas, Enelle. Raparigas que sentem que não são importantes nem desejadas em casa. Cuido delas, preocupo-me com elas e dou-lhes um teto.

– Como as conhece?

– Porque haveria de te revelar tudo, Enelle?

– Porque não? Não me parece que tenha muitas oportunidades de falar nas suas conquistas.

– O mundo está cheio de lugares frequentados por rejeitadas. Eu encontro-as e faço com que se sintam desejadas.

– E depois viola-as e mata-as. É bom não nos esquecermos desses detalhes.

– Não mato pessoas – diz ele.

– Então, porque precisa destes dois? Não entendo. Se passa tanto tempo a vergar as raparigas para depois as recriar, porque precisa destes dois palhaços?

– Não posso estar sempre aqui. As raparigas precisam de ir à casa de banho, de comida e água...

– De serem violadas... e mortas.

O Sr. Dalton apoia o rosto na mão e olha para mim, como se estivesse a tentar perceber-me.

– Sempre tive uma certa predileção por ti, Enelle. Há uma grande sinceridade em ti e na forma como conduzes a tua vida. Ficaria envergonhado se fosses minha filha, por seres tão descontrolada sexualmente, mas gosto de ti. Acreditava piamente que irias conseguir encontrar a Judana, mas, infelizmente, parece que não. – Suspira. – Não sei mesmo o que fazer contigo, Enelle.

– Pode libertar-me – sugiro. – Parece-me uma opção válida. Será a minha palavra contra a sua. Ninguém vai acreditar em mim.

– Mas como o teu pai veio a descobrir, a lama agarra-se, Enelle. Eles poderão não acreditar em ti, mas vão começar a investigar a minha vida com um pouco mais de atenção do que o desejável.

O Sr. Dalton tem uns olhos cinzentos. São da cor do aço e são gelados. Olho-o fixamente e ele retribui-me o olhar.

– Nesse caso, resta-lhe apenas uma alternativa, não é verdade? – digo. Ele acha desagradável matar pessoas, o que não significa que não consinta. Nem significa que eu deixe de o confrontar com esta situação.

Ele começa por desviar os olhos. Para alguém que se considera superior, é surpreendente que o faça. Talvez seja a primeira vez que é confrontado por alguém que o conhece praticamente desde sempre e que parece ter perfeita noção do que ele terá de fazer, se não me libertar.

Pareço estar bem, a encarar isto de forma estoica, objetiva e até com alguma calma, mas não estou. Estou trémula por dentro. Estou aterrorizada. Continuo na esperança de que algo irá acontecer e que serei salva, mas tenho de me lembrar, logo a seguir, que isso é impossível.

– Fica de olho nela – ordena subitamente o Sr. Dalton ao Shane. Depois, levanta-se. – Se achas que o consegues fazer sem me arranjares mais um problema para resolver.

O desdém que sente pelo Shane está claramente estampado naquele rosto envelhecido. Depois, inclina a cabeça para a porta e acena ao Craig Ackerman, que o acompanha pela cozinha aberta e sai para o exterior com ele.

– Creio que devem estar a combinar o que vão fazer comigo, depois de me matarem – digo ao Shane.

– Tudo isto era desnecessário, Nell – responde ele. – O que estavas a fazer? Porque estavas em minha casa a vasculhar as minhas coisas?

É um bom sinal ele estar a fazer-me aquela pergunta. Significa que não sabe que contei a toda a gente, à exceção do Aaron, talvez, quem eu achava que o Craig tentara matar.

– Não andava a vasculhar as tuas coisas. Andava à procura da cópia das chaves que tu tens do meu apartamento.

– Não sei do que estás a falar – refuta o Shane.

– Há dias, reparei que as fechaduras tinham sido destrancadas antes de a porta ser arrombada. Foi por isso que não ficou muito danificada e a polícia conseguiu encontrar facilmente quem a consertasse. Deduzi que só podias ter sido tu a dar as chaves ao ladrão. Provavelmente, fizeste uma cópia das chaves que a Macy tem. Percebi que tinhas sido tu por causa da ratazana morta. És a única pessoa que sabe do medo patológico que tenho delas, para além da Macy.

– Tinha de te conter – diz ele. – Porque não paraste? Parecias sentir-te feliz a viver connosco e a cuidar das crianças. Só tinhas de continuar a fazê-lo e esquecer o resto, e tudo estaria bem.

– Tu mataste uma pessoa, Shane. Isso é irremediável.

– Eu não a matei – responde ele, irritado. – Não matei nenhuma delas.

– Elas? Então, foi mais do que uma? – As mulheres encontradas ao longo da costa estavam *mesmo* ligadas.

Ele abana a cabeça.

– Cala-te.

– Ouvi o que disseste na carrinha, sabes? Eu sei que permitirias que ele me matasse, desde que ele te deixasse “dar uma voltinha.”

– Cala-te.

– O que estarias a fazer-me neste momento, se ali o chefão não tivesse aparecido? Ele não me responde. – Já tinhas tudo planeado? O que é que me ias fazer, antes de o Craig me matar?

– Para.

– O que estás a fazer com estes dois, Shane? Como te envolveste nisto?

– Para de falar, Nell.

– Porque haveria de parar? – prossigo. – Eles estão os dois lá fora, neste preciso momento, a planear como me vão matar e o que fazer com o meu corpo. Porque haveria de me calar? – Chego-me para a frente na cadeira. – Tu próprio disseste que eu nunca me calo. Porque haveria de me calar agora?

O Shane não responde.

– Por favor, fala comigo – peço, num tom de voz débil e assustado. – Estou assustada com o que me vai acontecer. Fala comigo, ajuda-me a entender. Tudo o que se passou entre nós foi uma mentira? O Craig disse que tu o fizeste para ficares de olho em mim. Nada do que se passou entre nós teve significado?

– Não entendes, pois não, Nell? Fui eu que te mantive viva. O Craig e o teu amigo queriam matar-te, mas eu não deixei. Disse-lhes que me aproximaria de ti e descobriria o que sabias, certificando-me de que não continuarias a tentar desvendar a identidade da *Sereia de Brighton*. O Craig não se importaria que o Dalton ficasse furioso por ele te matar, percebes? Ter-te-ia matado e enfrentado a fúria do Dalton. Fui eu que o impedi. Fui eu que te salvei.

– Como te envolveste nisto? – pergunto-lhe. – Como conhecestes o Dalton?

– Ele era o meu advogado. Fui acusado de coisas que não fiz. Ele safou-me e acabou com os meus problemas.

– E ensinou-te a escapares impune, depois disso? – Agora entendo. Por isso o Shane não voltou a ser ligado a qualquer crime, depois dessa primeira condenação. O Dalton ensinou-o a não deixar rasto.

– Não fiz nada daquilo. Não precisava que me ensinassem nada.

– Então, e o Craig? Tu sempre disseste que não tinhas família. Porque me mentiste, se tens um irmão?

– Ele é meu meio-irmão e foi ele que me encontrou. O meu pai abandonou a mãe dele antes de eu nascer. Ele localizou-o e depois localizou-me. Quando aquilo aconteceu, ele achou que era melhor que ninguém soubesse que éramos parentes.

Achou que era melhor ninguém os ligar quando começaram a fazer o que faziam com o Dalton.

– O que aconteceu com a pobre da Sirene? – interrogo. – Porque acabou por ser morta?

– Porque fugiu. Se não tivesse fugido...

– De onde fugiu ela?

– Nell, não estás a entender... A Sirene era uma fugitiva. Não tinha ninguém. Nós acolhemo-la, alimentámo-la, demos-lhe um teto. Cuidámos dela.

– O que tinha ela de dar em troca?

O Shane não responde. Tudo o que disser vai parecer terrível porque *é* terrível.

– Todos vocês a possuíam à força quando vos apetecia, certo? Fazia tudo parte do plano do chefe para vergar as raparigas. Violá-la repetidamente para a vergar.

– Não era bem assim. Todos nós temos necessidades. Ela precisava de um teto. Nós tínhamos outras necessidades.

– Ela sabia que seria esse o preço a pagar para satisfazer as suas “necessidades”? Ou será que o Dalton lhe deu a volta? Eu sei que foi ele, pois já percebi por que motivo uma fugitiva confiaria nele. Conseguiu seduzi-la e convencê-la a ir para um lugar onde a manteve prisioneira? Aposto que não foi apenas violada por aqueles dois. Aposto que *tu* também lhe fizeste coisas horríveis.

– Não fiz. Tu conheces-me, Nell. Talvez eles sejam assim, mas eu não sou. Eu era gentil com ela, cuidava dela. Garantia que ela estava bem.

– Ah, pois, acredito mesmo que sim. Tu eras o tipo gentil, o tipo que falava com ela, que lhe fazia os curativos, se outros a magoassem. Aposto que eras maravilhoso, para teres dela o que querias. A Sirene olhava para ti como eu costumava olhar? – questiono. – Os olhos dela também estavam carregados de devoção e subserviência por seres mais “gentil” do que os outros dois?

– Não sabes o que estás a dizer. Eu era bom para ela.

– Ah, eras? Ou será que chorava menos contigo? Será que a poupavas à dor física para que ela conseguisse conter as lágrimas quando chegava a “tua vez”?

– Cala-te.

– É que eu acredito que deve ter sido bem pior contigo, Shane. Depois de o charmoso Dalton começar a vergá-la, creio que ela deve ter percebido rapidamente que espécie de pessoa ele realmente era. Também não é difícil perceber que o Craig é um canalha. Mas no teu caso, não me parece. Foste gentil com ela, passaste tempo com ela e foi justamente isso que te tornou o pior dos três. Por seres gentil, é provável que tenhas alimentado nela a esperança de que a salvarias, de que um dia destrancarias a porta e a libertarias. Sim, conversavas com ela, descobriste o nome dela, sussurravas-lhe palavras carinhosas e provavelmente fazias o possível para não a magoares muito enquanto a violavas, mas, na verdade, eras pior do que os outros, porque o que estavas a fazer deixava-a confusa. Fizeste o possível para a deixar de tal maneira confusa...

– CALA-TE! – grita-me ele, cego de raiva. – CALA-TE! CALA-TE! CALA-TE! – Percebo que

está a conter-se para não me agredir fisicamente. – CALA-TE!

Baixo o olhar e recosto-me na cadeira, quase tão ofegante como quando fugira, horas antes. Não devia ter feito aquilo. Nunca é boa ideia irritar um homem perigoso, mas já não suportava vê-lo armado em bonzinho. Ele acredita realmente no que está a dizer. Ele acha sinceramente que não era tão mau como os outros dois pelo facto de manipular emocionalmente a pobre rapariga.

– Sabes que, neste preciso momento, eles devem estar lá fora a planear como nos vão matar aos dois, não sabes? – provoco, num tom coloquial, assim que o Shane se volta a sentar na cadeira que está à frente da minha.

– Estás a tentar entrar na minha cabeça, Nell? *A sério?* És uma amadora.

– Não estou a tentar entrar na tua cabeça, estou simplesmente a apontar-te uma verdade óbvia: ambos sabemos que eles me vão matar. Então, porque precisam eles de ir lá para fora discutir o assunto? *Eu* sei que é isso que vai acontecer e *tu* também, portanto, deviam ter ficado aqui e falar abertamente sobre isso. Vocês têm prazer em aterrorizar e intimidar mulheres. Então, porque iriam eles privar-se do prazer de me verem a desfazer em pedaços, enquanto discutem o meu fim? Foi o próprio Dalton quem o disse: gosta de vergar mulheres e de o ver acontecer diante dos seus olhos. Então, que razão tinham ele e o Craig, o assassino, para quererem discutir o assunto em privado? Hmm... Deixa-me pensar. Será que decidiram que o falhado que lhes causou todos os problemas que estão a ter esta noite também terá de morrer?

À medida que falava, o Shane foi ficando com uma expressão mais reservada. Está de olhos muito abertos, a humedecer repetidamente os lábios. Pouco a pouco, está a perceber que eu posso ter razão.

– Eles não fariam isso – diz ele subitamente, pondo a ideia de parte.

– Claro que não. Jamais matariam ou trairiam alguém. Não está na natureza deles fazer algo do género.

O Shane levanta-se e vira-se para o extremo oposto da sala, por onde eles saíram, e eu congratulo-me por ter conseguido deixá-lo paranoico. Se não conseguir sair dali viva, levarei comigo, pelo menos, a saúde mental do Shane. Faço-o também pela Macy, alguém que o Shane disse ter andado a manipular ao longo deste tempo todo.

Pareço estar cheia de coragem, como se tivesse assimilado o que está prestes a acontecer, mas não assimilei nada. Interrogo-me se a Sirene e as outras sereias teriam sentido o mesmo. Se, lá no fundo, sabiam como iriam acabar, mas mantiveram sempre a esperança de que alguém as iria salvar. Para que alguém me salve, é preciso que saiba onde estou. Mas ninguém sabe onde estou e quando o Zach começar a procurar-me, estando eu sem telemóvel, será tarde de mais.

Olho para a figura subitamente inquieta do meu primeiro homem, o aspirante a marido da minha irmã. Pelo menos, está a sentir-se tão assustado como eu. Talvez até mais, porque eu não consigo imaginar como eles me vão matar, mas ele já viu como o fazem inúmeras vezes, portanto, deve saber

do que são capazes.

A porta das traseiras fecha-se ruidosamente quando os outros dois homens regressam ao interior do edifício e percorrem a sala de jantar em direção à sala de estar.

– Leva-a lá para cima – ordena o Dalton ao Craig. – Amarra-a num dos quartos e tranca-a lá dentro. Mais tarde, tratamos dela. – Depois, foca a sua atenção no Shane. – Tu e eu temos de ter uma conversa muito séria sobre o que vai acontecer a seguir.

– Não – solta subitamente o Shane, colocando-se entre mim e o Craig. Têm estaturas semelhantes e a mesma constituição, e agora que estão perto um do outro apercebo-me de que ambos herdaram os traços do pai: a forma da testa, as sobrancelhas, o ângulo dos málares e a forma dos lábios. Como é possível não ter reparado nisso antes? – Deixa-a em paz.

O Craig volta a olhar para o Dalton. Nem preciso de ver o rosto dele para perceber que o olhou como quem diz “eu avisei-te”. É evidente que disse ao Dalton que o Shane podia não aceitar o que me iam fazer, e que tinham estado a discutir a melhor forma de resolver o problema.

Eu não estava a ser totalmente manipuladora quando lhe disse que eles estavam a planear matá-lo, mas parece que tinha razão. A forma como o Shane e o Craig se estão a posicionar em frente um do outro parece indiciar que o Craig não hesitará em atacar o irmão.

Eu sei que a Macy, por vezes, me odeia e esse ódio é real, genuíno e palpável, mas também me ama. Importa-se e preocupa-se com o que me pode acontecer. Existe uma ligação tácita e real entre nós. Mas entre o Shane e o Craig não parece haver nada disso. Pergunto-me se será por não terem crescido juntos ou pelo facto de estarem, sobretudo, ligados por aquilo que fazem. O que fazem é tão perigoso, que devem estar sempre a olhar por cima do ombro, para ver se o outro o está a proteger ou a apunhalar pelas costas.

– Se queres falar sobre o que se segue, fá-lo aqui, na presença dela – impõe o Shane. – Ele não a leva a lado nenhum sozinho.

A fúria do Dalton reflete-se primeiro nos olhos, como a chama piloto de uma fornalha, projetando-se depois na forma como críspa os maxilares e serra os lábios.

– O que vai acontecer a seguir é o que acontece sempre a seguir – diz, por fim, dirigindo-se ao Shane.

– Nenhum dos dois lhe vai tocar – responde o Shane

– Um por todos e todos por um, Shaney – lembra o Craig. – Sempre foi assim foi. Todos somos cúmplices, todos temos o mesmo a perder e nenhum de nós denunciará os outros.

– *Nenhum dos dois lhe vai tocar* – repete ele, num tom de voz ameaçador. – Ela é minha.

O Dalton continua furioso; a fúria cola-se-lhe no rosto como uma máscara.

– Não queria que isto acontecesse, Shane. Nunca foi minha intenção fazer mal à Enelle nem tocar-lhe dessa forma. Não seria correto. Mas tu provocaste esta confusão toda e agora temos de limitar os danos tanto quanto possível. Temos demasiado a perder.

O meu coração estava acelerado desde que me tinham metido na traseira do monovolume. Parecia estrondear-me na cabeça, tornando-se, por vezes, mais ruidoso do que a minha respiração ofegante, mas agora estava aceleradíssimo. O perigo daquele impasse parecia estar a fustigá-lo como quando um cavalo de corrida é chicoteado na prova final de um campeonato.

Olho para os três homens que tenho diante de mim. Três exemplos acabados do que a humanidade tem de mais horrendo. Três homens dispostos a atacarem-se mutuamente. Três homens decididos a maltratar-me.

Mesmo que o Shane estivesse a fazer aquilo pelos motivos certos – para me salvar – e não por achar que eu lhe pertença e não querer que mais ninguém toque no que é dele, não me parece que tenha grandes hipóteses. Não contra o irmão. Há uma selvajaria incontrollável no Craig Ackerman que se está a manifestar na tensão dos seus músculos e na postura ameaçadora, de punhos cerrados.

O meu coração está de tal forma acelerado que me está a causar sofrimento. É como se fosse parar a qualquer momento.

Abraço-me ao peito e arquejo alto com a dor que me percorre.

Curvo-me para a frente e o Shane vira a cabeça para olhar para mim, e é quando desvia os olhos de ambos que o Ackerman decide atacar.

Macy

Sábado, 2 de junho

O filho do John Pope não fala muito. Trabalha alternadamente nos dois ecrãs que usa e está totalmente concentrado. Fomos diretamente para o andar de cima e eu dou comigo a pensar se o pai dele estará em casa. O Zach disse-me que era ali que ele vivia e que a Nell lhe contara que era o filho quem cuidava dele. Deve estar em casa. Provavelmente no andar de baixo, na sala que está com a porta fechada, à saída do corredor.

Odeio o facto de a Nell ir àquela casa por receio do que o Pope fizesse se ela não aparecesse. Não sei porque não me contou. Está bem, *até* sei porquê. Deve ter-se sentido muito só. Ela nunca mostra o que sente. Age sempre como se estivesse de bem com tudo, como se andasse simplesmente a pairar pela vida, em busca da identidade da *Sereia de Brighton*, à procura da Jude, e nada a pudesse deitar abaixo.

Odeio o facto de a Nell ir àquela casa e estar no mesmo espaço que aquele homem.

Odeio o facto de a única pessoa capaz de nos ajudar neste momento ser o filho desse homem.

O Aaron Pope dá um murro na secretária com tanta força que o teclado salta, juntamente com uma série de canetas e pedaços de papel.

– Não consigo – rosna ele, absolutamente frustrado. – A triangulação não está a funcionar. – Entala a mão na boca e morde-a com força, de olhos fixos no enorme ecrã que está diante dele. Está em pânico. Percebo-o pela sua expressão.

O Zach praticamente não falou, porque também está em pânico.

Eu conheço o pânico.

Sei como nos altera. Como nos impede de pensar e de sentir convenientemente. Como distorce emoções insignificantes, conferindo-lhes proporções gigantescas, como transforma o ar que respiramos numa gaiola de arame farpado que nos mutila o próprio ser. Eu sei o que é entrar em pânico e como nos pode matar, em termos metafóricos. Neste caso, poderá ser a morte da minha irmã e eu não posso permitir que isso aconteça.

Agacho-me junto do Aaron.

– Fala-me da Nell – peço-lhe.

Ele pisca-me os olhos por trás dos óculos, como se lhe custasse concentrar-se em mim, depois de estar a olhar tão intensamente para os ecrãs, e abana a cabeça: *Não estou a entender.*

– Fala-me da Nell – repito. – Eu não a conheço. Há anos que vem aqui e trabalha contigo sem que eu o soubesse. Há tanta coisa que não sei sobre ela. Fala-me da Nell.

– Não temos tem... – começa por dizer o Zach, e eu levanto a mão para o calar. Nenhum deles conhece o pânico tão bem como eu. Eu sei o que estou a fazer.

– Fala-me da Nell.

– Hum... – Ele ergue as mãos e encolhe os ombros. – Acho-a um pouco estranha. Estranhamente singular. É reservada. É gentil. É carinhosa. Por vezes, consegue ser irritante. Sei lá. Em que é que isto nos pode ajudar?

– Fala-me da Nell.

– Não sei o queres que diga.

– Quero que contes o que ela tem feito aqui ao longo do tempo. Conta-me como trabalha, como pensa, como resolveria este problema. Fala-me da Nell.

– Sei lá. Acho que ela... acho que ela. – Subitamente, faz-se luz na cabeça dele. Uma luz que não teria surgido se ele ainda estivesse em pânico. – Acho que ela procuraria uma alternativa ou faria algum tipo de combinação diferente para conseguirmos o que pretendemos. Tenho de...

Ajusta os óculos no nariz e volta a dar atenção ao computador. Puxa o teclado e começa escrever.

– A triangulação não está a funcionar. Só consigo dois pontos em cada telemóvel, por isso vou combinar os pontos dos dois telemóveis e espero...

O computador emite um som e ele para de falar. Uma área específica do mapa da costa sul que está no ecrã amplia-se subitamente.

– E espero que um destes dois pontos substitua o terceiro ponto da triangulação do outro telemóvel. Foi isso que aconteceu. Aqui está. Ele... ou melhor, os telemóveis dele estão aqui. – Aponta para o ecrã do computador com o dedo. No mapa, a zona parece um oceano verde-claro no meio de linhas brancas de estradas amplas. – Vou abrir o mapa aéreo. – Carrega numa série de teclas no teclado e surge uma fotografia aérea da mesma zona. O verde pálido dá lugar a campos verdejantes e as linhas brancas convertem-se em traços cinzentos. Veem-se sebes vivas a delimitar os diferentes terrenos e as poucas casas visíveis estão bastante dispersas.

– Conheces este local, Macy? – pergunta-me o Zach. – O Shane teria algum motivo para lá ir?

Abano a cabeça.

– Não. Nunca lá estive. Nunca... Não, nunca lá estive.

– Ele só a pode ter levado para lá por um motivo – observa o Aaron, verbalizando o que todos estamos a pensar. – Temos de ir para lá. – Recomeça a escrever no teclado e descobre um código postal da zona e um endereço parcial, pois a área definida pela triangulação dos telemóveis do Shane parece pequena no ecrã, mas, na realidade, é muito vasta. – Se a Macy lhe ligar, quando estivermos mais perto, conseguirei identificar a sua localização exata.

– Não – corta o Zach. – Tenho de comunicar isto imediatamente à polícia. Tenho fundamentos suficientes para pedir uma operação de busca.

– Ótimo. Mas eu também vou, e não me podes impedir de o fazer – garante o Aaron, levantando-se da cadeira e agarrando no pedaço de papel onde escreveu o código postal.

– Eu também vou – reforço.

– Está bem, está bem – concede o Zach. – Vamos todos, mas vocês terão de fazer exatamente o

que eu e os outros agentes vos dissermos, entendido?

- Sim – concorda o Aaron.
- Sim, tudo bem – digo eu.
- Certo. Vamos embora.

Nell

Sábado, 2 de junho

Pandemónio. O ar está impregnado de ruídos: gritos, socos, palmadas, coisas a estalarem e partirem-se. Puxo as pernas para cima e observo, horrorizada, enquanto o Shane e o Craig rebolam pelo chão e contorcem-se furiosamente, como uma criatura de duas cabeças a lutar contra si mesma.

Julguei que o Craig fosse o mais forte e o mais dominante, e que iria manietar o Shane, assim que o atacasse. Mas o Shane é muito mais forte e violento do que eu imaginava. Observo-os e depois levanto olhar para o Dalton.

Ele está horrorizado, de olhos fixos nas duas figuras engalfinhadas, sem saber o que fazer. Ele só é violento com mulheres jovens e vulneráveis, incapazes de ripostar. Não me parece que as encare sequer como pessoas. Para ele, são ferramentas, objetos para as suas experiências, cobaias que verga, possui à força e mata, uma vez terminado o serviço.

Na vida de Dalton, todos são peões, objetos de controlo, mas isto deixa-o horrorizado, pois não era isto que esperava. Está fora do seu controlo.

E é também a minha oportunidade de voltar a fugir.

Nem penso duas vezes. Não espero que eles parem de lutar e de arrancar pedaços de carne um ao outro. Não espero que voltem a dar-me atenção. Levanto-me bruscamente, salto por cima deles e aterro desajeitadamente no chão, antes de começar a correr.

– Nem penses – diz o Dalton. Pensei que estivesse demasiado aturdido, demasiado paralisado pela luta para dar pela minha fuga, mas ele agarra-me por um braço e tenta prender-me. Tento libertar o braço, mas ele tem-me bem segura.

– Nem penses – repito, pisando-lhe o pé com força. Depois, dou-lhe uma violenta palmada no nariz e cravo-lhe os dedos nos olhos. Ele não está à espera deste tipo de ataque e larga-me quando o atinjo no nariz.

Largo a correr, sem pensar no tempo que o Dalton demoraria a recuperar. O que lhe fiz não o irá deter por muito tempo, por isso tenho de me mexer. Percorro a sala, contorno a enorme bancada central da cozinha e dirijo-me para a porta.

– Ela está a fugir! – grita o Dalton, no instante em que levo os dedos à maçaneta e abro a porta. O choque térmico com o ar frio e revigorante da noite é outro ataque, pois o medo fez subir a temperatura do meu corpo.

Mas não paro e corro para me afastar da quinta, o ruído da gravilha debaixo dos meus pés lembra-me os estalidos das folhas secas de outono. Desta vez, tenho de conseguir chegar às árvores. Não posso deixar-me apanhar outra vez. Se for novamente apanhada, é o fim.

O meu fim.

As minhas pernas trémulas levam-me até junto à cerca e depois, subitamente, tudo se ilumina em

meu redor. Vejo primeiro luzes brancas de faróis dianteiros e, logo a seguir, luzes azuis intermitentes, dos veículos que percorrem a ladeira de terra batida aos solavancos, em direção à quinta.

Eu fico paralisada ao vê-los aproximar, desejando desesperadamente não estar a sonhar, desejando que aquilo não seja apenas uma alucinação, um dos efeitos colaterais da droga que absorvi acidentalmente, quando me piquei no dedo. Os carros continuam a chegar, iluminando toda a área em redor da quinta à medida que se aproximam, e vão parando uns ao lado dos outros.

Ergo imediatamente as mãos, pois não quero que me confundam com uma criminosa. Não quero ficar ferida antes que eles percebam que não tenho nada que ver com os homens que lá estão dentro. Ouço-os a saírem a correr da casa, para virem atrás de mim, e logo a seguir sinto-os a parar, ao verem quem se juntou a nós naquele seu esconderijo isolado.

Não faço ideia de como lá chegaram nem quem vieram buscar, mas não quero saber. Já não estou sozinha. Aqueles três homens já não me vão violar nem desembaraçar-se de mim como se eu fosse um animal.

Essa, para mim, sempre foi a pior parte da história da *Sereia de Brighton* e das outras sereias: não foram tratadas como seres humanos. Era justamente isso que enfurecia a Jude, relativamente à *Sereia de Brighton*. Para eles, eram apenas cadáveres. Um tema de conversa. Casos sobre os quais ponderar. Casos que tinham de ser “resolvidos”, e não seres humanos dignos de respeito e consideração pelo simples facto de terem existido. Aconteça o que acontecer, não serei “apenas” um cadáver abandonado de que ninguém voltará a falar. Aconteça o que acontecer, as pessoas saberão quem eu sou.

À frente, está um carro prateado que não reconheço, mas depois vejo-a lá dentro. A Macy. Ou alguém muito parecido com ela. Estreito os olhos, para os proteger da luz dos faróis, e tento olhar novamente através do para-brisas. *Macy?*

A porta abre e ela sai. A porta do lado oposto abre-se e eu vejo o Zach. A porta de trás abre e vejo o Aaron a sair do banco de trás. Nunca estive tão feliz por ver estas três pessoas.

Movo-me na direção do carro, para me reunir à Macy, para me sentir a salvo do outro lado da linha. Os outros carros param e inúmeros agentes da polícia começam a sair. As mesmas pessoas que me aterrorizaram durante mais de metade da vida, à conta do que um deles fez à minha família, muitos anos antes.

– NÃO SE MEXA! – grita uma voz, e eu paro imediatamente, voltando a erguer as mãos. Fico de mãos no ar sem respirar. Sinto o ar preso na garganta, como se não conseguisse encher os pulmões.

Os agentes avançam em grupo, como formigas negras atraídas pelo açúcar, contornando-me como um obstáculo e avançando para o objetivo. Ouço gemidos, rosnidos e gritos, e depois o estalido de algemas – um som que ouvi demasiadas vezes na vida. Fico imóvel, absolutamente imóvel, até levarem os três homens para os carros de patrulha e ver um outro grupo de polícias a dirigir-se para a casa.

Quando se torna claro que já apanharam quem queriam e vão deixar-me em paz, baixo os braços, fecho os olhos, respiro fundo e abandono-me finalmente ao medo. Ela vem imediatamente ao meu encontro, abraçando-me e amparando-me, e eu desfáço-me em lágrimas, tolhida de horror.

– Está tudo bem, está tudo bem – diz a Macy, para me sossegar. – Eu estou aqui, eu estou aqui.

Nell

Domingo, 3 de junho

Agora, já estou bem.

Mas estava histérica. De tal forma histérica que não conseguia parar de chorar. Tiveram de me dar um sedativo para me acalmar. Dormi um pouco depois disso, e agora estou bem.

Isso é o mais importante. Sinto-me perfeitamente bem. O Zach e o Aaron estão lá fora, na sala de espera. Apenas a Macy está autorizada a estar ali comigo. Um agente da polícia recolheu o meu depoimento inicial e agora posso descontraír até que me seja dada alta. Só há um pequeno contra: assim que me descontraio, volto a lembrar-me de tudo e, apesar da medicação que me injetaram, sinto a histeria a crescer novamente dentro de mim.

Odeio isso. Odeio não ter tido o sangue-frio ou a presença de espírito para abraçar a minha irmã e os meus amigos, e brincar com eles por terem vindo os três salvar-me.

Em vez disso, foi como se tudo aquilo me atingisse em pleno, quando a Macy me abraçou. O terror absoluto que sentia desde que acordara na traseira do monovolume do Shane impregnou-me a alma e espalhou os seus tentáculos pelas minhas veias, esmagando-me o coração e o peito.

Julgava que ia morrer.

Pensei que ia morrer, que ia ser assassinada e acabaria abandonada algures, como a *Sereia de Brighton*. Um cadáver anónimo no qual as pessoas pensariam transitoriamente e sobre o qual alguém escreveria um artigo daqui a 25 anos, levantando a dúvida se alguém jamais iria conseguir descobrir a identidade do cadáver.

Mas não era só por isso que eu estava a chorar. Estava a ir-me abaixo por constatar que grande parte da minha vida estava ligada à *Sereia de Brighton* de formas que ainda eram difíceis de entender – o Shane, o Sr. Dalton, o Aaron e, finalmente, até o Zach se tinha envolvido no caso da *Sereia de Brighton*.

– Isto é que é um *déjà vu* – digo eu à Macy, depois de o agente da polícia se ir embora. Ela tem estado muito calada. Ficou perto de mim, mas não disse quase nada e tem evitado olhar para mim. Tem estado a endireitar-me a roupa da cama, sobre a qual eu estava sentada, mas parece estar a conseguir manter os tiques nervosos controlados.

– Pois é – solta ela. Fecha os olhos, suspira e depois acrescenta:. – Lamento muito, Nell.

– Engraçado. Ia dizer-te o mesmo – respondo.

– Lamentas o quê? – pergunta ela.

– E *tu*, lamentas o quê?

– Perguntei primeiro.

– E eu perguntei depois.

– Caramba, Nell. Imaginei que teríamos uma conversa franca e emotiva, na qual aceitaríamos as

nossas diferenças, verteríamos algumas lágrimas por duas certas pessoas serem umas pestes e decidiríamos seguir em frente, como duas boas irmãs. Mas nem sequer conseguimos *começar* a conversa, muito menos tê-la.

– Está bem, pronto. Lamento ter destruído a tua vida no passado e no presente. Lamento muito por não sermos mais próximas. Lamento que o que te fiz te tenha feito infeliz durante tanto tempo. Lamento tanto, tanto, *tanto tê-lo* trazido para as nossas vidas.

– Não precisavas de dizer tudo isso, sabes? – responde a Macy. – Tu não destruístes a minha vida nem no passado *nem* no presente. Só quando o Zach me perguntou por que razão eu não gostava de ti, ou melhor, quando iria parar de te odiar, é que eu percebi que isso transparecia e era verdade. Chocou-me bastante constató-lo.

Desvio os olhos dela e observo as cortinas em torno do meu cubículo no Serviço de Urgências. Eu já sabia, mas custa ouvir e abre mais uma cratera no meu coração destroçado. Sinto que vou começar a chorar e não sei se o sedativo que me deram será o suficiente para evitar mais um ataque de histeria.

Não quero ficar histérica outra vez.

Quero manter-me naquele estado difuso em que não se sente grande coisa.

– Eu não te odeio *de verdade* – acrescenta rapidamente a Macy. – Mas pensava que te odiava e, por isso, estava sempre a ir buscar coisas que tu fazias para provar a mim própria que te odiava. Eu não te odeio, Nell. Eu amo-te. Adoro-te. Tu és como eu quero ser. És basicamente a minha heroína. Uma heroína *extremamente* imperfeita.

– Estás só a dizer isso por dizer – digo eu, fungando e limpando os olhos.

– Eu pensei... Nem sei bem o que pensei. É só que durante tanto tempo senti que tudo girava à tua volta. A mãe e o pai não voltaram a ser os mesmos depois de o pai ter sido preso, mas, ainda assim, faziam tudo por ti. Na altura, na minha cabecinha de 11 anos, tu eras a culpada de todas as coisas horríveis que estavam a acontecer à nossa família. Acho que me agarrei a isso. E quando... *o* conheci e descobri que tu ele tinham estado juntos, senti... enfim... senti que iria finalmente conseguir ser como tu. Ter o que tinhas. Ele era tão carinhoso e dedicado que eu achei que iria, *finalmente*, ser o centro das atenções. Mas não. Ele ainda estava claramente interessado em ti.

– Não estava nada.

– Importas-te de não me interromper? – corta ela, irritada. – Estou a aqui a confessar tudo o que me vai na alma, não preciso que atrapalhes a minha fluência discursiva.

– Desculpa. Continua.

– Eu *pensei* que ele ainda estava interessado em ti. Não percebi que era por causa da... ui, nem consigo pensar nisso... – A Macy bate ao de leve num dos lados da cabeça, como que a tentar não pensar no Shane. – Não te odeio. Estou a ser sincera, sabes disso. Não te odeio. Amo-te. Tu sempre me pareceste uma pessoa extremamente capaz e inteligente. Tens sempre homens apaixonados por ti.

Eu, pelo contrário... tive um tipo que me abandonou com três filhos e outro que fez de conta que estava comigo, mas que, na verdade, nunca esteve. – Pega-me na mão e entrelaça os dedos dela nos meus. – Quero que sejamos boas irmãs. Quero que ultrapassemos tudo isto e... sei lá, que sejamos boas irmãs.

– O que entendes por boas irmãs? – interrogo. – Não somos propriamente inimigas uma da outra, pois não?

– Não, mas não conversamos, não comunicamos e não passamos tempo juntas.

– Passamos, sim. O problema é que passámos muito tempo com tudo isto por dizer. Eu a guardar segredos e a fazer coisas que não podia contar a ninguém da família, pelo desconforto que iria causar; tu a pensares que a mãe e o pai me preferiam e eu a achar que jamais conseguiria ser tão próxima deles como tu; tu ressentida comigo e eu ressentida contigo devido ao teu ressentimento, mas, ao mesmo tempo, a entender porquê... Uau, são *bastantes* questões para resolver entre irmãs não achas?

A minha irmã sorri. Isto deve ter despertado nela todas as suas preocupações e ansiedades, mas está a disfarçar bem. Minha pobre irmã. Conviveu a vida inteira com aquilo. Eu, pelo menos, era um pouco mais velha e podia socorrer-me da noção de que vivia num mundo imperfeito, para assimilar o que se estava a passar. Mas ela não podia. Começou por viver uma realidade em que as pessoas eram gentis e conviviam umas com as outras. Ouvíamos as notícias e, por vezes, sabíamos de um ataque terrorista distante e alheio à nossa realidade. Outras vezes, surgia um homicídio que era manchete em todos os jornais. Ouvíamos apelos da polícia, sabíamos de guerras em vários países, revoltas e revoluções, mas tudo nos parecia sempre distante e desligado da nossa realidade. Mas depois caiu-nos toda aquela confusão em cima, algo que nunca chegou a desaparecer por completo, e a Macy teve de integrar isso na sua vida. Os comportamentos e rituais que adotou para se conseguir apaziguar foram a sua forma de o fazer.

– Então, conta-me lá o que vais fazer acerca daqueles dois que estão na sala de espera – pergunta a Macy, passando repetidamente as mãos esguias sobre o lençol da minha cama para alisar os vincos.

– O que queres dizer com isso?

– O Zach e o Aaron. Estão os dois *claramente* apaixonados por ti. O que vais fazer? Quem vais escolher?

– Então, queres saber se escolherei o polícia infiltrado ou o filho do homem que acusou o meu pai.

A Macy mostra um sorriso afetado:

– Para ser sincera, ambos os fatores contribuíram, de certa forma, para te socorrer.

– Pois. Há que ter isso em consideração... Mas sabes que não é verdade? – digo-lhe.

– O que é que não é verdade?

– O que disseste: que tenho sempre homens apaixonados por mim. Não é verdade. Pode parecer

que é, mas não é. Eles só gostam de mim porque não me conhecem. É fácil fazer olhinhos a alguém com quem queremos fornicar ou com quem já estivemos algumas vezes. O difícil é apaixonarmo-nos por alguém que conhecemos em todos os aspetos. Na verdade, aquilo que, nestes tipos, encaras como amor, é apenas desejo de ir para a cama comigo, associado à ideia de que eu acabarei por lhes fazer a vontade, porque sou uma galdéria, como o Pope me chamou, há anos.

A minha irmã transmuta-se diante de mim: os seus olhos parecem incendiar-se, assume uma expressão furiosa e fica hirta, enraivecida.

– Nunca digas isso! Nunca digas isso a teu respeito! – brada ela, irritada. – Tu não és uma galdéria! Pouco me importa com quantos homens dormiste. Tu és muito *diferente* do que ele disse. Muito diferente. Não voltes a dizer isso, está bem? *Está bem?*

Recuo, surpreendida com a intensidade da sua reação.

– Está bem, está bem. Não volto a dizer isso.

Ela volta a acalmar-se e a postura feroz desaparece num abrir e fechar de olhos.

– Mas não tentes fugir ao assunto: qual dos dois vais escolher?

– Não sei. Poupa-me, mana. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

– Ah-ha! – solta ela, como se me tivesse apanhado em flagrante delito.

– “Ah-ha” o quê?

– Não disseste logo que escolhias o Zach, o que significa que o Aaron também deve ter uma hipótese remota.

– Gostaria muito, *muito* que mudássemos de assunto.

– A Nell, o Zach e o Aaron estão sentados numa árvore a N-A-M-O-R-A-R – trauteia ela, entre dentes. – Mas quem beijará ela primeiro? Quem beijará ela primeiro?

– Para com isso! Importas-te de ir à procura da enfermeira? Quero muito ir para casa.

Assim que ela desaparece por detrás da cortina eu recosto-me, fecho os olhos e sinto as lágrimas a correrem-me pelo rosto. Apesar de estar sedada, apesar de estar em segurança e de boa saúde, estou a chorar.

Macy

Domingo, 3 de junho

Não consegui contar-lhe a verdade sobre a Jude, no hospital.

E não consegui porque nunca a tinha visto naquele estado. Ela descontrolou-se por completo eu tive mesmo de lhe dar o meu apoio. Ficámos os três perplexos com aquele colapso nervoso, pois conhecemo-la bem. A Nell sempre foi o paradigma da força e da resiliência. Nada parecia abalá-la por muito tempo.

Mesmo depois de ter sido sedada para se acalmar, eu percebi que ela estava de novo à beira de um ataque de histeria.

Por isso, não consegui contar-lhe.

Estamos no apartamento dela e nenhum de nós se atreveu sequer a pensar em voltar para minha casa. Estou à porta do quarto, a observá-la enquanto dorme. Parecia um *zombie* quando lhe deram alta do hospital. Foi o Zach quem nos trouxe a casa; o Aaron ia sentado à frente e eu sentei-me no banco de trás, com a Nell. Ela agradeceu a todos, mas não permitiu que nenhum deles a ajudasse a subir as escadas.

Nunca pensei que a Nell fosse tão frágil, que pudesse ficar tão profundamente magoada. Pareceu ficar desfeita quando lhe disse que a odiava, o que não era verdade. Eu não a odiava realmente.

Mas tenho de lhe contar. O mistério da *Sereia de Brighton* está resolvido, mas não as questões relacionadas com a Jude.

Jude, Jude, Jude.

A Nell precisa de saber.

O melhor será deixar isso para amanhã de manhã, quando estivermos ambas bem acordadas e pudermos fazer alguma coisa para resolver o assunto. Contudo, é como se a história estivesse a queimar-me e a abrir-me um buraco na língua, o mesmo buraco que me abrira na alma desde a noite em que vi a melhor amiga da minha irmã meter-se no carro do meu pai e a desaparecer para sempre na noite, para nunca mais se saber dela

Estou a olhar para a minha irmã, a observar-lhe as rugas no rosto, quando ela abre os olhos.

Pergunto-me há quanto tempo estaria acordada desde que ali estou. No hospital, dissera ao agente da polícia que fingira estar inconsciente durante grande parte da viagem de carro até à quinta, para poder ouvir o que eles estavam a dizer.

Entro no quarto e ela puxa o edredão roxo para trás, sentando-se lentamente na cama, de uma forma quase penosa. Eu sento-me na beira da cama e olho para ela.

– O que se passa? – pergunta-me ela.

Suspiro. Como reagirá ela quando eu lhe contar? Será que vai gritar comigo? Será que me vai chamar mentirosa? Será que vai acreditar em mim? Durante anos, nem eu própria acreditava no que

tinha visto. Durante muito tempo, fiz de conta que nada disso acontecera.

Jude.

Abro a boca para lhe contar, mas as palavras ficam-me presas na garganta. Ou melhor, a palavra, o nome.

– O papá também costuma fazer isso, sabes? – diz a Nell. Pelo tom de voz, não me parece que estivesse a dormir nem sequer entorpecida pelas drogas que lhe injetaram. – Olha para mim como se quisesse confessar algo horrível e depois muda de ideias. O que me queres contar?

– O papá – solto. É a única palavra que consigo desentupir das cordas vocais.

– O que se passa com o papá?

– A Jude.

Agora está a olhar-me com a dureza que lhe é própria. Está juntar as peças e a seguir vai rejeitar tudo, porque o que lhe estou a dizer é demasiado insuportável.

Só me apercebo de que estou a torcer as mãos quando a Nell as cobre com as mãos dela, para me impedir de as mexer.

– Conta-me – pede ela. – Fala-me da Jude.

Jude, Jude, Jude.

Fecho os olhos e vejo a Jude levar a mão ao puxador da porta do carro e abri-la. Olha para trás por cima do ombro, como se receasse que alguém a estivesse a seguir, e entra no carro. Abro bruscamente os olhos.

– Conta-me – repete a Nell.

– Eu vi... Eu vi a Jude a entrar no carro do papá, na noite em que desapareceu. Algo me acordou, levantei-me, olhei através da janela e vi-a entrar no carro do papá. Ele levou-a e quando voltou, vinha sozinho.

A Nell afasta as mãos, fecha os olhos e baixa a cabeça. A dor volta a invadir-lhe o rosto.

– Achas que ele a levou e a matou? – interroga ela.

Ao ver que eu não respondo, levanta os olhos e olha-me de frente.

– Achas? – repete.

Quero dizer “não”. Quero dizer “claro que não, isso é a coisa mais ridícula que ouvi na vida”. Mas as últimas 24 horas ensinaram-nos que nada é garantido. Nada.

– Não sei – respondo-lhe. – Não sei mesmo.

Nell

Domingo, 3 de junho

Quando eu e a Macy chegamos, as crianças estão aos pulos em cima do avô.

Está deitado no chão e as crianças estão deliciadas, a fazer dele almofada, a saltar em cima dele, aos guinchos. Nunca vi o meu pai naqueles preparos com as crianças, mas também não me recordo de alguma vez ter estado com todos ao mesmo tempo. Creio que passei demasiado tempo a distanciar-me deles, de todos eles.

A mãe está sentada no sofá, com o croché, a fingir que nada daquilo se está passar. Para os nervos dela, aquele tipo de brincadeira deve ser o mesmo que bater com uma marreta num xilofone. Ela (e a Macy, claro) já deve estar a imaginar os riscos que as crianças correm enquanto se rebolam no chão – podem bater com a cabeça na lareira, prender um braço ou uma perna na mobília ou cair mal. Está nitidamente a conter-se para não lhes gritar para terem cuidado ou para pararem com aquilo.

Só de o ver, sinto orgulho na minha mãe. Aquela semana deve ter sido um enorme desafio para ela, mas é evidente que está a tentar aguentar-se.

– Desde quando tens a chave da casa dos pais? – pergunto.

Ela encolhe os ombros.

– Desde sempre.

– Porquê?

– Vivi aqui ou será que já te esqueceste? Esta era a nossa casa, enquanto tu estavas na faculdade.

– Mas eles mudaram as fechaduras depois disso.

– É possível, mas eu pedi-lhes uma chave. O quê, tu não?

– Não.

– Ah, bom.

– MAMÃ – gritam as crianças, levantando a cabeça ao ouvirem a voz dela. Deixam o avô, indefeso, no chão da sala e correm ao encontro dela. Quase a atiram ao chão ao abraçá-la.

A Macy rebenta num pranto. Lágrimas espessas correm-lhe pelo rosto ao tentar envolver os filhos nos braços, que mal chegam para os três, abraçando-os e beijando-os vezes sem conta. Enquanto a Macy se reúne de novo com a prole, eu olho para o meu pai.

Deve perceber na minha cara que já estou a par de tudo. Que já sei que ele foi a última pessoa a ver a Jude na noite em que ela desapareceu, porque quando se endireita, olhamo-nos fixamente, coisa que não fazíamos há 25 anos. O meu pai olha-me nos olhos e eu retribuo. Um tímido sorriso de arrependimento desenha-se nos lábios dele, ao desviar os olhos de mim e levantar-se. Não volta a encarar-me enquanto sacode a roupa com as mãos, porque sabe que chegou o momento de termos a tal conversa que não tivemos há 25 anos, mais ou menos na altura em que a minha melhor amiga

desapareceu para sempre da minha vida.

Dirigimo-nos os três para a estufa, ao anoitecer. A casa está impregnada dos odores agradáveis e aromáticos do jantar e o sono conseguiu finalmente silenciar as vozes das crianças (não antes de obrigarem a Macy a prometer-lhes que lá estaria quando acordassem, o que lhes valeu mais 15 minutos despertos, antes de se deitarem). É então que decidimos ir para o local onde o pai gosta de conversar. Ele acende as luzes da estufa e as plantas parecem ainda mais verdes. Encaminha-se para o lado oposto da estufa, para junto das fúcsias. Eram as flores preferidas da Jude. Apesar de não gostar de cor-de-rosa, adorava-as. Interrogo-me se o pai as teria plantado em sua memória.

Depois de lhe fazer o que fez, plantou-as em sua memória para nunca mais a esquecer.

– O que aconteceu à Jude, pap... – tento perguntar. Quero tratá-lo por papá, comportar-me normalmente com ele, mas sei que depois daquela conversa não conseguirei voltar a tratá-lo por pai. Talvez não consiga sequer chamar-lhe nada, talvez queira apagá-lo por completo da minha memória. Tenho tentado esquecer o Shane. Espero conseguir também esquecer o meu pai.

– Eu vi-a junto à nossa casa – revela a Macy. – Eu vi-a contigo, na noite em que ela desapareceu. Ela entrou no teu carro e tu levaste-a contigo.

Tinhas um caso com ela, papá? quero perguntar. *Engravidaste-a e tiveste de te ver livre dela?*

– Porque não me questionaste sobre isso, na altura, Macenna? – diz ele.

Ela encolhe os ombros.

Porque receou que a verdade fosse demasiado terrível.

– A Judana foi lá a casa nessa noite – começa o meu pai. – Estava a atirar pedras à janela da Enelle, porque não queria acordar mais ninguém... Estava de cabeça perdida. Quase fugiu quando lhe abri a porta e sussurrei que entrasse. Ela hesitou um pouco, olhou algumas vezes para a janela da Enelle, mas lá entrou. Levei-a para a cozinha e fi-la sentar. A tua mãe estava a trabalhar nessa noite e vocês estavam a dormir. Ou, pelo menos, foi o que pensei, Macenna. Não me apercebi que estavas acordada. Perguntei-lhe o que se passava e ela recusou-se a falar durante bastante tempo. Acabei por lhe fazer um café, sentei-me, e esperei que ela falasse.

1993

Jude

Quarta-feira, 14 de julho

O pai da Nell sempre foi um pai fantástico. Era um pai a sério. A Nell nunca o entendeu. Ela não vivia com o meu pai, por isso não entendia o que era viver com alguém que não nos queria ter por perto.

Mas ele amava a minha mãe. Tudo girava sempre em torno da minha mãe. Às vezes, ouvia-os na cama e metia-me nojo. Não creio que a minha mãe o fizesse, se soubesse que eu podia ouvir, mas sempre achei que o meu pai queria que eu ouvisse. Todas as manhãs, depois de o fazerem, fazia questão de me perguntar se eu dormira bem.

O pai da Nell, que eu sempre desejei que fosse meu pai, sentou-me à mesa da cozinha da sua casa e fez-me café. Pediu-me que lhe contasse o que se passava e o que me levava a ir lá a casa àquela hora da noite. Eu não conseguia falar, pois pensava que ele não ia acreditar em mim. Ele ficou em silêncio durante muito tempo. Eu fiquei sentada, de olhos fixos no café, a reviver repetidamente o que se passara. Alguns dias antes, estava a tirar a minha mala do porta-bagagens do carro do meu pai, quando vi algo brilhar de um lado. Consegui tirá-lo com a ajuda de uma unha e descobri um pequeno amuleto com a forma de uma sereia, como aqueles que faltavam na pulseira de amuletos que eu tirara àquela rapariga. Passei muito tempo a olhar para a pulseira e a examiná-la. Parte das argolas estavam abertas e faltavam alguns dos amuletos. Aquilo parecia ser um desses amuletos. É claro que podia ter vindo de qualquer outro sítio e pertencer a outra pessoa, por isso fingi que não era importante e fiz por esquecer. Quis contar à Nell, mas ela já estava demasiado assustada com aquilo. Por vezes, parecia que tinha passado a noite inteira a chorar e eu sabia que ela perderia completamente a cabeça se eu lhe contasse. Por isso, decidi guardar o amuleto comigo e não contar nada a ninguém.

Naquela noite, enquanto a minha mãe trabalhava, ouvi vozes no exterior. A essa hora, eu já devia estar a dormir, mas estava deitada na cama, completamente vestida, a pensar na rapariga que tínhamos encontrado, no amuleto e no que podíamos fazer. Foi então que ouvi dois homens a falar. Conversavam baixinho, mas eu conseguia ouvi-los. Saí cautelosamente da cama e fui à janela. O meu pai estava no jardim das traseiras, a fumar e a falar com alguém. A princípio, não lhe consegui ver bem o rosto, mas depois ele virou-se e eu vi-o.

Dei um salto para trás, horrorizada. Eu vira-o naquela noite, à beira-mar quando fui à cabine telefónica chamar a polícia. Ele sorriu-me e tinha um olhar tão horrível que pensei que me ia atacar, por isso comecei a andar muito depressa. Ele não me seguiu, mas ficou a observar-me. Lembro-me do rosto dele porque me assustou imenso. Depois de os ver e ter encontrado o amuleto no carro do meu pai, percebi que estavam ambos envolvidos. Que era bem possível que a tivessem matado. Fiquei sem saber o que fazer, por isso esperei até que se fossem embora para ir falar com a Nell e

perguntar-lhe o que havia de fazer.

Não podia contar nada ao Sr. Okorie, pois o mais certo era ele não acreditar em mim. Mas ele estava à espera que eu falasse e eu acabei por dizer:

– É sobre o meu padrasto. O meu pai.

O rosto do Sr. Okorie fechou-se por completo. Nunca o vira assim. Será que já sabia ou desconfiava de algo?

– Ele... Ele portou-se de forma imprópria contigo?

Fiquei pasmada. Pensava que ele e o meu pai eram amigos. Porque me faria ele uma pergunta daquelas?

– Está tudo bem, Judana – disse ele na sua voz gutural. – Podes contar-me. Eu vou entender.

Não lhe disse nada porque ele não se comportara de forma imprópria comigo, não da maneira que o Sr. Okorie pensava, mas suspeitava que ele tinha feito ou estava implicado em algo terrível.

– Queres ir à polícia contar o que se passa? – perguntou o pai da Nell.

Abanei a cabeça. Depois da experiência que tive com aquele polícia, a última coisa que queria era voltar a vê-lo ou estar perto dele. A polícia sempre me intimidou um pouco – acho que a maioria das pessoas sentem o mesmo –, mas aquele homem deixou-me apavorada, e como nenhum dos outros agentes o tentou conter nem foi amável connosco, fosse em que aspeto fosse, não suportaria passar novamente pelo mesmo. Podia até não ser o mesmo polícia com que eu falara, na altura, mas também não me sentia segura com nenhum dos outros. Se me atrevesse a acusar o meu respeitável pai, então...

– Não, Sr. Okorie, não quero.

– Judana, tu sempre foste como uma filha para mim – garantiu o pai da Nell. E era verdade. De facto, ele tratava-me da mesma forma que tratava a Nell e a Macy. Ralhava comigo, ajudava-me nos trabalhos de casa e demonstrava abertamente o seu desagrado relativamente a algumas coisas que eu vestia. Agia como se me amasse. Era o que um pai devia ser, na minha opinião. – Eu faria qualquer coisa para te proteger, tal como faria pela Enelle e pela Macenna.

E eu a achar, naqueles anos todos, que não tinha um pai que se preocupasse comigo, quando, na verdade, tinha.

– O que acha que devo fazer?

Ele não sabia ao que eu me estava realmente a referir, pois tinha apenas uma ideia do que acontecera, mas eu queria que ele me desse uma sugestão.

– A única coisa que me ocorre, uma vez que não queres ir à polícia, é mudares-te cá para casa. Ficas connosco e nós protegemos-te.

Abanei a cabeça.

– A minha mãe não aceitaria isso. Eu teria de lhe dizer porquê e se lhe explicar porquê, ela vai querer que eu vá à polícia. Mas também não posso ficar em casa.

– Pensa novamente em ires à polícia, Judana.

Eu tinha de sair dali. Era a única solução. Se me afastasse dali, podia pensar com mais calma no que fazer. Em como informar a polícia sobre o meu pai.

– Creio que tenho de me ir embora. É a única solução.

Nessa altura, o pai da Nell pareceu-me muito triste e cansado.

– Para onde irias?

– Não sei. Para longe daqui.

– Judana, não posso deixar-te partir sozinha por esse mundo fora. Jamais permitiria que a Enelle e a Macenna o fizessem, portanto, também não posso deixar que o faças.

Era a única solução. Se ele não me deixasse ir, teria de fugir.

– Talvez... Creio, aliás *sei* que a minha mãe tem uma prima que vive em França. Talvez... talvez pudesse ir para lá.

Ele não acreditou em mim.

– Dá-me o número dessa prima e eu telefono-lhe, para combinar tudo.

– Eu tenho o número, mas se o senhor lhes ligar, é provável... que eles telefonem à mãe e lhe digam que vou para lá. Seria mais fácil... eu aparecer lá e pedir-lhes que me deixem contactar a minha mãe quando eu quiser.

– Judana...

– Por favor, Sr. Okorie, preciso de me afastar por um tempo. Aqui, não consigo pensar. Preciso apenas de um pouco de tempo, de um pouco de espaço.

– Não quero que te vás embora, Judana. Preferia que fosses à polícia. – Estudou-me durante longos instantes. – Vais-te embora independentemente do que eu diga, não vais?

Assenti com a cabeça.

– Essa prima em França existe mesmo?

Eu precisava de ir embora e França parecia-me boa ideia. Era fora do país e não precisava de apanhar um avião para lá chegar. Mas precisava de dinheiro e de um passaporte. Teria de voltar a entrar em casa à socapa para os ir buscar.

– Judana, essa prima em França existe mesmo? – perguntou novamente.

Eu não gostava de mentir ao Sr. Okorie, mas... assenti com a cabeça.

Não sei se acreditou totalmente em mim ou se resolveu convencer-se de que eu dizia a verdade, para que eu não fugisse e fosse parar sabe Deus onde, mas voltou a suspirar, ficando com um ar ainda mais entristecido.

– Eu dou-te todo o dinheiro a que conseguir deitar a mão – disse ele. – Tens o teu passaporte contigo?

Abanei a cabeça.

– Vou dar-te o passaporte da Enelle e levo-te de carro a Newhaven, para apanhares o *ferry* para

França. Ninguém dará muita atenção ao passaporte. Onde vive a prima da tua mãe?

– Em Calais. Não, não, em Dieppe, quero eu dizer. Onde o *ferry* atraca. Tenho o endereço na minha agenda.

– Telefona à prima da tua mãe do porto dos *ferries*, quando chegares, e liga-me também.

Voltei a abanar a cabeça.

– Não posso fazer isso, Sr. Okorie. Não posso dizer a ninguém onde estou. Pelo menos, a princípio. Ele vai acabar por me encontrar. Eu sei que vai.

O pai da Nell ficou em silêncio durante bastante tempo. Estava a refletir sobre tudo aquilo.

– Eu sei que tens razão – concordou, por fim.

– Importa-se... Importa-se de não dizer a ninguém para onde fui nem que me viu? Prometo que telefono quando estiver preparada, quando estiver menos assustada. Prometo, prometo.

Não queria ir-me embora. Queria ter a vida que imaginara que iria ter, com a Nell a meu lado, como minha melhor amiga, e um namorado decente. Queria passar nos exames e entrar para a universidade. Não queria ir-me embora, mas como não queria ir à polícia, não tinha outra alternativa. Não conseguiria viver na mesma casa que o meu pai e fingir que não era nada comigo.

O Sr. Okorie levantou-se como se tivesse um enorme peso sobre os ombros.

– Terei de te deixar em Newhaven, para ter a certeza de que volto antes de as miúdas acordarem, caso contrário, não conseguirei esconder que aqui estiveste – disse ele, antes de sair da cozinha.

Levantei-me e lavei a minha chávena. Enxaguei-a, limpei-a e arrumei-a. Ninguém podia saber que eu estivera ali.

– Vamos sentir a tua falta, Judana – disse-me o pai da Nell, já no carro. Passámos pela loja dele, para ir buscar as receitas que ainda não depositara no banco, e naquele momento estávamos a caminho de Newhaven.

Eu estava lavada em lágrimas. Comecei a chorar no instante em que ele ligou o motor do carro e não consegui parar. Sentiria a falta de Brighton. Adorava aquele lugar. Ali era o meu lugar e sê-lo-ia para sempre, mas talvez nunca mais lá voltasse.

– Se as coisas não resultarem com a prima da tua mãe, quero que saibas que podes sempre voltar para nossa casa. Os Okorie terão sempre um cantinho para ti.

Continuou a falar, dizendo-me que todos eles me estimavam muito, que gostava que eu ficasse, pedindo-me que voltasse, se alguma vez sentisse dúvidas. Ou então que lhe ligasse, e ele iria buscar-me.

Sáimos do carro no porto de *ferries* de Newhaven. Era um enorme edifício branco, que eu achei mais parecido com um enorme barracão de quatro andares com janelas.

– Cuida de ti, Judana – despediu-se o pai da Nell. Como a minha vida teria sido diferente se ele fosse meu pai.

– Obrigada, Sr. Okorie – respondi eu, em lágrimas.

Depois, o pai da Nell fez algo que eu nunca esperei que fizesse: abraçou-me. Envolveu-me nos braços, puxou-me contra ele e beijou-me no alto da cabeça.

– Tenho orgulho em ti, minha filha – disse ele, antes de me largar.

E, subitamente, tudo se compôs. Ele tinha orgulho em mim, o que significava que eu conseguiria fazer isto.

– Manda-me um postal para eu saber que estás em segurança – pediu o Sr. Okorie, antes de se ir embora. – Não escrevas nele nem o envies do sítio onde vives. Quero apenas saber se estás em segurança.

Assenti com a cabeça.

Fiquei a vê-lo afastar-se no carro, sabendo que ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para me proteger.

Atualmente

Nell

Domingo, 3 de junho

– A Judana era como uma filha para mim – diz-nos o meu pai. – Eu só queria que ela ficasse em segurança. Quando a polícia andava à procura dela, e a mãe não mencionou qualquer prima em França, percebi que ela me tinha mentido, mas não me arrependi do que fiz. Ela precisava de se afastar do padrasto. Nunca gostei do Sr. Dalton – prossegue. – Por isso, raramente vos deixava ficar em casa deles e encorajei a Jude a passar o máximo de tempo em nossa casa. Eu reparava na forma como ele olhava para vocês, nos momentos em que estavam mais à vontade. Não gostava nada da forma como ele se comportava com rapariguinhas. Tenho a certeza de que o pai da Judana iria querer que eu fizesse tudo o que pudesse por ela.

– Mas podias ter-lhes dito a qualquer momento que a Jude estava viva e que a tinhas ajudado a fugir para a manteres a salvo! – exclama impulsivamente a Macy. Por vezes, esqueço-me de que ela era ainda muito jovem quando tudo aquilo começou e que, às vezes, ainda encara o mundo dessa forma.

Depois de tudo o que vi acontecer ao longo dos anos, e mesmo durante a minha vida adulta, olho para trás e percebo porque fomos tratadas daquela forma. Já desconfiava disso na altura. O Pope distorceu o que realmente estava a acontecer, mas, na verdade, o facto de sermos duas raparigas negras fazia de nós suspeitas até que surgissem provas em contrário. Não nos encararam imediatamente como testemunhas, muito menos como vítimas. Tornámo-nos suspeitas no instante em que aqueles agentes da polícia chegaram à praia e viram a cor da nossa pele. O John Pope não era pior que eles, era simplesmente mais frontal, ao dizer o que realmente pensava de nós.

– Eles não me teriam dado ouvidos, Macenna – diz o pai. – Muito menos sem provas do que ele andava a fazer.

– É verdade, Macy. Muito menos recaindo a acusação sobre alguém tão respeitado como o padrasto da Jude. Não viste como o polícia mudou de postura quando o Sr. Dalton entrou na sala, na altura em que ele nos interrogava. O papá já lhe tinha dito para nos deixar em paz, mas ele só parou quando o Sr. Dalton entrou. Eles jamais acreditariam na Jude, se ela testemunhasse contra ele. Não sem uma prova irrefutável. E sabes que mais? Pelo que li nos ficheiros da polícia, o Dalton nunca foi sequer encarado como suspeito no caso do desaparecimento da Jude. Ele era convincente a esse ponto. Desempenhava muito bem o seu papel de cidadão respeitável. – O pai ainda não sabia o que acontecera nas últimas 24 horas. Ficaria devastado ao perceber que a Jude talvez soubesse o que o padrasto andava a fazer, mas não confiara o suficiente nele para lhe contar.

A Macy está com os olhos marejados de lágrimas; eu própria estou com a visão turva.

Ela acena compassivamente com a cabeça.

– Oh, papá – diz ela. Parecia a mesma criança de 11 anos à janela do quarto. Depois, abraça-o. O

que ele sofrera, o que ele tivera de suportar por uma rapariguinha, por todas nós.

Meu pobre pai. Meu pobre, pobre pai. Vou ao encontro dele. A Macy sempre foi de se pendurar no pescoço dele, de o abraçar. Nunca lhe deu hipótese de resistir naturalmente ao contacto físico. Eu sempre me apercebi do desconforto que ele sentia e respeitava isso. Mas hoje tudo é permitido. Hoje, ele não hesita e coloca um braço à volta de cada uma de nós e cinge-nos num abraço apertado. O mesmo abraço apertado que certamente deu à Jude antes de ela se ir embora, há muitos anos.

Nell

Segunda-feira, 3 de setembro

Querida Jude,

Resolvi fazer as coisas à moda antiga e escrever-te uma carta com caneta e papel, como noutros tempos.

A tua mãe diz que tens estado em contacto com ela. Diz que vai visitar-te e que, se eu quisesse, podia dar-lhe uma carta para ela te entregar. Não queria eu outra coisa. Aliás, sei que ela não voltará. Pela forma como falou, percebi que a visita seria permanente. Fico feliz pelas duas e espero que seja agradável tê-la contigo, depois de todo este tempo. Vai precisar de um pouco de atenção e carinho, agora que já sabe quem o marido realmente era. Nós próprios ainda estamos a recompor-nos de tudo isto, por isso, só consigo imaginar como ela se deve sentir.

Contei muito do que se passou à tua mãe, por isso vou pôr-te também ao corrente de tudo, está bem? Bom, mesmo que não esteja, terás de te aguentar!

Antes de mais, a *Sereia de Brighton* chamava-se Sirene Green. Estava na árvore genealógica da Sadie e, assim que descobri o seu apelido, foi fácil encontrar a família, que vive em Sutton Coldfield, perto de Birmingham. Eles procuraram-na durante vários anos e tinham cá estado mais do que uma vez, antes de ela ser encontrada, porque era doida por Brighton. Mas não sabiam da tatuagem. Fugiu para se tornar uma estrela *pop*, depois de a mãe e o pai lhe dizerem para esquecer esses disparates e concentrar-se nos estudos. Tinha 17 anos quando fugiu. Viu um anúncio de um concurso de canto no norte de Londres e pediu dinheiro para o autocarro aos pais. Quando eles recusaram e lhe disseram para se deixar dessas ideias enquanto estivesse debaixo do teto deles, a Sirene decidiu que os deixaria.

Eles convenceram-se de que ela voltaria. A polícia não deu grande importância ao caso, porque ela tinha 17 anos e já tinha fugido algumas vezes, deduzindo também que ela acabaria por voltar. Quando a família percebeu que ela não ia voltar para casa, a polícia disse que ela já tinha 18 anos, era adulta e, portanto, tinha o direito de desaparecer, se quisesse. Suponho que, entretanto, se tenha cruzado com o Sr. Dalton.

É uma história muito triste. Penso nela muitas vezes. A mãe dela mostrou-me imensas fotografias e falámos bastante sobre ela. Foi agradável ouvir falar dela e creio que a mãe se sentiu reconfortada por saber que mais alguém se interessara em saber quem ela era, para além dos autores das manchetes sensacionalistas sobre a forma como fora encontrada e sobre os homens responsáveis pela sua morte. Fiquei com imensa pena da senhora, mas ela disse que tanto ela como os irmãos da Sirene se sentiram, de certa forma, aliviados pelo facto de a terem, finalmente, encontrado. Por poderem trazê-la para casa. O nome dela, Sirene, significa “sereia”, sabias? Nunca me ocorreu fazer essa pesquisa, ao longo de todos estes anos.

Presumo que tenhas visto parte da cobertura mediática do caso e, por isso, tenhas entrado em contacto com a tua mãe. Os jornalistas não podiam ter ficado mais satisfeitos quando souberam que o mistério fora desvendado a tempo do 25.º aniversário da morte dela. Deu algum trabalho, mas a minha família conseguiu manter-se bem longe de tudo isso, apesar dos esforços de alguns jornalistas.

A Sadie está a recuperar lentamente. A dada altura, chegaram mesmo a falar em desligar as máquinas, mas ela acabou por

sobreviver. Está empolgadíssima por ter sido ela a dar a informação que permitiu desvendar o mistério. Ia adorá-la, se a conhecesse. É hilariante e tem imenso amor para dar. Nem imaginas como estou aliviada por ela estar bem. Além disso, agora poderá ficar em contacto com a família da Sirene, o que é agradável.

O Shane, o Craig e o Sr. Dalton estão em prisão preventiva, sem direito a fiança. Acho que já sabias, não? Assim que foram presos, o Shane confessou tudo, tipo canário. Desconfio que foi a vingança dele, por eles estarem a planear matá-lo. Não o conseguiram calar. Confessou tudo e mais alguma coisa e denunciou os outros dois. Depois de o Shane roubar as peças de bijuteria às raparigas, o Ackerman matava-as e deixava-as nos sítios onde o Ralph Knowles estivera, para o incriminar. Por isso, o Knowles foi inicialmente acusado dos homicídios. O cérebro de tudo era o Dalton, que se encarregava de vergar as raparigas que atraía para o seu mundo. O magistrado com quem falei acha que o caso não vai chegar a tribunal e que todos acabarão por se dar como culpados, sobretudo agora que vão procurar as raparigas que o Ackerman não matou e destruiu, para servirem de brinquedo a outros homens.

Confesso que ainda me sinto enjoada, de cada vez que penso no assunto. Ainda fico aterrorizada pelo facto de o Shane me ter enganado tão bem. Porém, vou fazendo por me lembrar que ninguém é totalmente mau. Por vezes, tenho de ir tomar um duche só para me livrar das memórias do tempo que passei com ele. Acho que se passa o mesmo com a Macy.

Falando no mal, lembras-te daquele polícia odioso? Chama-se John Pope e aconteceram-lhe imensas coisas nos últimos meses. Primeiro, foi preso por obstrução à justiça. Foi o filho, o Aaron, quem o denunciou. É provável que não pegue, mas o facto de ter sido levado para interrogatório no sítio onde trabalhou foi bastante humilhante para ele. Quando perguntei ao Aaron porque o fizera, ele disse-me que culpava o pai pela morte de todas as outras sereias. Disse que se o pai não tivesse sido tão horrível para mim e para ti, tu podias ter-te sentido suficientemente segura para contares à polícia o que tinhas visto. Para além dessa queixa, denunciou também o pai pelo historial de abuso de menores. Há relatórios hospitalares para o provar, pelo que de uma maneira ou de outra, o Pope também vai dentro. Algo mudou no Aaron e tem sido incrível assistir a tudo isso. Estou muito feliz por ele ter finalmente conseguido libertar-se do pai de forma tão decisiva, embora ainda tenha um longo caminho a percorrer. Não vai ficar bem da noite para o dia – nenhuma criança maltratada fica, depois de se libertar do abusador –, mas está no bom caminho e louvo-o por isso. Adoro-o por isso.

Ah, é verdade, uma última nota sobre o John Pope. Quando se soube que o Dalton era um dos responsáveis, o Pope lembrou-se do motivo que o levava a ser atropelado. Nos ficheiros de que se apropriara indevidamente, ele descobriu que o Ralph Knowles, o homem inicialmente preso e acusado dos *Homicídios das Sereias*, fora representado pelo Dalton, anos antes, e achou que era uma coincidência muito estranha, sobretudo porque o Knowles fora preso na sequência de uma denúncia anónima. Mas como queria ficar com os louros da descoberta, em vez de informar alguém da polícia e pedir que investigassem, ligou ao Dalton e começou a fazer-lhe perguntas aparentemente inócuas. O Dalton percebeu que ele estava a cheirar qualquer coisa e mandou o Ackerman atrás dele. O problema foi sempre esse: o Pope poderia ter sido um excelente polícia, se não fosse um ser humano tão desprezível.

A Macy manda saudações. Mudou-se para casa dos nossos pais, em Herstmonceux. Recusou-se a voltaeixer que as crianças fossem lá. Tive de lhes embalar tudo (o Zach e o Aaron ajudaram), embora me dissesse para deitar fora muitas coisas que lhe recordavam o Shane. A casa está agora à venda, porque o sonho de Brighton terminou para ela. Mas sabes que mais? Depois de lá

viver uma semana, não me parece que ela queira regressar à cidade com as crianças. Elas adoram o jardim grande dos meus pais e passam muito tempo a correr pelos campos. Ela contou-lhes que o Shane fez uma coisa muito grave, contra a lei, e teve de ir para a prisão. Foi obrigada a fazê-lo, caso contrário teria de passar a vida a esconder jornais e a impedi-los de ouvir os noticiários. Também vai divorciar-se. Sentou-me a uma mesa, explicou que se casara em segredo e que lamentava muito não me ter contado antes. Depois, perguntou-me se eu seria capaz de lhe perdoar e eu respondi-lhe:

“Claro.”

“Porque não ficaste mais surpreendida?”, perguntou ela.

“Porque já sabia” respondi. “Eu passo muito tempo a pesquisar em registos oficiais e vi a tua certidão de casamento.”

“Porque não disseste nada?”

“Porque tu não querias que eu soubesse. Mal posso esperar para ver quando contares à mamã e ao papá.”

Resultado: o Clyde vai dar-lhe o divórcio, como ela quer, ela mudou-se para o fim do mundo e todos estão felizes da vida.

O Zach, a minha espécie de ex-namorado, voltou para Londres, para junto da mulher e dos filhos. Estou a brincar! Voltou para Londres, mas não há sinais de mulher ou filhos! Está à espera que lhe digam se ainda tem emprego. O facto de ter acedido indevidamente aos ficheiros do Shane é, habitualmente, fundamento para despedimento imediato, mas o Ministério Público ainda está a analisar o caso dele e temos esperança de que não seja do interesse público (o termo oficial) avançar para já para a condenação, tendo em conta que o que ele fez resultou na resolução de uma série de homicídios. Por outras palavras: rapazola, se repetires a graça, rua! Creio que estão ser particularmente duros com ele, ao fazê-lo esperar, porque ele recusou, e continua a recusar, revelar o nome das pessoas a quem pediu que verificassem os ficheiros. Eu não fazia ideia de que aquilo que ele fez era assim tão grave, e adoro-o por tê-lo feito por mim.

Sobre quem mais deverei atualizar-te? Sobre mim, suponho. Tenho um novo emprego. Ou melhor, uma espécie de emprego. Sou consultora oficial da polícia em casos de pessoas por identificar. Basicamente, estou a fazer pesquisas para os casos das outras quatro sereias que foram encontradas ao longo da costa. A Primrose, a Maia, a Celia e a Jody. Foi o Shane quem revelou os nomes próprios à polícia, e eu estou a acompanhar o caso, pesquisando registos, montando as respetivas árvores genealógicas e utilizando todas as bases de dados de ADN, incluindo a da polícia. A Primrose, a Maia, a Celia e a Jody. Quero descobrir quem elas são, para que as respetivas famílias saibam finalmente onde estão e deixem de ser apenas “sereias”.

Estou praticamente restabelecida do que aconteceu na quinta. Por vezes, sinto-me assustada, sobretudo quando estou em casa sozinha, mas estou a lidar com isso. Quando a coisa se torna mesmo má, peço a uma amiga que fique lá em casa. Espero que a senhora do Ministério Público tenha razão e eu não tenha de testemunhar em tribunal. Tirando isso, estou feliz.

Se chegaste até aqui, estás de parabéns, Jude!

Para terminar, quero que saibas que senti a tua falta estes anos todos. Compreendo mais ou menos por que razão não queres manter um contacto direto, mas sinto a tua falta, penso em ti e espero que tenhas amor, felicidade e alegria na tua vida.

Com todo o meu amor

Nell x

Macy

Domingo, 21 de outubro

A Nell disse que ia trazer alguém para o almoço de domingo, mas não me quer dizer quem é.

– É o teu namorado? – questionei, esperando que me esclarecesse.

– Não vou responder a essa pergunta, Macy – disse ela. E percebi que *era* mesmo o namorado.

Há semanas que lhe pergunto se vai escolher o Aaron ou o Zach, mas ela recusa-se a responder.

Foi várias vezes a Londres passar uns dias com o Zach e diz que são “apenas amigos”, mas quando lhe pergunto onde dorme, ela diz que dorme na cama dele “porque é mais prático para poderem conversar durante toda noite.” Por outro lado, depois de o Aaron se mudar de casa do pai, parece que ficou algumas vezes em casa da Nell. Mais uma vez, apenas como amigo, embora eu tenha quase a certeza de que ele dorme na cama dela. Já lhe disse mais do que uma vez que tem de se decidir, porque não é justo para eles – tem de os libertar para eles poderem estar com outras pessoas –, mas, até hoje, ela disse sempre que não queria falar sobre o assunto. Acho que ela vai trazer quem escolheu para o almoço.

É este o motivo por que estou à janela, na sala, à espera que eles cheguem. Não sei qual deles prefiro, porque são ambos tipos decentes. O Aaron fez um trabalho fantástico para descobrir a Nell, e o facto de ter denunciado o pai por obstrução à justiça e, *sobretudo*, pelo que ele lhe fez no passado foi um verdadeiro ato de bravura. O Zach também fez um excelente trabalho para encontrar a Nell e também me acolheu quando eu não tinha para onde ir. Por isso, talvez o Zach tenha a minha preferência.

Vejo o *Mini* vermelho da Nell com o tejadilho de xadrez a virar para a nossa rua e abrandar até parar no acesso à garagem dos meus pais. Depois de desligar o motor, abre a porta e sai, ainda de óculos escuros. No lugar do passageiro está o que parece ser um enorme cesto de flores. Ela puxa a alavanca do assento e dobra-o para a frente, de forma a que a pessoa que está atrás possa sair. Depois, vai ao lado oposto do carro, abre a porta da frente e retira as flores.

Sorrio quando vejo o Zach a sair do carro. Ela escolheu o Zach. Estou satisfeita. Mas depois, em vez de fechar a porta do lado do passageiro, a Nell equilibra as flores num braço e puxa o assento do carro para frente, também desse lado. Segundos depois, vejo o Aaron a sair.

Ah, agora entendo quem ela escolheu. A Nell escolheu-se a si própria.

O Aaron diz qualquer coisa e os três riem-se.

Estou satisfeita. Estou satisfeita por a minha irmã se ter escolhido a si própria. Vou fazer o mesmo, procurando ajuda para me tratar. Estou a fazer tudo o que é possível para ser gentil comigo mesma, estou a aprender a perdoar-me por ter permitido que o Shane entrasse na minha vida e estou a lidar de forma franca e clara com as minhas ansiedades.

Observo-os aos três a conversarem no acesso à garagem. O Zach diz qualquer coisa à Nell, ela

faz-lhe uma careta cómica e o Aaron dá mais umas gargalhadas.

Dá gosto ver. Dá gosto ver a minha irmã, depois de arcar com o pesado legado da *Sereia de Brighton* durante 25 anos, finalmente feliz.

Nell

Domingo, 28 de outubro

Querida Nell,

Obrigada.

Jx